

REVISTA DA SEMANA

N.º 32

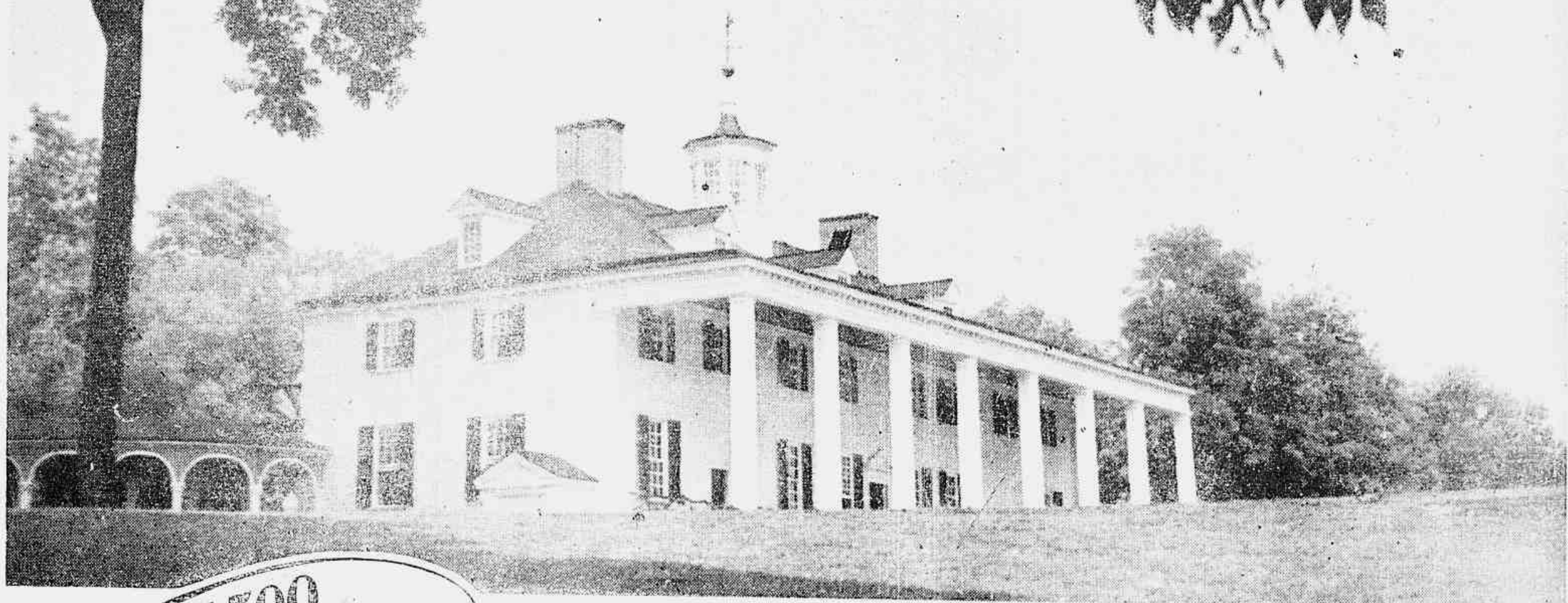


7-8-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



Novos Horizontes!



CASA DE GEORGE WASHINGTON, EM MOUNT VERNON, VIRGINIA. FOTO DE VICTOR JOSÉ LIMA

14.500
EXEMPLARES
VENDIDOS NAS DUAS
PRIMEIRAS EDIÇÕES

NOVAS OPORTUNIDADES PARA O FUTURO!



PREÇO:

CR. \$
20,00

Eis o que oferece a língua inglesa, atualmente falada por mais de 300.000.000 de pessoas em todo o mundo! Aprender o idioma consagrado nas páginas imortais de William Shakespeare pode significar maiores oportunidades comerciais, científicas e, mesmo, oportunidades para grandes e inesquecíveis viagens, entrando em contato direto com outros povos e outras civilizações. E, para todos aqueles que desejam aprender inglês com perfeição e rapidez, aí está "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" — uma obra cujo valor ficou comprovado em duas edições completamente esgotadas! Além de vocabulário completo, inclusive palavras essenciais nos diversos ramos das atividades humanas, "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" oferece, ainda, regras gramaticais, pronúncia figurada de todos os vocábulos e uma seção exclusivamente dedicada às frases práticas, com as expressões popularmente usadas nos Estados Unidos da América do Norte. "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" é um livro útil, que lhe abrirá novos e amplos horizontes!

Pedidos deste livro pelo
Reembolso Postal para:

VICTOR JOSÉ LIMA
Rua Caruso, 4, apto. 3
Tijuca, Rio de Janeiro

INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO

Por VICTOR JOSÉ LIMA
Ex-tradutor da "Military Review", em
Fort Leavenworth, Kansas, U. S. A.

A nostalgia do chão

COMO é que vai ser no futuro eu não sei. Mas nós estamos ficando uma geração de gente de apartamento com crise de amor pelo chão. Chão com pedras, terra solta, minhocas, capim nascendo, uma ou outra jurema. A crise não se manifesta com violência. Vai devagar. Começa com um interesse poético por um pote. O pote vem para casa com ar inocente. Tem dentro um pé de espadas de São Jorge. A pessoa atacada da nostalgia do chão explica que é uma planta que não dá trabalho. Cresce em qualquer lugar e é muito decorativa. Quem é que pode censurar aquele que tem um pote de espadas de São Jorge para enfeitar a casa? Ninguém. Mas o pote parece tão sozinho, as folhas rígidas tão deslocadas num canto de varanda! O pote precisa de companhia. O problema é saber-se qual a companhia que convém às espadas de São Jorge. Avença, não. É muito sensível, morre à-toa, desbota com uma corrente de ar. Tinhorão pode ser. Vem o tinhorão. Grandes descobertas. Você sabia que tinhorão dava flor? Pois dá. Quem tem quintal e portas não liga importância a essa extravagância do tinhorão. Mas quando ele está num pote a flor é coisa de transcendência sem limites. A haste, tenra, surge-se comoção geral. O dono do pote está radiante. Então, se um tinhorão dá flor, surge uma idéia. Por que não arranjar uns potes — maiores, é claro — e plantar flores de uma vez?... Chegou a hora de fazer uma visita a uma dasas chécaras de plantas. É muito fácil encontrar uma, estão por toda parte, exala chécaras com seu português, cada português com sua especialidade. A próxima sofra de potes depende imenso do português. Se ele for amigo de cactus há de pegá-los pelas mãos e mostrar os exemplares mais alucinantes. Alguns são amarelinhos, com uma penugem dourada, enroscados, como um gato dormindo. Outros gordos, bem verdes. Há um, chamado "língua do diabo", que é irresistível. O português dirá então quais são os autênticos, quais os mestiços. Será uma surpresa. Alguns cactus que a gente pensa que são os mais cotados, nem são cactus. Essas surpresas tornam o dia dedicado à chécaras muito excitante.

Se o português amar particularmente as folhagens coloridas, será uma sorte. Ele não planta de bom gênio, e se lhe derem um pouco de sol continuarão coloridas, seja em que andar for. Mas, como estamos na fase em que a pessoa está atacada do desejo de ver florir coisas em casa, é fatal levarmos potes contendo o seguinte: beijos, uma planta delicada que vai florindo à-toa, sem dar importância às dificuldades da vida; malva, — dá um buquê vermelho, dura toda vida, vive em apartamento e aguenta muito bem as consequências; e uma roseirinha, que promete flor, mas que dá cuidado e muita inquietação. Nessa altura é preciso arrumar um lugar adequado para os potes. Prateleiras. Compramos também um regador e algumas ferramentas de jardinagem. O primeiro capim que nasce num pote é extraído com pinça. O problema é saber-se se a gente deve jogar fora o capim ou arranjar um pote especial para ele. O amor pela vegetação começa a ficar frenético.

Vem a fase dos potes grandes. Aparece o primeiro pé de buganville. Planta sedutora de difícil de andar de elevador. Sobem com a cabeleira florida toda amarrada, arranhando os companheiros de viagem. Chega no apartamento e ocupa uma área enorme. Até a gente arranjar lugar certo para o buganville ficar, metade das flores já caíram e as folhas estão amarrotadas. Os ramos se estendem pela parede. O português garante que vai crescer, encher-se de folhas e alegrar a casa. Buganville é incrível para morar em apartamento. Ainda que não seja a minha intenção falar mal do buganville, devo também dizer, honestamente, que nunca vi planta mais danada para criar percevejo de mala. A essa altura, qualquer pessoa amiga já nos avisou de que batata doce misturada na água é uma maravilha. Planta-se uma batata doce. Mas o que o coração da gente pede mesmo é uma amendoeira. Uma amendoeira delicada, como a do poeta, que a gente deseja plantar com as mãos ingênuas e ansiosas. Depois, amendoeira tem uma vantagem. É árvore de opinião. Quando chega o outono, enrubesce toda, deixa cair a roupa e cria brotinhos. Ah, uma amendoeira, com suas folhas largas e matizadas, com o tronco lúcido, com um ar de vivente das matas e conhecedora de passarinhos! Nada como uma amendoeira. E ela vem. Não dentro de um pote. Tinha graça. Tinha uma grande tina, bem socada de terra.

É curioso o efeito que a amendoeira produz dentro de casa. Há sempre alguém que acha que, se houvesse um par, podia-se armar uma rede. Dava impressão de quintal. Alguns que duvidam experimentam a força da amendoeira. É sólida, cheia de dignidade e tem o ar resignado de quem vai morrer por falta de ambiente. A conversa da rede, a idéia de uma nova tina com outra amendoeira, tudo isso dá um resultado espantoso. O sujeito vende o apartamento. Compra uma casa com quintal.

Um casal de amigos meus fez isso. Largou o apartamento, carregou potes, tinas e tudo. Fui visitá-los num domingo de tarde. Estavam descalços, pisando no chão, naquele chão que não cabia em potes. Olhavam com ternura o capim castanho. Havia até uma mangueira dando sombra. Com maior orgulho mostravam a vegetação. Tiririca, Caruru! Vassourinha!... De repente, houve um silêncio e nós nos curvamos, comovidos. Um caracol estava se mexendo numa folha.

LUÍCIA BENEDETTI

Para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

COLABORAÇÃO

Nostalgia do chão (Lucia Benedetti) 3

BIOGRAFIA

A vida de John Wesley (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 28

CARICATURA

Bom humor 24/25

REPORTAGENS

Escola de modelos vivos (Ney Machado) 6/13

Iniciou-se na Inglaterra a 14ª Olimpíada Mundial (Michel B. Kamenka) 14/17

Estão matando o cinema francês (Ivonne Jean) 27

Uma glória do "ballet" moderno 30/32

Heróis e assuntos de "ballet" (Olga Obry) 33/34

CONTOS

Mademoiselle Perle (Guy de Maupassant) 19

A recompensa (Lygia Fagundes Teles) 20/21

A visita (Andy Logan) 22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4

O Mundo Marcha 5

Vida Literária 23

Cine-Revista 26

Broadcast 27

Música 53

Cancioneiro internacional 55

Pelas estradas do céu 58

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 35

A personalidade da semana 36

"Week-end" na cozinha 36

O espírito feminino através dos tempos 37

Mães e filhos (Zóia de Laet) 38

ILUSTRADORES

Orlando Matos

Armando Moura

Ana Zagorska

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Estampamos hoje na capa da "REVISTA", uma linda pose de Evelyn Keyes, graciosa "estrela" da Columbia. Possuidora de indiscutível talento, Miss Keyes tem conseguido em Hollywood, sempre cada vez mais, um lugar de destaque. Recentemente tivemos-lhe em "Cavaleiros", telenovela da Columbia, ao lado de Larry Parks, depois foi a "leading-lady" de Glenn Ford em "O homem dos meus amores", e brevemente a veremos ao lado de Larry Parks em "Sonhos dourados", magnífico telenovela que nos conta a vida do grande Al Jolson.

a SemanA EM REVISTA

UMA DECISÃO INTERESSANTE SOBRE DESAPROPRIAÇÕES



Sodré, Ary Franco, Julio de Oliveira Sobrinho, Henrique Filho, Frederico Sussekind, Flaminio de Rezende e Vicente Piragibe; a Corte de Apelação firmou dou-

Um pedido de mandado de segurança julgado pela Corte de Apelação do Distrito Federal, deu margem a interessante decisão do poder judiciário, a propósito de desapropriações. Dando provimento ao mandado de segurança, pelos votos dos desembargadores Estácio de Sá e Benavides, Smith de Lima, Eduardo Espinola Filho, Mem de Vasconcellos Reis, Sylvio Martins Teixeira, Emanuel

trina de que o poder público não pode mais se imitir na posse do imóvel desapropriado, antes de indenizar em dinheiro, ao proprietário, o que desapropriou, pelo seu justo valor. Essa decisão foi fundamentada no artigo 141, parágrafo n. 16, da Constituição Federal, que assim dispõe, ressaltando, tão somente, o uso da propriedade particular pelas autoridades sem o prévio e justo pagamento em caso de perigo iminente, como guerra ou comoção intestina. A não ser neste caso, é vedado aos representantes do Poder Público o uso forçado do bem particular, sem o prévio pagamento da indenização. Aparentemente, trata-se de uma decisão banal e pouco importante. Mas, na verdade, não é tal e que acontece, pois essa decisão afeta a grande número de pessoas atingidas por sucessivas ondas de desapropriações e envolve os próprios fundamentos do direito de propriedade, vulnerado pela extrema facilidade com que, a qualquer momento, — e por pre-

ços nem sempre justos, — se podia fazer desapropriações, sem prévio pagamento das indenizações, liquidadas em muitos casos, após exasperantes delongas. Tivemos, inclusive, casos singulares, como os de desapropriações cujos montantes eram saldados com o produto da venda dos terrenos resultantes da demolição dos imóveis, não podendo os proprietários, enquanto isso, fazer outra coisa senão cruzar os braços e esperar sentados pela tardia e avara retribuição oficial... A decisão da Corte de Apelação vem, por isso mesmo, colocar as coisas em seus devidos termos, para satisfação e garantia dos proprietários que, mais dia, menos dia, terão de ceder seus imóveis em homenagem às exigências do progresso da cidade, do bem coletivo ou mesmo de um simples capricho urbanístico...

A CULTURA DOS PÉS E A DA CABEÇA...



dessa mentalidade. Quem passe na Rua Pedro Lessa, perto da Avenida Rio Branco, encontrará uma parte do passeio interditado ao público, com uma advertên-

O Brasil é um dos países mais singulares do mundo. Por ser, talvez, de todos eles, aquele em que os problemas fundamentais, via de regra, não causam maiores preocupações e, geralmente, são desprezados, preteridos por coisas que, ou têm caráter suntuário, ou são de natureza adiável, quando não meramente circunstanciais. Temos, ainda agora, diante dos nossos olhos, um triste exemplo

cia para que este se afaste, porque é perigoso transitar por ali. Qual é a razão desse perigo? É que o edifício da Biblioteca Nacional está ameaçando desabar, parcialmente, tais os estragos que nele fez o tempo e tal a imprevidência com que foi tratado pela administração pública, que, em lugar de reparar-lhe os danos, nada fez nesse sentido, limitando-se a mandar pintar ali dois infames painéis pelo mediocre pintor americano George Biddle e nela inaugurar, como era de praxe, um bustinho do sr. Getúlio Vargas... Ao tomar posse do cargo de diretor da Biblioteca Nacional, a que ascendeu pelo seu merecimento de estudioso e de técnico, o escritor Josué Montelo lançou, desde logo, um "S.O.S.", denunciando o péssimo estado em que encontrara, não só o edifício, mas parte de suas valiosas coleções. Entretanto, esse fato não causou a menor impressão, nem teve a menor ressonância, — talvez porque, nesse momento, a opi-

nião geral, inclusive a de muitos dos nossos homens públicos, estivesse voltada para uma coisa que lhes parece bem mais transcendente e fundamental: a construção de um estádio gigante, — coisa que, no entanto, pode perfeitamente esperar melhores dias... Se, em vez de estar em jogo a cultura da cabeça, o patrimônio de uma instituição que serve ao nosso progresso intelectual, estivesse em jogo a cultura dos pés, o Brasil inteiro estaria ansioso, comovido, empenhado em apressar a solução do problema... Mas que é a Biblioteca Nacional? Uma velharia, um casarão cheio de livros velhos, de alfarrábios, de coisas que vêm dos tempos seródios de D. João VII? Que ela fique exposta às goteiras, aos ratos, ao pó, às traças, às baratas e às teias de aranha, que isso não nos causará perda ou consternação, de vez que vamos ter um grande estádio para nosso consolo...

TRUMAN E O PRECONCEITO DE RAÇA NOS ESTADOS UNIDOS



grande nação, em que representam parte considerável da população. Uma das músicas da civilização norte-americana é o preconceito de raça, que prevalece sob as formas mais deshumanas e cruéis, nos Estados sulistas, abaixo da linha Dixie-Mason. Nesses Estados,

Tem logrado grande repercussão internacional e nacional o recente ato do presidente Harry S. Truman, determinando que sejam canceladas todas as restrições existentes na administração pública e nas forças armadas dos Estados Unidos contra os homens de cor. Será essa lei, se for posta em execução, um grande passo para a eliminação da segregação em que vivem os negros, na

vencidos na guerra de secessão, travada porque queriam manter a escravidão em benefício dos ricos proprietários agrícolas, ainda que, para isso, tivessem de quebrar a unidade territorial e política do país, ficou um amargo e profundo ressentimento, agravado pela falência financeira de muitas empresas que repousavam, tão somente, na torpe exploração do braço escravo. Enquanto que os Estados do Norte, que formaram ao lado de Abraham Lincoln na cruzada redentora, mantêm uma atitude mais humana e mais simpática, em relação ao negro americano, os Estados do Sul criam para a população de cor uma situação de maior insegurança, quer econômica, quer individual. A segregação em que vivem os negros, nesses Estados, é de tal natureza, que as estações ferroviárias têm plataformas especiais, para o embarque e desembarque de brancos, e outras para o embarque e desembarque de negros. As composições dos trens têm carros especiais, para cada raça, afim de que negros e brancos não se misturem. Há bondes de brancos e

bondes de negros, assim como ônibus, hotéis, etc. Ainda há pouco, dando um lamentável exemplo de intolerância racial, um médico militar dava ordem para que cessasse, no Exército, a aplicação de plasma de sangue de negros em indivíduos brancos, para evitar a "impureza racial". É verdade que houve contra-ordem, logo em seguida, desmoralizando a estúpida providência, — mas só o fato de ter havido tal atitude é indicativo da existência de uma mentalidade fortemente anti-negrista. Contra essa mentalidade reacionária, aristocrática, desumana, foi que o presidente Truman se insurgiu, baixando o decreto a que nos referimos. É pena, entretanto, que o tivesse feito ao fim de seu mandato, quando é candidato à reeleição, porque essa circunstância empana, de algum modo, a beleza moral de seu gesto, ao qual seus adversários poderão atribuir uma intenção puramente circunstancial: o desejo de cavar os 300.000 votos do eleitorado negro do Sul dos Estados Unidos. Mas, de qualquer modo, — well done, Mr. Truman!

ANO XLVII
N.º 32 — 7-8-1948

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 300 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 618 — 3.º andar, sala 217. Telefons 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO.

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



A corte de Berlim continua na ordem do dia. Desvanecem-se as esperanças de uma solução racional e pacífica com a notícia de que as nações democráticas, em represália, proibirão o movimento de trens das suas zonas para a zona russa. Esta medida prejudicará o comércio da combinação Benelux, da Bélgica, Holanda e Luxemburgo, — que há pouco tinham firmado um convenio, abolindo as fronteiras para a importação e exportação dos seus produtos. Enquanto os pequenos trabalham para a concórdia internacional, os grandes agem como se estivessem na Idade Média, ou antes ainda... Vinte e um senadores peruanos entraram em greve por não concordarem com a política governamental e, por tal motivo, não comparecerão às sessões. Aqui no Brasil nós temos senadores que se ausentam indefinidamente da Câmara Alta (como o senhor Getúlio Vargas). Infelizmente os nossos não fazem isso por greve... mas por displicência! No Rio, quando o governo quer proteger o povo, acaba protegendo "os tubarões". O ministro da Justiça não concordou que a Cantareira separasse os passageiros em primeira e segunda classe. A imundície, o descalço, a falta de conforto nas barcas são iguais para todos. A Cantareira aprovou a abolição da segunda classe e começou a cobrar a todos os passageiros o ingresso de primeira... O governador do Piauí, senhor Rocha Furtado, tem minoria na Câmara de seu Estado e por isso não lhe concedem os créditos pedidos. Há quatro meses não recebe o seu subsídio e, para viver, tem que clacilar nas horas vagas. Ou melhor, clacila para ganhar a vida e administra o Piauí nas horas vagas... No Ceará, a política feminina está de parabéns. O prefeito de São João dos Patos é uma prefeita, a senhora Joana Rocha Santos, "dona Noca", como é conhecida. Em poucos meses de administração, acabou com o desemprego, o Fórum fechou por falta de disputas, na cadeia não existe um só preso e "dona Noca" dotou a cidade com a melhor luz da região. Quando há qualquer anormalidade, a prefeita monta o seu cavalo, põe o "38" na cintura e resolve sozinha a parada... Os despejos ameaçam a própria Câmara dos Deputados. Como faltasse espaço à Comissão de Finanças, esta invadiu a sala contígua, destinada à Comissão de Indústria e Comércio. Os membros desta, em sinal de protesto pelo despejo, renunciaram. Talvez o deputado Eduardo Duvivier, proprietário de centenas de apartamentos, patrocine a causa da Comissão de Finanças, legalizando a tomada do imóvel... Um jornalista de Manágua, senhor Ernesto Berahora Lopes, deu à luz um feto humano pesando quatorze libras. E isto sem ter mudado de sexo... Os cientistas explicam o caso a seu modo e os íntimos da "mãe" afirmam que essa foi a primeira "barriga" que lhe aconteceu na vida... A fábrica "Lockhead" produziu um novo avião, o "Constitution", com capacidade para 180 passageiros e pesando 92 toneladas. O aparelho custou 27 milhões de dólares e já fez a sua viagem experimental atravessando os Estados Unidos de Leste a Oeste em pouco mais de dez horas... Bernard Shaw completou noventa e dois anos de idade, declarando na ocasião que se sente bem disposto e lépido, para atingir o centenário... O milionário português António Carvalho e Silva, durante uma visita a Paris, realizou uma festinha em que gastou nada menos de quinhentos contos. O rico adernou uma piscina pública com gondolas e gondoleros autênticos, vindos especialmente de Veneza. Soube-se que a renda dele é de trinta e cinco milhões de cruzeiros por ano... Enquanto o candidato Harry Truman promete em sua plataforma completa igualdade de condições para brancos e negros, no Sul, com o apoio das baionetas federais, o sangue correrá novamente nas ruas. Jamais aceitaremos os negros como nossos iguais." Enquanto isso, juizes norte-americanos julgam em Nuremberg alemães anti-semitas... O deputado Jurandir Pires Ferreira faz questão da presença na Câmara do Ministro da Fazenda, senhor Corrêa e Castro, para explicar como gastou novecentos milhões de cruzeiros cuja discriminação na prestação de contas do Ministério vem como sendo "gastos gerais do ministério"... Foi destruída a mão armada a redação do semanário "O Ataque". O ato de violência foi chefiado pelo vereador Levy Neves, secretário do Interior e Segurança do Distrito Federal. Foi lamentável que o responsável pela segurança pública dos cariocas, chefe da Guarda Civil da cidade, tivesse dado esse triste exemplo de desrespeito à liberdade de imprensa e às garantias dos cidadãos. Enfim, sua demissão purgou o abuso... Continuam as drogas falsificadas a envenenar o povo... Depois do competente processo, o prefeito do Distrito Federal fez publicar o seguinte despacho: "De acordo com o parecer. Sejam tornadas inidôneas as firmas: Fábrica de Produtos Químicos e Farmacêuticos Usina Colombina Ltda. e Sociedade Química Mercur Limitada, por terem fornecido à Secretaria Geral de Saúde e Assistência para o emprego em hospitais e outros postos de assistência médica, produtos farmacêuticos adulterados e cujo conteúdo não correspondia aos rótulos respectivos, fatos esses cujas consequências não é necessário acentuar, pelo seu aspecto moral e pela gravidade que apresenta. Publique-se e comunique-se ao Tribunal de Contas da Prefeitura do Distrito Federal. Sejam os presentes autos remetidos à Procuradoria para que aprecie os fatos aqui mencionados sob o aspecto penal, em face da legislação vigente". Considerar inidôneo é muito pouco. É necessário um processo criminal contra esses falsários, mais perigosos que os fabricantes de dinheiro falso... A grande fábrica industrial alemã I. G. Farben foi quase que completamente reduzida a escombros. Houve seiscentos mortos e milhares de vítimas. Este foi o maior desastre industrial verificado naquela pais, nada havendo semelhante nem mesmo durante os bombardeios da RAF... O líder comunista italiano Palmiro Togliatti se encontra quase restabelecido do acidente de que foi vítima... Devido a um aparte no senhor Jorge de Lima na Câmara Municipal, ficamos sabendo que os faxineiros daquela Casa percebem Cr\$ 1.950,00 por mês e ainda vão ser aumentados. Um estudante desistiu do cargo de redator-revisor e foi para a faxina... O senhor Benjamin Vargas está sendo julgado como autor de um delito de lesões corporais de natureza grave, cometido há tempos numa "boite" da cidade, quando feriu sem motivo uma moça da nossa sociedade. Na entrada do Pacaembu, os espectadores foram revistados antes da partida entre o São Paulo e o Torino, da Itália. Foram apreendidas duzentas e dez armas, entre revólveres, facas e punhais. Imaginem de que se livraram os jogadores italianos!... Durante uma procissão em louvor a São Cristóvão, em Belém, no Pará, explodiu o carro que conduzia os fogos de artifício, tendo morrido um acanhado e ficando vários feridos... O ator Jayme Costa vai ser operado, para extração da vesícula biliar, responsável pelas modificações do humor desse homem que faz rir aos outros, mas acha a vida triste. Para terminar, tivemos "sweepstake" com sol firme e o vencedor foi o cavalo "Heliaco", de propriedade da condelaria Paula Machado. E, finalmente, chegou o inverno, no Rio, com o frio as "renards" estão saindo dos armários... Por hoje é só... até sábado...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

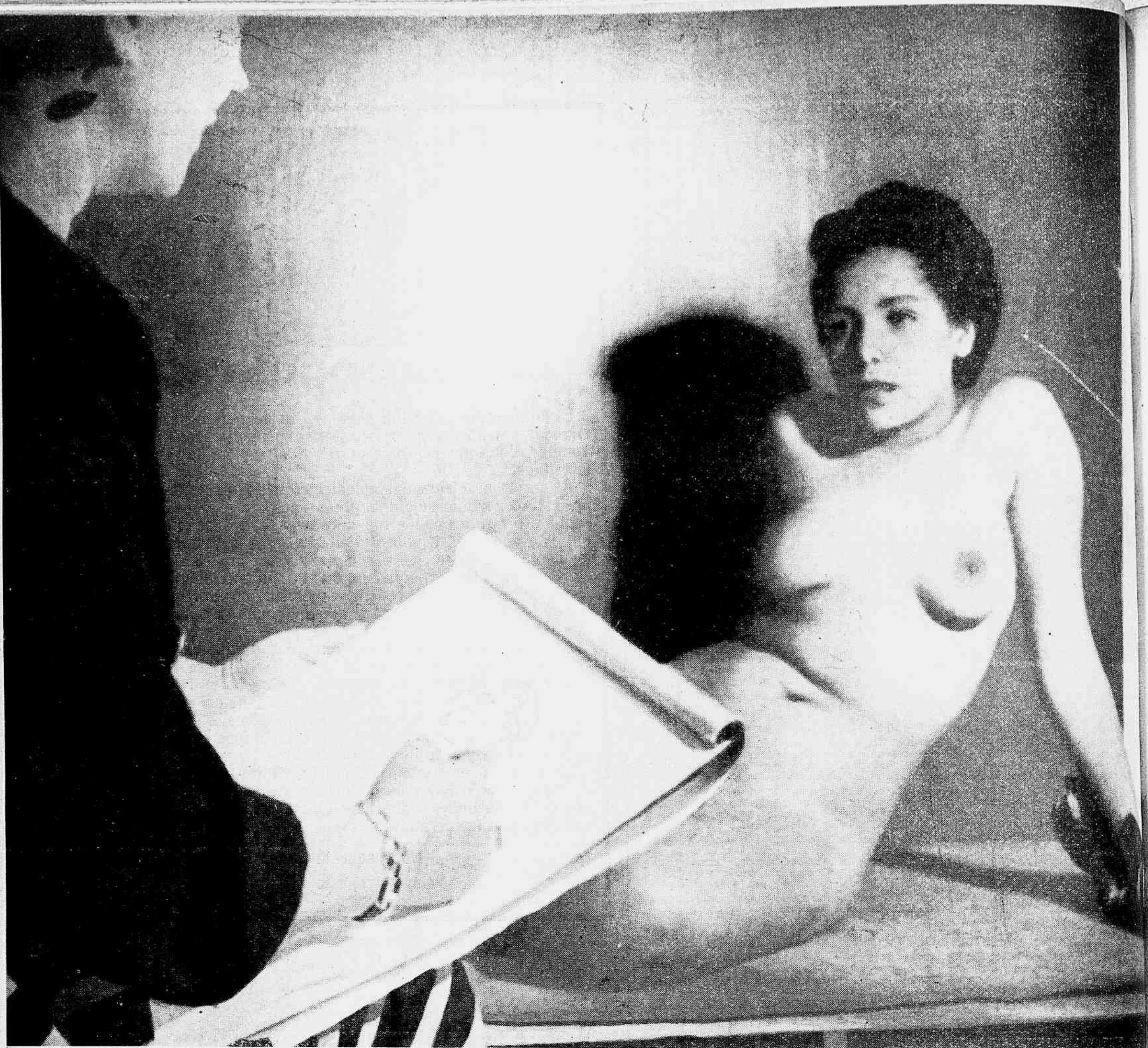
De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

SAÚDE
o primeiro passo
para a felicidade

O desequilíbrio do organismo feminino é causa de frequentes aborrecimentos na juventude, chegando muitas vezes a perturbar a felicidade conjugal. Com o correr dos anos, e mal tende a agravar-se, provocando consequências graves. Ovariuteran, contendo o hormônio feminino, equilibra as funções do organismo, garantindo uma juventude feliz e vida tranqüila.

Ovariuteran



Wilma é a primeira aluna que se candidatou à Escola de Modelos Vivos da Associação Brasileira de Desenho. Trabalha há menos de um ano como modelo e, embora não possua muita prática, poderia ganhar mais de três mil cruzeiros por mês, caso atendesse a todos os chamados que recebe. Uma aula de modelo vivo é a coisa mais natural do mundo. Estudantes e artistas vêm apenas na figura nua da mulher um motivo pictórico e plástico. A imoralidade não atravessa a porta da sala e lá dentro, durante a aula, existe o máximo respeito.

ESCOLA DE MODELOS VIVOS

FALTA MATÉRIA PRIMA PARA AS ARTES PLÁSTICAS ★ QUATRO ESCOLAS E SEISCENTOS ARTISTAS À ESPERA DE UM MODELO VIVO ★ UMA PROFISSÃO QUE AINDA NÃO VENCEU A ESTUPIDEZ DOS PRECONCEITOS ★ O MARIDO NÃO PODE SABER E O NOIVO NÃO PODE DESCONFIAR ★ UMA ESCOLA ONDE O ALUNO GANHARÁ ENQUANTO APRENDE ★ OS MODELOS APRENDERÃO MUITO, INCLUSIVE A LER E ESCRVER ★ "VISTO O MEU VESTIDO E ME VOU EMBORA" ★ BAILARINAS DO TEATRO MUNICIPAL, ATENÇÃO!

Texto de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA e N. MACHADO

Parece um contrasenso, mas a profissão de modelo nunca foi regularizada pelo Ministério do Trabalho ou pelas escolas de arte interessadas na existência dessa profissão. Dizemos contrasenso porque atividades mais novas já têm garantia e obrigações e o modelo profissional, exercendo sua atividade há dezenas de anos — desde que o primeiro pintor brasileiro pintou o primeiro nu — não é ainda um profissional classificado. Somente agora, um instituição particular, a Associação Brasileira de Desenho, com sede nesta capital, resolveu abrir a primeira escola de modelos vivos. Pode-se dizer que esta resolução foi tomada por força das circunstâncias. A procura de modelos é cada vez maior e o número desses profissionais é, relativamente, cada vez mais escasso. Se esta situação perdurar, dentro de poucos anos os nossos artistas plásticos terão que pintar apenas naturezas

mortas, bananas, laranjas, ou paisagens, por falta de modelos vivos. Vejamos qual é a situação atual a esse respeito.

TRINTA MODELOS

Existem no Rio quatro escolas de artes plásticas: a Escola Nacional de Belas Artes, a da Sociedade Brasileira de Belas Artes, a Associação Brasileira de Desenho e a da Sociedade de Artistas Nacionais. Com exceção desta última, todas as outras mantêm cursos diários de desenho, com aulas de modelos vivos. Existem ainda na cidade cerca de quinze cursos particulares, sendo seus professores artistas de reconhecido mérito. Mas o trabalho artístico que se processa diariamente na capital não fica aí. Estão registrados, nas diversas escolas, como

alunos contribuintes, nada menos de seiscientos artistas. Com a aproximação do Salão, cresce o movimento nos "ateliers" e a procura de modelos aumenta. Pois bem, para atender a seiscientos artistas e às quatro escolas, possuímos apenas trinta modelos profissionais! Não incluímos ainda neste movimento artístico o número de dois mil alunos, estudantes de belas-arts, que também poderiam se dar ao luxo de pagar modelos profissionais, caso estes não fossem tão difíceis de se encontrar. Em Paris e Nova York, é comum um grupo de quatro ou cinco estudantes se reunirem e se quotizarem, para pagar um modelo que posará duas horas. Aqui no Rio, nem nos próprios cursos, onde se reúnem vinte ou trinta em cada aula, eles conseguem sempre o modelo. Muitas aulas já têm sido adiadas por falta de quem pose.

O professor Julio de Oliveira, idealizador da Escola de Modelos, recebe a sugestão de um aluno para melhor composição da figura.

OS NOSSOS MODELOS

As moças que posam na Escola Nacional de Belas Artes e nas outras escolas particulares, são chamadas de modelos profissionais. Estará certa esta designação? Na maioria dos casos é incorreta. Já não falaremos das deficiências plásticas que se notam em quase todas. Algumas são magras demais, outras de formas desarmônicas, seios caídos, ventre flácido ou volumoso em excesso, sem nenhum traço real de beleza, como em geral se pede aos modelos. Mas que fazer, se não há outras? Mas além da plástica defeituosa, falta-lhes o essencial, a compreensão do que fazem; o senso artístico para as poses e outras coisas para as quais seria necessário um pouco de inteligência. Salvam-se desta catástrofe oito ou dez modelos, como por exemplo Carmelita, uma profissional que é uma verdadeira artista no seu trabalho. Carmelita acompanha com interesse o progresso dos alunos, comparece a todas as exposições de arte e sente verdadeiro prazer quando um ex-aluno para quem já posou, recebe uma medalha ou outro prêmio pelo seu trabalho. Mas, ao contrário de Carmelita, existem moças que seriam ótimas cozinheiras, ama-secas e arrumadeiras. Pena é que estas, nas horas vagas, tentem posar como modelos e sejam aceitas, ante a escassez de profissionais. Entretanto, culpa não lhes cabe. A responsabilidade recai sobre os profissionais e amadores de artes plásticas que até hoje não quiseram solucionar a situação. Só agora finalmente, os senhores Waldemar da Silva, Julio de Oliveira e Augusto Gadelha, diretores e professores da Associação Brasileira de Desenho resolveram criar a nossa primeira escola de modelos. Vamos explicar o que será esse aprendizado.

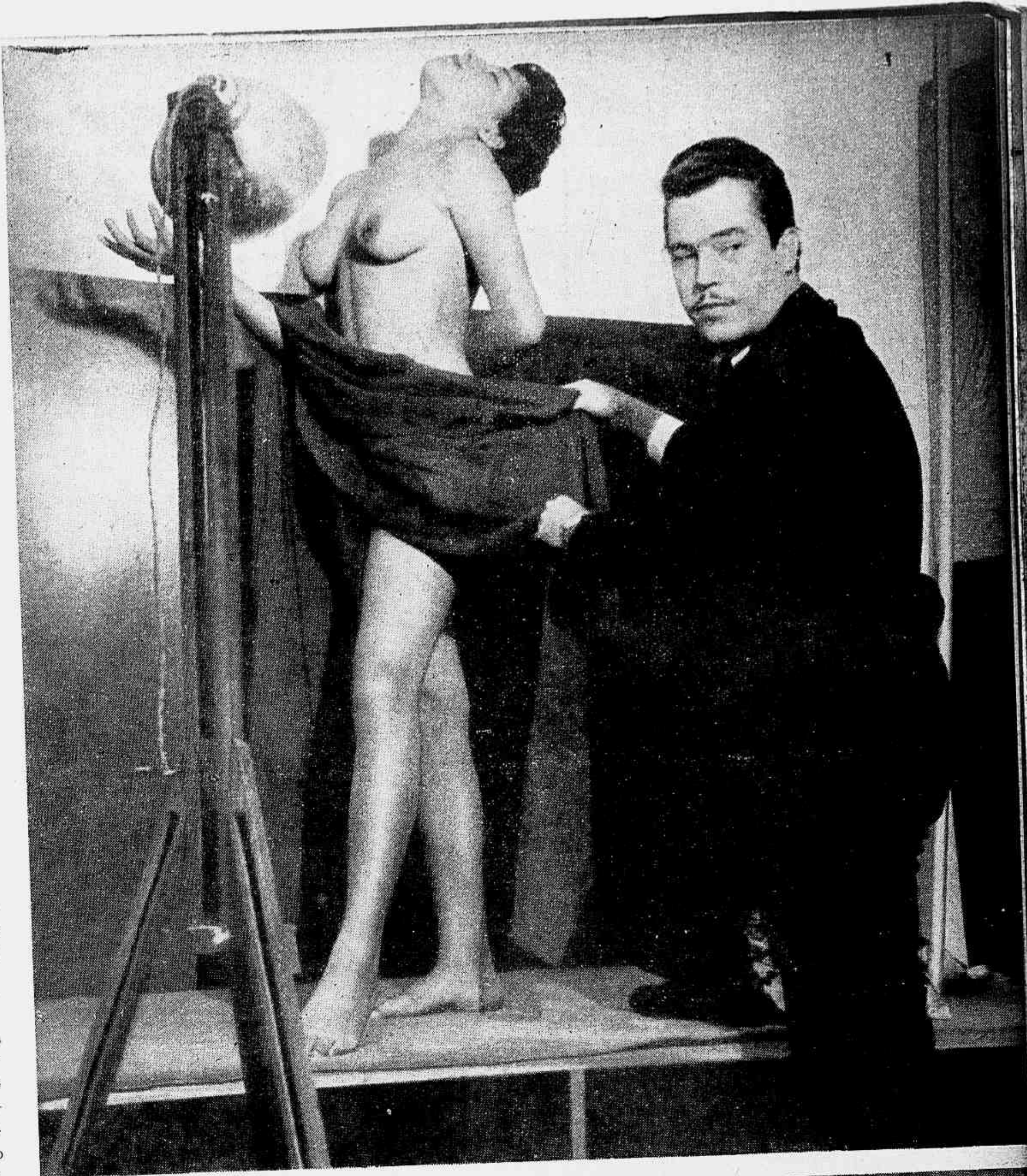
UM CURSO QUE PAGA PARA ENSINAR

Com a falta permanente de modelos, podemos adiantar que cada aluno poderá receber salário todas as vezes que comparecer ao curso. Imediatamente as outras escolas, os escultores e os pintores requisitarão as estudantes para os seus trabalhos e elas passarão desde então a receber o mesmo que recebem as que hoje são chamadas de profissionais. Um modelo atualmente recebe de vinte a trinta cruzeiros por sessão de pose. A sessão dura duas horas, com um intervalo de dez minutos para descanso. Em cada sessão o modelo faz uma pose diferente. Há modelos que trabalham diariamente em dois e três lugares diversos e com um total de seis horas de pose conseguem de setenta a noventa cruzeiros diários. Modelos excepcionais, que entendam um pouco de coreografia e possuam plástica harmoniosa, podem exigir, atualmente, até cem cruzeiros por sessão. O objetivo da Escola de Modelos é elevar o padrão da classe, fazendo com que melhores modelos possam obter melhores salários.

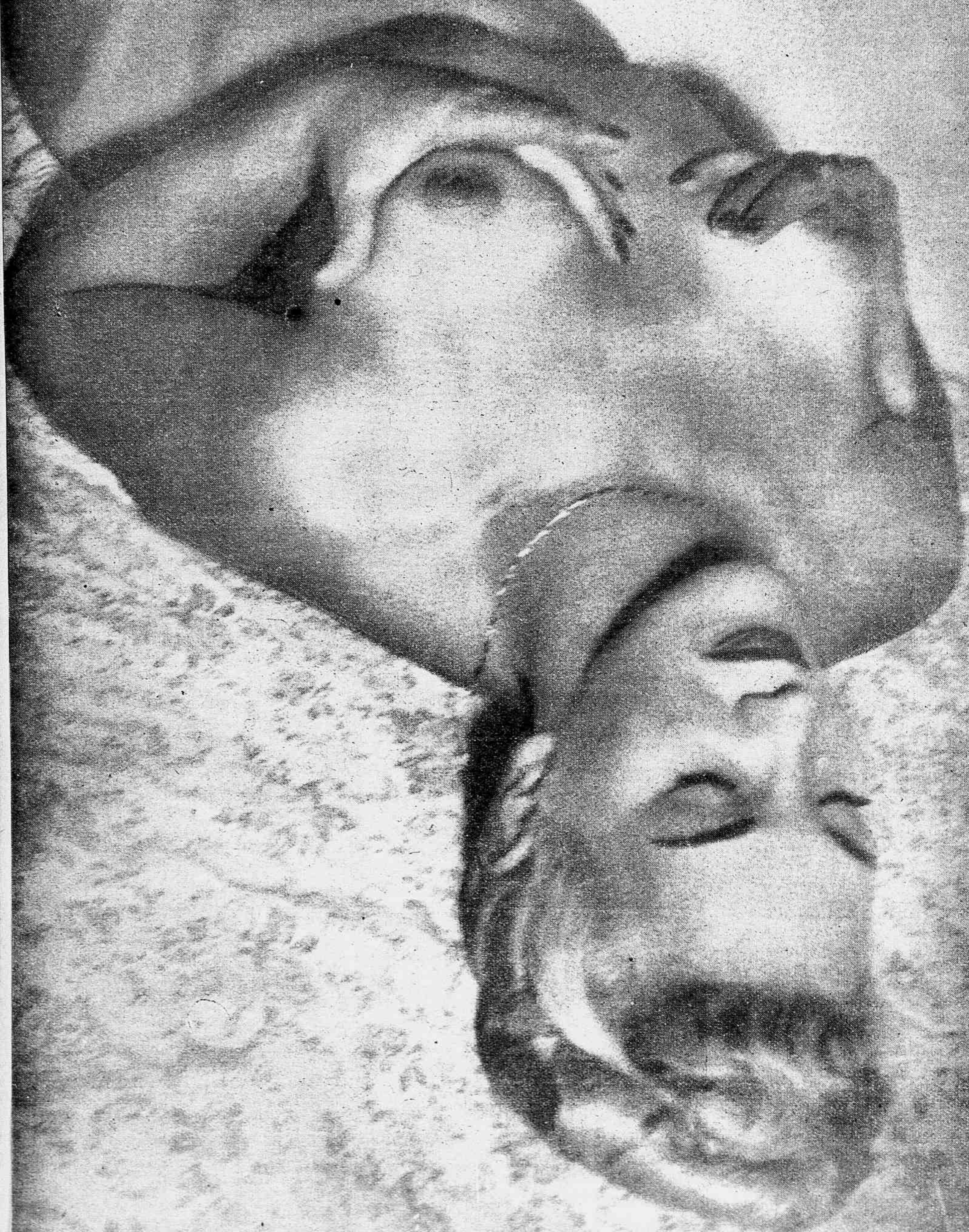
O QUE O MODELO VAI APRENDER

Antes de mais nada é extremamente necessário que as candidatas a esta profissão possuam linhas harmoniosas. Não interessa que de rosto sejam feias ou bonitas, simpáticas ou antipáticas. Para os estudantes de anatomia artística vale mais a perfeição do corpo. A aluna, depois de matriculada, receberá aulas de ginástica rítmica que a ajudará a ter graça nos movimentos. Aprenderá a andar, com elegância, a conhecer e fazer expressões simbólicas, tais como, a representação da dor, do ódio, da alegria, do cansaço, da vitória, do medo, etc. É imprescindível que o modelo saiba comunicar a todos os músculos do corpo, o sentimento que procura representar. Também a coreografia será ensinada às alunas. Além dessas lições práticas, é pensamento da direção da escola dar aulas aos modelos que possuírem pouca instrução e mesmo alfabetizar os que não saibam ler e escrever. Serão ministradas ainda lições teóricas sobre artes plásticas e explicações claras sobre o sentido moral e estético da profissão que as alunas vão abraçar. Com isso, esperam os professores poder formar modelos habéis e inteligentes, verdadeiros amigos das artes e que sintam orgulho e satisfação em servirem como modelos profissionais.

Uma aluna executando o seu trabalho na aula de desenho figurado. Se a crise de modelos persistir, os estudantes de belas artes terão que se contentar com peças de gesso para os seus trabalhos de anatomia artística.



Os artistas consagrados podem contar com belos modelos, como este que aparece na foto. Um modelo de classe pode exigir até duzentos cruzeiros por apenas duas horas de pôse

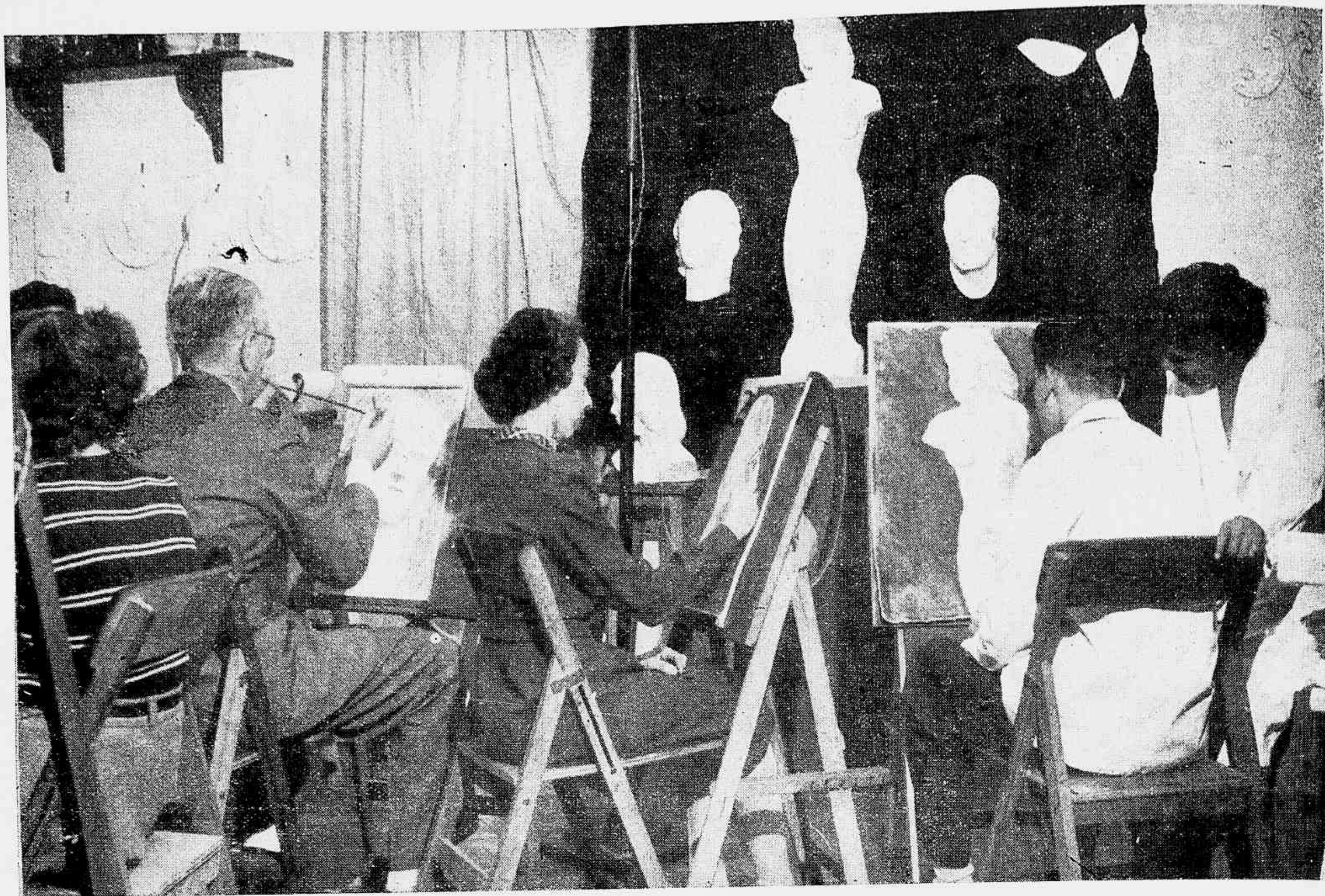


Em cim



Em cima: — uma composição de Wilma, durante uma aula da Associação. Em baixo: — um detalhe de uma aula de desenho, aparecendo entre os alunos os professores Waldemar da Silva e Augusto Gadelha. Existem no Rio, atualmente, dois mil estudantes de belas artes matriculados nas quatro escolas especializadas que possuímos.





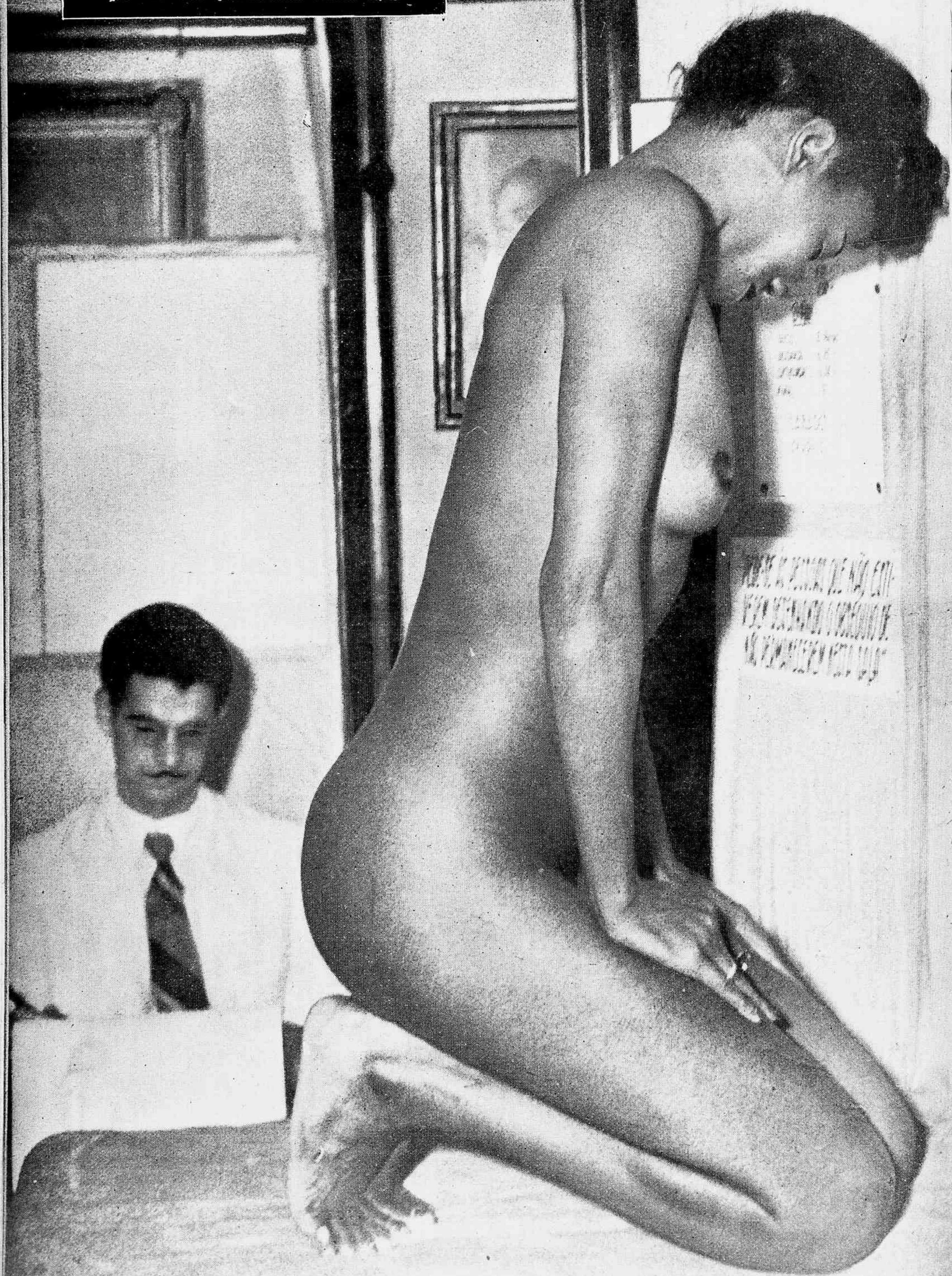
Em cima: — outro detalhe da aula de desenho, sob a orientação do professor Augusto Gadelha. Em baixo, à esquerda: um modelo que se prejudicou com o abuso prolongado dos banhos de sol. Os pintores se queixam disso. A pele dos modelos deve possuir uma tonalidade única. À direita: — o descanso do modelo, durante o intervalo. Notem a absoluta naturalidade do ambiente, em que o modelo fica completamente à vontade.



longado
a ab-



Um artista trabalha. E, na parede,
há um aviso: "Pede-se às pessoas
que não estiverem desenhando o obsé-
quio de não permanecer nesta sala"



Um ou
atitude
delos m
tretant

A
delos
ilustra
e aind
fission
sou p
Veloso

Wilma
até
tantos

pre m

na A
peito

Aliás
Quan
para

a ro
não

lado
prof

pre,
de
nor
lher
se
ple
da
esq

tra
sal
ne
an
pr
mi
é
ra
ab
qu
no
o
tr
n
q
n
g
s
M

s
f
a
n
q
n
g
s
M

s
f
a
n
q
n
g
s
M

s
f
a
n
q
n
g
s
M

s
f
a
n
q
n
g
s
M

Um outro flagrante de Wilma, posando em diferente atitude. Dizem os professores que muitos dos nossos modelos não gostam de posar para reportagens. Outros, entretanto, concordam e acham que fotografia, óleo ou "crayon" dá no mesmo.

A PRIMEIRA ALUNA

A primeira aluna que se candidatou à Escola de Modelos foi a moça que aparece em algumas das fotos que ilustram esta reportagem. Chama-se Wilma, é carioca e ainda bem jovem. Tem sido até o presente semi-profissional. Apesar de não ter um ano de prática, já posou para pintores e escultores de nomeada, como Leão Veloso, Umberto Cozzo, Heitor Usai e Luis Kattenbach.

— Apesar da minha falta de experiência — diz-nos Wilma — não me faltam chamados. Poderia trabalhar até em quatro sessões por dia, inclusive aos domingos, tantos são os pedidos.

— Que acha dessa profissão, em que trabalha sempre nua?

— Acho-a decente como qualquer outra. Estreei aqui na Associação e até hoje não houve a menor falta de respeito por parte de alunos ou professores.

— Nunca houve um dissabor nesse sentido?

— Houve um apenas, mas em um atelier particular. Aliás os verdadeiros artistas sempre nos respeitam. Quando estão pintando ou esculpindo não têm pensamento para outras coisas.

— E quando são apenas "mascarados"? — Insistimos.

— Bem, dê-se é fácil nos livramos. A gente veste a roupa e vai-se embora. Quando um não quer, dois não brigam.

Wilma tinha focalizado, sem que ela percebesse, o lado mais debatido, entre as possíveis candidatas, nessa profissão...

O FALSO VEXAME

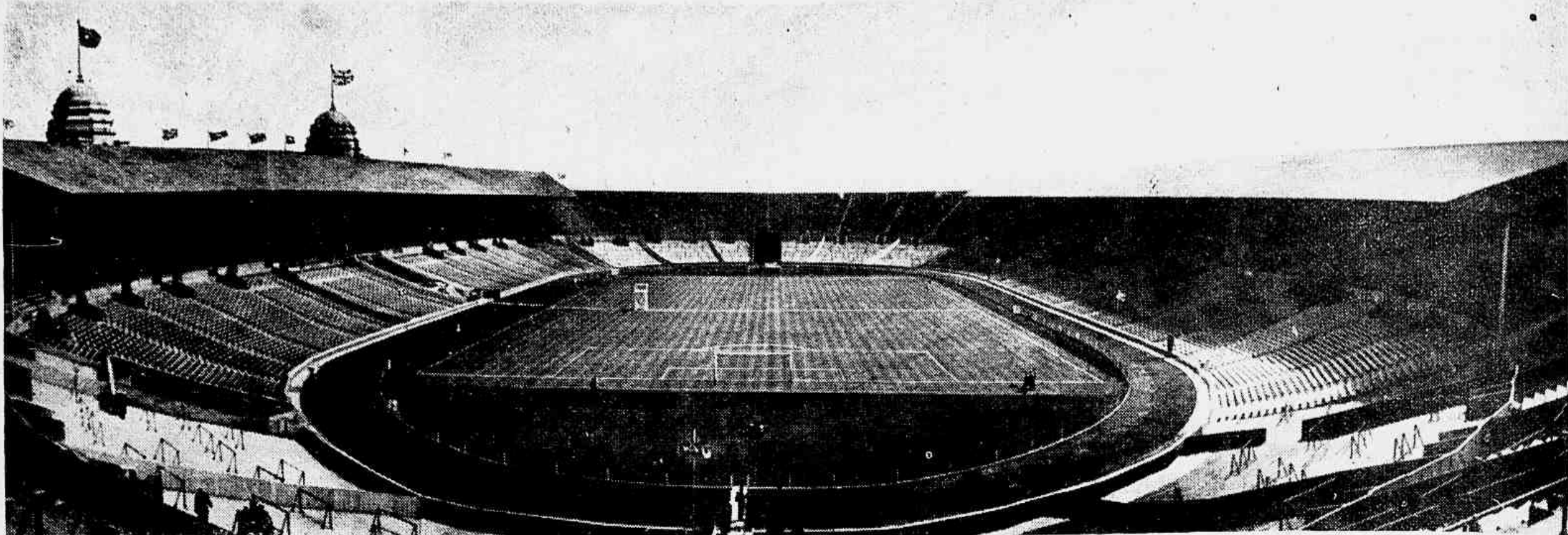
Quem penetra numa aula de modelo vivo, e acaso prejudicou com más intenções aquele ambiente, fica desde o primeiro momento decepcionado. Não nota o menor interesse extra-artístico pela figura despida da mulher que se encontra sobre o tablado. Moços e moças se entregam em silêncio aos seus desenhos, cada um completamente absorvido pelo seu trabalho. Essa naturalidade deixa o modelo tão à vontade que ela própria se esquece de que está nua. O ambiente de correção penetra o visitante, que vê naquela aula de modelo vivo uma sala de trabalho, como qualquer outra. É verdade que nem todas as moças terão aprovação de suas famílias, ao anunciarem a decisão de ganhar a vida desse modo. O preconceito é grande e as moças dependentes de suas famílias não podem pensar nisso. A profissão, para elas, é proibida. Mas para as moças independentes que queiram ganhar a vida honestamente, é uma das que estão abertas. Não se exige conhecimentos de idiomas ou taquigrafia. Só um corpo bonito. Mas, como profissão, necessita urgentemente de profissionais. E quanto maior o número de modelos realmente habilitados e compenetrados de sua função exclusivamente artística, tanto mais fácil será exercê-la. Ainda existem muitas moças que posam nas escolas às escondidas dos namorados ou noivos, premidas pelas dificuldades materiais e sem coragem para enfrentar as reações de seus preconceitos. Tal situação de falso vexame deve terminar. A Escola de Modelos batalhará por isso.

UM APELO ÀS BAILARINAS

Todos os modelos semi-profissionais da cidade estão sendo convidados a se aperfeiçoarem na Escola de Modelos da Associação Brasileira de Desenho. O professor Júlio de Oliveira faz um apelo às moças independentes que desejem abraçar um meio de vida decente, afim de que se inscrevam na Escola. Ele se referiu especialmente às bailarinas que tenham curso ou estejam aprendendo dança clássica. Uma bailarina que sabe dançar clássica é um modelo potencial e desde que esteja disposta a posar, terá a preferência das escolas, dos pintores e escultores, pois a graça dos seus passos coreográficos, os gestos de mãos e de cabeça são excelentes para serem fixados pelo pincel ou pelo buril. Outra medida que se faz necessária e que poderá ser patrocinada pela Escola será a da regulamentação, com penas severas para o estudante ou artista, que perturbe com licenciosidades o modelo profissional. Com todas essas vantagens e garantias, a singular profissão poderá ser, dentro em breve, uma das mais disputadas se não das mais respeitadas do Rio.

Flagrante tirado na Sociedade Brasileira de Belas Artes, uma das associações que lutam todas as semanas para a obtenção de modelos. Aparece na foto o estudante de belas artes doutor Noel Bergamini.





Em cima: o monumental estádio de Wembley, onde a 29 de julho próximo passado começaram a se desenrolar as provas da Décima Quarta Olimpíada Internacional.

INICIOU-SE NA INGLATERRA A DÉCIMA QUARTA OLIMPÍADA MUNDIAL

INTERROMPIDAS durante a guerra, estão sendo restauradas as brilhantes tradições dos jogos olímpicos. Na semana passada, inaugurou-se, na Inglaterra, a Décima Quarta Olimpíada Mundial, com a participação de mais de seis mil atletas de sessenta e duas diferentes nacionalidades, inclusive o Brasil, que tem Piedade Coutinho, campeã de nado livre, e Geraldo de Oliveira, campeão do salto triplice e do salto em extensão, como as figuras máximas de sua delegação, chefiada pelo capitão Silvio de Magalhães Padilha.

Na Europa conturbada pelas ameaças de guerra, essas competições terão o condão de reunir atletas mesmo procedentes de países que estão politicamente sob reservas, como, por exemplo, da Tchecoslováquia, que é uma das nações em que o atletismo está mais bem desenvolvido. A delegação tchecoslovaca já não era esperada em Londres, quando ali chegou, inesperadamente, de avião. Assim, as provas olímpicas mostram, mais uma vez, o que podem realizar no terreno da confraternização dos povos.

A idéia de renovar os jogos olímpicos da antiguidade depois de uma letargia

SEIS MIL ATLETAS DE VÁRIAS NACIONALIDADES, INCLUSIVE BRASILEIROS, ESTÃO PARTICIPANDO DAS GRANDES PROVAS

Por MICHEL B. KAMENKA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

de 1600 anos, foi lançada por um grupo de idealistas entusiastas, encabeçado pela bela figura do barão Pierre de Coubertin, por volta de 1894. Os primeiros jogos olímpicos de nossos dias tiveram lugar em Atenas para bem sublinhar a idéia da continuidade espiritual da instituição. Os antigos lugares dos jogos foram identificados e as competições foram organizadas na medida do possível, utilizando-se a mesma localização.

Segundo a idéia dos fundadores do movimento olímpico, os esportes não representam um mero passatempo, um "jogo" para ocupar as horas de folga, mas sim um princípio moral de alto valor educativo.

A competição livre e honesta, onde um só fato é capaz de assegurar a vitória:

o próprio valor, e onde todos os competidores são colocados em condições da mais estrita igualdade, de acordo com regulamentos definidos inspirados por um certo espírito de cavalheirismo, que devia criar dentro do movimento um ambiente altamente moral, em contraste com o "clima" da vida, que se torna cada dia mais uma espécie de "catch as catch can".

Esta alta concepção do princípio olímpico foi conservada e desenvolvida, obedecendo à divisa que figurava no programa dos primeiros jogos em Atenas: "Sitius. Fortius. Altius." (mais arrojado, mais forte, mais alto).

Na sua mensagem dirigida à mocidade mundial por ocasião da abertura dos jogos da XIV Olimpíada, que tiveram início

em Londres na semana passada, o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Sigfrid Edström, lembrou as seguintes palavras do barão de Coubertin:

"No nosso mundo moderno, o movimento olímpico significa nobreza moral, pureza e também resistência e energia física". E o presidente acrescenta: "Se conseguirmos obedecer a esses princípios sadios, então o futuro do mundo poderá ser colocado sem receio nas mãos da mocidade de hoje".

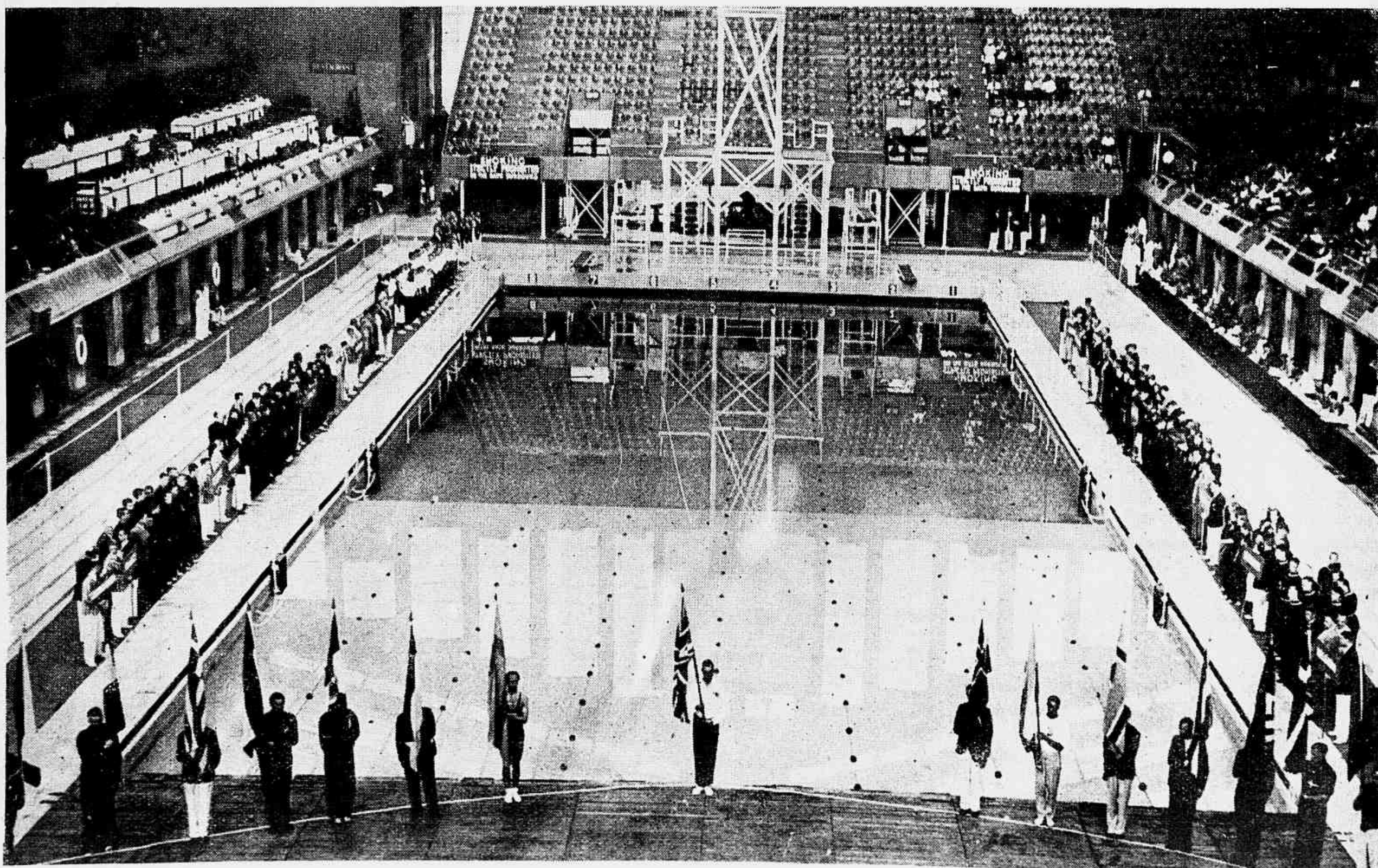
E' sob este elevado aspecto que devem ser encarados os jogos olímpicos.

★

A Inglaterra fez um tremendo esforço para receber condignamente os representantes das outras nações reunidos no seu território para competições olímpicas.

Em Richmond foi construído um acampamento modelo com instalações médicas as mais modernas, cantinas, bibliotecas e todos os requisitos de uma vida esportiva.

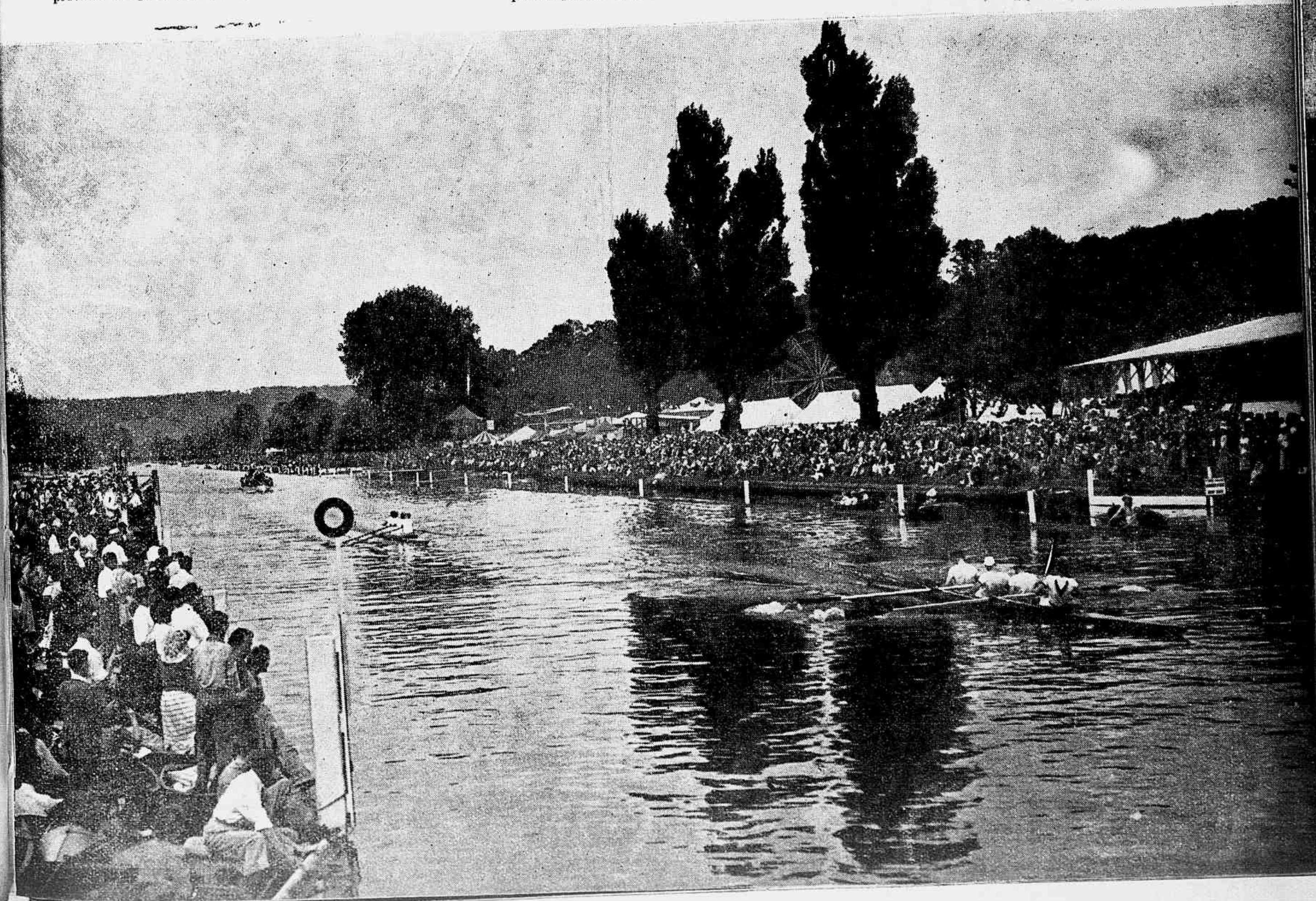
Segundo informações das agências telegráficas, acomodações para todos os participantes foram preparadas em 31 centros olímpicos, situados na sua maior parte

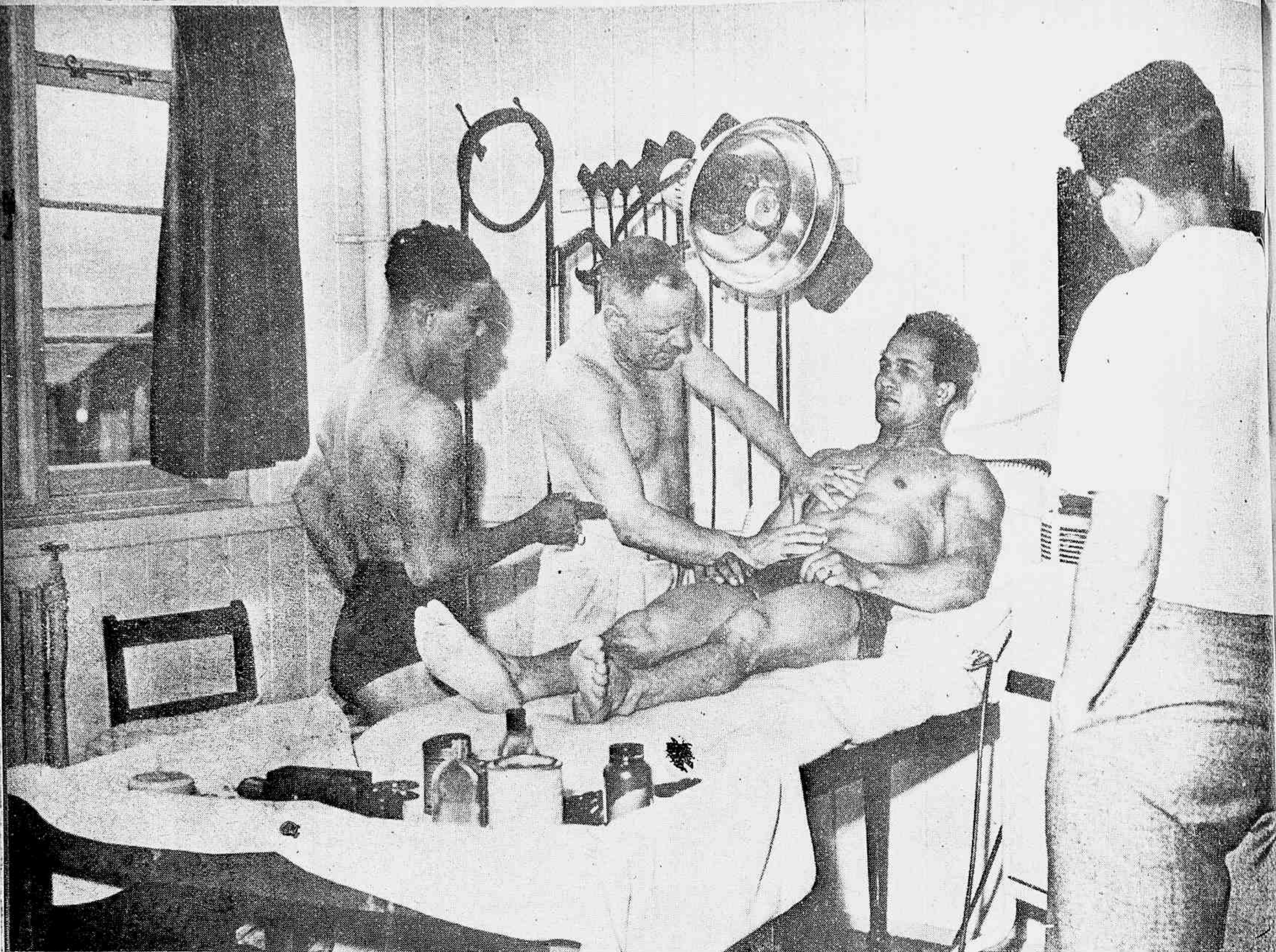


Ao alto: uma vista da piscina olímpica, onde Piedade Coutinho vai se medir com as grandes figuras da natação mundial, concorrentes aos jogos olímpicos da Inglaterra.

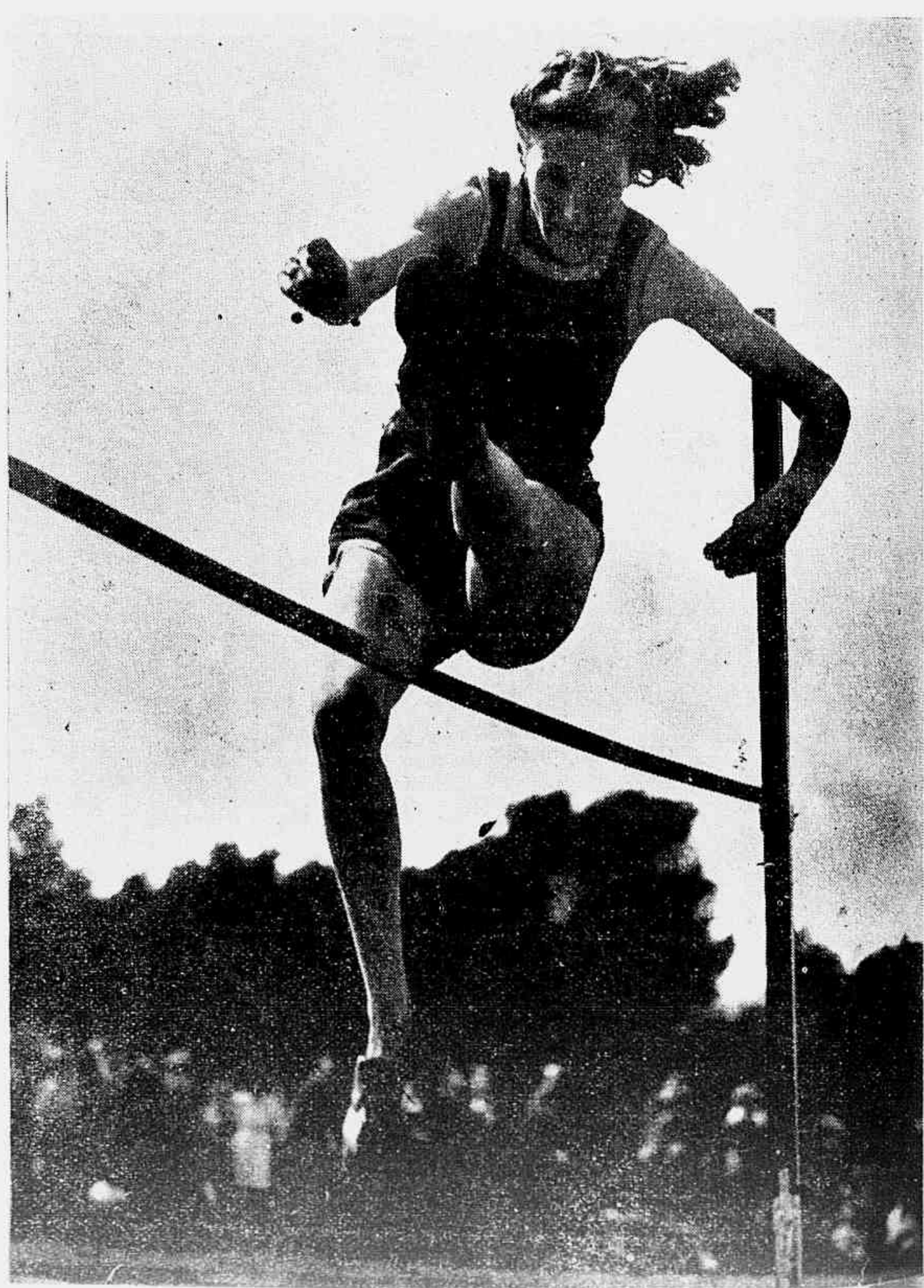


Em cima: à esquerda, Joseph Birrel, uma das maiores esperanças da Grã-Bretanha, vencedor da corrida de obstáculos em 120 jardas, num flagrante de salto; à direita, outro provável campeão inglês, preparando-se para os saltos de vara. Em baixo: um aspecto do rio Tâmisa, à altura de Henley, — lugar escolhido para as provas de remo das Olimpíadas que ora estão se desenrolando.



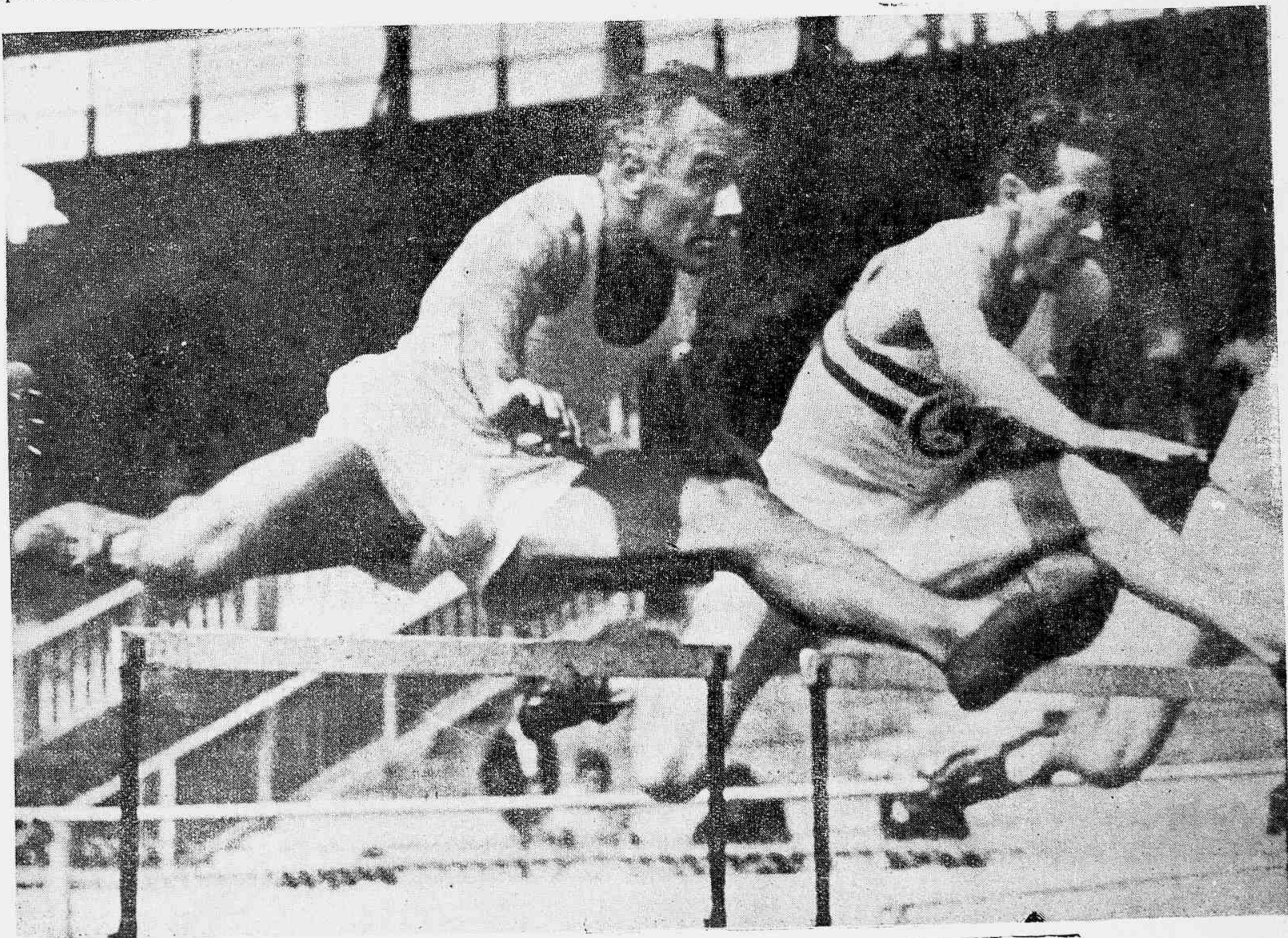


Em cima: flagrante da preparação física dos campeões ingleses, na sala de massagens do campo olímpico de Richmond; em baixo: a senhorita Mary Gardner, de Oxford, representante da Inglaterra nas corridas de obstáculo de 80 metros, a senhora Dorothy Tyler, que também defenderá as cores inglesas em saltos de altura.





Em cima: um salto de altura do campeão inglês R. Peivitt, quando ganhava a competição do "Poytechnicum Stadium", em Chiswick, num salto de 12 pés. R. Peivitt é um dos representantes ingleses nas Olimpíadas. Em baixo: no primeiro plano, o campeão inglês D. O. Finialy, da equipe olímpica britânica, numa corrida de obstáculos de 120 jardas.





Em cima: à esquerda, Piedade Coutinho, um dos maiores valores da nossa equipe olímpica, ao lado de seu pai, e, à direita, em um flagrante colhido recentemente pela REVISTA DA SEMANA, depois de uma de suas maiores vitórias nos domínios da natação. Piedade Coutinho, em ensaio realizado em Londres, na piscina olímpica, superou seu próprio "record" sul-americano de velocidade, em oitocentos metros, por uma diferença de seis segundos. Ela é uma das nossas maiores esperanças.

na zona de Londres. Entre esses centros, existem três para mulheres.

Todos esses centros receberam 33 mil jardas de cortinas, 34 mil lençóis, 13 mil

cadeiras pequenas, 36 mil peças de louça, 36 mil talheres e 4 mil guarda-roupas.

A Comissão Organizadora contratou os serviços de 700 estudantes de diversos

países como assistentes em diversos centros, e mais 700 pessoas trabalhando para o bem estar dos atletas.

O Ministério da Alimentação forneceu

rações da escala dos operários de indústria pesada para os atletas, e, ainda, cerca de 1 litro de leite diário a cada um dos competidores. Um total de cerca de 300 toneladas de alimentos entrou na Inglaterra, trazidos pelas delegações visitantes, como ovos, chá preto, chá mate da China, limões, fígado, rins e tripa, chocolate de leite e outros alimentos.

Além disso, a Holanda enviou doações alimentares de 100 toneladas de frutas frescas e vegetais, a Tchecoslováquia 20.000 garrafas de águas minerais e a Federação dos Pescadores Britânicos 3.000 toneladas de peixe.

Para os momentos de lazer dos concorrentes aos jogos olímpicos, foram organizados numerosos bailes, passeios fluviais, vôos sobre Londres, recepções oficiais e "cocktails".

O maior acontecimento social deverá ser o grande baile oficial a ser realizado em "Hurlingham Park", na noite de 14 de agosto, para o qual se esperam cerca de 2.500 convidados. A Junta de Transportes Coletivos de Londres, com o seu serviço de ônibus e trens subterrâneos, ofereceu passagem grátis em todos os trajetos de suas linhas, desde a estação de "Charing Cross" até os mais distantes subúrbios, onde todos os campos, piscinas e sedes de clubes estão à disposição dos atletas visitantes. Além disso, terão os atletas entradas grátis nos cinemas e teatros. Fosse receio nas mãos da mocidade de ram organizadas visitas a monumentos, universidades, museus e parques industriais, para os que desejarem conhecer a vida cultural da Grã-Bretanha.

★

As competições principais terão lugar no célebre estádio de Wembley e as competições aquáticas na piscina olímpica, transformável em boxing-ring.

Para as regatas a remo foi escolhido o poético recanto da Temsa, Henley, onde nos domingos deslizam os "punts" dos londrinos à procura de frescura. As corridas a vela em alto mar terão lugar em Torbay, no Devonshire.

(Cont. na pág. 57)



Ao lado: Geraldo de Oliveira, o grande atleta brasileiro, que conquistou merecido renome no salto triplice, de que é campeão brasileiro e sul-americano. É outro valor da nossa equipe, no qual repousam as melhores esperanças de vitória.

QUE
dade
para
Vou tod
casa do
pai, de q
íntimo, lo
queno. C
enquanto
Chantal m

Os Char
cia singu
habitasse
Mousson.

Possuem
casa num
como na
deiro Par
peitam n
Apesar d
fazer um
Mme. Ch
como se

Mlle. E
rio da
roupa es
da casa)
fim, qu
que já
saco do

Assim
Chantal
do notat
crito m
meiro a
demorad
Acaba-s
acôrdo.
coisa d
meses:
compota
lagosta,
etc., et

Depoi
pras e
galeria,
tante c
bairros

Mme.
viagem
sam à
comovi
teto v
como

Para
situada
bairros
popula
rosa.

as no
nheiros
a tem
à "Op
çaise"

jornal
têm a
rapari
educa

tão b
brias
me p
fazer
cem

lar-l
só d

Qu
dor,
cordi
nada

e qu
mific
o s

Lê r
neces
de a
a s

mui

A
e fã
Co
rela

na
três
vivo

Q
no
Isto
con
A
am
cor

QUE singular idéia eu tive, na verdade, de escolher naquela noite, para rainha, Mlle. Perle!

Vou todos os anos passar os Reis na casa do meu velho amigo Chantal. Meu pai, de quem ele era o camarada mais íntimo, levava-me lá quando eu era pequeno. Continuei e continuarei, decerto, enquanto viver e enquanto houver um Chantal neste mundo.

Os Chantal, de resto, têm uma existência singular; vivem em Paris como se habitassem Grasse, Yvetot ou Pont-à-Mousson.

Possuem, perto do Observatório, uma casa num pequeno jardim. E vivem aí como na província. De Paris, do verdadeiro Paris, não conhecem nada, não suspeitam nada; estão tão longe, tão longe! Apesar disso vão lá, de vez em quando, fazer uma viagem, uma grande viagem. Mme. Chantal vai às "grandes compras", como se diz na família.

Mlle. Perle, que tem as chaves do armário da cozinha (porque os armários da roupa estão ao cuidado da própria dona da casa), previne que o açúcar chegou ao fim, que as conservas estão esgotadas e que já não há grande coisa no fundo do saco do café.

Assim prevenida contra a fome, Mme. Chantal faz a inspeção dos restos, tomando notas numa agenda. Depois de ter escrito muitos algarismos, entrega-se primeiro a longos cálculos e em seguida a demoradas discussões com Mlle. Perle. Acaba-se, entretanto, por se chegar a um acordo, e fixar as quantidades de cada coisa das quais se abastecerão por três meses: açúcar, arroz, ameixas secas, café, compotas, latas de ervilhas, de feijões, de lagosta, peixes salgados ou defumados, etc., etc...

Depois disto marca-se o dia das compras e vai-se em tipóia, numa tipóia de galeria, à casa de um merceiro importante que habita para lá das pontes, nos bairros novos.

Mme. Chantal e Mlle. Perle fazem esta viagem juntas, misteriosamente e regressam à hora do jantar extenuadas, ainda comovidas e sacudidas pela tipóia cujo teto vem coberto de embrulhos e sacos, como um carro de mudanças.

Para os Chantal, toda a parte de Paris, situada do outro lado do Sena, constitui os bairros novos, bairros habitados por uma população singular, barulhenta, pouco honrosa, que passa os dias em dissipações, as noites em festas, e que deita o dinheiro pelas janelas. Contudo, de tempos a tempos, levam-se as meninas ao teatro, à "Ópera Comique" ou à "Comédie Française", quando a peça é recomendada pelo jornal que lê Mr. Chantal. As meninas têm agora 19 e 17 anos. São duas belas raparigas, grandes e frescas, muito bem educadas, demasiadamente bem educadas, tão bem educadas que passam despercebidas como duas lindas bonecas. Nunca me passaria pela idéia prestar atenção ou fazer a corte às meninas Chantal; parecem tão imaculadas que mal se ousa falar-lhes; quase se receia ser inconveniente, só de as saudar.

Quanto ao pai, é um homem encantador, muito instruído, muito franco, muito cordial, mas que prefere antes de mais nada o repouso, a calma, a tranquilidade e que contribuiu grandemente para a nutricao da família, para viver conforme o seu gosto, numa estagnante imobilidade. Lê muito, conversa de boa vontade, entretém-se facilmente. A falta de contactos, de acotovelamentos e de encontros tornou-se a sua epiderme, a sua epiderme moral, muito sensível e delicada.

A mais pequena coisa comove-o, agita-o e fá-lo sofrer.

Contudo os Chantal têm relações, umas relações restritas, escolhidas com cuidado na vizinhança. Trocam, também, duas ou três visitas por ano, com os parentes que vivem longe.

Quanto a mim, vou jantar lá a casa, no dia quinze de agosto e no dia de Reis. Isto faz parte dos meus deveres, como a comunhão Pascal para os católicos.

A quinze de agosto, convidam alguns amigos, mas nos Reis sou eu o único conviva estranho.

II

Pois este ano, como nos outros, fui jantar na casa dos Chantal, para festejar a Epifânia.

Segundo o costume, abraciei Mr. Chantal, Mme. Chantal e Mlle. Perle e fiz um grande cumprimento às meninas Louise e Pauline.

Interrogaram-me sobre mil assuntos, só-

bre os acontecimentos do "boulevard", sobre a politica, sobre o que o público pensava acerca dos negócios do Tonkin e sobre os nossos deputados. Mme. Chantal, uma corpulenta senhora, cujas idéias me davam a impressão de ser quadradas como as pedras de cantaria, tinha por costume emitir esta frase como conclusão de toda a discussão politica: "Tudo isso é má semente para mais tarde". Por que imaginei sempre que as idéias de Mme. Chantal eram quadradas?

Não sei explicá-lo. Mas tudo o que ela diz toma, no meu espirito, esta forma: um quadrado, um grande quadrado com quatro ângulos simétricos. Há outras pessoas cujas idéias me parecem redondas e rolantes como os arcos. Mal começam uma

frase sobre qualquer coisa, ela rola, vai, desdobra-se em dez, vinte, cinquenta idéias redondas, grandes e pequenas, que vejo correr, uma atrás da outra, até o fim do horizonte. Outras pessoas há que têm idéias pontagudas... Enfim, isso importa pouco.

Pusemo-nos à mesa, como de costume, e o jantar acabou sem que se tivesse dito nada que valesse a pena fixar.

A sobremesa trouxeram o bolo-rei. Ora, todos os anos tinha sido rei Mr. Chantal. Era o efeito de um acaso contínuo, ou duma convenção familiar, não sei dizê-lo, mas ele encontrava infalivelmente a fava na sua parte do bolo, e proclamava rainha Mme. Chantal. Por isso, fiquei estupefato, quando senti no bocado que me de-

ram qualquer coisa muito dura, que por pouco não me quebrava um dente. Tirei cuidadosamente o objeto da boca e vi uma bonequinha de porcelana que não era maior do que um feijão. A surpresa obrigou-me a dizer: "Ah!". Olharam-me, e Chantal gritou batendo as mãos: "E' o Gaston. E' o Gaston. Viva o rei, viva o rei!"

Todos repetiram em côro: "Viva o rei!". Eu corei até às orelhas, como se cora tantas vezes, sem razão, em situações um bocadinho tolas. Fiquei com os olhos baixos, segurando entre dois dedos este grão de faiança, esforçando-me por rir e não sabendo que dizer nem que fazer, quando

(Continua na pág. 53)



A recompensa

Conto de **LYGIA FAGUNDES TELLES**
Ilustração de **A. MOURA**



Pedro foi ao terreiro e apanhou um caixote velho que a mulher atirara ali. Com um olhar vago, pôs-se a examiná-lo. Dá um bom carrinho para Luzia, pensou. E as rodas? Como fazer as rodas? Só mesmo se o avô o ajudasse, que o avô tinha muito jeito para essas coisas. Depois pintariam o carro de azul...

Sentou-se no caixote. E sorriu para Luzia que ia indo pelo campo afóra trepada num carrinho azul. Teodoro equilibrava-se atrás e a menina ria a sacudir a cabeça encabeçada. "Cuidado!" Pedro ia gritar-lhe. Mas de repente, como uma bolha de sabão, o carrinho desfez-se no ar.

O homem passou pelo rosto as mãos geladas e úmidas. Aquela era a hora em que perdia a noção das coisas em redor. Ficava da boca áspera e seca como se tivesse engolido um punhado de areia. Então as pálpebras de chumbo baixavam e através da membrana vermelha, por entre caracóizinhos trêmulos, via cenas meio desmanteladas, mas às vezes tão agradáveis, que lhe faziam sorrir. Desapareciam os trapos e as imundícies. E surgia Teodoro a galopar num cavalo e Luzia era linda como a menina da folhi-

do? Se mexa um pouco, homem de Deus!

Ele abriu os olhos. E inclinando-se para o chão, distraidamente pôs-se a arrancar pequeninos brotos, esmagando-os entre os dedos. Uma cobrinha esverdeada deslizou ligeira por entre o capim. Pedro pensou em matá-la mas teve medo. E se fôsse venenosa? Um dia pisara numa coral. Era lisa e fria, toda listadinha de vermelho...

Quando Pedro conheceu Alice, ela usava um vestido de pitangas vermelhas. "Sabe, Pedro, se a gente trabalhar bastante, a gente ainda acaba dono de um sítio!"

Primeiro foi a terra que se fechou seca e hostil quando suas mãos a procuraram. Depois, foi Alice. Quis reagir. Mas um cansaço bom prostrou-o e ele abriu os braços e se entregou à sua melancolia, num espreguiçamento que era quase um espasmo. Às vezes, seu sangue era gelado; outras vezes, fogo.

Nasceu Teodoro, a barriguinha inchada, ranhento. Depois, Luzia. "Veja como ela é bonita!" exclamava Pedro a enrolar entre os dedos um anel do cabelo da menina. "Mais uma boca, fale assim", respondia Alice.

Veio o avô morar com eles. "Meu neto, — exclamava o velho a olhar com desconsolo para a figura vacilante de Pedro, — essa sua doença te acaba. Me dá pena!" suspirava ele a menear a cabeça tristemente. No entanto, não hesitou em tomar o partido de Alice que era ambiciosa e forte. Teodoro também, logo que começou a ter entendimento das coisas, pôs-se ao lado da mãe.

Uniram-se os três. Mas se uniram por pouco tempo porque cedo começaram as disputas por um agasalho mais quente, por uma ração maior. Tanta miséria acabou por torná-los egoístas como lobos esfaimados. Agora, o avô já se queixava de Alice, que era uma malvada; Alice acusava o velho de ser um estorvo azarento e ambos desprezavam Teodoro que crescia doentio como o pai. O mesmo sofrimento que no começo os uniu acabou por separá-los. Odiavam-se.

Recuando sempre diante dos três inimigos, Pedro voltou-se para a pequenina

lua, e a roupa do avô era igual a dos fazendeiros, e o sol luzidia a casa fazendo com que Alice desabrochasse como o milho de pipoca, fresca e saltitante de vida... Através da membrana, ele próprio era um homem cômico de sangue, montado na terra.

— Pedro! — era a voz de Alice — Já foi falar com Felício? Será que você vai passar a manhã inteira aí, encorajado?

Luzia. Ela, sim, jamais o culpava, com faziam os outros, da unidade da casa, da escassez da comida. Para a filha, era o homem poderoso que transformava caixotes em carros e matava cobras com os pés. Confiava nele com essa instintiva fidelidade de um animalzinho. E então pensava que triste seria se não viesse ninguém para lhe pedir que não desse parar as tempestades ou frutificasse a goiabeira do quintal.

— Num ouviu o que eu disse, Pedro? — exclamou Alice aparecendo na porta. — Sei que hoje é domingo, mas quem num faz nada na semana inteira. Pedro ia responder-lhe, mas ela não esperou e voltando-se abruptamente, como quem não tem tempo a perder, dirigiu-se para os fundos da casa.

O avô veio sentar-se no degrau de tijolo onde há pouco estivera a mulher. Resmungando numa linguagem engrolada ele passava os dias assim, aquecendo-se ao sol quando havia sol, refugiando-se na enxérga quando fazia frio. Às vezes ria, escarrando por entre as gengivas murchas. Às vezes chorava, sacudindo os ombros, mas como dos olhos não brotassem lágrimas, aquele era um choro que mais parecia uma salivosa risada.

Pedro teve um olhar furtivo para os cabelos ralos e brancos. Se lhe desse um casaco novo e uns sapatos... Escolleria para Alice um vestido igual ao que ela tivera, todo cheio de pitangui-nhas. Teodoro ganharia um cavalo, que cavalo era a coisa que o menino mais desejava na vida. O avô ficaria alvorçado como uma criança, e Alice voltaria a fazer planos, e Teodoro passaria a respeitá-lo. Para a pequena Luzia, daria montes e montes de doces. Bem penteada e limpa, metida em roupas de seda, ela bem se poderia comparar à menina da folhinha, uma menina de botinhas abotoadas até os joelhos, gola de renda e cara de romã.

— Pai, pai!

O homem ergueu-se num sobressalto. Atrás dele, estava Luzia. Viera correndo e agora tomava fôlego para poder falar. Vestia uma camisolinha enlameada e em redor de sua boca, havia uma orla encardida de manga.

— Pai, — prosseguiu a menina afastando os cabelos que lhe caíam na testa — a cerca arrebitou e uma porção de porco fugiu! O Felício disse — que é pro senhor ajudá a procurá tamém...

— Não existe cerca que segure bicho com fome, — murmurou Pedro entre os dentes. — Nessa fazenda, tudo passa fome, até porco.

— Ih... ih... ih... — riu o avô. — O Coronel deve tá fulo! Me lembro do barulho que fez quando roubaram dois cavalos magros. Ficou uivando que nem cachorro em noite de lua. Ih!...

— O Felício, — prosseguiu a menina a lambem um caroço esbranquiçado de manga. — disse assim... — enguliu o caldo, limpou o nariz nas costas da mão e atirou longe o caroço. — que se a gente prender algum porco, que ele dá pra gente farinha e linguiça. O Teodoro já saiu procurando e eu vou ajudar. Posso ir, né? Deixa, pai?

E antes que Pedro respondesse, como um cabritinho, desceu aos pulos o barranco e saiu correndo pelo campo afóra. — Vou dar uma vista por aí... — dis-

se Pedro num tom indeciso. Voltou-se bruscamente a olhar na direção que a menina seguira, mas ela já havia se embrenhado no matagal. — Num gosto nada de meter as crianças nisso! exclamou.

— Pois vá também, em vez de ficar aí parado! — disse o avô impaciente. — Se eu pudesse, eu ia, que o Felício disse que dava farinha e linguiça, num ouviu? A comida por aqui anda ruim. Eu passava melhor quando era mendigo de estrada...

Pedro foi até a horta. Lá estava Alice a revolver a terra. Tinha nas mãos uns restos de verduras tão enegrecidas que pareciam ter saído de uma fogueira.

— A geada matou tudo, — disse.

Pedro escondeu suas mãos nos bolsos — mãos secas e amarelas como duas crestadas.

— Se alguma das crianças aparecer, não deixe mais sair, que... — começou o homem e não terminou a frase. A mulher olhava-o firmemente. Tinha uns olhos encovados e turvos.

— Alguém tem que ajudar, não é mesmo? — ela perguntou com um sorriso.

Ele não respondeu. Sem pressa, afastou-se da horta, deu uma volta em redor da casa num andar indeciso. Por um momento, estacou, o rosto voltado para o matagal. E de repente, num estremecimento, pareceu despertar. Desceu apressado o barranco e a passos largos foi atravessando a varzea. De longe, viu o vulto de Teodoro que vinha correndo.

— E! Teodoro! — Pedro gritou. — Viu Luzia?

O menino aproximou-se aos pulos, a cara ardendo, os olhos brilhantes de alegria. Apertava contra o peito dois embrulhos.

— Pai, pai, olha! Olha o que o Coronel me deu, linguiça e fubá! Peguei uns quatro porco! eu mais o Felício, pegamo eles assim, pelas orelhas!

— Viu Luzia? onde está Luzia?

— Lá sei, num vi ela! — disse o menino e continuou a correr, goleando pelo campo em direção à casa.

O homem pôs as mãos em concha ao redor da boca.

— Luzia! — gritou. — Onde é que você está! Luziiiiia!...

Deteve-se a ouvir atento, aflitos os olhos que iam de um lado para outro, numa expressão de angustiante ansiedade. E como não viesse nenhuma resposta, numa corrida desenfreada, chegou até o matagal.

Na quietude do arvoredor úmido e sombrio, só lhe vinha um zunido soturno de insetos, misturado ao desordenado piar dos passarinhos. Pedro pisava leve sobre as folhas que estalavam sob seus pés. Chegou a sorrir com esse ar desconfiado de quem está prestes a levar um susto.

— Luzia, você está se escondendo de mim? — perguntou baixinho a examinar os troncos de árvores, a espera de que por detrás de algum deles, de repente, a filha saltasse rindo.

Por um momento ficou imóvel, a olhar para um formigueiro. Acompanhou distraidamente o voo de uma borboleta amarela, coçou devagar o pescoço picado por algum mosquito.

— Luzia... — chamou num sópro de voz — Luzia! berrou num estremecimento, e os olhos se arregalaram apavorados — Me responde, me responde! — suplicou a correr, arranhando-se nos espinhos, debatendo-se para romper os cipós que se emaranhavam em suas pernas, dificultando-lhe os passos.

Quando parou, foi para tomar fôlego, exausto, e limpar o rosto molhado de suor. Arfava. Em volta, o silêncio. E só então chegou a seus ouvidos um grunhir afobado.

— Luzia! — e precipitou-se de um salto para a clareira.

Três grandes porcos negros chafurdavam os focinhos vorazes no corpo da menina. Mordiam-se aos guinchos disputando a presa. Furiosamente arrancavam bocados de carne que mastigavam sôfregos, com o ruído úmido de bocas famintas.

Atirando-se sobre os animais, Pedro soltou um grito alucinado — "sai! sai!". Pisou-os com os tacões das botas, atacou-os com os punhos cerrados num esforço supremo, conseguiu afastá-los. Amedrontados, puseram-se à distância, lambendo os focinhos, espreitando.

Pedro ajoelhou-se ao lado da filha. Ela estava de bruços. Nas costas, dentre as tiras da camisola, havia dois buracos por onde saía um sangue borbulhante, quase morno.

Ergueu-a nos braços. Na frente, a roupa estava intacta, apenas enlameada, só isso... O rosto também não havia sido tocado. Estava sujo de terra e caldo de manga.

— Eu não queria que você fosse... — sussurrou ao afastar um besouro que se emaranhava nos cabelos encacheados. — Eu não queria... — repetiu a ouvir a própria voz, como num sonho.

(Cont. na pág. 57)



Visita

— O pessoal de Ned mora ali, — disse Jane, tirando a mão do volante e acenando para duas pessoas que caminhavam à margem da estrada. — É uma fazenda enorme. Não sei de quem tenha mais terras nem de maior prestígio por aqui do que o "seu" Kleith.

— E? — perguntou Dan. Cruzou então o braço por sobre o peito e tirou do bolso um maço de cigarros. — Quer um?

— Oh, não! — Ela o fitou rapidamente e logo desviou os olhos. Dan ficou admirando as mãos dela, sobre o volante. Eram pequeninas e bem morenas, cheias de energia. Engraçado, pensou, ela antigamente fumava.

— Viu coisas interessantes na China? — perguntou Jane, educadamente.

É, bem se podia dizer assim, pensou Dan. Vira o melhor amigo decapitado. E um dia, quando voltava de um passeio em torno do quarteirão, a barra das suas calças estavam manchadinhas de vermelho escuro. Recordava-se de que mandara a roupa para a lavanderia.

— Muito interessante, — respondeu. — É muita bondade sua querer que eu passe a noite aqui.

— Deixe de tolices, — disse Jane, diminuindo a marcha para que uma galinha cacarejante chegasse viva à outra margem da estrada. — Seria o cúmulo você fazer uma viagem dessas de Nova York só para ficar duas ou três horas. Temos quartos de sobra.

Ficaram ambos calados por algum tempo, correndo ao sol de outono, passando por uma igreja, algumas casas cinzentas de fazenda e um grande prédio escolar de tijolos nus, para o qual Jane, orgulhosamente, chamou a atenção dele.

— Trabalhámos um bocadinho para conseguí-lo, — disse ela. — O pai de Ned teve que fazer discursos, Ned também, até que afinal saiu. Só ficou pronto em agosto.

Dan já se esquecera de que existiam coisas como escolas, muito importantes e pelas quais havia gente que lutava e se orgulhava delas. Olhou para trás, para o feio prédio com o seu pátio de barro vermelho. Com certeza Jane pertencia à "Congregação dos Pais". Imaginou-a presidindo uma reunião: "Acho que a sra. Thatcher tem toda a razão... A sala da terceira série precisa mesmo de cortinas novas".

— As crianças... Com que idade estão, Jane?

Ela o olhou de relance, uma ruga de desgosto em torno da boca.

— Margaret fez sete em julho, Dan, e Hugh vai fazer seis' agora em março.

— Oh! — Ele julgava que já fossem mais velhos. Imaginava-os, lembrou-se de repente, mais ou menos pelos dez ou doze, já com pernas bem compridas e cari-

nas de velhos. Tinha a impressão de ter estado fora tanto tempo...

— Você já não os chama de Maggie e de General, hem? — perguntou ele, pouco depois.

— Oh não, apenas Hugh e Margaret, — disse Jane. — Ned não gosta muito de apelidos, — acrescentou, dobrando para a estrada transversal.

E adiante surgiu o vulto baixo da casa, marcada contra o fundo pardo de outono como um grande cão magro, adormecido. Era um lugar velho como outro qualquer e Dan nada viu de patético ali, como de certo modo esperara. — Não me vexarei em mostrar o lugar a ninguém, — pensou; e de repente se imaginou passando por ali num carro cheio de homens encartolados, dizendo com displicência: — Hum... a propósito: naquela casinha branca ali é que moram minha esposa e meus filhos. Minha ex-esposa, devo dizer, — ele teria de acrescentar, o que já seria vexatório. Ficou contente que fosse apenas uma ideia tola.

Jane o levou ao sobrado e ele colocou no chão, ao pé da cama, a mala e os presentes que trouxera para as crianças. Lavou as mãos no banheiro escuro e desceu para o jardim, onde seu filho e sua filha brincavam, e foi-lhes formalmente apresentado. As roupas que eles vestiam, pensou Dan, eram muito mais bonitas do que as que deviam usar diariamente; era um tanto esquisito que um menino brincasse em terras de fazenda com um terninho de linho. "Matê-lo-ia num macacão cáqui, se fosse meu", pensou Dan, parando repentinamente, diante de pensamento tão fora de propósito.

Pouco depois Jane tornou a entrar, para tratar da janta, e ali ficaram as duas crianças diante dele, naquele sol da tarde... uma garotinha de laço no cabelo e um garotinho de nariz fino; e os dois chutavam a poeira do chão com aqueles sapatos reluzentes, chamando-o de "Papai" sem a menor convicção na voz.

— Já estão na escola? — perguntou-lhes Dan, cerimonioso.

— Eu estou, — respondeu Margaret. — Mas Hugh ainda é muito pequeno. Só quando fizer seis anos.

Dan procurou falar sobre a China, a Espanha, a Etiópia, mas eles eram muito novos para se interessarem. E lhe mostraram a sala de brinquedos, com ostentação, como se tivessem sido previamente instruídos.

— Você veio de navio? — quis saber, Margaret, e ele contou algo a respeito, mas logo os dois estavam fazendo caretas de enfado um para o outro e discutindo malcriadamente. Ele os olhava encabulado, como um pai teatral que não conseguisse recordar seu papel.

— Você é mesmo pai da gente? — perguntou Hugh afinal, quando já soara o sino do jantar e eles iam depressa para a casa.

— É claro que sou, — respondeu Dan, para logo se sentir culpado, como se mentisse.

Foi pouco antes do jantar que Dan foi apresentado ao marido de Jane. Quando subia o caminho que levava ao alpendre dos fundos, viu Ned e Jane, que falavam em voz baixa. Jane corria o anel de opala escura

acima e abaixo do dedo, e Dan sabia que ela estava contrariada. Ned, firme ao lado dela, sorriu sereno para Dan. Estava de macacão. Dan pensou na maneira como as crianças estavam vestidas, como tinham cuidado com a roupa, como brincavam e onde se sentavam. Lembrou-se de que os dois tinham limpado os sapatos com as mãos antes de entrarem em casa. Dan compreendeu a razão do rubor que encobria o rosto de Jane. Ela queria que ele visse todos à melhor luz possível, e ali estava Ned com aquele macacão imundo, verdinho de estercor...

— Como vai? — disse Ned. — Sou Ned Kleith. Prazer em vê-lo por aqui. — Não havia o menor embaraço em suas feições quando encarou Dan, nem em sua grande mão quando apertou a de Dan. — Desculpe-me estar vestido desse jeito, mas minha melhor água acaba de parir e eu tive que ajudá-la. — Dan notou que a ponta do vermelhíssimo nariz do rapaz estava ligeiramente ferida e lhe sorriu desajeitadamente.

As crianças, que tinham ficado um pouco para trás, chegaram correndo e se atiraram ao pescoço de Ned, puxando-lhe as mangas, agarrando-lhe as pernas, fitando-o com olhos felizes.

— O potro é grande, Ned?

— É preto, Ned?

— Quando é que eu vou montar nele... será que posso?

— Vamos ver o bichinho, vamos, Ned? A gente pode?

— Hugh, — disse Jane, — vamos, vamos já lavar esse rosto!

O jantar estava bom, embora a empregada o tivesse servido desastrosamente e um tanto ressentida. Dan desconfiou que estivesse acostumada a fazer parte da mesa. Ele comeu rapidamente, como os outros, e procurou se mostrar entendido em matéria de sementes, colheitas e criação de gado. Os olhos das crianças sempre arregalados e atentos.

Uma vez Jane interrompeu: — Vamos falar em agricultura o tempo todo, Ned? — E rodava a colher sobre a toalha, enquanto falava, sem olhar para ninguém.

— Pode deixar, filha. — E Ned deu um tapa na mão de Hugh, que partia célere para uma segunda coxa de galinha. — Não se mete a mão, sem antes pedir, filho! Sabe, — e ele se virou para Dan, — nós passamos algum tempo tendo um trabalhão para fazer esse camaradinho comer, mas de repente, há um ano mais ou menos, ele deu para comer como uma fera! É engraçado isso. — E Ned esticou o braço e afagou os cabelos do garoto.

— Margaret, — disse Jane, — por favor não molhe o pão assim.

— Mas Ned molha, mãe.

— Bem, — disse Ned, erguendo-se pouco depois e se espreguiçando no meio da sala, — vocês devem ter muito o que falar e vou aproveitar para pôr as crian-

(Continua na pág. 58)

Conto de **ANDY LOGAN**

Tradução de **JORGE A. FORTES**

Ilustração de **A. ZAGORSKA**



DIÁRIO
acontecimento
última g
ruas de
veis livro
e demais
ta vez, o
ções da
cendo na
sido o d
do Laval
rem, dep
do "diár
bém a p
roso e e
mo está
blico na
pafia e
mais des
moral, s
guma A
com o e
as concl
confisso
nerais e
em qual
outro d
feito na
isso, ga
o apare
me d"
Churchi
ba de p
autentic
ceridade
gando m
midades
marca d
De fato
de ação
zismo,
sua ge
um dos
pos, co
pesquis
manas,
dade p

OS DEZ
UNIVERSA
que o leito
tão bem,
suas obras,
Globo, esp
humana",
des romanc
timamente
quência pa
literárias e
ros. Prim
"Life" que
dros que
muito imp
to de Céz
Gauguin
Depois, u
"Modern

Grça A

VIDA LITERÁRIA

DIÁRIOS E MEMÓRIAS DE GUERRA

DIÁRIOS E MEMÓRIAS DE GUERRA — Tal como aconteceu da vez passada, mal se deu por finda esta última guerra, com a ilusória parada dos aliados nas ruas de Berlim, logo começaram a surgir os inevitáveis livros de memórias e diários de chefes militares e demais figuras de proa do tremendo conflito. Desta vez, como era natural, tendo em vista as proporções da catástrofe, o número desses livros vem crescendo num nível de enxurrada. O primeiro parece ter sido o do conde Ciano, seguindo-se-lhe o do imundo Laval e o de certa amante de Mussolini, para vir, depois, o de Goebbels e a indecorosa faneira do "diário" de Eva Braun, enquanto se anuncia também a possibilidade de vir ainda a furo o do planturoso e efeminado Goering. Todos os porcos do nazismo estão assim gostosamente se refocilando de público na sua monstruosa epilepsia de crueldade, empáfia e deboche, como se em vez de comparsas do mais desvairado sonho de conquista e de devassidão moral, se tratasse antes de amáveis candidatos a alguma Academia de Letras, muito mais preocupados com o estilo e a roupagem de suas idéias do que com as conclusões que a posteridade possa tirar das suas confissões. Isso para não falar nos relatórios dos generais e nas confidências dos políticos americanos, e em quanto livro de tenebrosas revelações sobre um e outro dos totalitarismos de Hitler ou de Stalin tem feito gemer os prelos universais, via U. S. A. Por tudo isso, ganha um relêvo de acontecimento excepcional o aparecimento duma obra com este primeiro volume d'"A segunda guerra mundial", de Winston Churchill, que a Companhia Editora Nacional acaba de publicar. Livro em que tudo é da mais genuína autenticidade, a objetividade dos fatos, como a sinceridade do pensamento do autor, tantas vezes chegando mesmo a "shocking" pela rudeza de certas intimidades da política inglesa, posta a nu, tudo com a marca do seu estilo de grande escritor da história. De fato, sabe-se muito bem que ao lado do homem de ação que salvou o mundo da destruição pelo nazismo, pela indomável energia da sua terra e da sua gente, sob o seu comando, Churchill é, não só um dos maiores oradores ingleses de todos os tempos, como também homem de gabinete, amante das pesquisas históricas e das interpretações sociais e humanas, de tão larga visão dos problemas da atualidade política universal quanto em relação aos fatos

pretéritos. Disso dera ele já provas seguras com a sua famosa biografia do Duque de Malborough, seu ilustre e lendário antepassado, aquele mesmo da canção francesa "Malborough s'en va-t-en guerre" e com o seu admirável estudo das personalidades do seu tempo. "Os grandes contemporâneos", considerado pela crítica inglesa como o melhor livro de não ficção de 1938. Nenhum homem da atualidade poderia, como ele, escrever, com tanto conhecimento de causa, direto e pessoal, a crônica de que ele chama a continuação da Grande Guerra de 14, ou seja "O relatório de outra Guerra dos Trinta Anos", isso por sua situação privilegiada de membro do Gabinete inglês na outra guerra e Chefe do Governo de S. M. Britânica, nesta última. Este volume diz respeito principalmente aos pródromos do tremendo drama, traça o empolgante panorama dos acontecimentos máximos, bem presentes na nossa lembrança, uns, outros esquecidos já e que, nas duas décadas de 1918-38, abalarão o mundo, da cumetira aos fundamentos, como o desmoronamento do Império austro-húngaro, a derrocada da Alemanha, o "crack" de Wall Street, o advento do nazismo, a grande "fúria" de Hitler nos maiores do seu partido em 1933, a guerra da Abissínia, a capitulação de Munich, o deflagrar da avalanche alemã de 40. Tudo é analisado com aquela serenidade vizinha do estoicismo, de que é expressão suprema o maravilhoso discurso pronunciado pelo autor, depois da queda de Dunkerque, página épica, duma eloquência que só os grandes gregos da antiguidade poderiam produzir. Também não poderia escrever doutro modo o homem que assumindo o poder, na hora mais angustiosa que já viveu sua pátria, teve a terrível coragem de traçar o seu programa prometendo apenas ao povo sangue, suor e lágrimas, o que nenhum estadista até hoje se aventurara jamais a conceber. Apesar de muitos dos fatos evocados nestas páginas se acharem ainda bem frescos em nossa memória, poucos livros de ficção serão lidos com o mesmo interesse e a mesma ansiedade que nos desperta a poderosa evocação deste tormentoso capítulo da história contemporânea, pelo contingente de solidariedade de que o autor nos investe, como atores obrigatórios do grande drama iniciado com a Comédia dos Erros do Tratado de Versalhes.

— H. L.



Winston Churchill, cujas memórias constituem o mais vivo documento da nossa época tumultuosa.

dos em "enquete" rápida por José Condé. Assim, a escolha do criador de "Chuva" recaiu nos seguintes livros: "Tom Jones", "David Copperfield", "O morro dos ven-

Livraria Editora Brasiliense. Mais inocente é esta missiva ao escritor Herman Lima que nos cedeu o original para esta página: "S. Paulo, 13-9-44 — Herman: Em mãos tua linda carta. Ótimo que esteja atualizando aquele seu estudo sobre o conto, que deve aparecer em livro novo, já que te especializaste no assunto e és um dos grandes da família "contadeira". Lembra-se de TGIPIÓ? Perdi hoje a manhã campeando no meu tremendo arquivo a tua cartinha, a que se refere uma da BARCA. Não achei. Achei a que vai, em que v., da Bahia, ainda com "h", trata da edição do teu primogenito, com o carinho que os bons pais sempre têm para com o filho inicial. Quando achar a outra, te mandarei. Está no pacote de 1918 — mas há um saci que me faz não achar, nunca, o que com mais empenho procuro. Acho isso depois, por acaso, quando o saci está dormindo. Tenho tanta carta, de tanta gente hoje importante, que v. nem imagina. Quando eu for ao Rio hei-de visitar-te para uma prosa comprida — e verei tuas lindas encadernações. Somos amigos secretos desde 1918 — e só te vi às carreiras naquele dia, na Civilização. Diga ao Magalhães Junior que o entusiasmo dele por mim só se explica dum modo; ele foi um dos gurus que se iniciou na leitura com o meu A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO. Com esse livrinho inicial ganhei um eleitorado enorme e fidelíssimo; nenhum até agora me desertou. E quando num artigo de hoje vejo um calcr como o do Magalhães, adivinho logo: "Está cá um adulto saído da crisálida que leu Narizinho." A impressão das primeiras leituras é indelével. Sei de cor um ROBINSON CRUSOE, do Laemmert, que li em menino; tenho as gravuras vivas na cabeça — eu que não me lembro das que vi ontem. Foi lá que travei relações com a palavra "solitário", e com muita estranheza. Seria o marido da "solitária"? Fazava-se muito, em casa, por esse tempo, na solitária dum parente que andava resistindo a todos os côcos da Bahia comidos em jejum. Cheguei mesmo a interperlar uma tia — tia Dade — e foi ela quem me ensinou que solitário queria dizer só. Achei tão exquisto que fôsse assim... Bom. Adeus, pois senão sai livro... Lobato."

OS DEZ MAIORES ROMANCES UNIVERSAIS — Somerset Maugham, que o leitor brasileiro conhece hoje tão bem, através das traduções de suas obras, lançadas pela Livraria do Globo, especialmente de "Servidão humana", sem dúvida um dos grandes romances do século, tem sido ultimamente solicitado com muita frequência para a divulgação de obras literárias e artísticas de vários gêneros. Primeiramente, foi a revista "Life" que divulgou seu artigo "Quadros que admirei", com sua opinião muito impressiva e pessoal a respeito de Cézanne, Rembrandt, Degas, Gauguin e outros grandes pintores. Depois, uma excelente antologia, "Modern English and American Li-

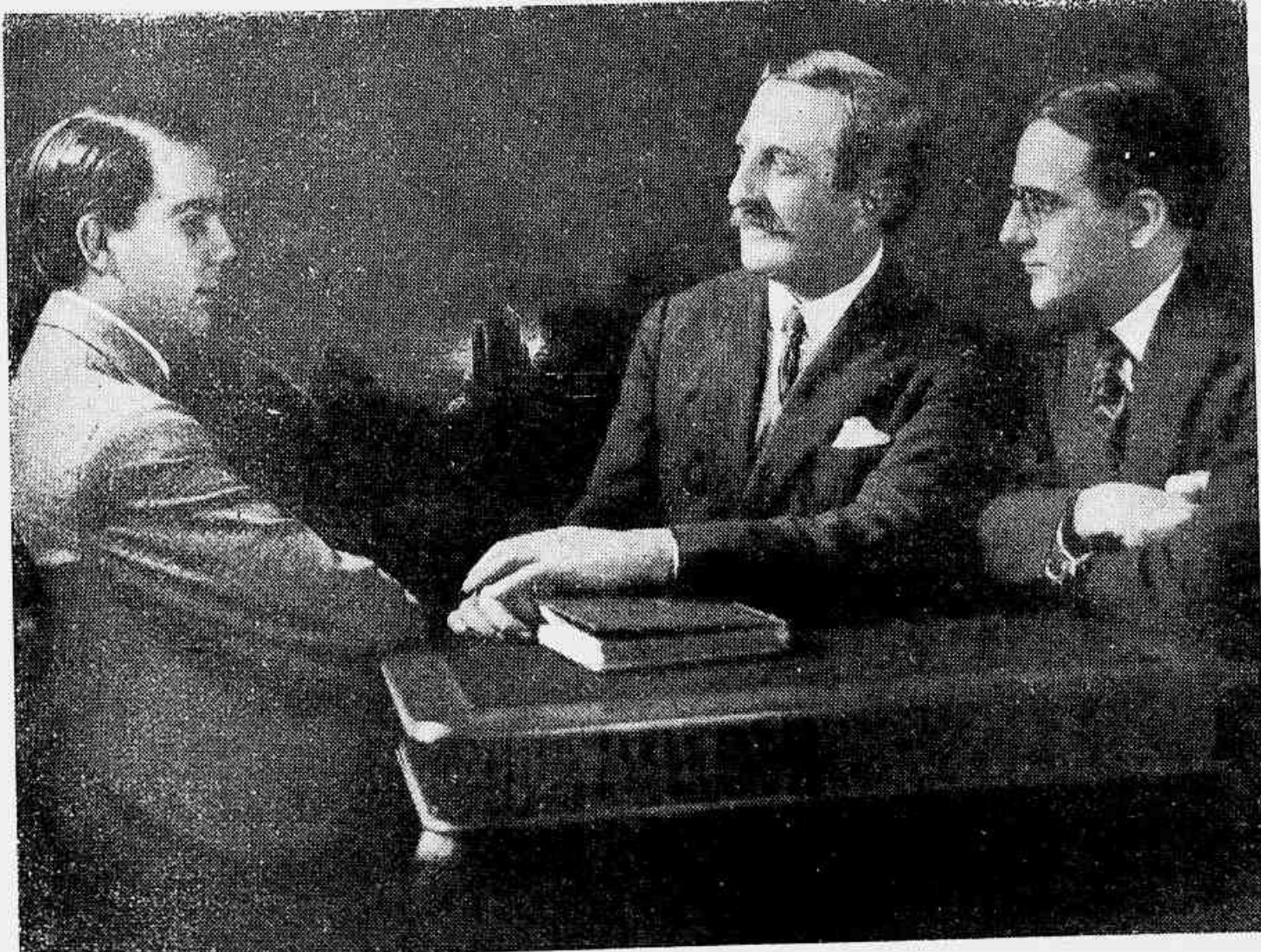
terature", com excertos em prosa e em verso dos melhores escritores da língua inglesa na atualidade; finalmente agora uma grande seleção de cem contos universais, "The greatest stories of all time", sem falar numa coletânea dos seus melhores contos, "East and West" e na escolha e prefácio duma série de desenhos do famoso caricaturista americano, Peter Arno. O último trabalho de Somerset Maugham, nesse gênero, foi a organização ainda duma antologia, desta vez do romance, para outra editora americana, sendo interessante observar que sua opinião sobre os dez maiores romances universais não diverge muito da que revelaram há pouco os escritores brasileiros ouvi-

tos uivantes", "Orgulho e preconceito", "Moby Dick", "Madame Bovary", "O tio Goriot", "Guerra e paz", "O vermelho e o negro" e "Os irmãos Karamazov", que vão ser lançados num volume das infalíveis condensações "yankees".

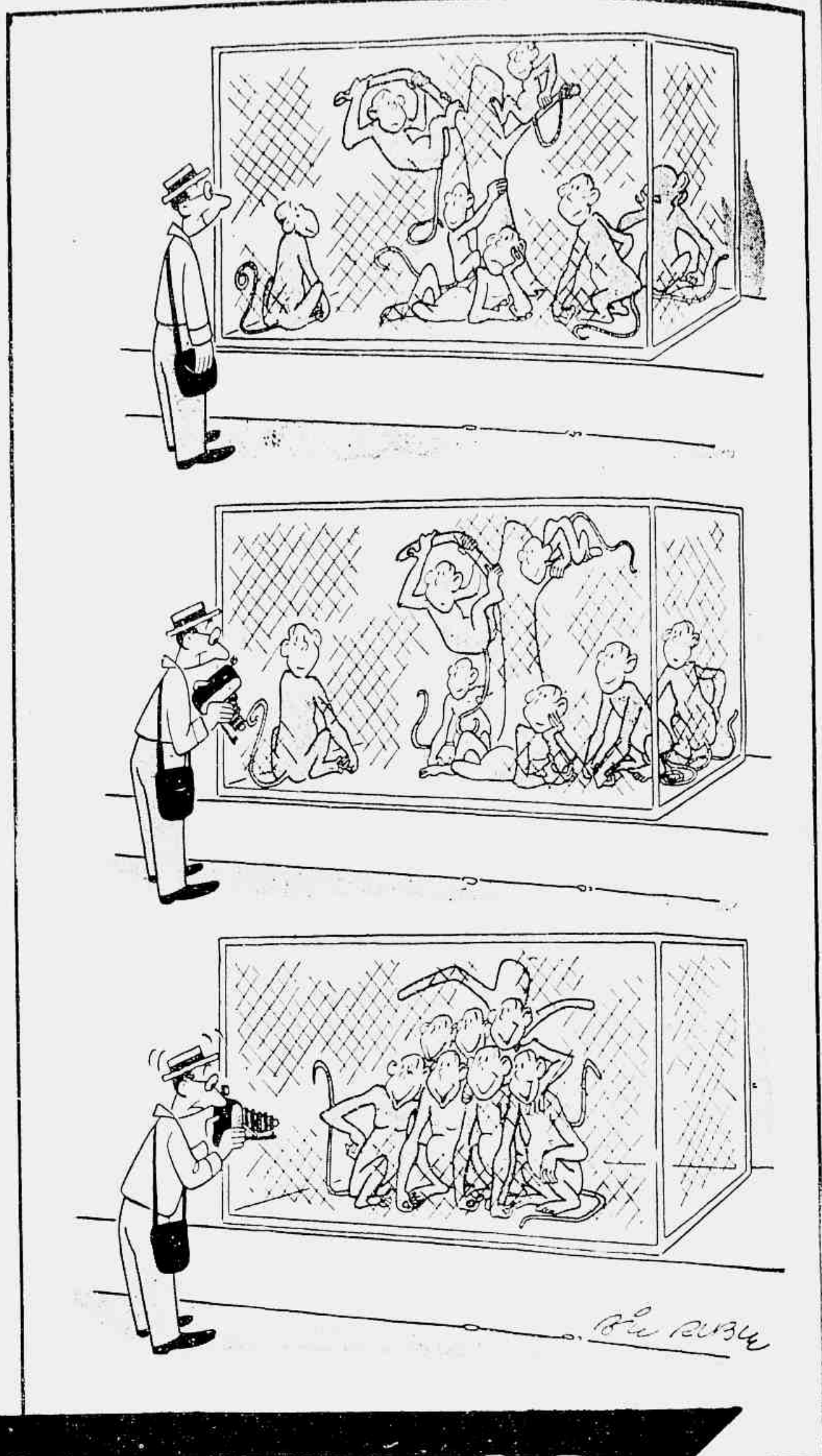
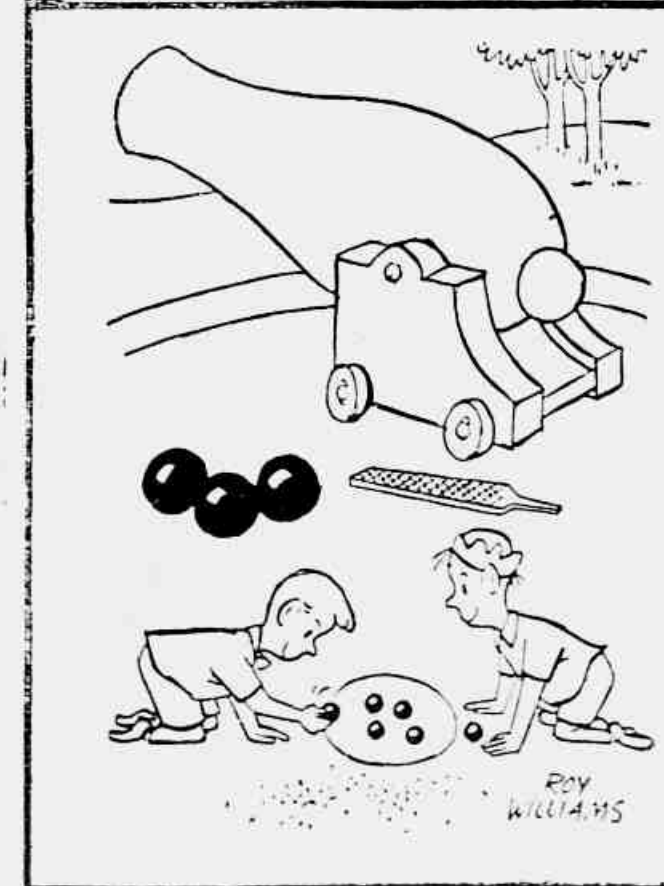
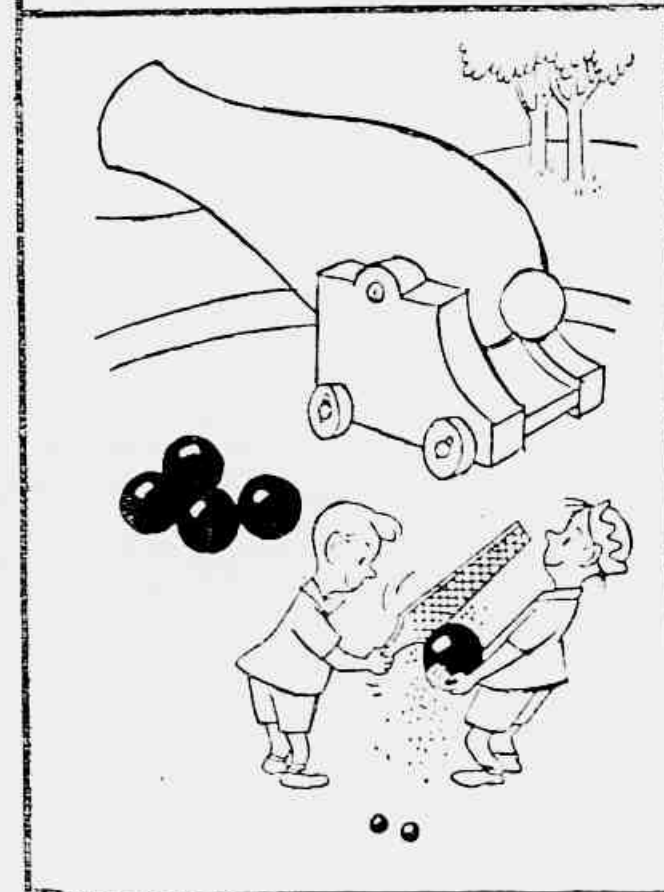
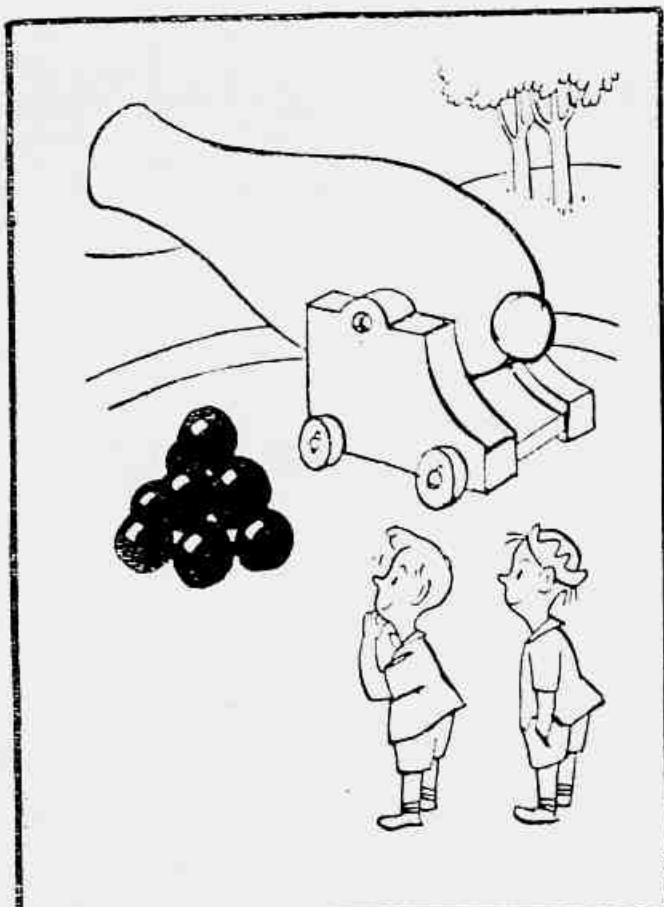
O ELEMENTO CLÁSSICO NA LITERATURA INGLESA — Vem despertando grande interesse, em Londres, o livro de J. A. K. Thomson, "The classical background of English Literature", editado por Allen & Unwin. Nesse magnífico ensaio, o autor revela a profunda persistência do classicismo grego-latino na literatura inglesa, através dos séculos, como também a transformação que esse elemento de cultura tem sofrido na prosa e na poesia inglesa. Tal influência, de fato, se assinala com muita evidência na obra de numerosos poetas e romancistas, desde os primórdios das letras britânicas até a atualidade, observando-se muitas vezes que ela vem indiretamente, em especial por intermédio dos autores franceses. E' assim, por exemplo, que Thomson assinala a presença dos elementos da tragédia grega na obra de Thomas Hardy, como também na poesia de Yeats a falsa impressão que este possuía da antiguidade.

MONTEIRO LOBATO CONTINUA

— O grande escritor desaparecido no começo de junho, continua a ser lembrado, com emoção e respeito, pelos seus confrades de todo o país. Todas as revistas e suplementos das últimas semanas vêm cheios de artigos dedicados à vida e à obra do autor de "Urupês", firmando-se assim cada vez mais aquela alta expressão de dignidade humana e aquele feito aparentemente agreste que foi o seu até o último instante, e que tão bem se mostra, pela última vez, naquela curiosíssima entrevista de dois dias antes da sua morte. Ao mesmo tempo, têm sido divulgadas várias cartas suas a amigos e escritores, como fez domingo último "O Jornal" com duas delas, das mais características, dirigidas a Jayme Adour da Câmara, a propósito do incidente de sua não-entrada para a Academia. Numa das cartas, Lobato se refere explicitamente à sua famosa entrevista concedida à REVISTA DA SEMANA, e da qual resultou aquele incidente. Essa entrevista, aliás, se acha no volume "Prefácios e entrevistas", por sinal um dos mais interessantes das suas obras completas, editadas pela



Graça Aranha, um dos desertores da Academia, figurando também na foto seus amigos Ronald de Carvalho e Renato de Almeida.



BOM HUMOR



ECOS DAS COMEMORAÇÕES DO 14 DE JULHO



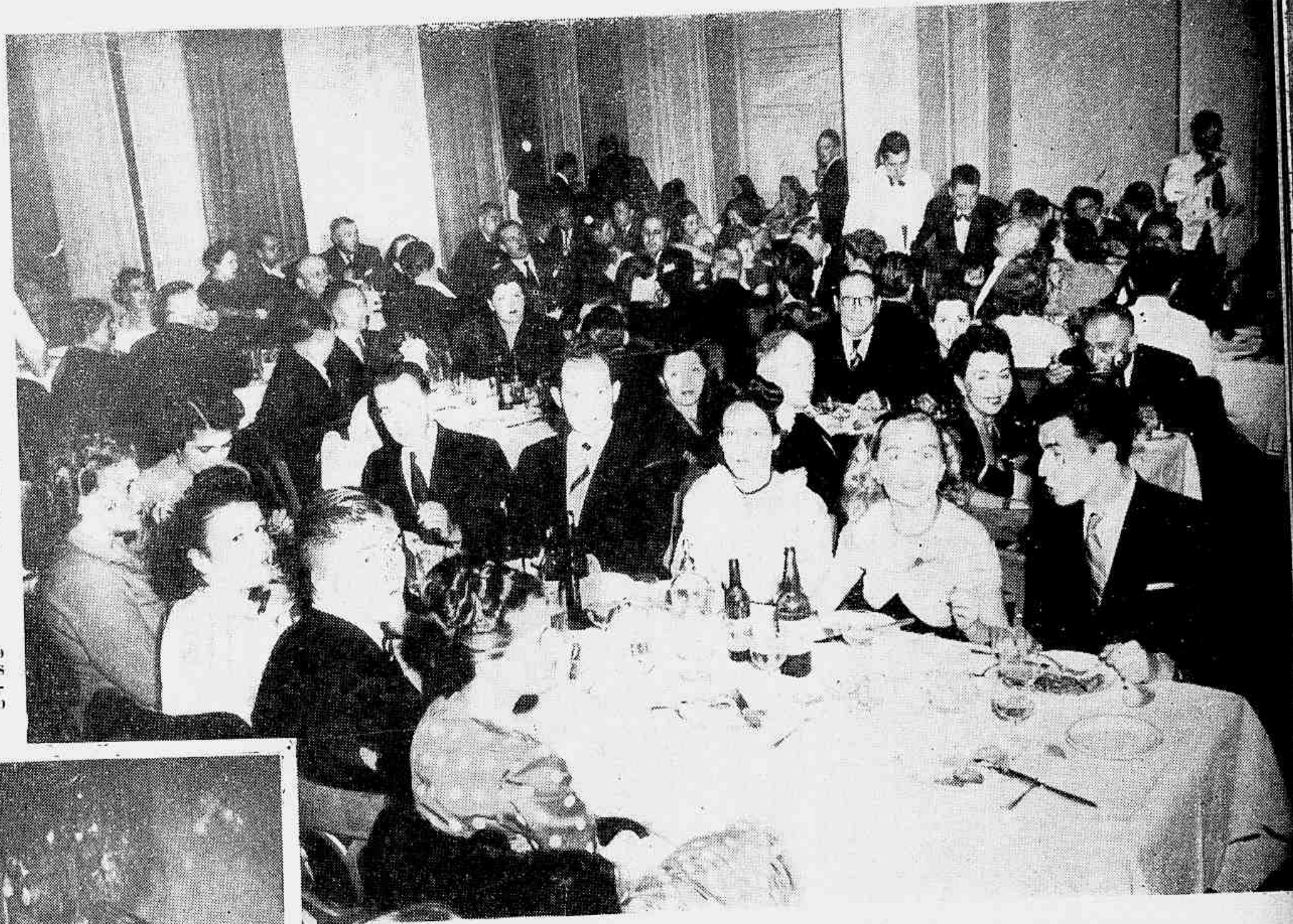
Grupo formado no salão nobre do Esplanada Hotel, por ocasião do baile de gala ali realizado, destacando-se o Cônsul Geral da França em São Paulo, sr. Roberto Valeur e exma. esposa, o dr. Mauricio Demolein, presidente da Sociedade de Beneficência "14 de Julho", rodeados por Cônsules de diversas nações, radicados em São Paulo.

A Colônia Francesa de São Paulo comemorou este ano com solenidades de excepcional brilhantismo a data máxima da grande República pioneira da civilização.

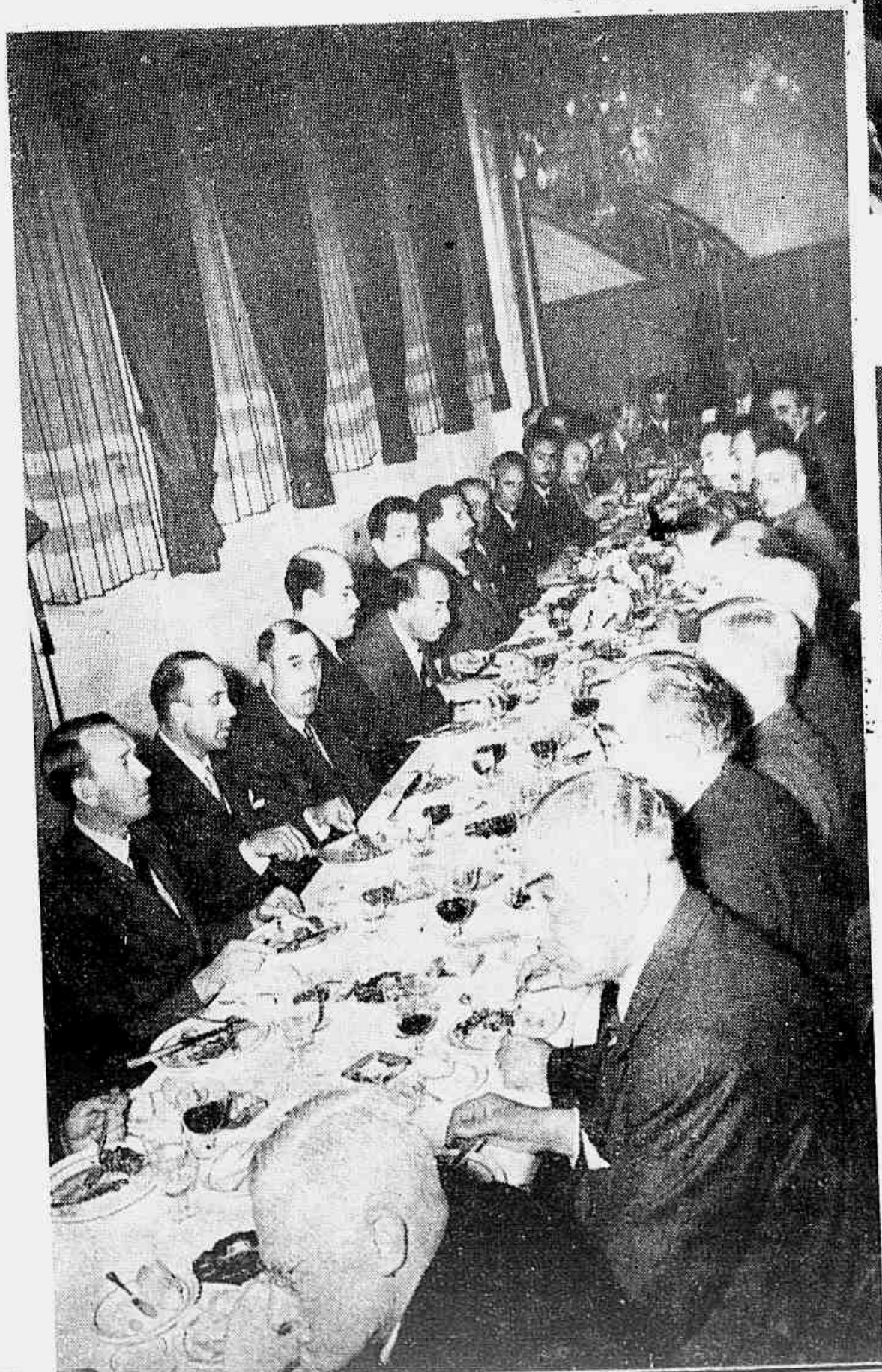
O programa das festas com que os franceses reviveram os feitos gloriosos da queda da Bastilha — acontecimento histórico de grande importância e expressão na vida da humanidade e marco inicial de uma era de Liberdade e Fraternidade dos povos — constou de duas partes distintas: recepção e banquete no Automóvel Clube, promovido pelo cônsul geral em São Paulo, sr. Roberto Valeur, o baile de gala nos salões do Esplanada Hotel, sob patrocínio da Sociedade de Beneficência "14 de Julho", da qual é presidente o dr. Mauricio Demolein, banqueiro e diretor da Caixa Geral de Empréstimos, sendo das aludidas solenidades os aspectos fotográficos com que ilustramos esta página.

★

Aspecto do banquete realizado nos salões do Automóvel Clube, oferecido às autoridades paulistas pelo Cônsul Geral da França, sr. Roberto Valeur, que aparece no clichê ao lado do Governador Ademar de Barros.



Aspecto da mesa do dr. Mauricio Demolein, Diretor da Caixa Geral de Empréstimos e presidente da Sociedade de Beneficência "14 de Julho", patrocinadora do baile, rodeado de pessoas amigas.



REVISTA

MARIELLA LOTTI VEM AO BRASIL



Em vez de entrar para um convento, como foi anunciado, Mariella Lotti, a pequena italiana, que teve um caso com o ex-rei Miguel, da România, virá ao Brasil no corrente mês, sendo possível que sua presença no Rio coincida com o lançamento do seu filme "O cavaleiro negro", em que aparecem Carlo Ninchi, Roberto Villa, o veterano Alberto Capozzi (ídolo de há trinta anos atrás) e Ernesto Almirante. Ou, então, "Sublime recordação", em que foi dirigida por Lattuada, de "O Bandido".

VOCÊ SABIA QUE...

... Barbara Bates, que a Warner Brothers apresenta em "April Showers", é considerada presentemente uma das maiores belezas de Hollywood?

... que Esther Williams está novamente de "maillot", a bordo das niscinas, em "Daughter of Neptune", com Ricardo Montalban e Betty Garrett?

... que um grande elenco de que fazem parte Janet Leigh, Judy Garland, Ann Sothorn, Vera-Ellen, Tom Drake e Mickey Rooney está escalado para interpretar o novo musical da Metro, "Words and music", em technicolor?

... que a famosa cantora lírica Lotte Lehmann aceitou um papel no filme "Big City", ao lado de Margaret O'Brien, Robert Preston, George Murphy, Edward Arnold e Butch Jenkins?

... que Wanda Hendrix não tem mais mãos a medir e está fazendo um filme atrás de outro, sendo o último "The Tatlock Millions", com Robert Stack, John Lund, Barry Fitzgerald e Monty Woolley?

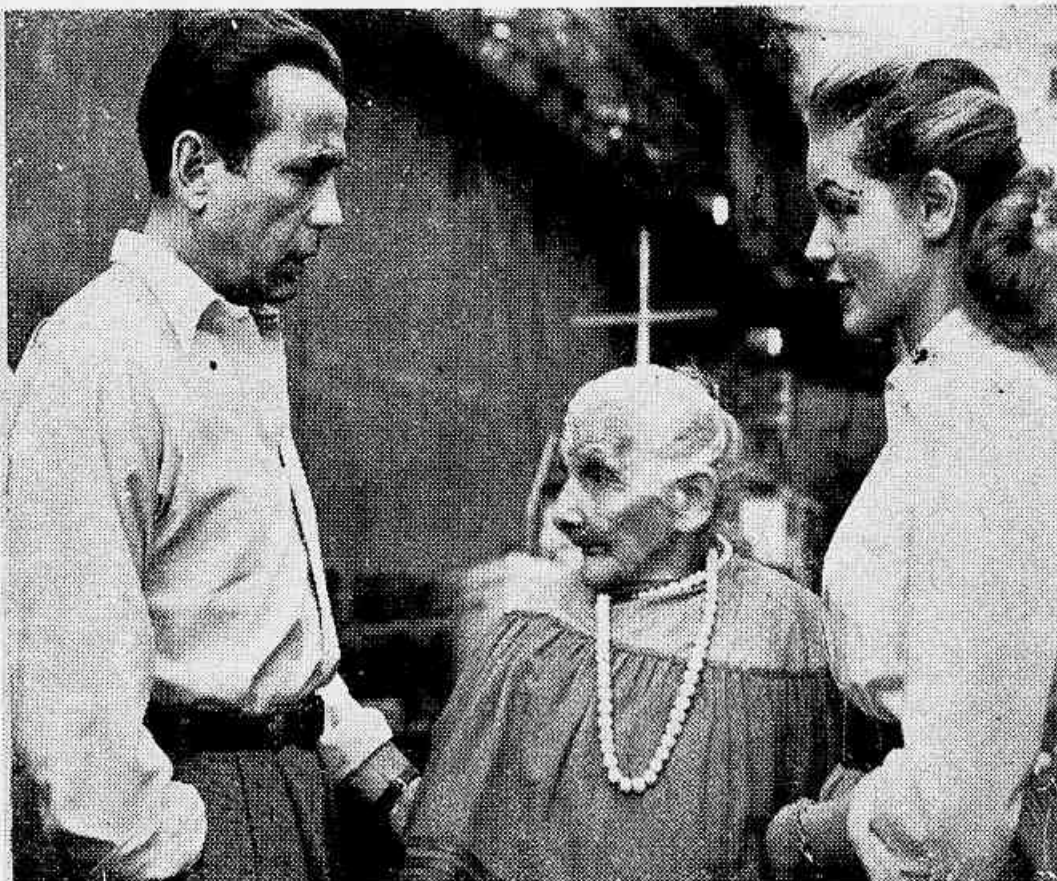
A COLABORAÇÃO FEMININA NO CINEMA INGLÊS

A colaboração feminina se amplia no cinema inglês. Agora mesmo temos uma prova disso na filmagem da produção da Associated British-Anatole de Cruinwald, "Bond Street", rodada no Welwyn Studios. A "production manager" Isabel Pargiter, é uma das pouquíssimas mulheres a ocupar tal cargo, sendo mesmo a única na produção de filmes de ficção britânica, se bem que haja uma ou duas mulheres que trabalhem em funções idênticas na produção de filmes documentários. O Departamento de Arte também ofereceu oportunidade a várias mulheres, inclusive Angela Tremayne, assistente de diretor, e Nancy Noble, auxiliar. Nancy serviu nas forças armadas durante a guerra, recebendo uma pensão do governo para continuar seus estudos.

DA ESCOLA DE MEDICINA PARA O ESTRELATO CINEMATOGRAFICO

Anunciam de Londres que Beatrice Campbell, a última descoberta da Associated British e que já adquiriu grande popularidade, estudou medicina durante um ano, na Universidade de Belfast, antes de entrar para o cinema. Por coincidência, o primeiro papel de relevo desempenhado por Beatrice foi o da mulher de um médico, em "My Brother Jonathan", recentemente lançado pela Associated British.

A VIDA COMEÇA AOS 102 ANOS



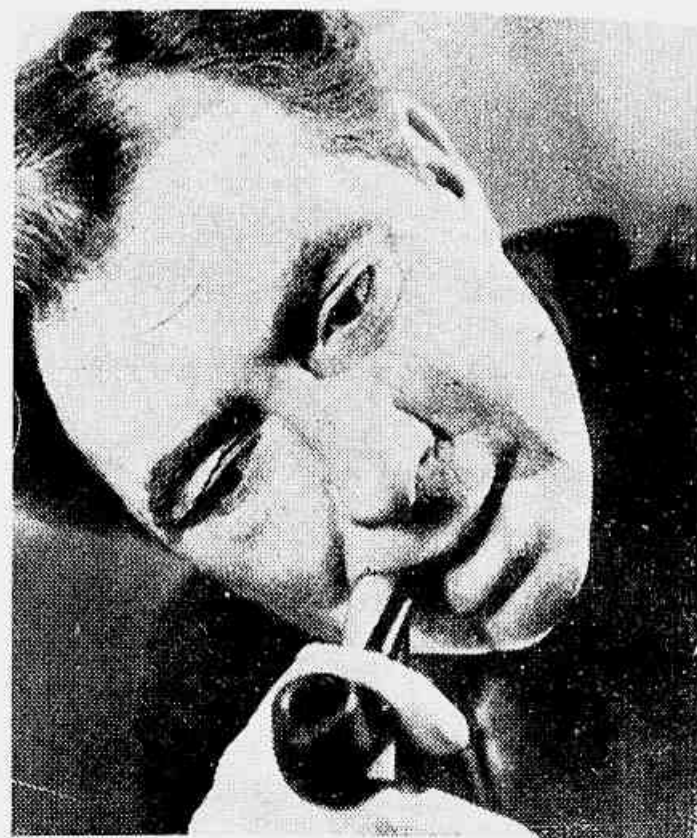
Durante a filmagem de "Key Largo", na Warner Brothers, Humphrey Bogart e sua esposa, Lauren Bacall, que também participa do filme, ficaram grandemente surpreendidos ao saber que, nessa película, estava estrelando no cinema, aos 102 anos de idade, uma atriz de sangue espanhol, chamada Felipa Gomez. Aqui estão eles, ao lado de Felipa Gomez, uma estrejante muito promissora. Depois desse fato, os diretores de Hollywood acharão muito justo que sujeitos cinquentões como William Powell, Charles Boyer, Gary Cooper, Sonny Tufts e outros continuem a fazer papéis de "mocinhos".

MAIS UM DA VELHA GUARDA QUE DESAPARECE

A morte de David Wark Griffith não privou o cinema de um elemento ativo. Há muitos anos ele estava aposentado, por velhice. Chegara ao limite de sua utilidade e entrara em plena senectude, ao contrário de outros homens de talento, que têm o dom de se conservarem jovens a despeito dos anos, como o glorioso George Bernard Shaw. Mas, com sua morte, desapareceu um homem que tinha um lugar marcado na história do cinema. Que muito contribuiu para o desenvolvimento dessa forma de diversão popular que, por vezes, consegue se elevar às alturas da arte. Ao surgir o cinema falado, sentiu-se perplexo. O cinema, para ele, e por ele, seria sempre a "arte muda". Habitado a lidar com atores silentes, forçando a representação pelo exagero dos gestos, sentiu-se desambientado, traído, — e em 1930 anunciou o seu afastamento das atividades cinematográficas. Talvez esperasse, como muita gente ingenuamente esperou, que o cinema falado fosse uma simples curiosidade, uma moda, uma coisa que o público toleraria a princípio, mas repeliaria, depois, como os filmezinhos de "audioscopia". Enganou-se. Aos cinquenta anos de idade, ele tinha setenta. Estava esgotado, velho, cansado, sem compreensão para as coisas novas. A David Wark Griffith o cinema devia, no entanto, um grande avanço. Foi ele quem, depois de uma experiência malograda no filme italiano "Cabiria", primeiro utilizou o "traveling", ou seja, a câmera em movimento. Foi o primeiro a usar o plano aproximativo, em detalhe, conhecido como "close-up". Foi o primeiro a utilizar a luz artificial, a fazer sobre-impressões e fusões, a criar uma "gramática do cinema". Mas, sobretudo, sua importância na história do cinema é a de suscitador de talentos, de animador de vocações novas. Mais importante do que seus filmes, "Nascimento de uma nação", "Intolerância", "O lírio partido", "A rua dos sonhos", etc., foi a equipe que ele ajudou a formar. Eisenstein e Pudovkin só ingressaram no cinema russo por influência de seus filmes. Entre os atores que ele revelou estão Lillian Gish, Dorothy Gish, Carol Dempster, Walter Huston, Donald Crisp, Richard Barthelmess, Mary Pickford, Charles Chaplin, etc. Entre os seus ajudantes, os que com ele se iniciaram no cinema, estão Eric von Stroheim, Jack Conway (que nos deu um "Viva Villa"), W. S. Van Dyke (que nos deu um "Sombras brancas nos mares do sul"), um Victor Fleming (que nos deu uma "Ilha do Tesouro" e um "...E o vento levou..."), além de outros, incontáveis, que se aplicaram em vários setores, contribuindo para o progresso do cinema. Por tudo isso é que o velho e teimoso inimigo do cinema sonoro tem um lugar indisputável na história do cinema. — MICKEY

ROBERT NEWTON

UMA FIGURA DO CINEMA INGLÊS



ROBERT Newton iniciou-se no teatro com apenas 14 anos de idade, tendo tomado parte em grandes peças, nos maiores teatros ingleses. Depois, foi à África do Sul, onde fez "Bulldog Drummond" e outros papéis, regressou à Inglaterra, surgiu em "The Perfect Tilt", depois em "White Cargo", e mais tarde apareceu no People's National Theatre. Depois fez "A carta", com Gladys Cooper, e com Tallulah Bankhead em "Cardboard Lover". Na América representou "Private Lives" e ao regressar de Hollywood apareceu com Ivor Novello em "I lived with you". Laurence Olivier deu-lhe o primeiro trabalho cinematográfico no filme "Fire over England" e, em seguida, em "Farewell Again" e "Dark journey", "Estalagem maldita", "Maria Antonieta" e "O castelo do homem sem alma" foram outras grandes apresentações cinematográficas de Robert Newton. Os mais recentes trabalhos do notável ator inglês para o cinema são: "Condenado", "This happy breed", "Henrique V" e "Porto da tentação". O primeiro desses filmes foi exibido o ano passado aqui no Rio, e "O porto da tentação" aqui será apresentado em breve.

UMA BIOGRAFIA FEITA NA FRANÇA



O filme francês "D'hommes à hommes", que Christian Jacques acaba de realizar, é uma biografia de Henri Dunant, ao mesmo tempo que a história da fundação da Cruz Vermelha Internacional e dos homens que o ajudaram nessa cruzada de sadio e nobre idealismo. O papel central é interpretado nesse filme por Jean-Louis Barrault, um dos melhores atores do teatro e do cinema francês. No elenco estão Maurice Escande, Helene Pedriere, Abel Jacquin e outros atores de renome.

DESDE o dia em que me interessei pela campanha do cinema francês desejava entrevistar Jean Grémillon. Perguntara a um escritor amigo do grande cenarista de marcar um encontro com ele. Poucos dias depois de ter feito este pedido, recebi um telefonema:

— Falei com Grémillon que convidou você a assistir a uma espécie de entrevista coletiva que dará no seu escritório amanhã de manhã. Lerá o cenário de "A Primavera da Liberdade", o filme que lhe foi encomendado pelo Governo para comemorar a revolução de 1848 e que nunca poderá ser filmado.

— Porque?

— Por uma série de circunstâncias que ele explicará. Assim você terá oportunidade de se dar conta de que teria sido este filme, e, ao mesmo tempo, de marcar um encontro com Grémillon.

O PROBLEMA DO FILME HISTÓRICO

Quando sentamos, Jean Grémillon começou por confessar seu desânimo. Trabalhara durante um ano na preparação do seu primeiro filme histórico. Estudou não somente os fatos da revolução de 48 como também o ambiente. Queria reconstruir o faubourg Saint Antoine, os ateliers de marcenaria, os salões dos banqueiros. Fazia questão de respeitar os acontecimentos e os homens. Queria também interessar o público em um momento histórico muito mal conhecido, sem fazer concessões mas sem nunca esquecer que era preciso ser compreendido e ouvido. Enfim, resolvera ligar a ação histórica geral à uma ação dramática particular. Como explicara Pierre Kest no estudo que publicou sobre "A Primavera da Liberdade", o problema poderia ser definido da maneira seguinte: "Necessidade absoluta de enredar em uma ação

mentos os sublinharia em lugar de os enfraquecer, preparara um verdadeiro filme histórico, com toda a responsabilidade que isto implica e que teria certamente empolgado as massas.

E quando acabara o trabalho de um ano, quando tudo estava pronto, soube repentinamente, que o Governo resolvera retirar os créditos prometidos! Durante o ano de esforços para a preparação do filme, a importância exigida para realizá-lo tinha dobrado. O Governo mudou de idéia, e acabou resolvendo retirar todos os créditos destinados a esta comemoração de 1848. O filme preparado nunca será filmado!

— Estou me sentindo como um homem que acaba de receber um violento golpe na cabeça. Estou ainda meio tonto. Tantos esforços, tanto entusiasmo... E "A Primavera da Liberdade" não será filmada nunca! E é porque foi uma sabotagem organizada, uma injustiça, que os convidei hoje a assistir à leitura do cenário do filme. Será um testemunho.

E Grémillon pegou num impressionante maço de papéis e começou a ler a descrição do cenário do começo do filme.

A LEITURA DO FILME

Confesso que fiquei assustada durante os primeiros minutos. Tinha a impressão que jamais suportaria duas ou três horas de leitura de um filme, quer dizer uma obra que deve ser vista. Como ia ser possível ler ao mesmo tempo os diálogos, descrever as mudanças do cenário, explicar os gestos que se sucediam sem cansar os ouvintes?

Muito rapidamente, fui empolgada e comeci a "ver" as personagens se movimentarem diante dos meus olhos e quando acabou a leitura conhecia o filme. Hoje tenho a impressão de tê-lo visto e



Jean Grémillon, durante uma filmagem de seu filme "Lumière d'été".

ESTÃO MATANDO O CINEMA FRANCÊS!

A LEITURA DE UM FILME QUE JAMAIS SERÁ EXIBIDO — "A PRIMAVERA DA LIBERDADE", PREPARADO POR JEAN GRÉMILLON PARA COMEMORAR A REVOLUÇÃO DE 1848 — A VERDADEIRA CONCEPÇÃO DO FILME HISTÓRICO — CONVERSANDO COM JEAN GRÉMILLON SOBRE A CAMPANHA DO CINEMA FRANCÊS

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Por YVONNE JEAN

dramática personagens capazes de seduzir e transportar o espectador sem deixar de respeitar as relações históricas verdadeiras, que podem existir entre indivíduos aparentemente livres, e acontecimentos históricos que se desenvolvem abaixo e fora deles.

Grémillon já preparara a reconstrução do Faubourg Saint Antoine, onde se desenvolveram as batalhas sangrentas entre o povo e o exército encarregado de reprimir a revolta. Já encontrara um lugar admirável para a última batalha que se travou entre carreiros de pedras. Léon Barsacq preparara maquetes. Arlette Thomas e Michel Souquet foram escolhidos para os dois papéis principais. Os diálogos foram escritos, corrigidos, recomendados. Grémillon conseguira, finalmente, a atmosfera, a reconstrução de uma época, o romance que, ligado aos aconteci-

direi como o crítico Georges Sadoul que também assistira a esta leitura: "Acabo de ouvir o novo filme de Jean Grémillon, "A Primavera da Liberdade" e ainda estou transtornado pela beleza das imagens, a amplitude dos movimentos de multidões, a pureza e a chama dos heróis".

Sim, vimos o filme, vivemos um momento de história e acompanhamos seus heróis. Espero que o contaria deste filme será publicado para que, já que a realização do filme parece impossível no momento, o público possa se dar conta de que ele teria sido e da grande injustiça que foi feita ao cenarista Grémillon e para que vibre, como vibrei e como todos que estavam presentes a essa leitura vibraram, ouvindo e imaginando as aventuras de François e Jean, os dois jovens operários simples, honestos e desejosos de serem felizes e cujo casamen-

to estava marcado para o dia em que rebentou o grande choque armado entre os franceses de 1848.

Não posso resumir aqui uma história cujo fundo constante é a história e que teria medo de trair, omitindo um único pormenor pois é digno de todo o respeito o momento que custou tantas vidas, um momento tão fértil em injustiças mas que não abalou a fé na vitória final dos que se agruparam em torno da simbólica árvore da liberdade, desta árvore cujas raízes fortes permitiram ao jovem casal de se salvar agarrando-se a elas após já se terem dado o último beijo da eterna despedida.

COM JEAN GRÉMILLON

Quando encontrei Jean Grémillon alguns dias mais tarde, falei da minha emoção e ouvi-o novamente falar em seu de-

sânimo, na sua incapacidade de acreditar ainda que uma obra que tudo representava para ele não seria nunca vista pelo público.

— Acho o assunto tão universal que não há nenhuma razão para que não seja filmado mais tarde, independentemente das comemorações de 48, insisti. Será um grande filme.

Jean Grémillon parecia ter perdido qualquer esperança de jamais chegar a realizar concretamente sua obra e apressei-me a mudar de assunto e pedir-lhe o que pensava da campanha de salvaguarda do cinema francês.

Repetiu, como quase todos que interoguei à respeito, sua satisfação da participação do público na campanha.

— Os atores, os técnicos vêm clara-

(Cont. na pág. 57)



A esquerda: — Detalhe de "L'étrange Monsieur Victor", filme de Jean Grémillon, com o saudoso Raimu. A direita: — Momento de "Remorques", filme de Jean Grémillon, com Michèle Morgan.

COUBE-LHE por sorte nascer de uma das mães mais rigorosas da Inglaterra. Susana Wesley, filha de um capelão não-conformista, recusava poupar os corpos de seus doze filhos no afã de salvar-lhes as almas. Era o general de um exército de pequenos soldados cristãos. Para Susana a batalha nunca chegava a ser dura de mais. Ela própria fora a vigésima-quinta filha de seu pai. Subindo das filas ao posto de comando, aprendera o credo da sobrevivência. E agora o punha em prática nos seus recrutas. "Quando completavam um ano (e alguns antes), eram ensinados a temer a vergasta e a chorar baixinho, forrando-se assim à punição abundante que de outro modo receberiam; e raramente se ouvia na casa a odiosa bulha de crianças a chorar".

Aos cinco anos, cada filho tinha o prazo de um dia para aprender as letras do alfabeto. Então o ensinavam a soletrar o primeiro capítulo da Bíblia. "No princípio criou Deus o céu e a terra"... Esse o primeiro tema de sua educação mental e moral. No sexto aniversário, as crianças tinham que passar seis horas por dia em aula, estudando a teologia cristã. Uma vez por semana, Mrs. Wesley matinha uma conferência particular com cada filho. "E' quase incrível", observava ela, "quanto uma criança pode aprender em um trimestre, mediante firme aplicação, tendo uma capacidade apenas mediana, e boa saúde".

Seu filho John foi o décimo-quinto de seus alunos. Se os outros rezavam estrepitosamente para alcançar a salvação e o céu, John foi literalmente arrancado ao fogo do inferno. Pois, quando era ainda uma criança, o vicariato incendiou-se. Todos os outros foram retirados a salvo da casa, mas Johnny ficou esquecido na confusão. Passou-se algum tempo antes que fosse notada a sua ausência e o vigário se lançou às chamas para salvá-lo. Wesley nunca esqueceu o quanto estivera perto de cair nos braços do demônio. Sentia que sua experiência pessoal era um testemunho vivo da redenção.

II

Aos dez anos entrou na Charterhouse School e aplicou-se ao estudo com a conscienciosidade de um jovem cujo pai era o vigário de Epworth, e cuja mãe sabia latim e grego. Trazia sobre os pequenos ombros o peso dos pecados do mundo. Não importava que outras almas, "menos inocentes", passassem na escola uma infância descuidada. O filho de Susana Wesley sentia que os seus dez anos eram simples acrescentamentos às responsabilidades acumuladas da raça humana. Assim como uma criança pode herdar os feios traços físicos de seus antepassados, do mesmo modo — acreditava Wesley — ele herdara as feias imperfeições morais da humanidade inteira.

Não teve infância. Aos dezessete anos, sentia-se um homem velho. Entrou para a Igreja de Cristo, de Oxford, e afeiou o seu proceder às diretrizes de Deus. Referia em cartas à mãe o seu horário quotidiano de meditação e prece. Podia ter formulado a regra de ouro: "Faz ao Senhor o que desejarias que o Senhor te fizesse".

Graduou-se, entrou como Companheiro no Lincoln College, adestrou-se na "honesta arte da lógica" e, seguindo a trilha paterna, aceitou um vicariato numa paróquia rural.

Mas descobriu que não tinha pendor para a guarda de um rebanho. Comparada com os árduos estudos teológicos do seu quarto em Oxford, a vida simples do sacerdote de aldeia era uma perda de tempo no ócio e na indignidade. Voltou para Oxford, resolvido a levar uma existência de pia recusação. Só a companhia do Senhor Deus quadrava ao impulsivo e ambicioso jovem. Não queria nenhuma comunicação com o mundo. Seu desejo era comunicar-se unicamente com o Criador do mundo. Mas um dia lhe caiu nos ouvidos uma observação casual — simples comentário de um dos mais insignificantes entre os seus poucos amigos. "Mr. Wesley", disse o homem, "parece-me que, para servir a Deus, precisais de companheiros. A Bíblia não conhece religião solitária".

Uma reflexão singela e desprezível. No entanto, possuía a força da verdade criadora. Pois nesse dia rasou um São Francisco inglês.

A VIDA DE JOHN WESLEY

FUNDADOR DO METODISMO

(1703-1791)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

III

Uma viagem a Londres proporcionou-lhe a primeira missão "entre os homens". Trouxe relações com um dos soldados de Marlborough — John Oglethorpe — homem de consciência social tão aguda como o fio da sua espada. Oglethorpe propunha a fundação da colônia da Geórgia no Novo Mundo, e o seu povoamento pelos párias do Velho Continente — devedores ingleses amontoados em prisões inundadas, protestantes alemães desterrados de Salzburg pelo arcebispo, e outros deserdados da família humana. Pediu a Wesley que fosse o pastor do "rebanho reagrupado" na nova colônia, e também que desempenhasse o papel de missionário entre os índios. E o jovem pedagogo oxoniano aceitou pressurosamente a oferta. Tomou passagem no *Simmonds*; e a travessia, que durou em dias, teve os seus ângulos românticos a par dos aspectos religiosos. As moças que iam a bordo eram particularmente atraídas à devoção pela formosura do pastor. E muitas se apaixonaram loucamente pelas "perfeições cristãs" dele.

Também na América, as asperidades do seu trabalho foram suavizadas pela magia do romance. Enamorou-se de Sophia Hopkey, a bela sobrinha do magistrado colonial. Instruía-a diariamente no francês e na religião, ansiando por ampliar o programa de ensino com um curso de amor. Uma noite em que a acompanhava à casa do tio, sentou-se ao lado dela nas sombras e timidamente se abalou a formar planos para o futuro de ambos — no silêncio da imaginação. Não podia resolver-se a traduzir em palavras o seu arrojado.

Mas John Wesley sabia mais da estabilidade do céu que da variabilidade da

terra. Enquanto cobrava lentamente coragem para declarar-se, a moça concedeu a sua mão a outro. O pastor cantara-lhe salmos quando ela suspirava por canções de amor. Num assomo de desarrazoada mágoa ante a "inconstância" de Sophia, excluiu-a dos serviços religiosos. O marido, em represália, agitou contra o pastor as iras dos paroquianos.

Era fácil levantar contra Wesley os georgianos descontentes. Pois os frutos de sua missão evangelizadora "entre os homens de Deus" começava a amargar-lhes na boca. O primeiro ato oficial do pastor fora rebentar um barril de uísque, que haviam trazido da Inglaterra. Wesley impunha rigidez nos serviços religiosos e punia com mão de ferro toda infração do código moral. Seus fiéis andavam resmungando que o antigo cativo na prisão dos insolventes era mais desejável que a nova "condenação à cadeia perpétua da salvação". Queixavam-se que o jovem pregador procurava influir-lhes, não só nas almas, como também na bolsa. A maior fonte de lucro nas colônias meridionais era a proporcionada pela escravatura. E o ardente jovem incentivava os exploradores do trabalho escravo. Um perigoso perturbador da ordem.

"Basta de ingerência em nossos negócios!". O rebanho estava resolvido a descartar-se de seu "molesto" pastor. Wesley foi processado perante um Grande Júri composto de "um francês que não entendia o inglês, um católico romano que não entendia o anglicanismo, um incrédulo declarado, quatro batistas e dezesseis dissidentes".

Pouco antes do julgamento, sem embargo, John Wesley evadiu-se durante a noite e embarcou para a Inglaterra. Des-

IV

Após breve período de cinismo, enxergou mais uma vez a trilha simples do dever. Começou a frequentar uma seita de revivalists alemães denominados Morávios. Diziam-lhe eles que cessasse de procurar sinais exteriores de êxito ou malogro no cumprimento da missão de Deus. Declaravam que a prova do poder de Deus estava na fé do homem. E, ao meditar sobre esses conceitos, as últimas palavras de seu pai, Sam Wesley, voltavam-lhe com força irresistível. Qual era a verdadeira pedra de toque da religião cristã? "O testemunho interior, meu filho, essa a prova, a mais poderosa prova do cristianismo". O povo da Geórgia, concluía John Wesley, era simplesmente o produto de uma era tornada intolerante ao seu eceticismo bonachão. Na época de George II e Voltaire, os sacerdotes "crentes" da Igreja da Inglaterra, não menos que os sacerdotes laicos da descrença, demonstravam com suas ações que desaparecera a fé viva no Criador. O Senhor tornara-se a encarnação da "doce equanimidade". Não passava de um avô benévolo e impotente, incapaz de influenciar a vontade inexorável da geração nova — os adeptos da ciência natural. Ficava a um canto, sentado na cadeira de rodas — o símbolo da santidade da família, a reliquia sentimental da antiga obediência. Mas todos reconheciam que Ele se convertera numa obrigação um tanto penosa. O mundo prestava-lhe reverência exterior. E continuava a dançar, pela sua própria música egotista.

Os profetas que tinham falado por Ele estavam mortos havia séculos. Os matemáticos, anatomistas, generais e libertinos eram os orientadores da nova ordem. O mundo, sem dúvida, aprendera havia muito a amar os profetas legendários. Mas toda a gente ficaria terrivelmente embaraçada se os visse ressuscitados — vigorosos, ardentes e implacáveis como outrora. O mundo teria dificuldade em arranjar-lhes pousada para a noite — quanto mais um treno.

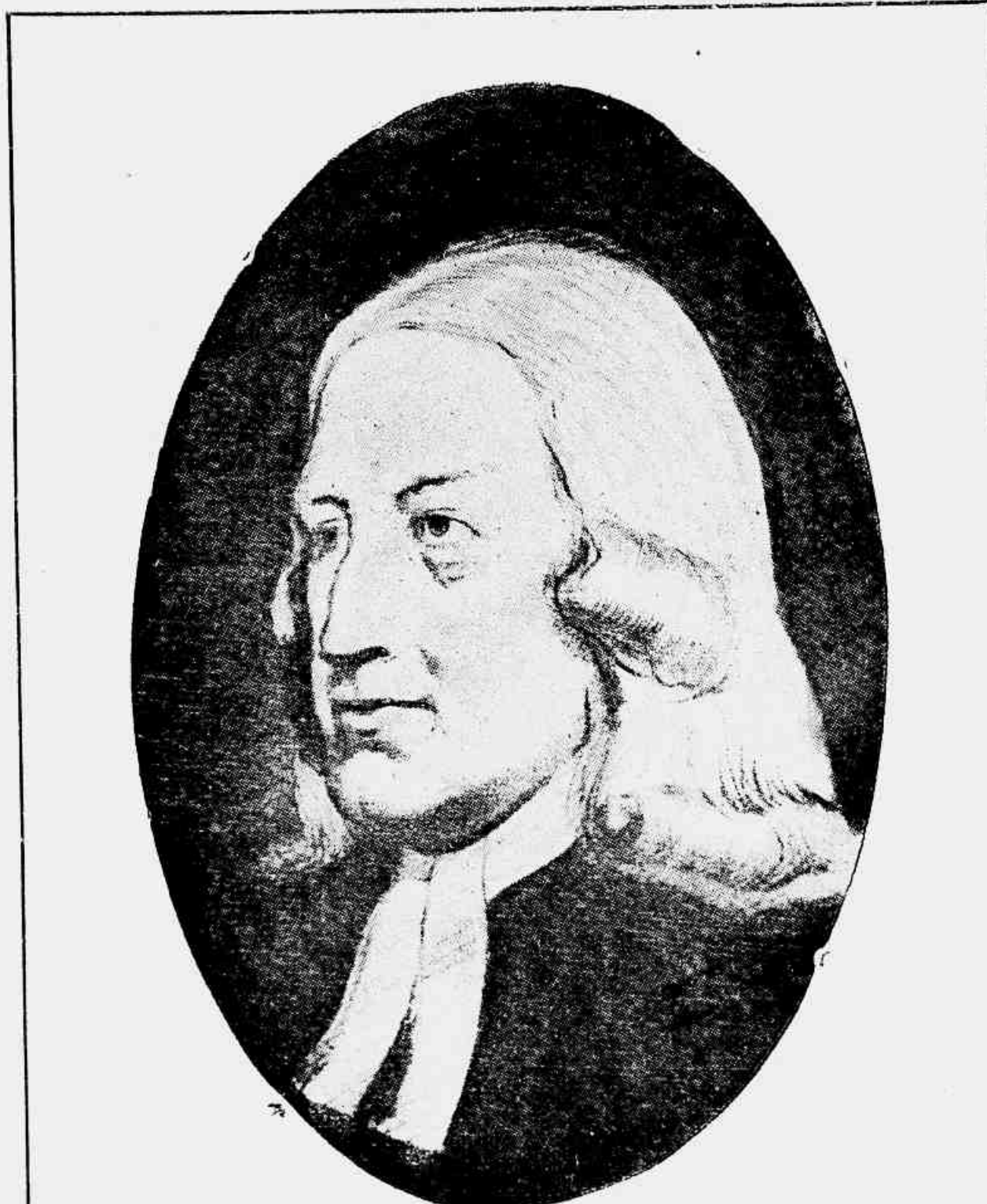
John Wesley conhecia por experiência própria a capacidade que tinha o mundo para escarnecer de quem tomasse a religião a sério. Nos seus tempos da Oxford ele formara, com seu irmão Charles, um "Grêmio Santo" de jovens devotos que se reuniam para discutir os seus problemas espirituais e traçar planos de renovação do entusiasmo religioso entre os colegas. O clube veio a ser objeto de irrisão de toda a universidade — tanto dos professores como dos alunos. Os membros da agremiação foram batizados de "Fanáticos da Bíblia" e "Traças Bíblicas". Mas os irmãos Wesley levaram avante sua obra. Visitavam as prisões e distribuíam esmolas entre os pobres de Londres. Observavam jejuns rigorosos e viviam frugalmente, despertando o riso da gente distinta, que se havia entregado a uma licenciosidade tropical depois das neves da intransigência puritana do tempo de Cromwell.

O destino dum profeta em semelhante época não poderia ser um mar de rosas. Mas, uma noite, John Wesley regressava de uma reunião religiosa em Aldergate Street. Era primavera; fazia apenas cinco meses que ele fugira da Geórgia. E nessa noite primaveril resolveu dedicar-se à carreira de profeta.

V

O companheiro de Wesley, George Whitefield, eletrizara os camponeses da Inglaterra montando num cavalo e pregando ao ar livre. Ia inteiramente contra as convenções e dirigir a Palavra de Deus a cinco mil aldeões vindos de milhas ao redor — homens e mulheres sentados nas falésias da montanha ou encostados em ár-

(Cont. na pág. 55)



JOHN WESLEY

BROADCASTIST



Oranice Franco parou com as novelas. Não que as mesmas lhe desagradassem. É que seus novos afazeres, não o permitem. Cabe-lhe preparar a edição matinal do jornal falado que a PRE-8 transmite, assunto esse que toma as cinco horas de atividade do criador de tantas histórias interessantes.

ESTABILIDADE NÃO RESOLVE!

Atila Nunes, decano dos locutores cariocas, desligou-se do "cast" das "emissoras associadas". Colocando à margem a questão de estabilidade, o veterano radialista trocou o lugar de diretor artístico da PRB-7 pelo de produtor de programas da PRC-8. A segunda lhe ofereceu maiores vantagens. Na troca efetuada, o conhecido locutor perde dezesseis anos de intensa atividade ao microfone da Tamoio, sabendo-se que seu ingresso nessa estação, data de 1932, quando aí estreou com um programa particular, ao tempo em que a mesma pertencia aos irmãos Sá Freire. Atila Nunes lançará, em sua nova emissora, "Clipper Guanabara", programa de audição que reunirá figuras populares do "broadcasting" nacional. Com essa atração, ele retorna ao contacto direto com o público frequen-

tador dos auditórios, tal como nos áureos tempos da Educadora, em que tinha sob sua responsabilidade a apresentação de "Surpresas B-7".

MAIS UM DRAMA DA VIDA

Raimundo Lopes acaba de produzir sua quinquagésima novela, gênero em que se tornou conhecido do grande público ouvinte. A história em aprêço, intitula-se "Um rosto na sombra", tendo como principais intérpretes, Urbano Lões, Daisy Lucidi, Teixeira Pinto, Lucia Delor, Hemílio Fróis e demais integrantes do "cast" de rádio-teatro da PRE-3. Esse original do autor de "O Mundo dá tantas voltas", é o terceiro que escreve para a Globo, da qual se tornou exclusivo no decorrer deste ano. De Raimundo Lopes é, ainda, o "script" de Aquarela Sertaneja, programa que focaliza coisas e aspectos do interior brasileiro.

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Quando César de Alencar chegou do Ceará, raríssimos foram aqueles que acreditaram no seu sucesso como animador de programas. Um tanto encabulado, começou com programas pequenos, na PRA-3. Hoje, uma das primeiras figuras com que conta a Rádio Nacional. O programa que tem seu nome, é um dos mais concorridos daquela estação. Daí, César de Alencar melhorá-lo de dia para dia, com atrações de indiscutível êxito. Aliás, todos os cartazes internacionais da PRE-8 estream através do "Programa César de Alencar", conforme acaba de acontecer com o cantor José Hernandez Valencia, considerado o idolo do povo cubano.

JULIO LOUZADA RESISTIU

A Rádio Guanabara prossegue na pesca de ídolos. Julio Louzada foi um dos elementos visados pela PRC-8. Resistiu, porém, o conhecido locutor da "Ave Maria". É que, ao ser conversado, ele levou em consideração os dez anos de PRB-7, apelando para que os mesmos fossem compensados com o pagamento de luvas correspondentes. Mas, não quis a direção da Guanabara aceitar a proposta, o que levou Julio Louzada a permanecer no seu velho posto, auxiliando Antonio Maria, atual responsável pela programação da Tamoio.

VARIEDADES

Grande Othelo assinou contrato com a Guanabara, devendo animar os principais programas de estúdio. "Acorrentada", novela de Gustavo Alberto, foi o recente lançamento da PRG-3, com Hamilton Ferreira e Haydée Vieira nos principais papéis. Esteve no Rio, onde veio tratar de interesses ligados à classe, o compositor Gomes Cardim. Falando a um vespertino, ele declarou achar absurda a filiação dos compositores paulistas ao Sindicato dos Artistas Plásticos. ★ Anselmo Domingos, ao encerrarmos este noticiário, estava em entendimentos com a Guanabara, a fim de produzir histórias em capítulos para essa emissora. Caso se concretize a mudança, é mais um desfalque para a Tamoio. ★ Rádio Mauá levou à efeito interessante concurso de gaitas de bôcas, o qual reuniu apreciável número de candidatos.



Uma inglesa conquista fãs cariocas — Esta é Mary Storm, cantora inglesa de "blues", que atualmente atua nas "boites" cariocas com grande sucesso, conquistando numerosos fãs. As nossas estações de rádio estão cobijando Mary Storm, um valor realmente digno de brilhar em nossas grandes emissoras.

ESTÁ MELHORANDO

EM matéria de locutores, o rádio brasileiro avançou noventa por cento.

Aquêles que, nos dias presentes, se dedicam ao ofício de locutor, não só o fazem pelas vantagens que a profissão oferece. Acima dos interesses pessoais, colocam o bom nome da radiofonia nacional, zelando para que esta não seja atingida pelas consequências desagradáveis de uma má apresentação. Com apreciável dose de conhecimentos aliada a não menor dedicação, a maioria de locutores do "broadcasting" carioca preenche, perfeitamente, as condições exigidas pelo cargo.

Ao responsável pela transmissão de um programa exige-se pronúncia clara e correta, sem inflexões exageradas. Este, tanto deve dar expressão a um texto de publicidade como mostrar vibração na leitura de um comentário de sent'ido patriótico. Não lhe deve faltar jocosidade na interpretação de uma página humorística, nem tampouco personalidade na leitura de uma crônica... E estas qualidades são fáceis de encontrar-se num Saint-Clair Lopes, num Aurélio Andrade, num Paul Brannini, num Carlos Frias e noutras tantas vozes a que nos habituamos a ouvir. Cónscios da responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros, esses palradores do rádio brasileiro, além de pronunciada dedicação à carreira que abraçaram, são donos de grande treino, dizendo com muita propriedade tudo quanto lhes cai às mãos.

Isto não quer dizer que o rádio esteja isento de maus "announcers". Ainda os encontramos, mas já em parcela diminuta. É possível, mesmo, que neste caminhar, aquêles que ocupam o microfone à custa apenas dos anúncios colocados na emissora, sejam retirados em benefício do bom nome do nosso "broadcasting". Porque, graças à melhor compreensão dos atuais dirigentes, os bons elementos já estão sendo levados a sério.

A. MIGUEIS



Esquecidas das lides radiotônicas, Marilú e Fernando Borel buscavam na paisagem adorável de uma estância, o descanso necessário para o espírito. Depois, a intérprete de nossas melodias populares embarcou para o Uruguai, permanecendo até hoje. Enquanto isso, Fernando Borel, depois de regular temporada ao microfone da Rádio Nacional, rumou para a Argentina, onde cumpriu importante contrato, antes de seguir para o México, a fim de participar de uma filmagem.

UMA GLÓRIA DO "BALLET" MODERNO

JACQUELINE MOREAU ESPERA VIR DANÇAR NO RIO

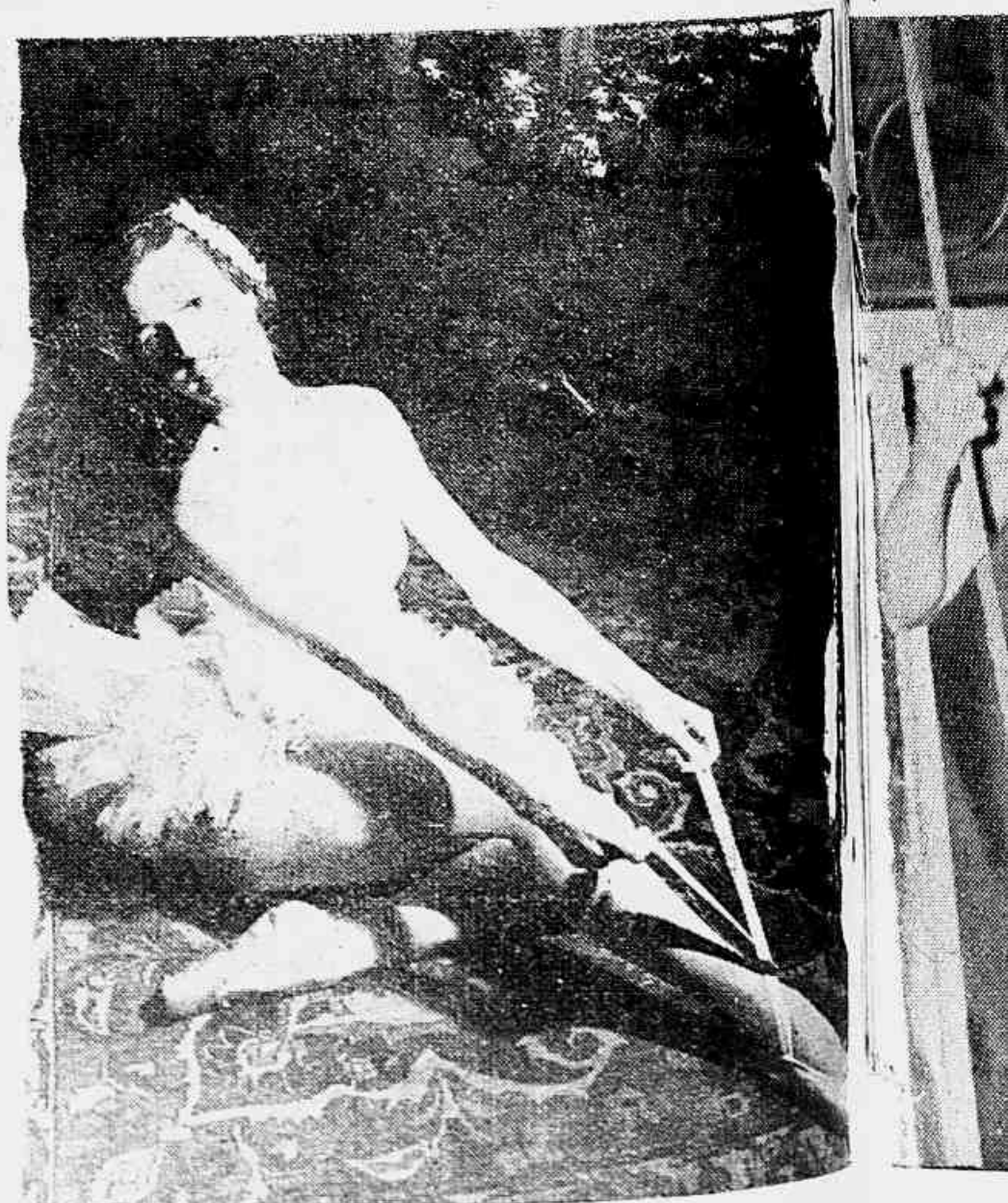
JACQUELINE MOREAU é uma nova glória do "ballet" moderno. É um produto da Escola de Dança da Ópera de Paris e acaba de se converter em primeira bailarina desse famoso teatro. A Escola de Dança da Ópera de Paris é extremamente rigorosa. É um templo de arte, no coração de Paris, onde fazem o difícil aprendizado da dança clássica, desde a mais tenra idade. Só depois de muito esforço obscuro, de muita luta anônima, pode uma jovem chegar a primeira bailarina. Este ano, uma jovem aluna desse curso foi promovida a "primeira bailarina", por um júri unânime. Simples e modesta, Jacqueline Moreau é uma encantadora jovem parisiense e sua maior aspiração é conquistar os aplausos de platéias internacionais, inclusive a do Brasil, pois espera vir dançar no Rio, com o elenco do "ballet" da Ópera de Paris. Ao ser anunciada a decisão que a beneficiou, ela disse:

— Meu sonho enfim se realiza. Eu me esforçarei para servir, o melhor que puder, à arte coreográfica, que amo acima de tudo.

Os dias de Jacqueline Moreau são sempre cheios: pela manhã, ela faz exercício de cultura física; depois, lê os principais jornais, especialmente as seções de teatro; vai, então, aos ensaios dos "ballets" da Ópera; e, entre uma coisa e outra, prepara ela própria suas refeições, pois é uma perita "cordon bleu". Seu "ballet" favorito é "Sylvia", de Léo Délibes, e sua maior ambição é se mostrar digna da plêiade de brilhantes artistas que têm pisado o palco da Ópera.



Nestas páginas aparece em várias atitudes a talentosa e encantadora artista Jacqueline Moreau, primeira bailarina da Ópera de Paris, por decisão unânime do júri. Ela é a primeira a dançar no famoso "ballet" da Ópera. Essas fotografias foram colhidas especialmente para os leitores da revista. Os fotógrafos da E. P. Press Agency.





a talentosa e enigmática artista Jacqueline Moreau, que acaba de ser elevada a
Paris, por decisão unânime do júri. Ela espera dançar brevemente no Rio, à frente do
foram colhidas especialmente para REVISTA DA SEMANA, em Paris, por um dos
fotógrafos da Eclair Press Agency.





MARGOT FONTEYN —
A grande bailarina in-
glêsa. no papel de rai-
nha do "Lago dos Cis-
nes"

H
A
B

C
Hou
próp
vari
do
sil,
"Ya
e fi
tass
bra
cas
pon
foi
loro
"Ic
vôc
dan
"ic
acc
tos
ce
C
Lo
e
"co
se
co
to
un
Re
He
un
at
en
no
m
fe
m
d
"
d
m
o
r
o
n
o
n
s
f

HERÓIS E ASSUNTOS DE BALLET

Por OLGA OBRY
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

QUAIS os assuntos que podem ser dançados, quem são os personagens suscetíveis de tornarem-se heróis de ballet? Houve muitas discussões a respeito. Com o próprio estilo da dança teatral também eles variam. Quando, há dois anos, a companhia do "Original Ballet Russe", do coronel de Basil, levou no palco do Municipal o bailado "Yara", com música de Mignone e cenários e figurinos de Portinari, houve quem protestasse contra o assunto: as sêcas do Nordeste brasileiro e o trágico êxodo das populações castigadas por este flagelo. Entretanto, do ponto de vista artístico, "Yara", sem dúvida, foi um sucesso. Controvérsias não menos acaloradas foram ouvidas a respeito do bailado "Ícaro", de Serge Lifar: "como poderiam o voo e a queda de Ícaro serem expressos pela dança?", diziam os pedantes. Não obstante, "Ícaro", bailado puro, quase sem música, acompanhado tão somente por uns instrumentos de percussão a acentuar-lhe o ritmo, venceu e ficou no repertório.

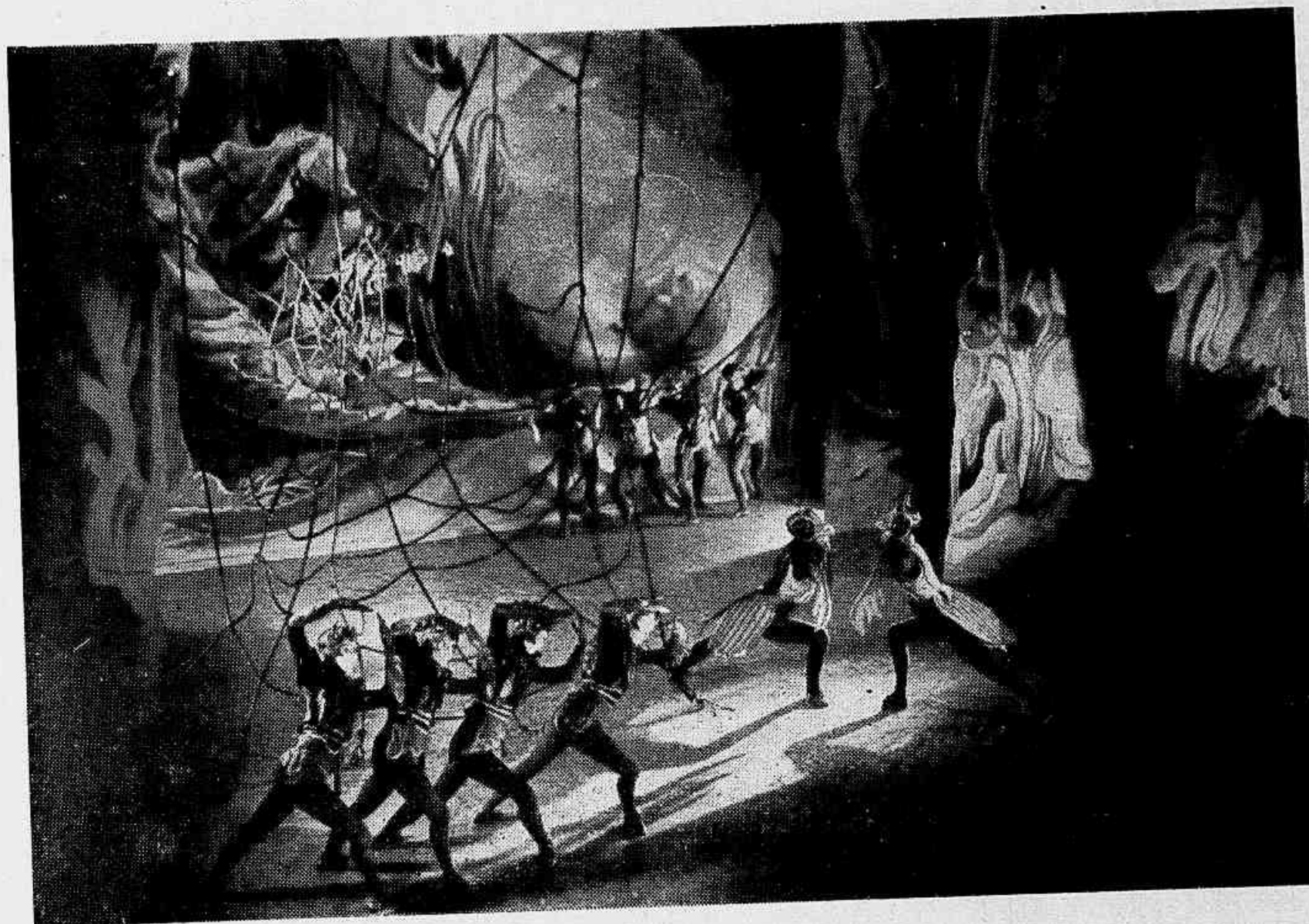
O mesmo deu-se com o ballet "Hamlet", em Londres. Robert Helpman, o grande bailarino e coreógrafo britânico, teve a audácia de "coreografar" o tema shakespeariano, baseando-se na música de Tchaikovsky. Mas, como o príncipe dinamarquês do século V tornou-se, na obra imortal de Shakespeare, um contemporâneo do autor, um homem do Renascimento, assim mesmo, no ballet de Helpman o herói de Shakespeare veio a ser um contemporâneo nosso, uma consciência atormentada do século XX. Junto com ele entrava no repertório do ballet um elemento novo: a psicanálise. O bailado começa no momento da morte de Hamlet. Num sonho febril revive ele, entremeados inextricavelmente, os acontecimentos e os personagens de sua vida. Ofélia confunde-se com a rainha, "minha tia-mãe", o ódio do rei com os ciúmes de Laertes, e tudo acaba como começa: pela morte de Hamlet. "Mais do que qualquer outra", diz o crítico inglês Haskell, "esta obra revela o papel autêntico do cenário e da indumentária no ballet, não sendo embelezamento nem tela de fundo e sim parte integral do drama".

Ora, Robert Helpman não é apenas dançarino e coreógrafo. Haskell o caracteriza como "homem do teatro" completo. Ele já representou na cena dramática, e até mesmo no teatro falado do rádio. Para ele a dança teatral não é um drama amputado do elemento da palavra, pois, querendo, ele faz uso desta, até mesmo dentro de um ballet, como o tem feito no seu primeiro ballet "Comus". Helpman foi uma "descoberta" de Ninette de Valois, a dinâmica diretora e fundadora da companhia de ballet inglesa Sadlers Wells, cujo bailado "Checkmate" fez heróis de ballet das figuras de xadrez, com o Amor e a Morte, que aparecem no prólogo, fazendo o jogo.

Mais ou menos no mesmo tempo que "Hamlet", de Helpman, e "Checkmate", de Ninette de Valois, fazia sucesso em Londres, há poucos anos, o bailado de outra coreógrafa moderna, Andrée Howard, "Le Festin de l'Araignée", sobre música de Albert Roussel: aqui são mósas e aranhas que se tornam personagens simbólicos de ballet, num sugestivo cenário de Michael Ayrton. Também esta coreógrafa já tentou "balletizar" Shakespeare

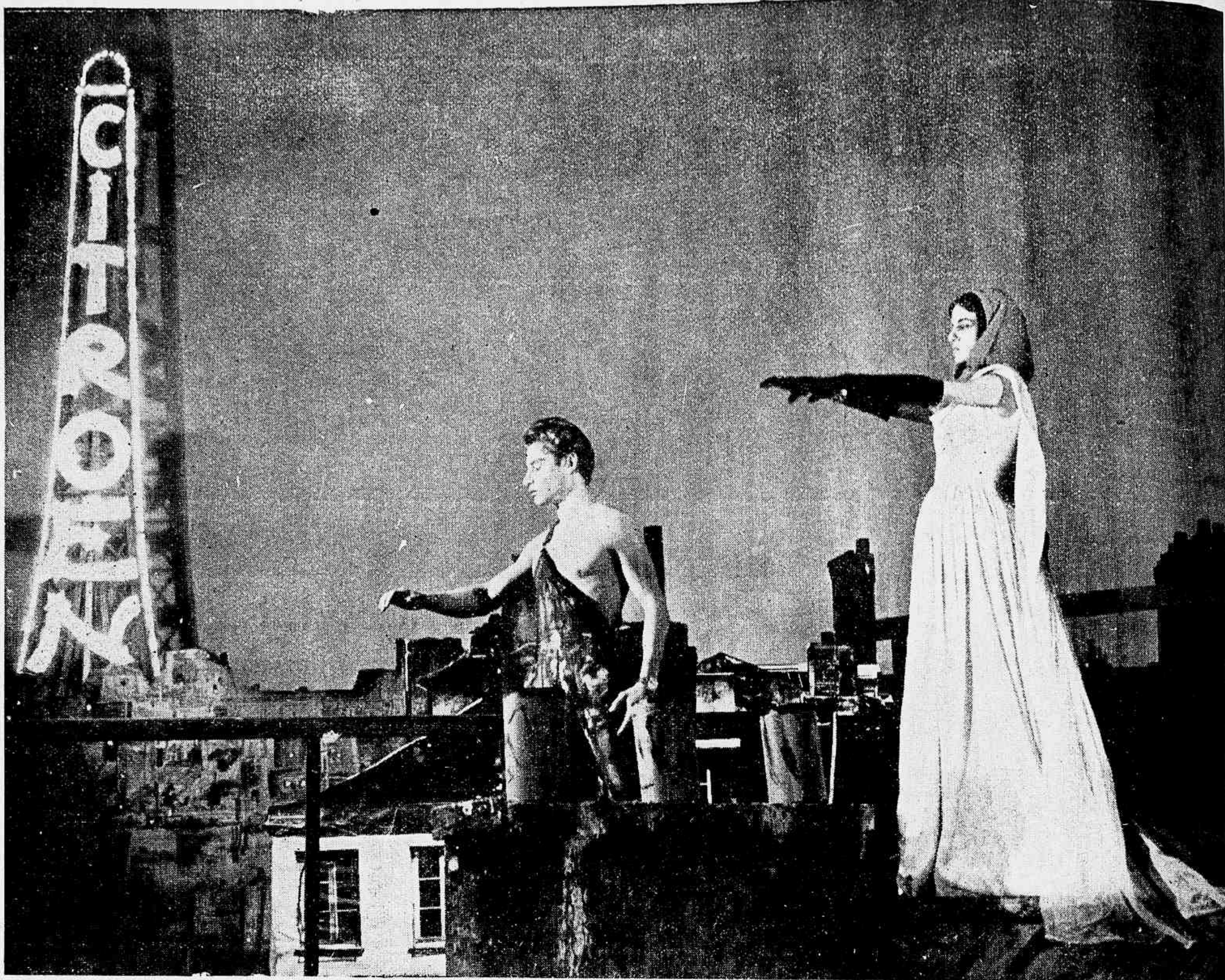


AO ALTO: — "Hamlet", bailado de Robert Helpman sobre música de Tchaikovsky. EM BAIXO: — "Le Festin de l'Araignée", bailado de Andrée Howard sobre música de Albert Roussel.



Um ensaio das "Treze Danças" no Théâtre des Champs-Élysées (Coreografia de Roland Petit, música de Gretry, trajes e cenários de Christian Dior).





AO ALTO: — Cena final de "Jeune Homme et la Mort", com Jean Babilée e Natalie Philippart. EM BAIXO: — Nos bastidores dos Ballets des Champs-Élysées, o diretor Boris Rochno com Dulcinéa (Natalie Philippart), Dom Quixote (Jean Babilée), o coreógrafo Aurel Milos, Sancho Pança (Christian Foye) e o compositor Petrassi, autor da música do ballet "Retrato de Dom Quixote".



no seu bailado "The Twelfth Night", mas não chegou a fazer outra coisa serão um drama sem palavra, mero assunto despojado do gênio do autor que lhe deu vida e mal traduzido para a linguagem do gesto.

Em Paris, neste ano de 1947 em que se celebrou o centenário de Cervantes, Dom Quixote subiu ao palco de ballet. Não foi a primeira vez, aliás, pois em 1869 o coreógrafo Petipa já havia criado um bailado "Dom Quixote". Mas os dois cavalheiros da triste figura são

(Continua na pág. 58)

Ninette de Valois, a fundadora da companhia Sadler's Wells, uma das maiores coreógrafas modernas.





Katherine Hepburn, a notável artista da MGM, apresenta este interessante modelo em seda branca com listra azul-marinho.

QUEIXA-SE uma das minhas amigas da vida monótona que está levando desde que casou. O marido oferece-lhe relativo conforto, é bom; ama-a, ela bem o sente, é dedicadíssimo ao lar e aos seus dois filhinhos, mas, acrescenta a minha amiga, falta-lhe aquela animação que frequentemente vê noutros casais. Essa "animação" que minha amiga considera interessante e moderna, tem prejudicado a vida de muita gente que preferiria viver exatamente como vive a minha amiga.

Isto de viver em "rodinhas" onde as mulheres alheias são elogiadas e cobicadas, onde se joga e se bebe e onde muitas vezes se perde a noção do que venha a ser o respeito humano, constitui uma "animação" pouco recomendável. Você deve se considerar bastante feliz em ter um dável. Você deve se considerar bastante feliz em ter um marido amigo do lar e dos filhos, que a trata com atenção e que parece se satisfazer com a vida que leva dentro de casa. Você mesma é culpada pela monotonia que diz haver em tudo: o seu desinteresse, a sua insatisfação, o seu pouco caso pela "domesticidade" do marido, são os principais responsáveis. Se você se desse o trabalho de observar e examinar com atenção e minúcia a vida íntima de um desses casais que você tanto inveja, você acabaria vendo gratíssima aos céus por não lhe ter sido dada tal vida. Supõe você, por exemplo, que exista alguma beleza numa vida de duas pessoas que só se tornam íntimas porque vivem sob o mesmo teto? Gostaria você que ao seu marido pouco importasse os seus passos? Que fosse indiferente à coíça que outros homens demonstrassem

por você? Que não tivesse uma só parcela de ciúme? Que você pudesse entrar ou sair a qualquer hora sem que ele se preocupasse em saber de onde vinha ou para onde ia? E que ele, por sua vez, fizesse a mesma coisa, isto é, vivesse como bem entendesse? Você acha que isso compensaria as noites alegres que poderiam passar em companhia de outras pessoas? Já pensou no quanto deve ser monótono e embaraçoso para um casal assim o sentimento de repente a sós, um frente ao outro? Nada os rememora de repente a sós, nem mesmo os filhos, que, na maioria das vezes, são entregues às amas e governantas, a quem em geral elas mais se afeiçoam. E que exemplo edificante vocês lhes poderiam oferecer? Qual a noção de família, de amor e de união? Realmente, pouca coisa vocês poderiam oferecer aos seus filhos, como pouquíssima coisa poderiam oferecer a si mesmos. Creia, só em casos muito especiais a mulher pode se sentir feliz vivendo dessa maneira. E você não pode ser incluída entre os "casos especiais". Você tem sensibilidade e alguma inteligência; você tem bons sentimentos; você ainda tem alguma noção do que seja decência e caráter; você, certamente, não gostaria de arruinar a sua vida, a vida do seu esposo e a dos seus filhos... Não, decididamente você não está entre os "casos especiais". Agora mesmo você está compreendendo o quanto é grande a sua felicidade e está disposta a tudo fazer para conservá-la.

Kitty

NOS BASTIDORES FEMININOS



UMA PRECURSORA

Há trinta anos, quando Maria Eugênia Celso começou a escrever, as mulheres brasileiras ainda não haviam derrubado os preconceitos criados pelos homens para aprisionar as suas doces companheiras no muro alto dos três CC: cozinha, criança ou claustro. Mulher com nome em jornal, mulher publicando livros, era coisa feia ou pelo menos suspeita. De qualquer forma, revolucionária. E parecia estranho aos espíritos acanhados que ela, a frágil mocinha, tão feminina, tão suave, de sensibilidade tão rara, fugisse ao estalão comum das mocas do seu tempo e da sua classe. Entretanto, não ousaram intimidá-la pelo ridículo: a autora de "A Eterna Presença" — adaptação de "L'Éternelle Présence", de André Dumas — tinha talento demais; e contra o talento, não há resistências invencíveis.

Filha de um grande e nobre escritor, a vocação intelectual lhe viera do berço; alimentara-a na adolescência, na umbrosa chácara de Petrópolis, cujos longos serões sem cinema convidavam à leitura e ao devaneio. Naquele tempo, menina não abria qualquer livro, não. Mas a casa era muito grande, a biblioteca tinha muitas portas e quem ia notar o claro aberto naquele mundo de lombadas solenes, pela ausência de um romance ou de um ensaio que Maria Eugênia levava para o jardim?

— Li tudo o que quis. E não me arrependo da indisciplina; nenhum mal me veio dos livros. Nunca.

E sonhava, também, desde menina:

— D. Julia Lopes de Almeida era o meu ideal. "Quando eu crescer quero ser escritora como D. Julia", repetia para mim mesma, todos os dias. Ela provaria que as mulheres podem brilhar nas letras e nas artes, sem perder uma parcela de sua pureza e de sua dignidade. Admirava também, com deslumbramento a jornalista Carmen Dolores. Seguiu apaixonadamente a polêmica com o ilustre Carlos de Laet. Fremindo de entusiasmo a cada resposta da mulher de talento. Devorando com ansiedade cada ataque do jornalista. — Se Carmen Dolores tivesse fraquejado, eu sofreria mais do que ela.

São traços da menina que ainda marcam a Maria Eugênia Celso de hoje. Generosa para com o talento alheio. Solidária nas vitórias das companheiras.

Ela, mais do que ninguém sabe como foi longo e difícil o caminho da mulher rumo à cultura: foi a companheira de Bertha Lutz nas primeiras jornadas do feminismo. A moça que hoje trabalhava no Ministério, a caixa, a datilógrafa, a artista, eu que escrevo esta coluna, todas nós que temos no trabalho o respeito e a camaradagem fraternal dos companheiros, devemos muito à luta das precursoras. A tudo o que fizeram e sofreram, falando, escrevendo, discutindo, afrontando o ridículo dos adversários desonestos ou tacanhos, para que a mulher tivesse o direito de estudar, de saber, de ganhar o pão, de participar da jornada.

Foi delegada do Brasil no 2.º Congresso Internacional Feminista, realizado no Rio, em 1931: encerrado o congresso, a luta prosseguiu para que a mulher brasileira tivesse o direito do voto, correamento da independência econômica assegurada pelo direito ao trabalho. Agora, Maria Eugênia Celso está rememorando essas lutas de há vinte anos, num estudo a ser editado pela UNESCO — "Direitos e condição da mulher." Vocês podem imaginar o belo orgulho com que ela reconhece que entre todas as mulheres do mundo civilizado, a brasileira é das melhor amparadas pela lei e pelos códigos de Trabalho?

O espaço não me permite falar da grande escritora. Aliás, que poderia eu juntar à glória literária de Maria Eugênia? Pobre de mim!

Prefiro lembrar que "Vicentinho", o maravilhoso poema de ternura, só foi publicado porque Monteiro Lobato insistiu para que não ficasse escondido num álbum de família, o que devia ser uma das obras primas da nossa literatura, tão bela e tão delicada quanto os cantos de Tagore na "Lua Crescente".

Aliás, Maria Eugênia Celso figurou entre as grandes amigas de Lobato; por ele foi convidada para a Campanha do Petróleo, numa carta maravilhosa de verve e de entusiasmo, em que prometia um poço para os poetas, "para que eles fizessem lindas e ricas edições de seus cantos."

Livros publicados: "Em pleno Sonho" (poesias líricas); "Crônicas"; "Vicentinho", em português, francês e espanhol; "Desdobramento" (contos); "Ruflo de Asas" (teatro em versos); "Fantasias e Matutadas", "Alma Vária" (versos líricos); "Jeu-nesse" (poemas em francês); "Diário de Ana Lúcia" (romance); "O solar perdido" (reminiscências em versos soltos). Tem em preparo um livro de contos — "Indiferença" e as "Poesias Completas".

Dois grandes projetos: a vida da Princesa Isabel e a do Conde de Afonso Celso.

E, no fim, um pedido de desculpas por dizer tão pouco, daquela que lutou há tantos anos para que eu hoje tivesse o direito de escrever. A artista da língua perdoará a rude operária.

SARAH MARQUES

WEEK-END NA COZINHA

A sobremesa é um prato importantíssimo nas nossas refeições. Raros são os que não a esperam com ansiedade, e é essa espera e a expectativa de alguma surpresa agradável que nos fazem, muita vez, "engolir" um almoço apenas passável. Onde existem crianças, então, a expectativa se torna ainda maior. Há, até, os que se poupam durante a refeição para poder comer fartamente a sobremesa. Raro é aquele — homem, mulher ou criança — que não se delicia com um creme gostoso ou com um doce bem feito. É preciso, portanto, saber fazer sobremesas. Mesmo porque as cozinheiras que sabem fazer sobremesas estão se vendendo muito caro. É necessário que a própria dona de casa faça os seus doces, o que será mais econômico, mais higiênico e mais apreciado pela família. Hoje oferecemos às nossas amigas algumas receitas nem complicadas, nem caras, nem muito demoradas. O que é importante é que se siga à risca as indicações das receitas, observando-se, rigorosamente, as quantidades dos ingredientes, tempo de cocção, etc.

★

PUDIM PAULISTA

Ingredientes — 100 grs. de açúcar, 100 grs. de amêndoas, 100 grs. de passas, 2 colheres, das de sopa, de manteiga, 2 colheres, das de sopa, de farinha de trigo, 1/2 garrafa de leite, 5 ovos.

Preparação — Desmancha-se a farinha num pouquinho de leite; em seguida vão-se-lhe juntando aos poucos o leite restante, o açúcar, a manteiga, as gemas e as passas. Leva-se tudo ao fogo, mexendo-se até engrossar. Depois acrescentam-se-lhes as amêndoas, anteriormente peladas e passadas na máquina de carne, e as claras em neve, mexendo-se continuamente. Despeja-se numa forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

★

CREME DE MORANGOS

Ingredientes — 500 grs. de açúcar, 250 grs. de morangos, 1/2 garrafa de leite, 8 gemas.

Preparação — Põe-se o açúcar e os morangos numa caçarola. Esmagam-se estes com uma colher de pau, misturando-se ao açúcar. Leva-se ao fogo, retirando-se logo que formar um doce grosso. À parte, batem-se as gemas, reúnem-se aos morangos e em seguida acrescenta-se o leite. Mistura-se tudo muito bem, passa-se numa peneira, põe-se em forminhas de louça e cozinha-se em banho-maria.

★

BREVIDADE

Ingredientes — 12 gemas, 6 claras, 460 grs. de açúcar, 460 grs. de polvilho.

Preparação — Batem-se as claras em neve e depois juntam-se-lhes as gemas e o açúcar, tornando-se a bater até ficarem grossas. Em seguida adiciona-se-lhes o polvilho peneirado e bate-se bem. Despeja-se em forminhas com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

★

COCADAS DE OVOS

Ingredientes — 12 gemas, 1 coco ralado, 1 quilo de açúcar, canela em pó.

Preparação — Dissolve-se o açúcar num pouco d'água e leva-se ao fogo para fazer uma calda em ponto de fio. Em seguida retira-se do fogo, junta-se-lhe o coco misturado com as gemas e volta ao fogo, mexendo até aparecer o fundo da caçarola. Retira-se então e despeja-se em cálices e polvilha-se com canela.



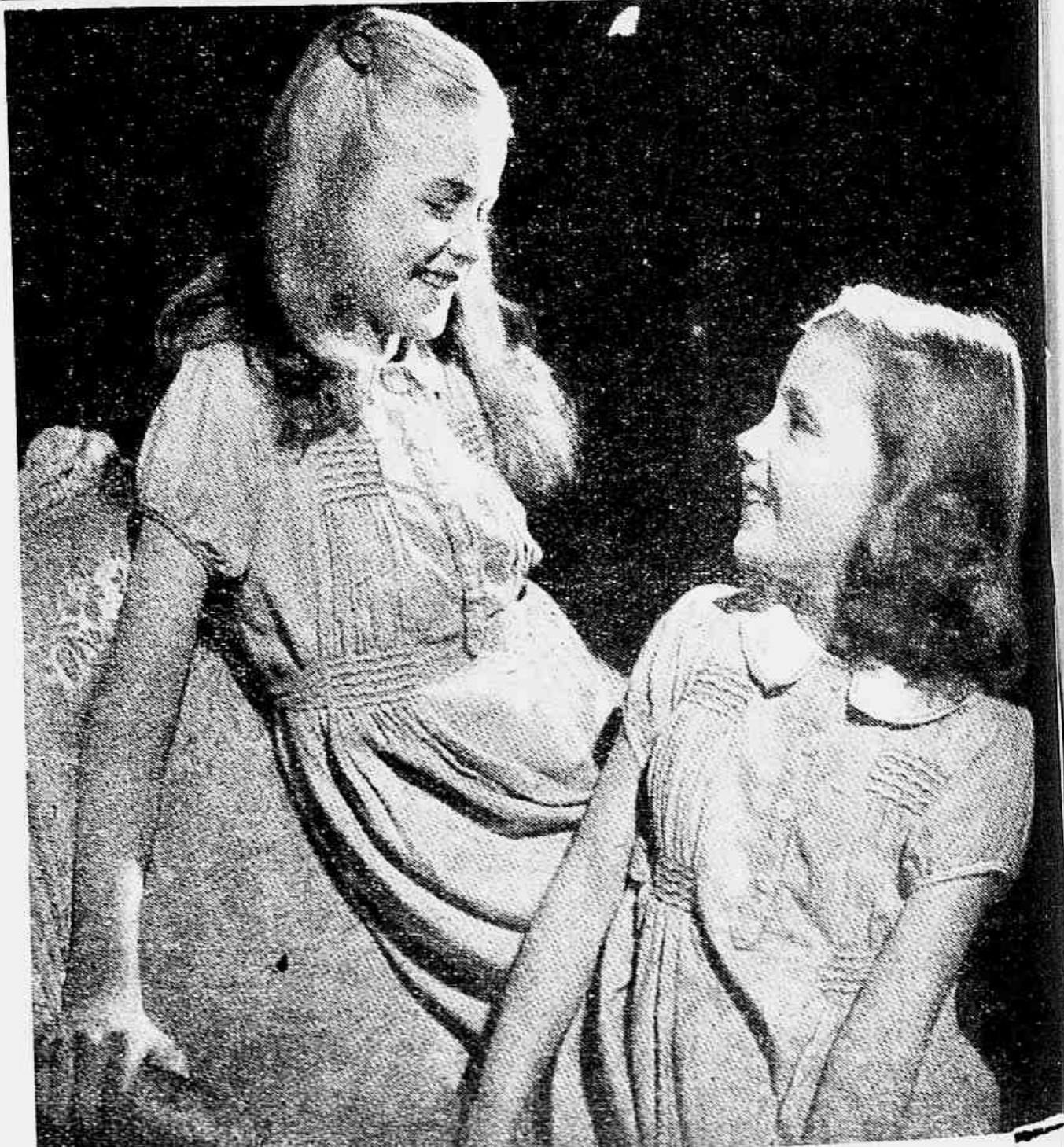
Em malha de diversas cores é feito em original "turban" de Madeleine de Rauch, que termina em forma de "écharpe".

As pontas dos sapatos se alongam para seguir a nova moda. Este modelo francês é todo recortado em feston e tem de um lado um laço de metal.



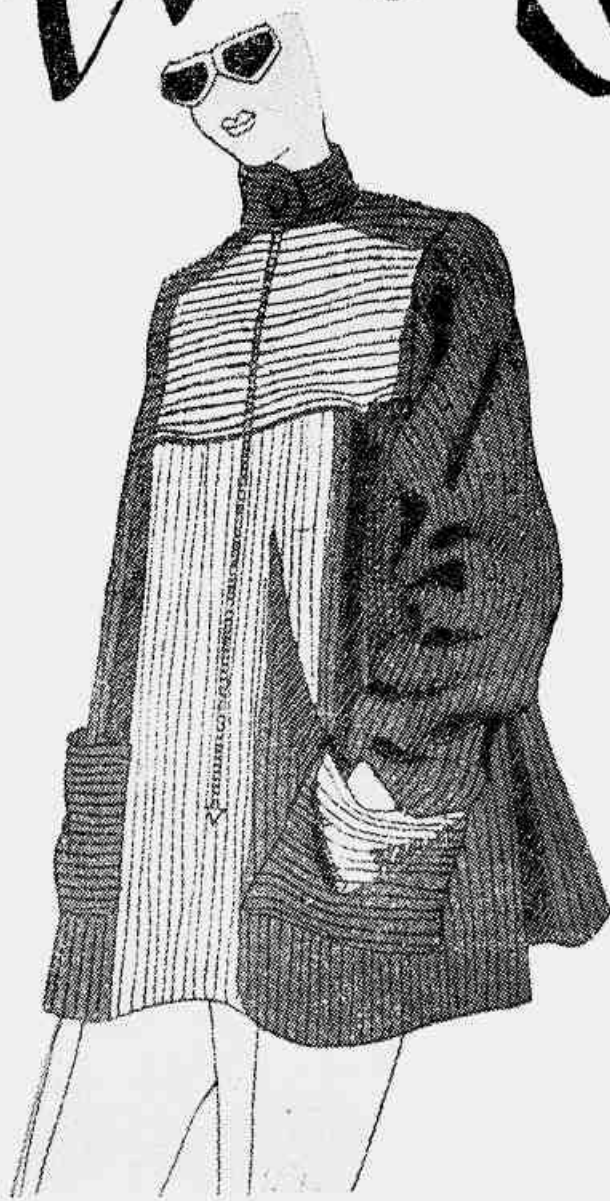
Sweater em "tricot" listrado marinho e branco. Melado com as listras verticais e melado com as listras horizontais. Malha sem cava.

Marcel Rochas foi homenageado por Marie-Rosa Lebigeat a "rainha" das cintas de Paris com esta criação que dá às mulheres a linha de 1948.



Modelos de Paris também para as meninas... Estes dois modelinhos são feitos em lã azul, com trançados das bordas com pontos em cores vivas. Gola de algodão branco.

Valher



Casaco de lã, amplo, gola alta. Pala e bolsos com listras horizontais.



Penteado moderno. O cabelo é levado para trás caindo em "boucles" sobre a nuca.

Um "ar" essencialmente feminino é obtido por esta gola de renda preta.



Chapéu de veludo, aba original, lenço de seda amarrando sob o queixo.



Bolsa moderna em couro marinho e branco com pespontos marinho na parte branca.

O guarda-chuva moderno acompanha a "nova linha". Este, de Marcel Rochas, tem esculpido no cabo uma figura de mulher.



COMO GOVERNAR OS RUSSOS

Quando Anna Ivanowa, sobrinha de Pedro o Grande, foi proclamada imperatriz da Rússia, como sucessora de Pedro II, acreditou fazer um grande bem aos seus súditos outorgando-lhes uma Constituição.

— Mas que haveis feito! — exclamou um cortesão. — O povo não vos perdoará jamais esse ato. O povo russo é bom, mas quer ser governado por um autocrata. Não me acreditais? Então, ouvi!

E, abrindo as janelas do palácio, que davam para uma praça, mostrou à soberana grande massa popular que cantava e gritava:

— Samoderjawie! Samoderjawie! (A autocracia! A autocracia!)

A imperatriz ficou maravilhada. Rasgou a Constituição que havia firmado e exclamou:

— Eu não saberia governar um povo destes! Deixarei que o governe meu ministro Biren, e se ficar satisfeito com ele é sinal de que não merece nada melhor...

E, na verdade, Biren governou com mão de ferro, mas sem provocar revoltas. E, agora, não faz Stalin a mesma coisa?



PRIVILÉGIO FEMININO

François Arago, famoso astrônomo francês, adorava tanto a matemática que costumava dizer, cada vez que ouvia uma poesia bonita:

— Como é bela! Parece uma equação!

Ao casar-se, alguém perguntou à senhora Arago a que atribuiu ter sido escolhida para esposa do ilustre cientista. E ela respondeu:

— Creio que tenho um raro privilégio feminino: o de ser considerada uma mulher problema...



NÃO ERA MAIS QUEM ERA...

Sophie Arnould, numa época de conspirações e temores, ofereceu um banquete ao qual compareceram muitas pessoas ilustres, amigas da famosa intérprete de Gluck. Um funcionário da Polícia quis obter dela a lista dos convidados, mas Sophie respondeu que não se lembrava mais de quem havia comparecido.

— Ora, — retrucou o policial, — uma mulher de espírito não se esquece, jamais, de coisas como estas... Menos ainda quando essa mulher é Sophie Arnould...

— Talvez o senhor tenha razão — respondeu a cantora. — Mas o que acontece é que diante de um homem como o senhor eu geralmente deixo de ser quem era...



ABRIR A BÓCA

Uma atriz linda, mas estúpida como uma toupeira, se lamentava diante de Sophie Arnould de que vivia perseguida por uma multidão de admiradores que não a deixavam em paz.

— Ah, minha cara, — respondeu a cantora, — por que não abre a boca e diz qualquer coisa, a fim de afastá-los?



RESPOSTA A UM GALANTEIO

Alfred de Musset, o autor de "On ne badine pas avec l'amour" e de tantas outras peças deliciosas, estava loucamente apaixonado pela princesa Christina Trivulzio de Belgioioso, escritora milanese que participou do movimento unificador italiano. Como tinha a princesa olhos muito grandes, o poeta francês fez-lhe um dia este galanteio:

— Princesa, seus olhos são tão grandes que um dia neles me perdi e nunca mais me encontrei...

— Ah! — respondeu a princesa. — Eis a causa de uns ardores que me pareciam um argueiro!



UMA DE SARAH BERNHARDT

Quando ainda príncipe herdeiro da coroa inglesa, o futuro Eduardo VII foi fazer uma visita à divina Sarah, no camarim desta, no Théâtre Français. Teve o príncipe de Gales, filho da gloriosa rainha Vitória, a infelicidade ou a distração de conservar o chapéu na cabeça. Sarah Bernhardt, olhando-o fixamente, fulminou-o com esta observação:

— Alteza, é de uso conservar-se as coroas na cabeça, mas é de uso também tirar-se o chapéu diante das senhoras...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)



OS ERROS DA EDUCAÇÃO

A idéia que todos fazem da educação é de que seja uma coisa excelente; e dizer que alguém a possui, dispensa o qualificativo de boa, porque se subentende este valor na sua aquisição; no entanto a educação é um processo de guiar indivíduos, que tem variado tanto através dos tempos, e que varia ainda mais de um ponto para outro, que seria bom refletirmos nos possíveis erros que possuía a educação da nossa geração.

Uma das falhas mais correntes do nosso sistema educacional é ainda, e sempre, apelar para a violência física como meio de combater a rebeldia nas crianças; excelente sistema, não há dúvida, de cultivar sadistas e mazoquistas; certos pais (e neste termo incluo ambos os sexos) investem contra os filhos, tomados por uma cólera que julgam justa, desaguando na surra os seus recalques presentes e pretéritos, seus fracassos e suas impossibilidades diante das forças da vida, e, apesar disto, se sentem como Cristo de chicote em punho no templo.

Da ferocidade na educação passemos ao extremo oposto, qual seja o excesso de carinhos com que se afogam os filhos únicos e se incapacita as crianças para a luta pela vida; deste erro pecam quase sempre as mães e, como observa agudamente Steckel, aquelas que falharam afetivamente no matrimônio; seus impulsos exagerados em torno do filho soem ser uma substituição da compreensão e alegria que deveriam ter encontrado junto ao espôso. Toda aquela espetacular demonstração de interesse, ansiedade e afeição extremada pela criança, cerceando-lhe os passos, a vontade e os desejos, reflete um desequilíbrio emocional, que deixará tremendas marcas prejudiciais no temperamento do filho. Uma criança que recebeu mais atenção e afetos do que lhe seria lícito exigir, está predestinada a encontrar o mundo muito desconfortante e em oposição aos seus desejos. Toda a felicidade lhe parecerá pequena e tudo que conseguir não se equivalerá jamais ao excepcional carinho materno com que foi brindado nos primeiros anos.

Outro erro frequente e praticado em grande parte pelos professores é o achincalhe da criança. Conheci uma mestra, muito elogiada pelos demais porque obtinha cem por cento de promoções em suas turmas, e que se dirigia aos menos capazes da classe com estes dois epítetos frequentes e cáusticos como ferretes: "Débeis mentais e idiotas". Os mestres comumente abusam do direito de qualificar de burros os alunos; sempre que a criança tarda em compreender as lições, os professores mais facilmente admitem que seja por culpa do intelecto dos alunos que da sua incapacidade de inculcar a matéria no cérebro dos que os ouvem. Deveriam percorrer, ou simplesmente folhear, um livro de psicologia moderna para saber que a inteligência é uma das faculdades mais suscetíveis hoje em dia de serem medidas, e que ninguém pode passar atestado de debilidade mental a outrem se não o submeteu previamente a provas idôneas.

Passarei agora a outro erro e que é típico da nossa época e civilização, qual seja o de exibir precocemente as crianças em toda a sorte de divertimentos e espetáculos para adultos; é um processo certo e aperfeiçoado de cretinizá-las o mais cedo possível. Não há dúvida de que a criança deva tomar parte em dramatizações e atividades sociais, mas com finalidades próprias e destinadas mais a elas mesmas, crianças, para educá-las, que para gozo do papai ou da mamãe. A coisa mais melancólica e desastrosa é ouvir ou assistir a crianças gingando, numa imitação ridícula de "sex-appeal", e cantando sambas ou foxes degenerados em estações de rádio.

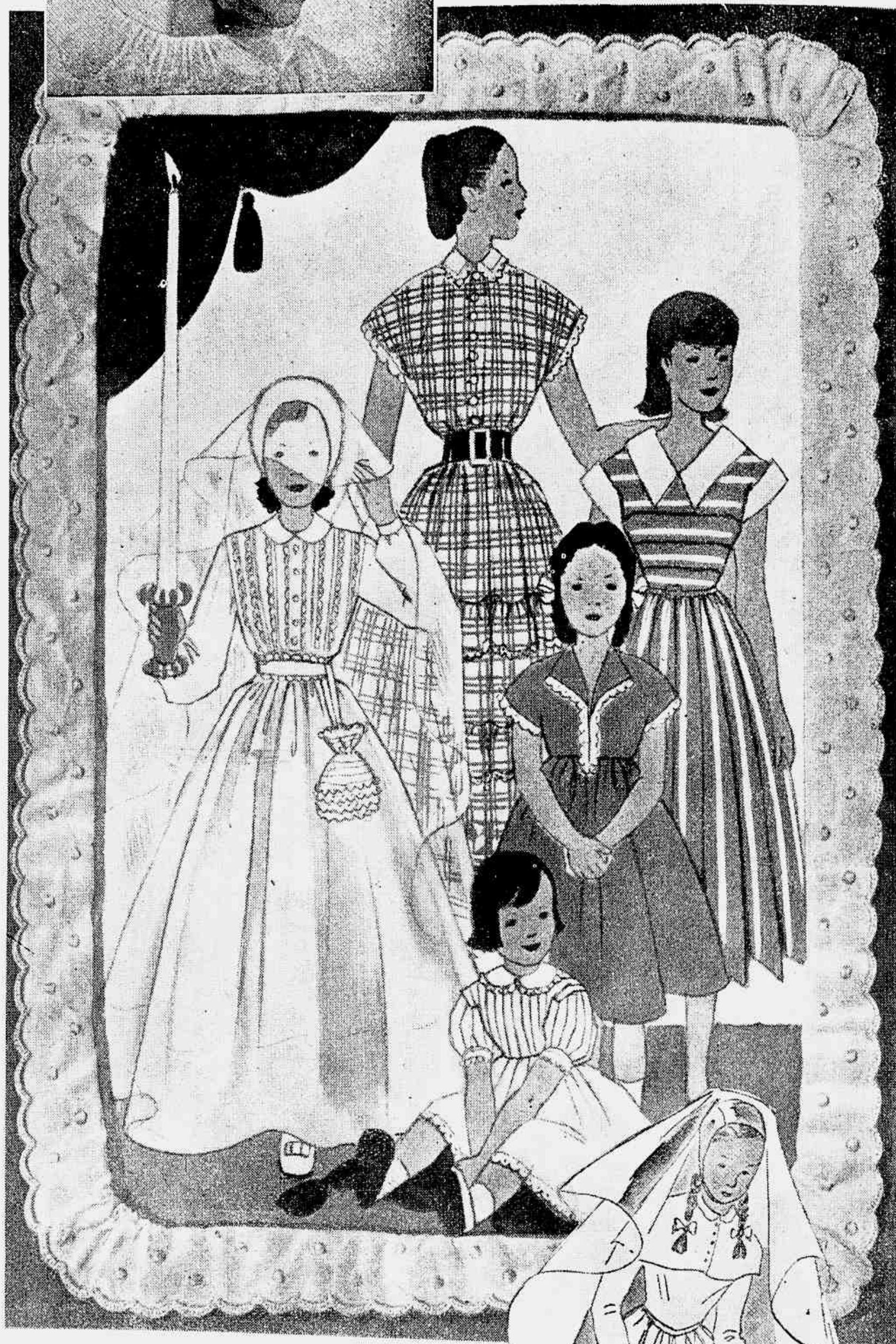
Eu poderia numerar cinquenta proposições semelhantes e todas elas provariam como o adulto se utiliza da criança para seus recalques ou suas vaidades, seus sentimentos desviados ou suas incapacidades, mas o que menos realmente se faz é dirigir a criança para sua vida própria e seus próprios interesses.

ZÓIA DE LAET



NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

SUA filhinha vai fazer a primeira comunhão... Sua casa estará em festas... Só que você precisará fazer um vestido novo para as outras também

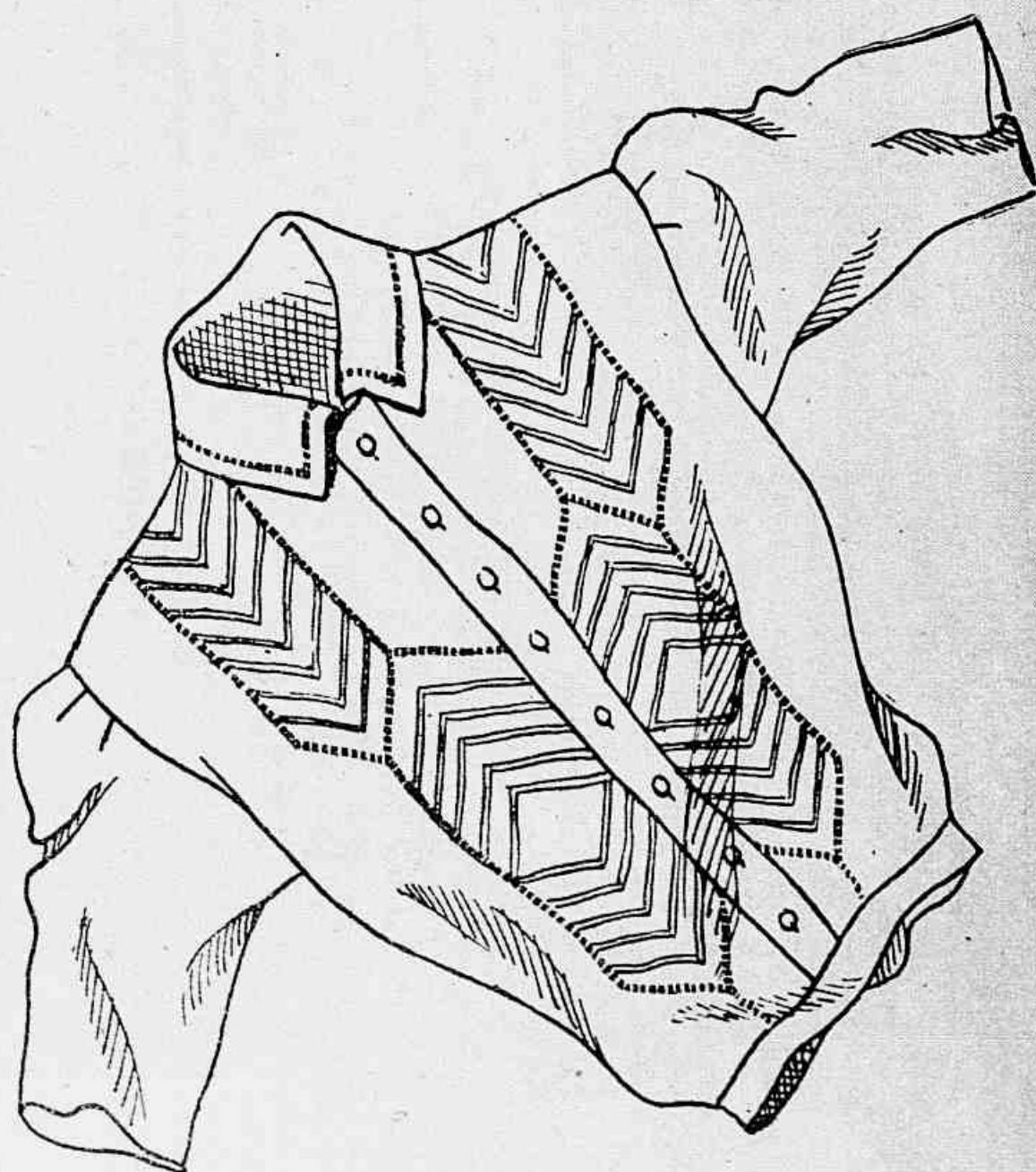
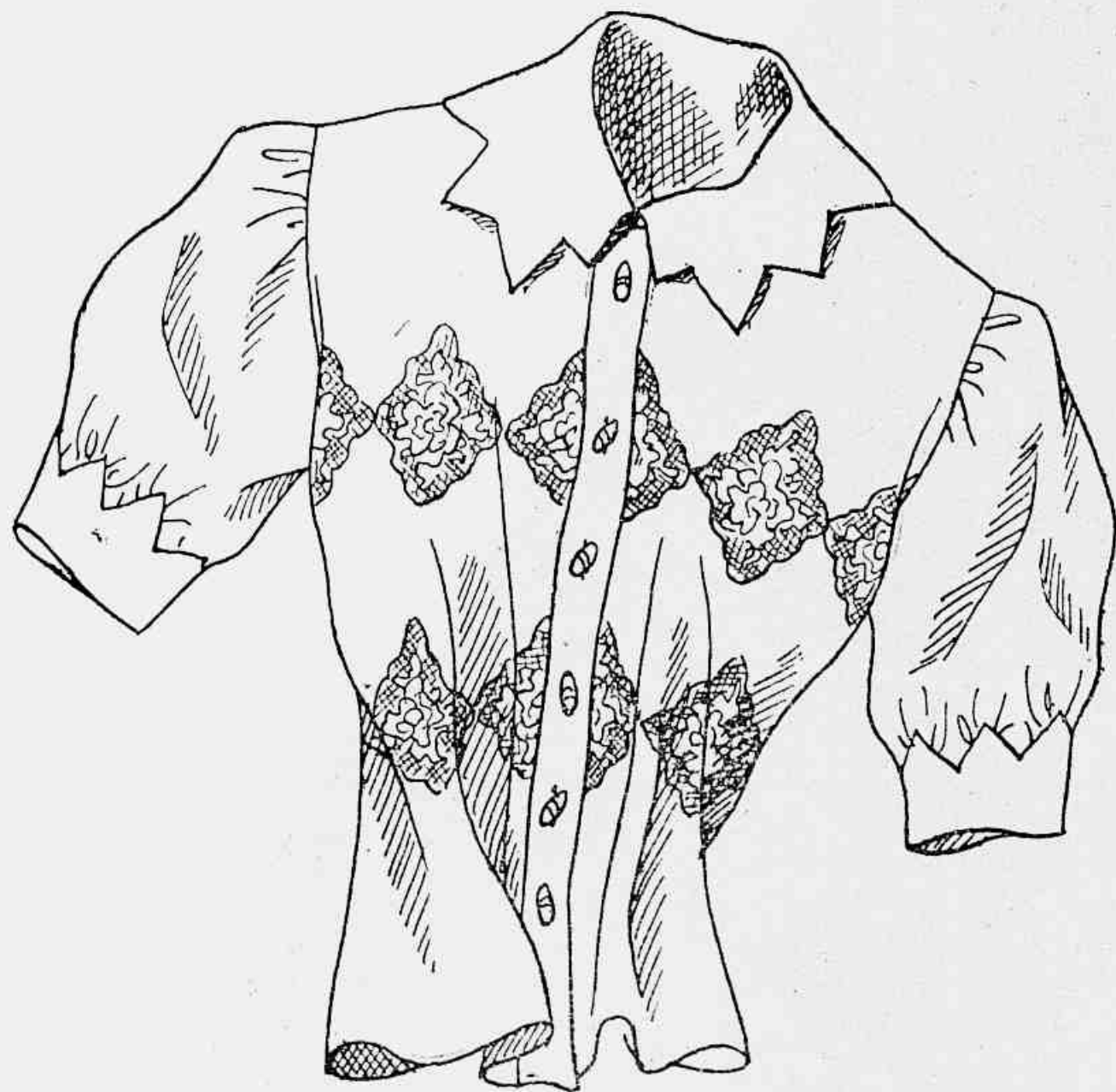
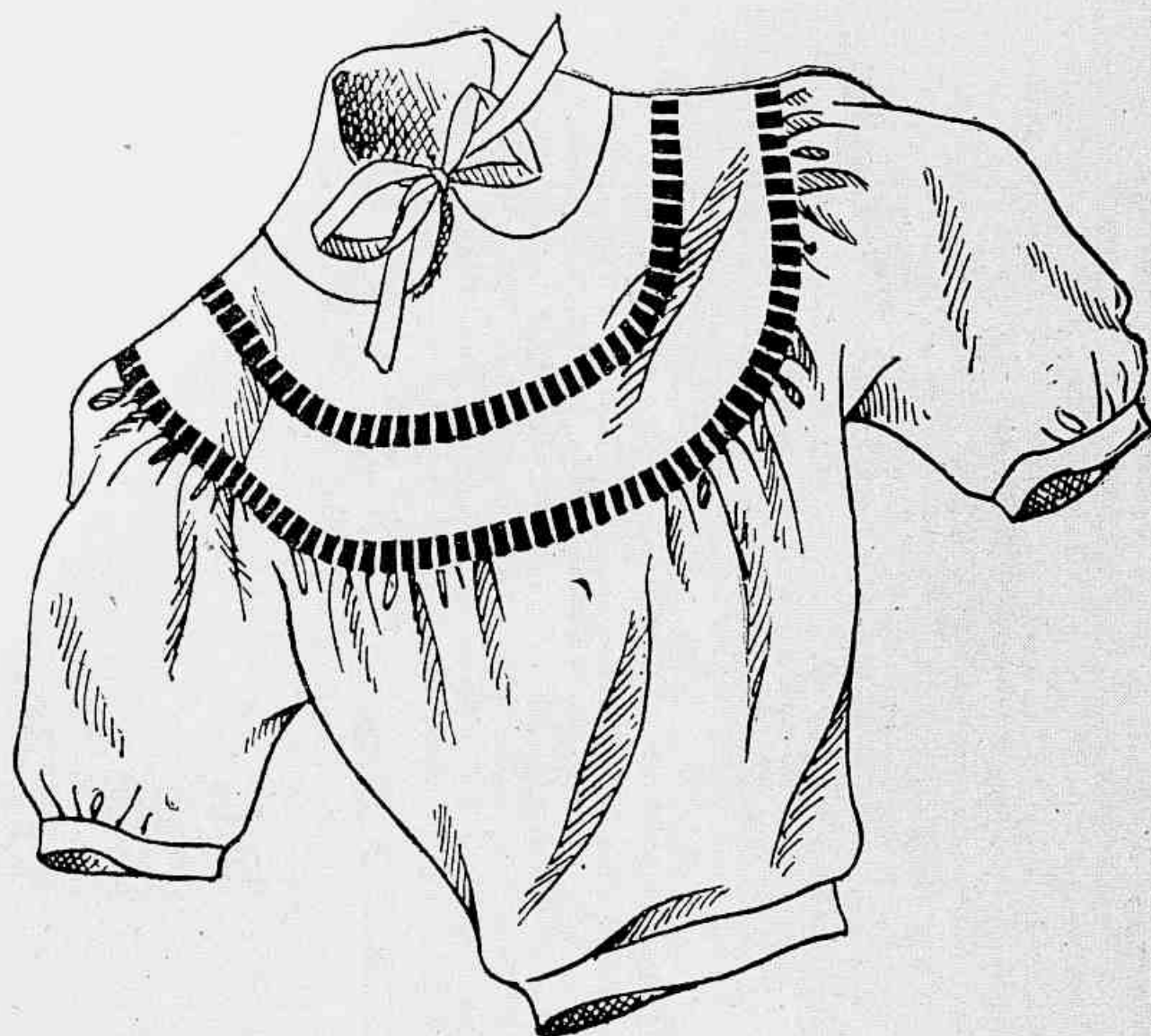
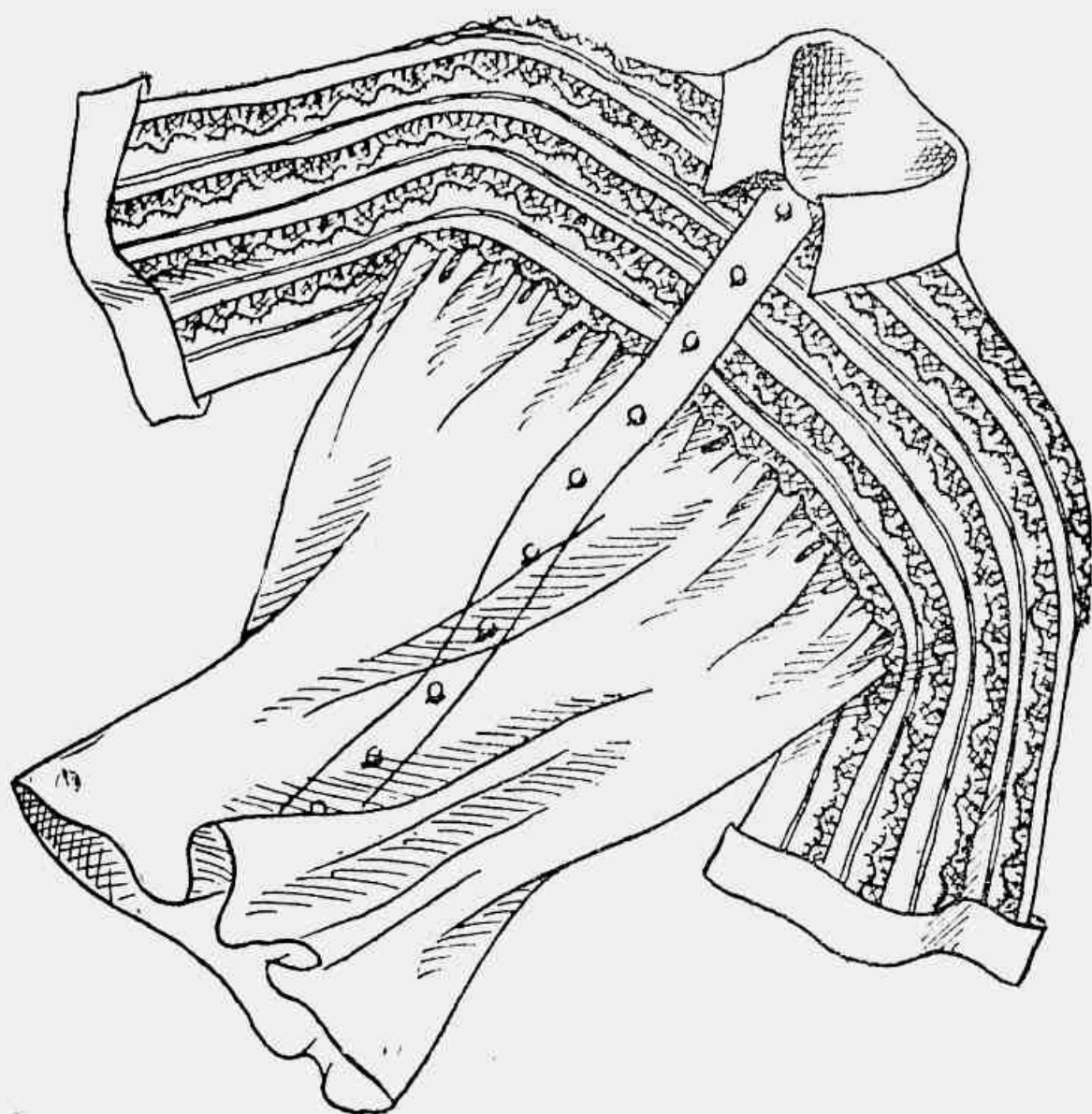
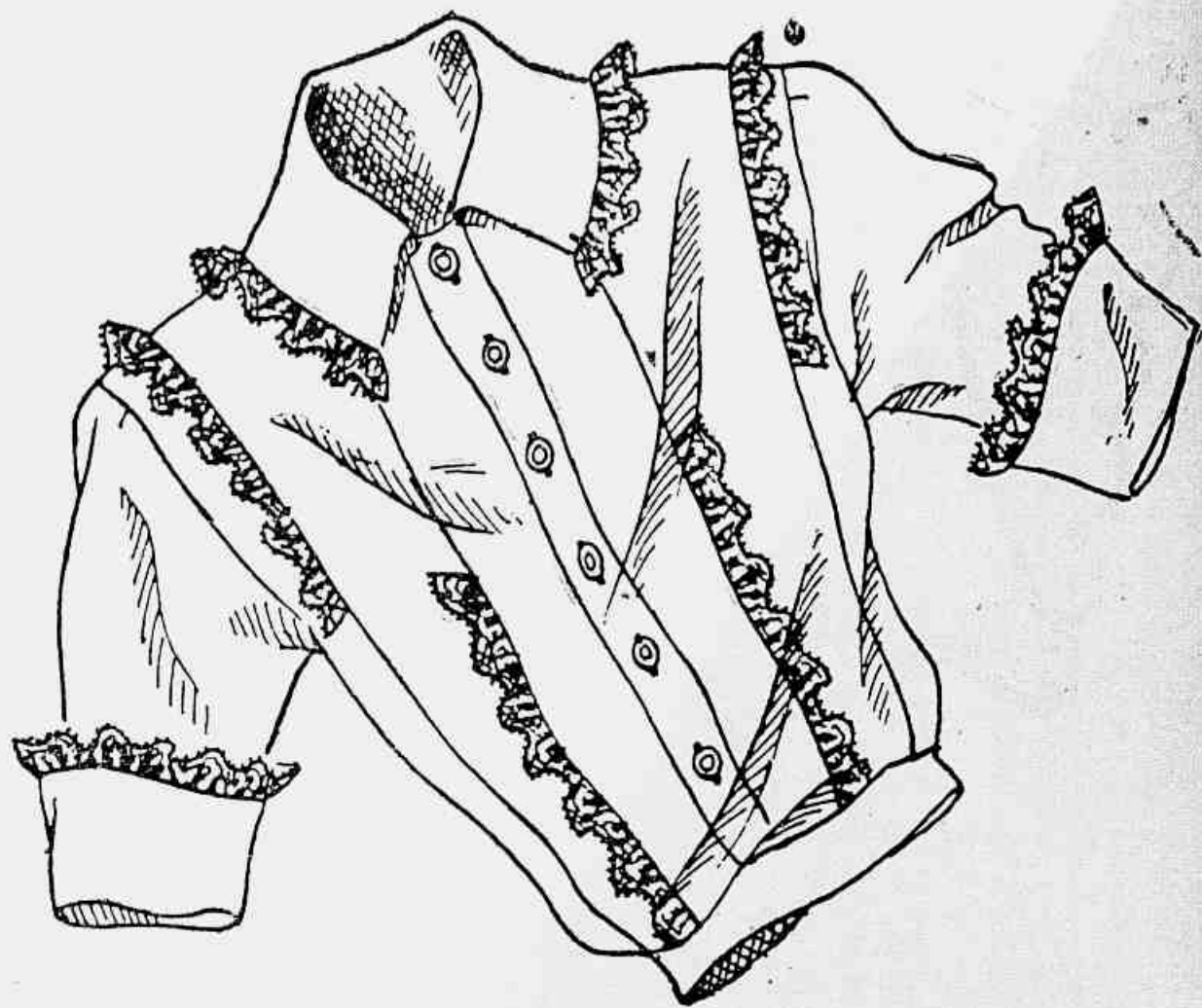


e você precisa tanto de idéias novas! E' com prazer que a auxiliamos neste momento; para ela, a personagem central, vestido de orçandi com babadinhos bordados com "festonné", e "pois". O mesmo trabalho é visto na bolsinha. Para a mais velha, vestido de tafetá quadriculado; sala com três babados. O modelinho seguinte é em surah listrado com gola e punhos em "piqué" branco. O outro é em lã rosa pálido, mangas inteiras, enfeites de bordado inglês. Finalmente, para a caçula, modelinho em lã ou cambraia, blusinha com nervuras, renda valenciana na gola, punhos e na barra da saia.



BLUSAS FRANCESAS

Para complemento de sua elegância, aqui estão estampadas seis lindas blusas, últimas criações da costura francesa. Todas elas muito interessantes e dos mais variados estilos. Rendas, aplicações, pregas e pespontos são os motivos de adornos empregados nestes modelos, que poderão ser confeccionados em seda, organza, laise ou cambraia.



festons





Para sua elegância na intimidade, apresentamos estes lindos modelos de camisolas e "lingerie". Na página ao lado, da esquerda para a direita: modelo em seda rosa com bordados em azul. Camisola em cetim azul; pala branca com "pois". Camisola em cetim branco. Modelo em jersey cereja; festons brancos. Finalmente, modelo em "voile" branco; "pois" azul claro. Nesta página, na mesma ordem: modelo em seda azul; "festons" brancos. Modelo em cetim branco; "festons" rosa. Finalmente, três lindos jogos em seda rosa, branca e azul, respectivamente.



Estampamos nesta página três elegantes casacos todos eles de linhas simples, porém bem modernas e de fácil confecção. À esquerda: modelo em lã azul marinho; pespontos na blusa derindo em pregas. Ao centro: modelo em lã verde esmeralda; originais pespontos na cintura e nas mangas. À direita: modelo em lã quadriculada cinza e branco; recortes pespontados em toda a altura e nas mangas.



O sr. Américo René Gianetti, secretário da Agricultura de Minas Gerais, o sr. Blanc de Freitas, representante do ministro Daniel de Carvalho, e demais autoridades presentes à abertura da XII Exposição foram homenageados pelas classes conservadoras de Leopoldina com um banquete de 150 talheres. A foto acima é um aspecto parcial do ágape, tirado no momento em que o sr. René Gianetti proferia o seu discurso

XII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina

A realização da XII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, cujo transcurso se verificou entre os dias 26 de junho e 4 de julho últimos, se constituiu para os nossos olhos um espetáculo cujo hábito cada vez mais se reforça com o passar dos anos, veio demonstrar o acerto com que nos havemos na reportagem da décima-primeira, no ano findo, quando afirmamos que o certame leopoldinense já ultrapassara os limites dentro dos quais tanto crescera, projetando sua justa fama Brasil afora. Um ano depois, impulsionada vigorosamente pelas molas de um progresso

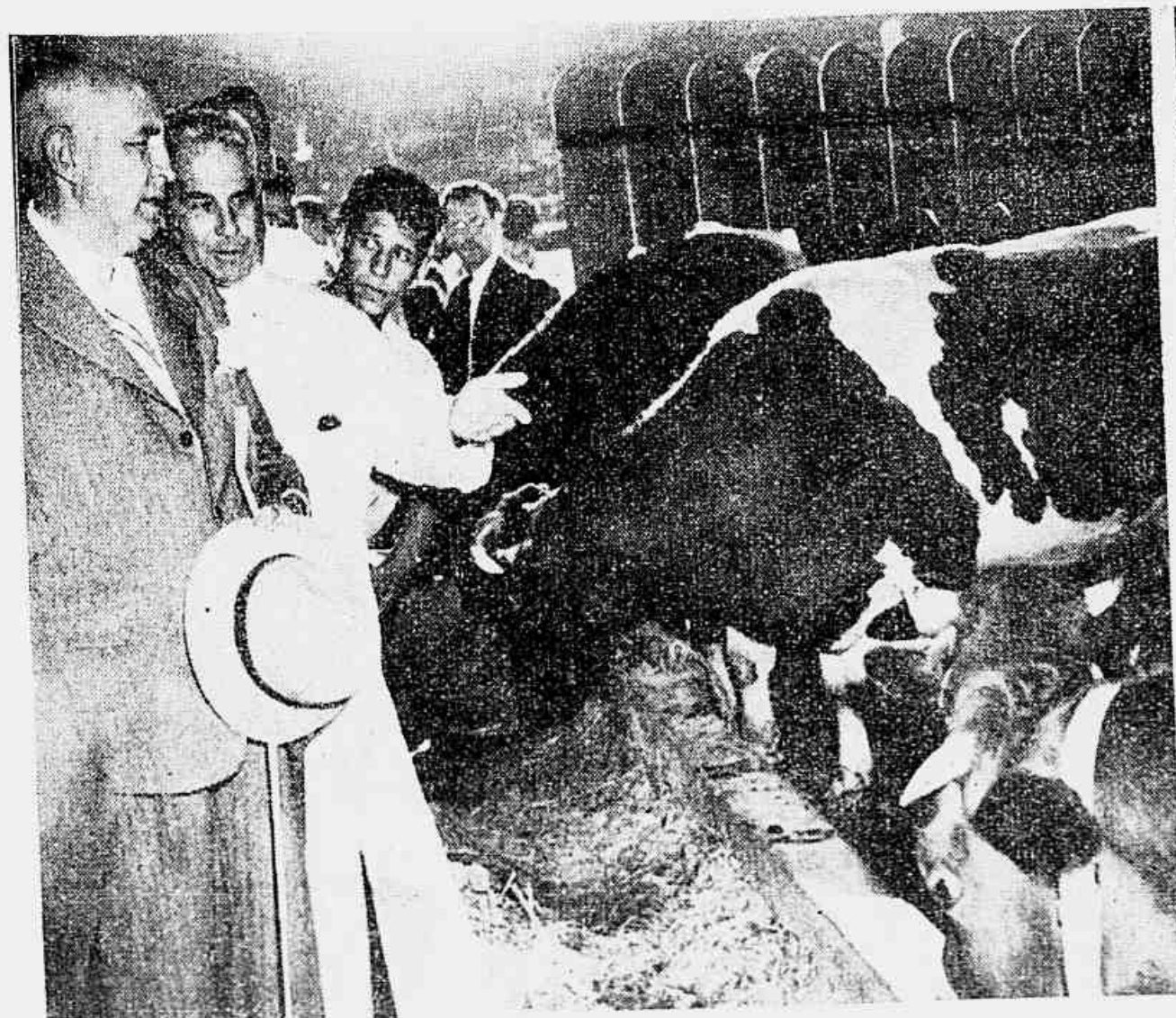
UM ACONTECIMENTO QUE SE RENOVA SEMPRE PARA MELHOR ★ DEMONSTRAÇÃO EXCEPCIONAL DA PECUÁRIA LEOPOLDINENSE ★ VALOR DIFÍCIL DE SER IGUALADO ★ NOVOS PAVILHÕES E NOVAS SEÇÕES DÃO UM CUNHO ESPECIAL DE INTERESSE À DÉCIMA SEGUNDA EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA ★ O ESPLENDOR DOS EXEMPLARES DAS RAÇAS LEITEIRAS ★ PRODUTOS AGRÍCOLAS DE ALTA QUALIDADE ★ INDÚSTRIA, COMÉRCIO E ARTES ★ OS CRIADORES DE GADO GUERNSEY, MINEIROS E FLUMINENSES, CONFRATERNIZAM ★ ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Reportagem de ADALBERTO MENDES

ininterrupto, eis que outra demonstração, esta ainda mais pujante, faziam os criadores da fa-

mosa região leiteira, deixando claro que a maior exposição de Leopoldina não foi a última, será

sempre a que vier depois... Como a deste ano suplantou a de 1947, certamente a de 1949 sobrepujará a agora realizada, a menos que algo imprevisto venha quebrar a harmonia de movimentos de tão ajustado conjunto, o que, sinceramente, não acreditamos. E até mais ver, mantemos a convicção de ser Leopoldina o maior centro de gado leiteiro do País. Aquilo a que, desde 1945, assistimos anualmente, não sofre confronto nem nas exposições nacionais. Esta opinião temos ouvido de muita gente — e os certames leopoldinenses têm dado a prova de que é verdadeira. Aquêlê grande recinto, já



A ESQUERDA — O sr. Américo Gianetti em visita ao pavilhão do gado Holandês, recebendo esclarecimentos do sr. Romulo Joviano, chefe da I. F. P. L. À DIREITA — No Pavilhão de Produtos Agrícolas, os visitantes são informados pelo sr. João Damasceno Portugal sobre o desenvolvimento da lavoura leopoldinense



Flagrantes do ato inaugural da XII Exposição, fixados por ocasião dos discursos pronunciados pelos srs. Américo René Gianetti e Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira. À direita do secretário da Agricultura de Minas estão o sr. Blanc de Freitas e o bispo diocesano D. Delfim Ribeiro Guedes, vendo-se à sua esquerda o sr. José Ribeiro dos Reis, prefeito de Leopoldina, e o sr. Joaquim C. Ribeiro Junqueira, quando discursava

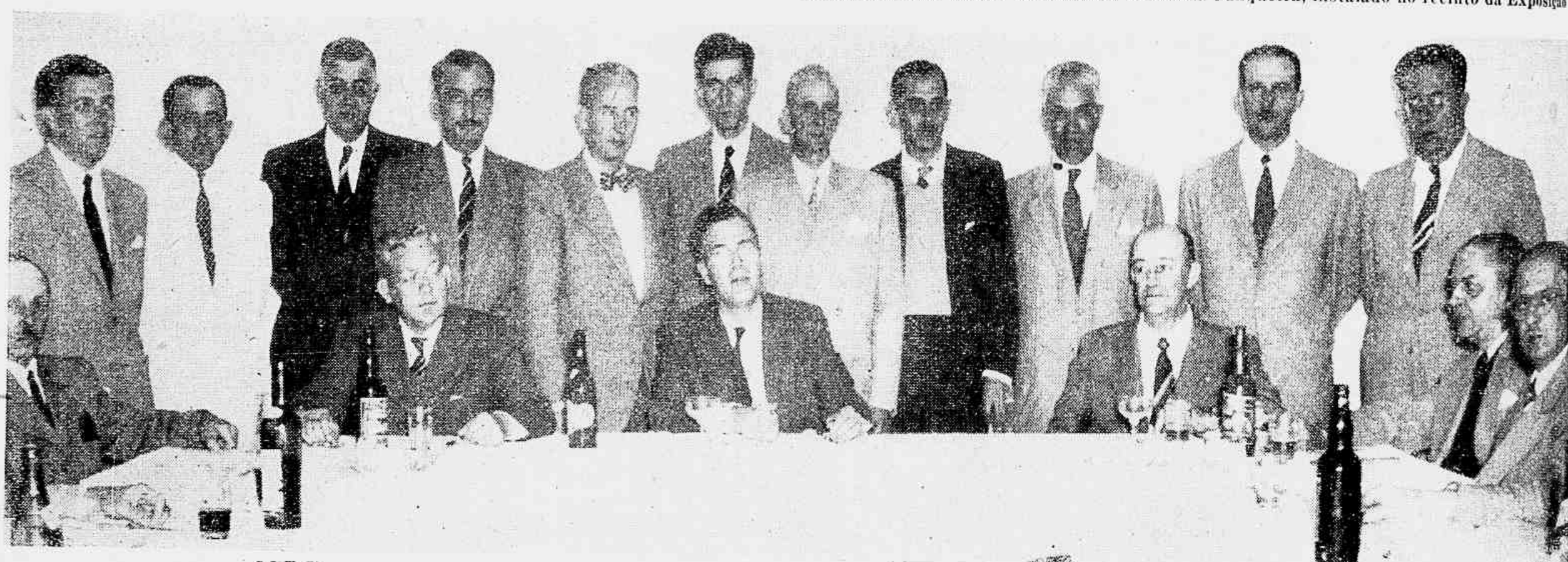


lhão dos Produtos Agrícolas voltou a impressionar pelo número e qualidade dos mostruários expostos. E, com a criação de um pavilhão destinado às representações comerciais e industriais, e de uma seção de trabalhos de arte, a Exposição de Leopoldina cresceu em movimentação e atrativos, aumentando consideravelmente o interesse popular em todos os sentidos.

A XII Exposição de Leopoldina foi aberta pelo sr. Américo René

Gianetti, secretário da Agricultura de Minas Gerais, e pelo representante do ministro Daniel de Carvalho, sr. Blanc de Freitas. O primeiro pronunciou um excelente discurso, no qual historiou o desenvolvimento da pecuária local através dos anos, movida pelo ânimo inquebrantável dos homens da Zona da Mata mineira. Mostrou a sua constante e absorvente preocupação no sentido de atingirem um ideal de perfeição, do qual

A ESQUERDA — Grupo de senhoras e senhoritas da sociedade leopoldinense, que serviram gentilmente no bar do Orfanato D. Lenita Junqueira, instalado no recinto da Exposição

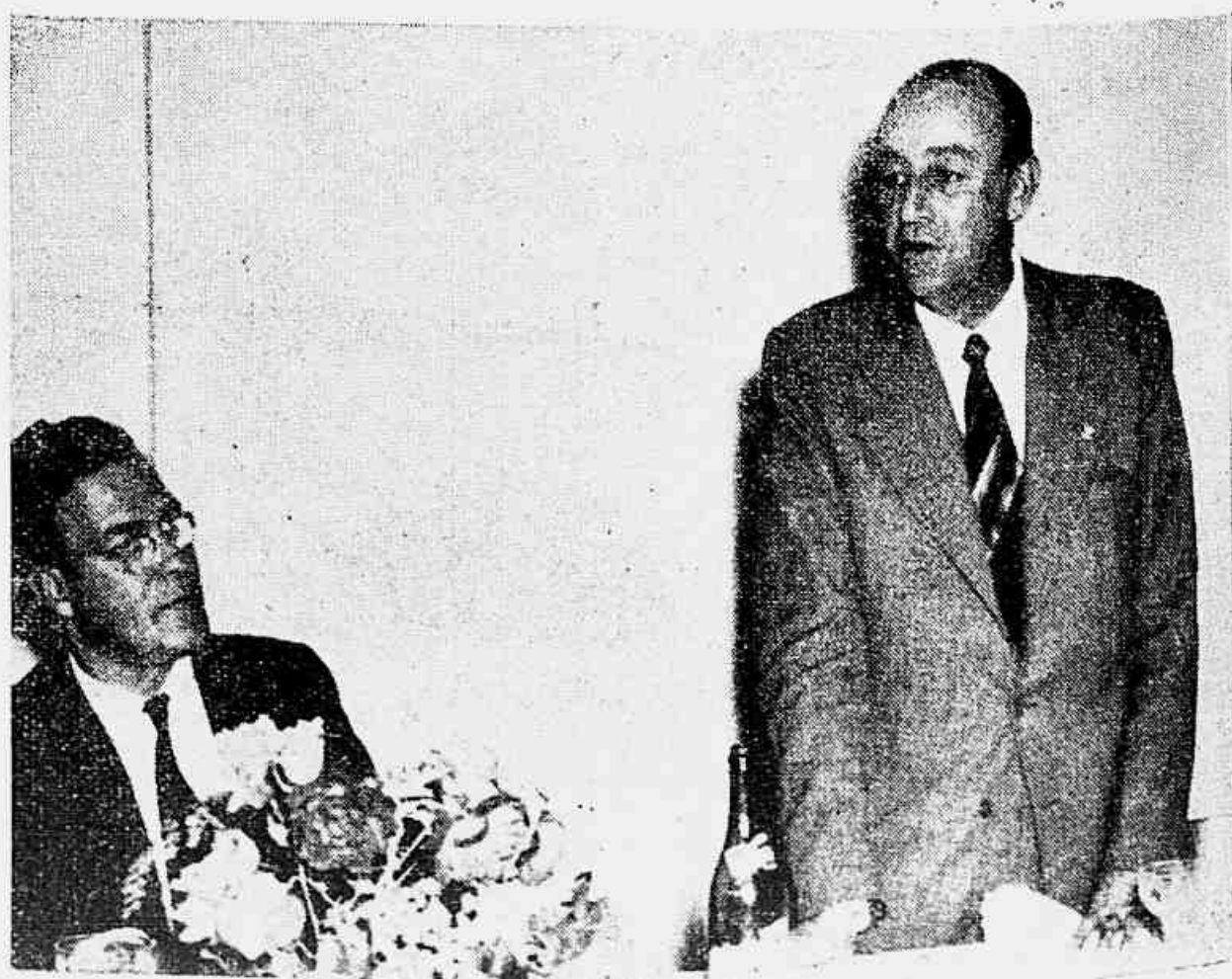


Aspecto parcial do jantar de confraternização dos criadores de gado Guernsey dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, que serviu para assinalar o ingresso dos primeiros na Associação Brasileira dos Criadores de Gado Guernsey. À DIREITA — O desembargador Henrique Fialho quando agradecia a homenagem dos criadores mineiros, vendo-se, sentado, o sr. Haroldo Junqueira, ilustre presidente daquela associação

agora tão acanhado para abrigar os mostruários da riqueza de Leopoldina e dos municípios vizinhos, ostenta um valor muito alto, difícil de ser igualado. Os criadores leopoldinenses e os dos municípios adjacentes, que lhes seguem as pegadas, atingiram e estão atingindo um elevado grau de aperfeiçoamento de tal modo acelerado, porém metódico e de progressão tão segura, que não mais constitui surpresa o índice sempre crescente da qualidade de sua aprimorada produção.

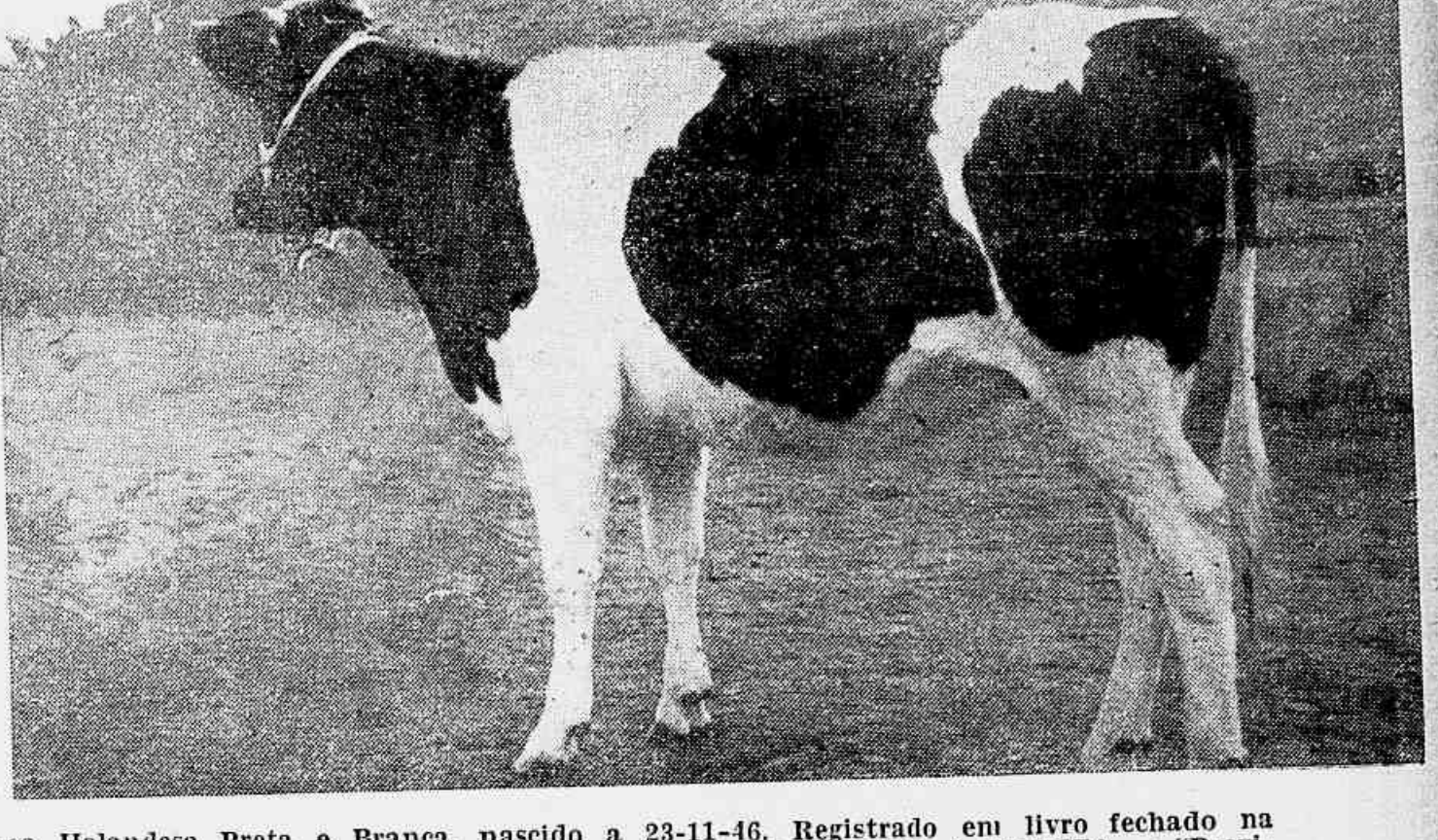
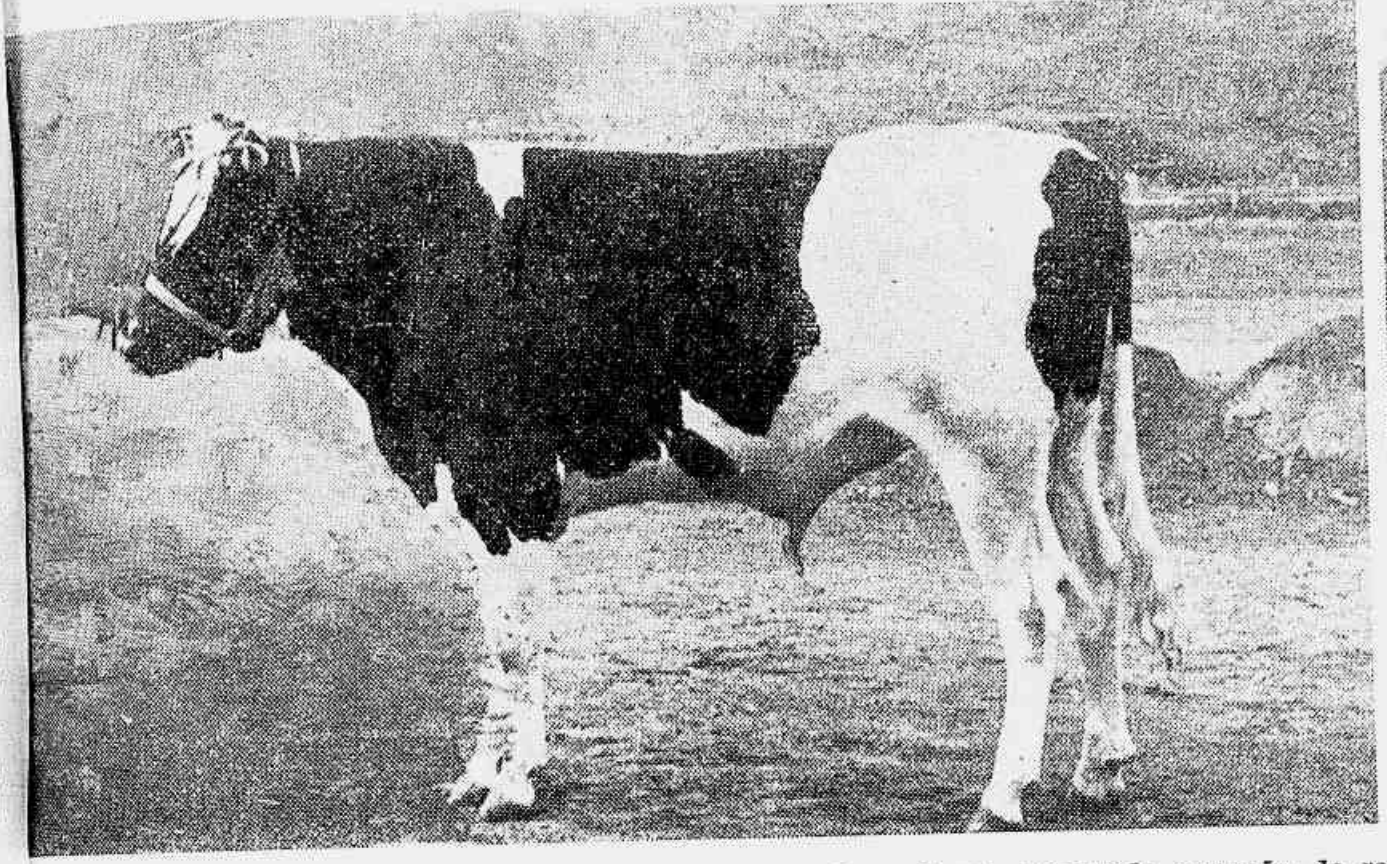
A XII Exposição foi, como as anteriores, um acontecimento social e econômico de real expressão para Leopoldina, para Mi-

nas Gerais e, — por que não dizê-lo? — para todo o País. A grande mostra agro-pecuária transcorreu no ambiente de entusiasmo e animação costumeiros, atraindo a atenção dos círculos interessados na criação de gado leiteiro e de todos aqueles que, desta ou daquela forma, se encontram ligados à nossa produção pastoril e indústrias afins. Os pavilhões destinados aos credenciados representantes dos campos da Zona da Mata, estendiam-se apinhados de esplêndidos exemplares das raças Holandesa Preta e Branca e Vermelha e Branca, Guernsey, Jersey, Schwyz, Simental. O Pavi-





A ESQUERDA — “Providência-Salalé”, puro de pedigree, campeão da raça Holandesa Preta e Branca, nascido a 11-4-46. Registrado em livro fechado na A.B.C.B.R.H. Tat. o. d. EM P-1 I.R.P.L. Pai — “Providência-Barão” Tat. o. d. EM K-1 I.R.P.L. Mãe — “Providência-Pietje II” Tat. o. d. EM G-1 I.R.P.L. Criador e Exp. Quirino Junqueira de Andrade, Fazenda Soledade, São Martinho, Minas. A DIREITA — “Dorus”, reprodutor Holandês Preto e Branco, importado da Holanda, servindo no plantel da Fazenda Soledade



A ESQUERDA — “Dois Irmãos-Trovador”, puro de pedigree, reservado-campeão da raça Holandesa Preta e Branca, nascido a 23-11-46. Registrado em livro fechado na A.B.C.B.R.H. Tat. o. d. HGP-4 I.R.P.L. Pai — “Dois Irmãos-Felipe”. Tat. o. d. HGL-1 I.R.P.L.; Mãe — “Tresilhas-Madrid II”. Tat. o. d. EIJ-3 I.R.P.L. A DIREITA — “Providência-Boy”, 1.º prêmio da raça Holandesa Preta e Branca, nascida a 16-11-46. Pai — “Providência-Boy”. Tat. o. d. EMM-1 I.R.P.L.; Mãe — “Providência-Favorita”. Tat. o. d. EMF-15 I.R.P.L. Ambos os animais pertencem à Fazenda Dois Irmãos, de João Junqueira de Andrade, Vila Abaiba, Minas Gerais

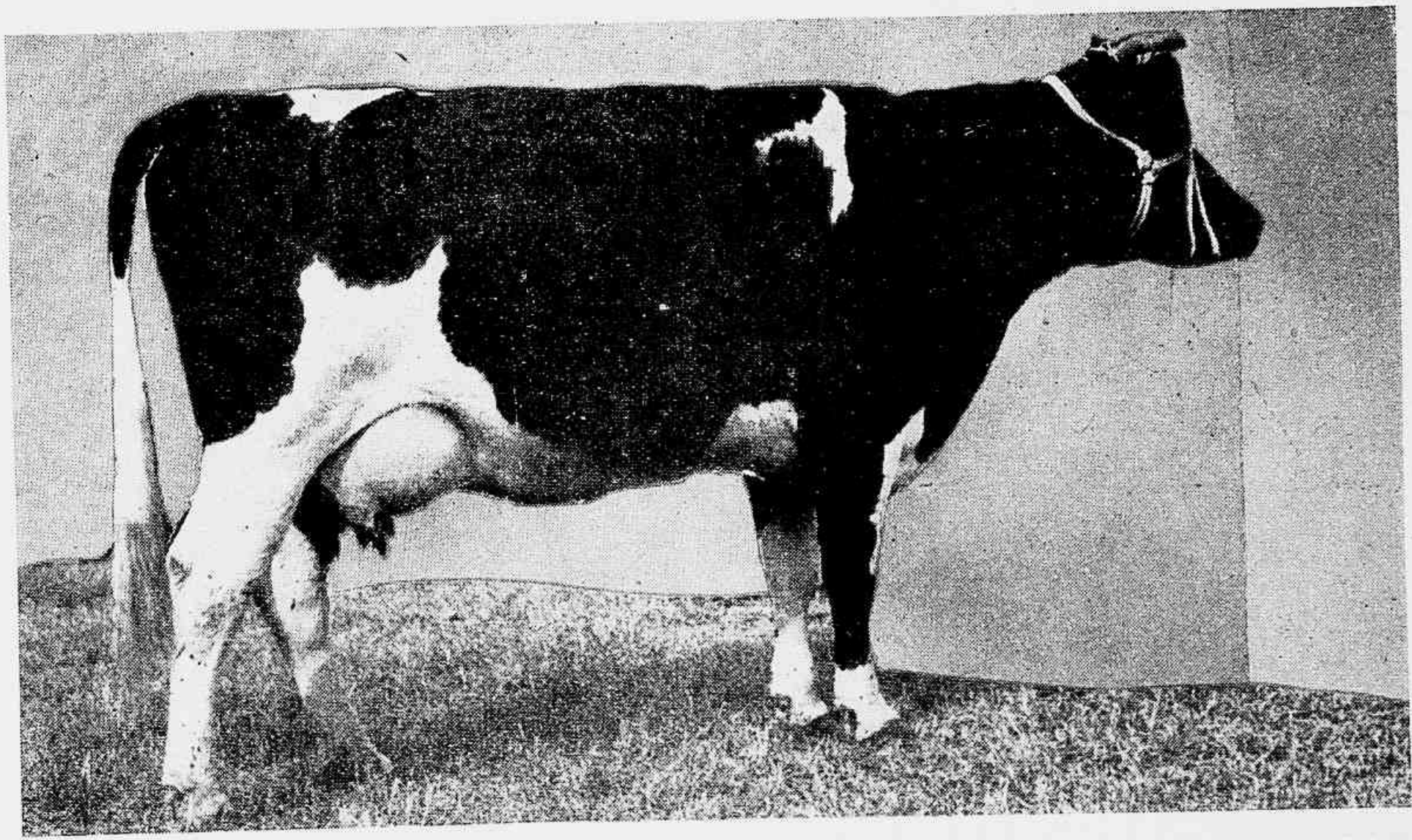
tanto se aproximam. Aquêles, pela voz do sr. Joaquim C. Ribeiro Junqueira, diretor do Banco Ribeiro Junqueira e também criador, saudaram os presentes no instante em que mais uma etapa do longo caminho palmilhado era transposta. O desfile dos animais, efetuado em seguida à cerimônia inaugural, foi uma “big-parade” onde reluziram as representações bovinas, equinas e assininas de Leopoldina, Volta Grande, Carangola, Paraíba do Sul e Nova Friburgo, arrancando dos assistentes vivos aplausos.



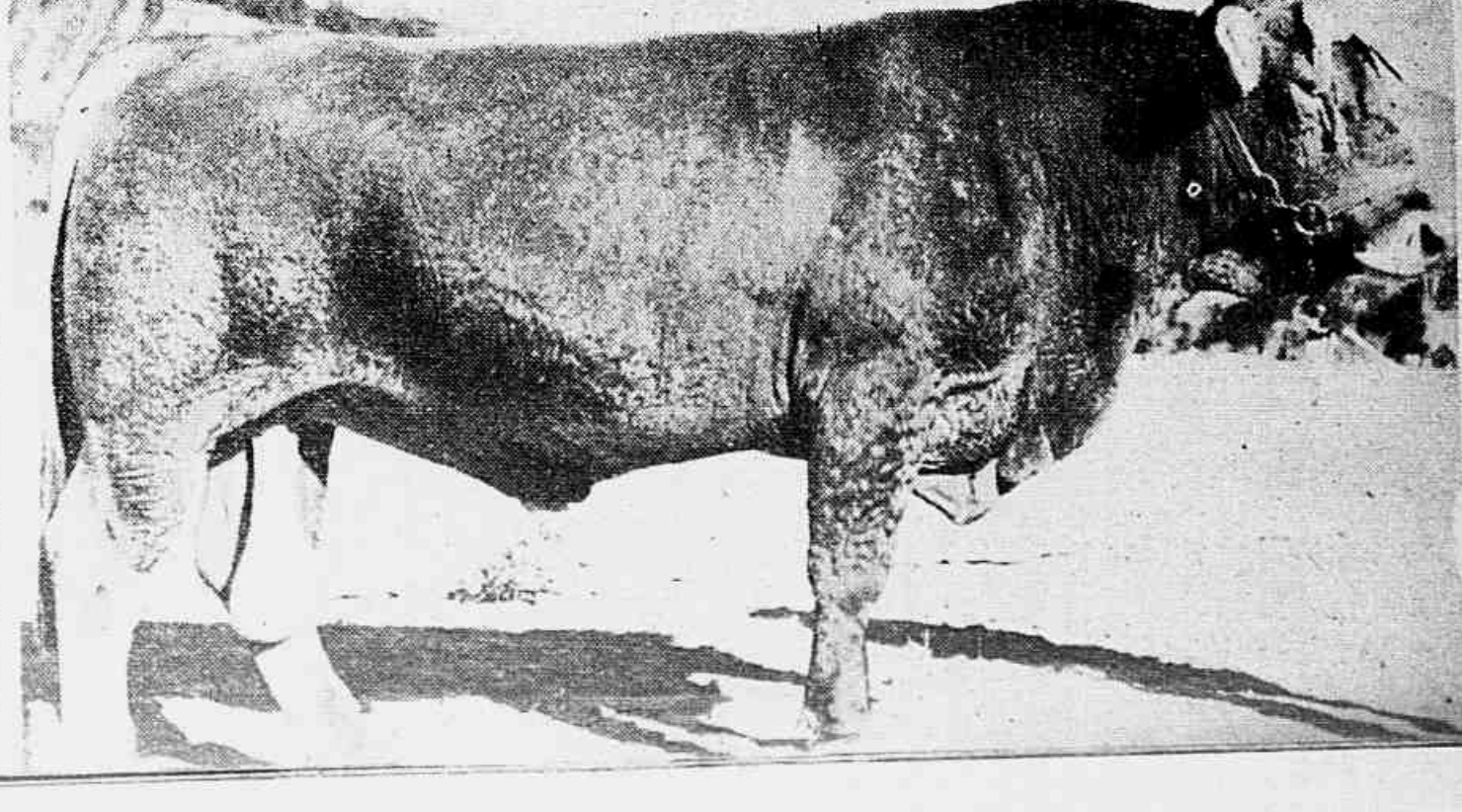
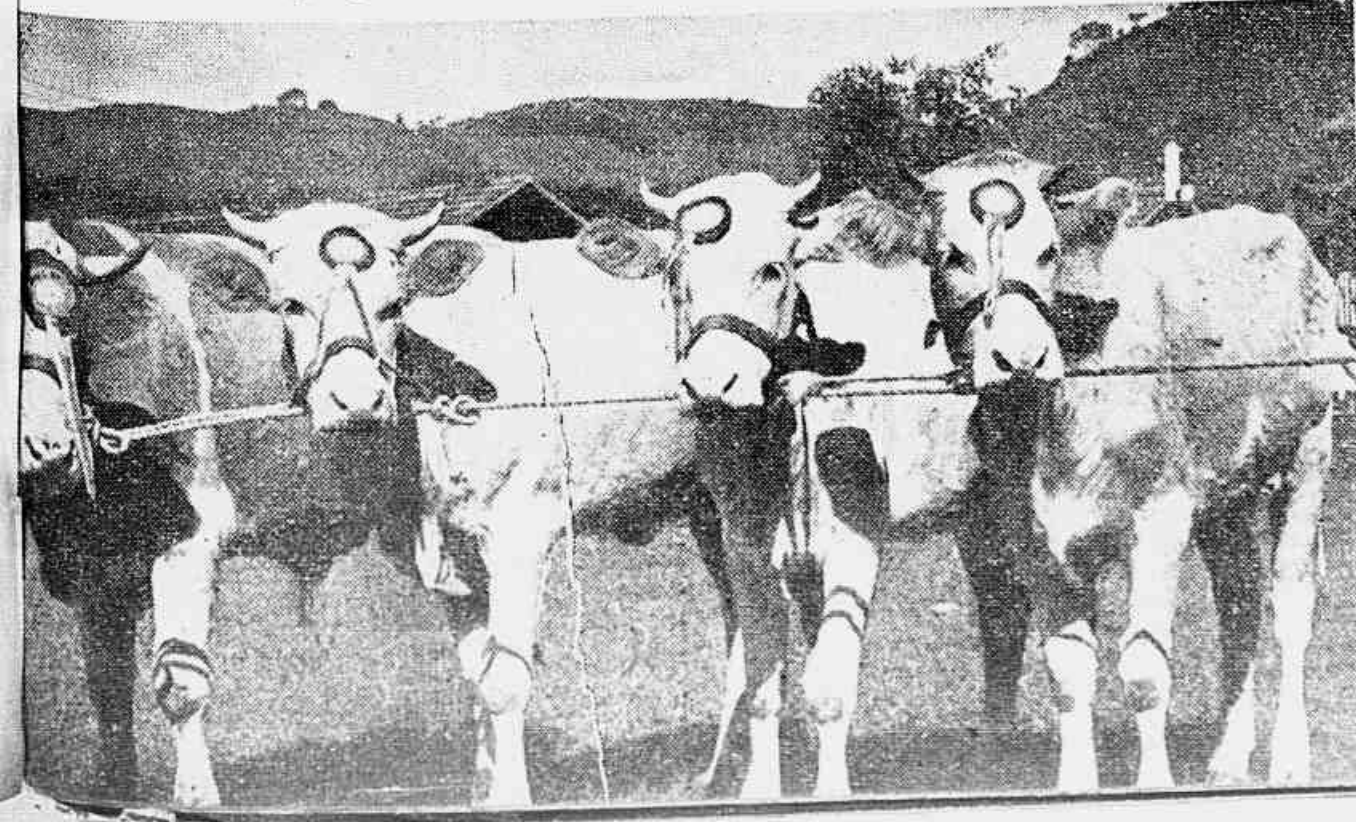
Um fato que despertou grande interesse na XII Exposição foi a

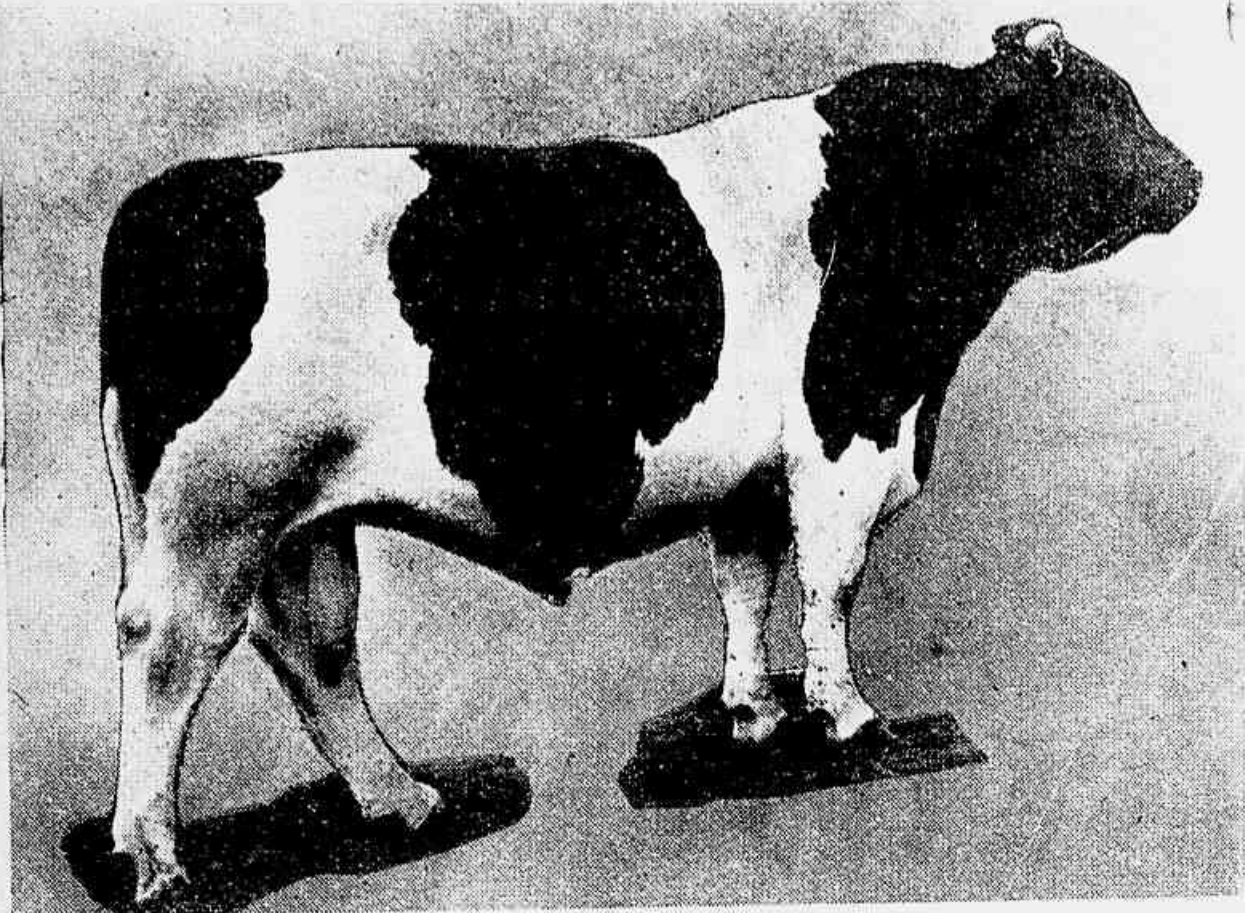
A DIREITA — “Dengosa-Bizerta”, campeã da raça Holandesa Preta e Branca da XII Exposição. 1.º Prêmio. Pura por cruzamento. Registrada na I.R.P.L. Propriedade da Fazenda Pedra Branca, de José Newton Reis Junqueira e José Ribeiro dos Reis, Volta Grande, Estado de Minas Gerais

EM BAIXO — Grupo de família campeão da raça Simental, composto pelo touro “Niagara-Albatroz”, campeão da raça na XII Exposição, e mais três filhas do reprodutor “Yujuhy”. Pertencem à Fazenda Niagara, de Fazenda Niagara S. A., de Vila Abaiba, Minas

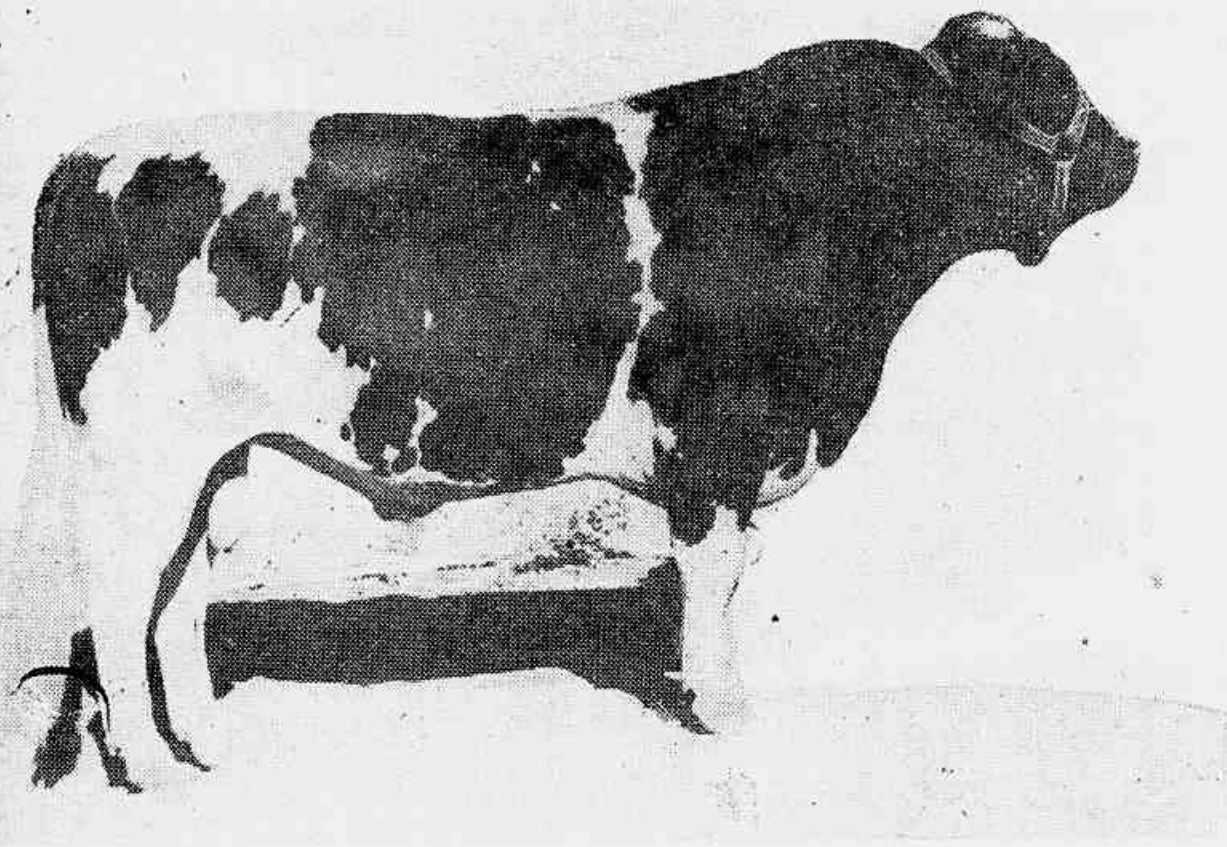


EM BAIXO — “Fakir”, campeão da raça Schwyz na XII Exposição. Puro de pedigree. “Fakir” faz parte do plantel dessa magnífica raça leiteira, pertencente à Fazenda Bela Aurora, propriedade de Antônio Bastos Freire, Leopoldina, Estado de Minas Gerais

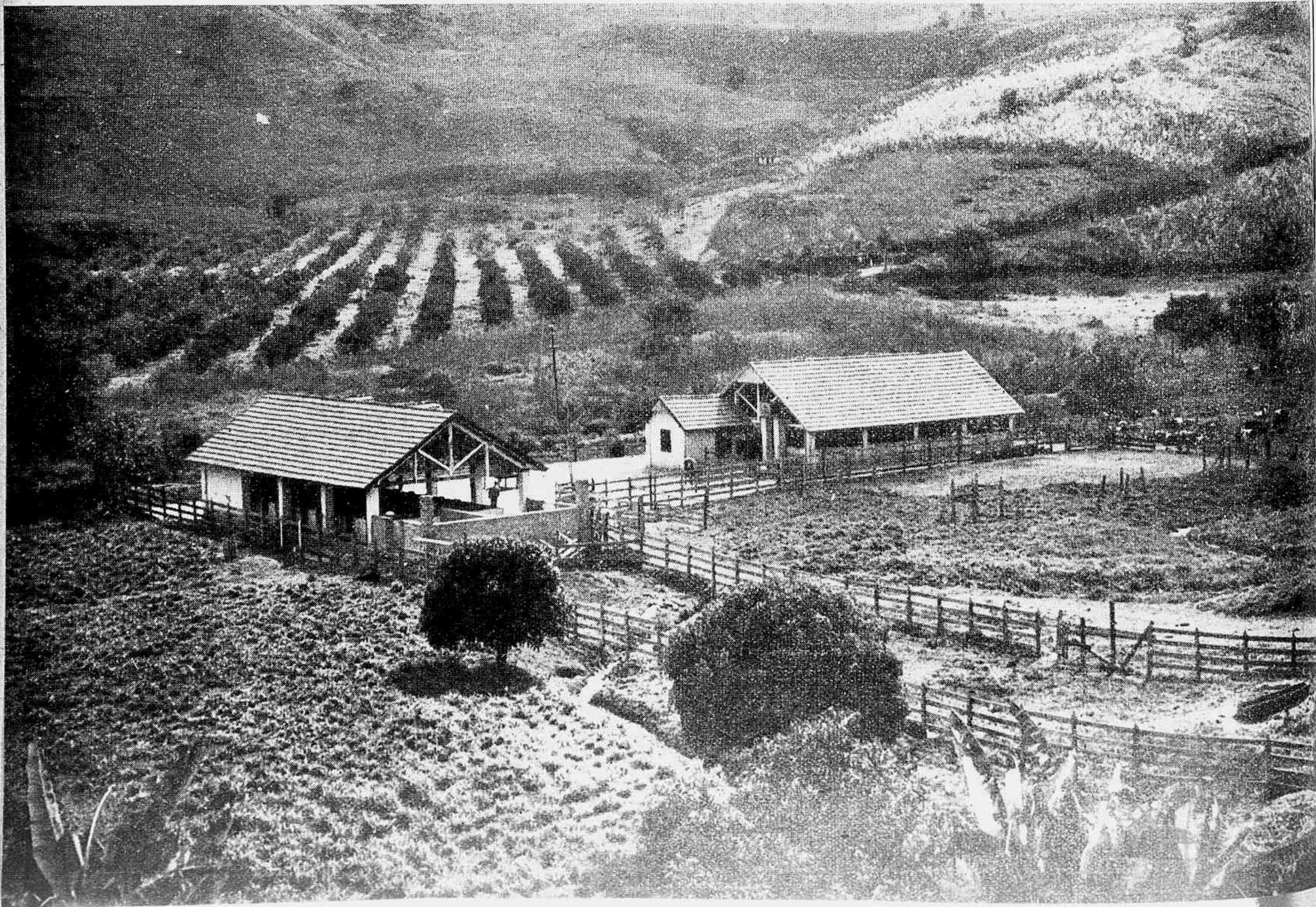




EM CIMA — "Bernard", reprodutor da raça Holandesa Preta e Branca, de 38 meses, importado da Holanda pelo criador José Ribeiro dos Reis, proprietário da Fazenda Mato-Dentro. Do seu pedigree constam 18 Preferents e seu avô — "Celsius" — é animal especialmente recomendado pelo governo daquele País. EM BAIXO — "George 13", reprodutor da raça Holandesa Vermelha e Branca, de 36 meses, também importado da Holanda pelo mesmo criador. Do seu pedigree constam 16 Preferents e Registros de Escol. Os dois magníficos espécimes são os cabeça de plantel da Fazenda Mato-Dentro



A fotografia acima, que se estende pelo alto da página seguinte, reproduz uma belíssima vista de conjunto da sede da Fazenda Mato-Dentro e seus arredores, propriedade do pecuarista José Ribeiro dos Reis, cujos processos de criação, seleção e aperfeiçoamento tantas glórias lhe têm granjeado nos certames regionais e nacionais a que comparece. A Fazenda Mato-Dentro é hoje um expoente da criação da raça Holandesa nas variedades Preta e Branca e Vermelha e Branca, e seus êxitos estão intimamente ligados à história das exposições leopoldinenses, nas quais, de ano para ano, mais se impõe pelo apuro com que apresenta seus esplêndidos produtos, bastando assinalar que detém, por quatro anos consecutivos, o campeonato de produção de leite em Leopoldina. A grande estância mineira pode ser considerada a campioíssima das exposições leopoldinenses, tantas as vitórias que ali tem conquistado. E dos certames nacionais tem trazido para Minas Gerais os mais significativos triunfos. Nesta página, em baixo, pode-se admirar outra vista da Fazenda Mato-Dentro, aparecendo os estábulos da parte reservada ao plantel Vermelho e Branco. Nota-se a abundância das pastagens e culturas de capim

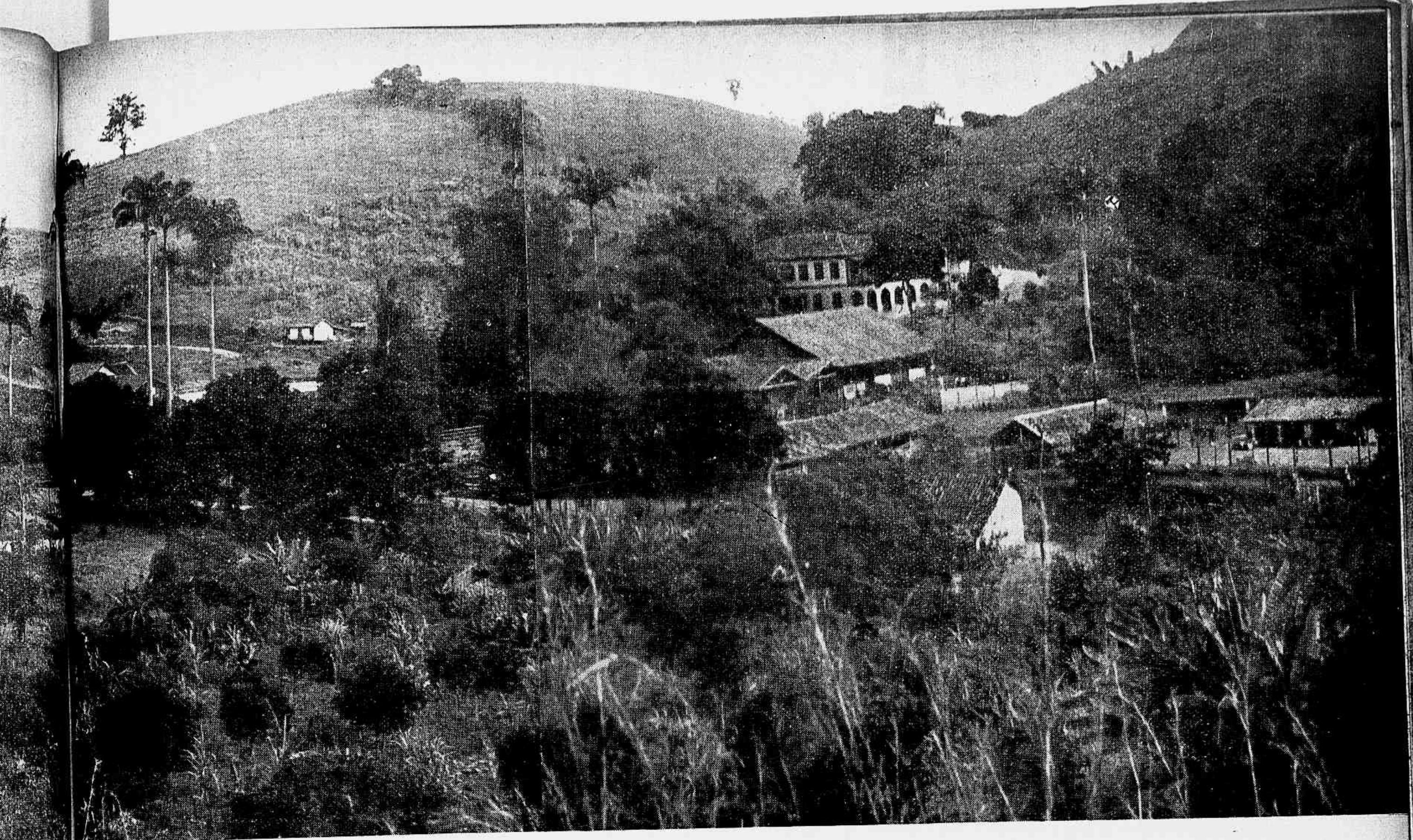


exibi
tados
expo
duto
conc
Vern
saça
porto
ro d
lhor
criac
And
And
port
ried

À D
com
de p
Regi
e pro
A D
Faze

A
O
U
AF
S

O
dos
con
An
Ex

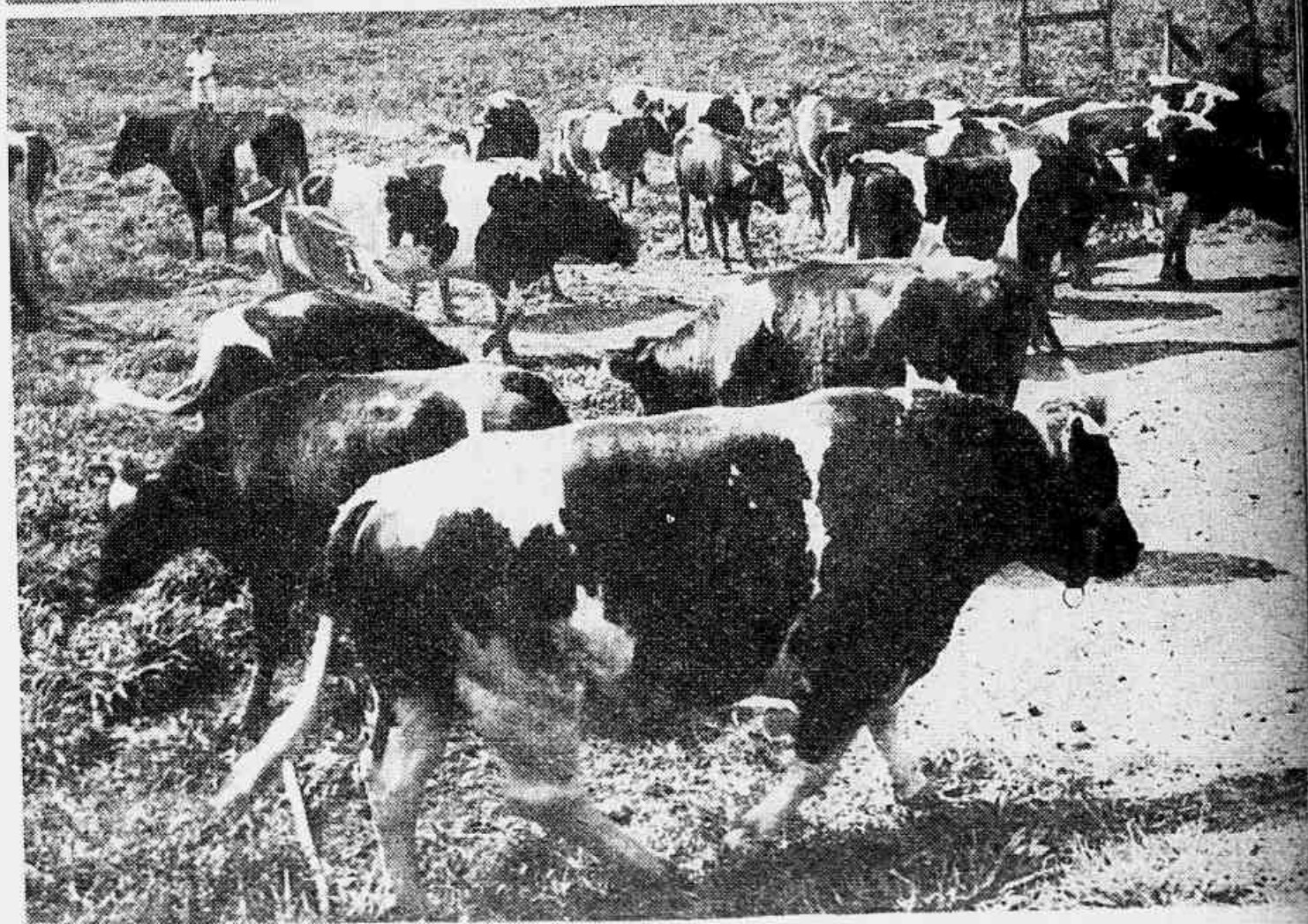
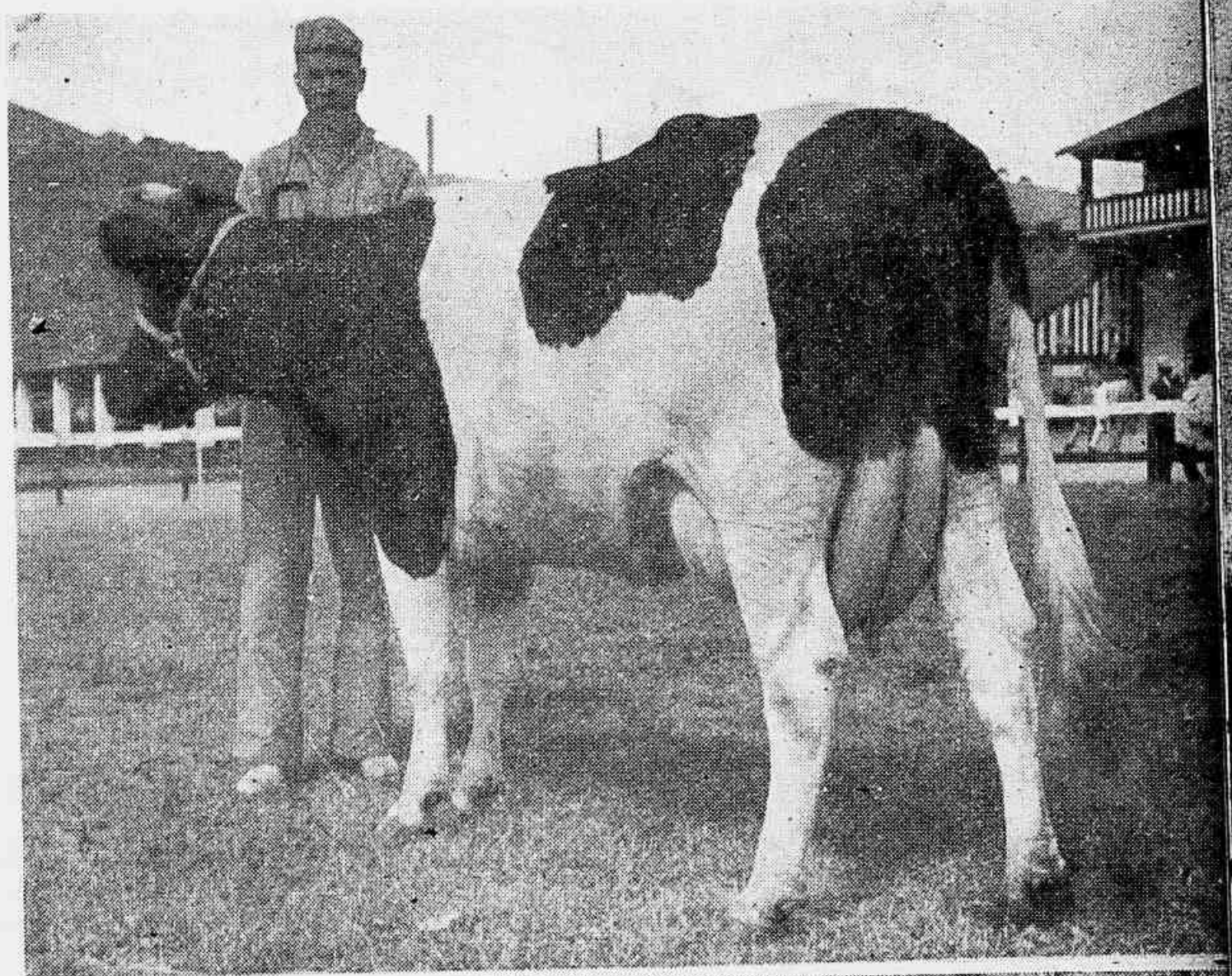


exibição de exemplares importados dos seus países de origem, expostos lado a lado com os produtos nacionais, embora extra-concurso. Na raça Holandesa Vermelha e Branca causou sensação o touro "George 13", importado pelo criador José Ribeiro dos Reis, considerado o melhor reprodutor da Exposição. Os criadores Quirino Junqueira de Andrade e João Junqueira de Andrade expuseram touros importados, daquela raça, na variedade preta e branca, a Fa-

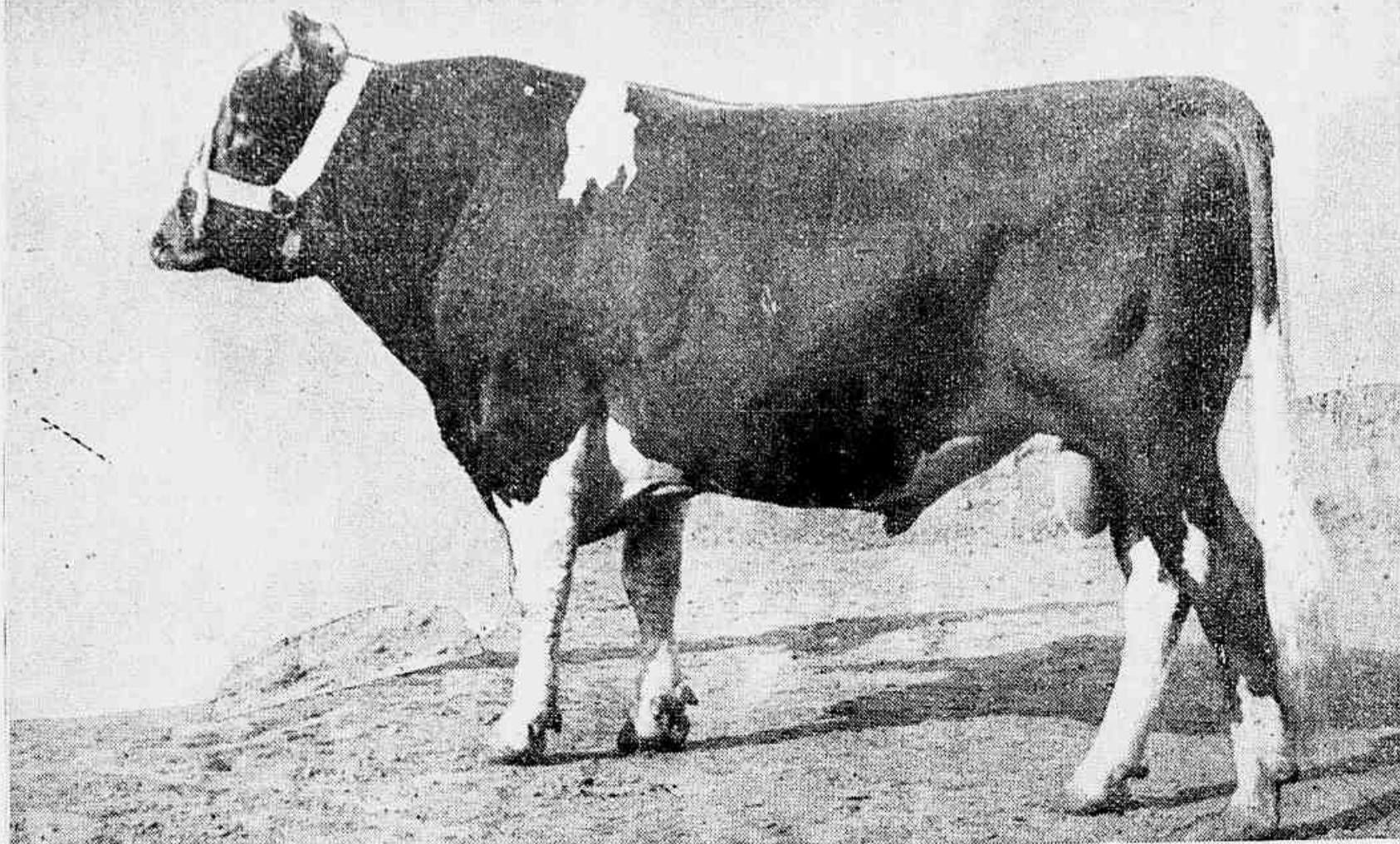
zenda Niagara uma novilha da raça Simental, e o criador José Soares Maciel Filho, de Paraíba do Sul, duas vacas da raça Guernsey, importadas dos Estados Unidos.

Também a presença dos criadores de Guernsey do Estado do Rio em Leopoldina, sede da Associação Brasileira dos Criadores de Gado Guernsey, constituiu acontecimento de relêvo, tanto mais que assinalou o ingresso daqueles adiantados pecuaristas na mencionada Associação. Fo-

À DIREITA — "Miltonia-Conga", vencedora do Concurso Leiteiro na XII Exposição, com a produção média diária de 37,786 kgs. em 3 ordenhas. "Miltonia-Conga" é pura de pedigree, com 50 meses de idade. Pai — "Lírio-Itu", Mãe — "Miltonia-Bruma". Registrada na Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da raça Holandesa. Criação e propriedade da Fazenda Mato-Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis, Leopoldina, Minas. À DIREITA, EM BAIXO — Parte do plantel de gado Holandês Vermelho e Branco, da Fazenda Mato-Dentro, liderado pelo reprodutor "George 13", que se vê em primeiro plano



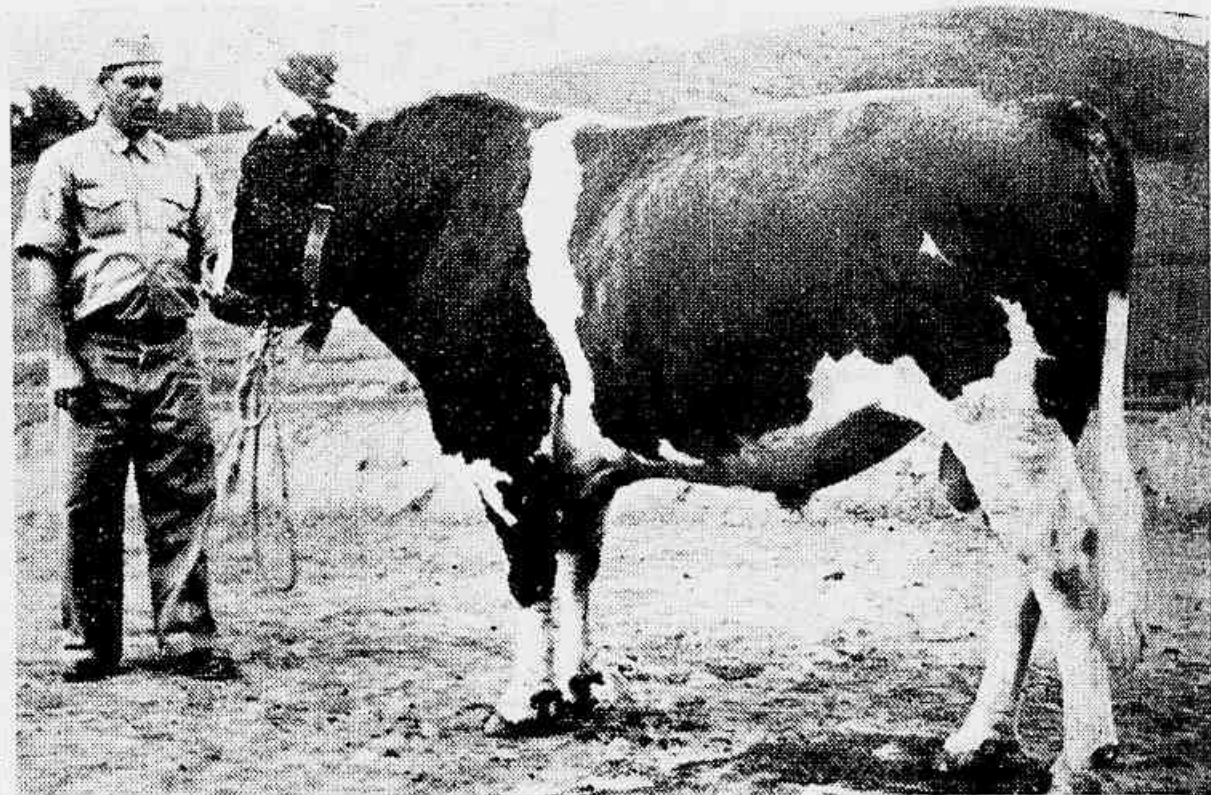
O dr. Romulo Joviano (à direita) no momento em que fazia entrega ao sr. José Ribeiro dos Reis, em nome do ministro da Agricultura, do bronze "Daniel de Carvalho", troféu conquistado pelo proprietário da Fazenda Mato-Dentro, na XII Exposição Nacional de Animais, realizada em Belo Horizonte. A entrega foi feita durante a realização da XII Exposição de Leopoldina, em presença de numeroso grupo de criadores e técnicos



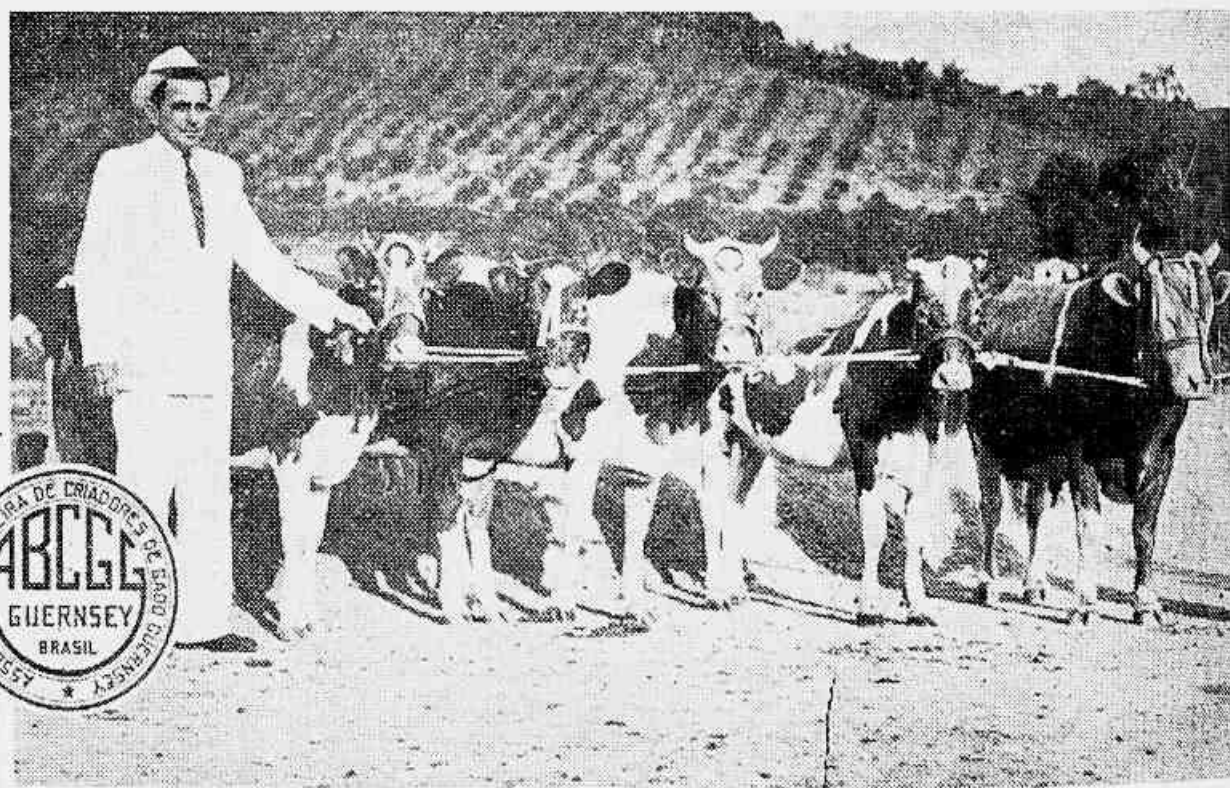
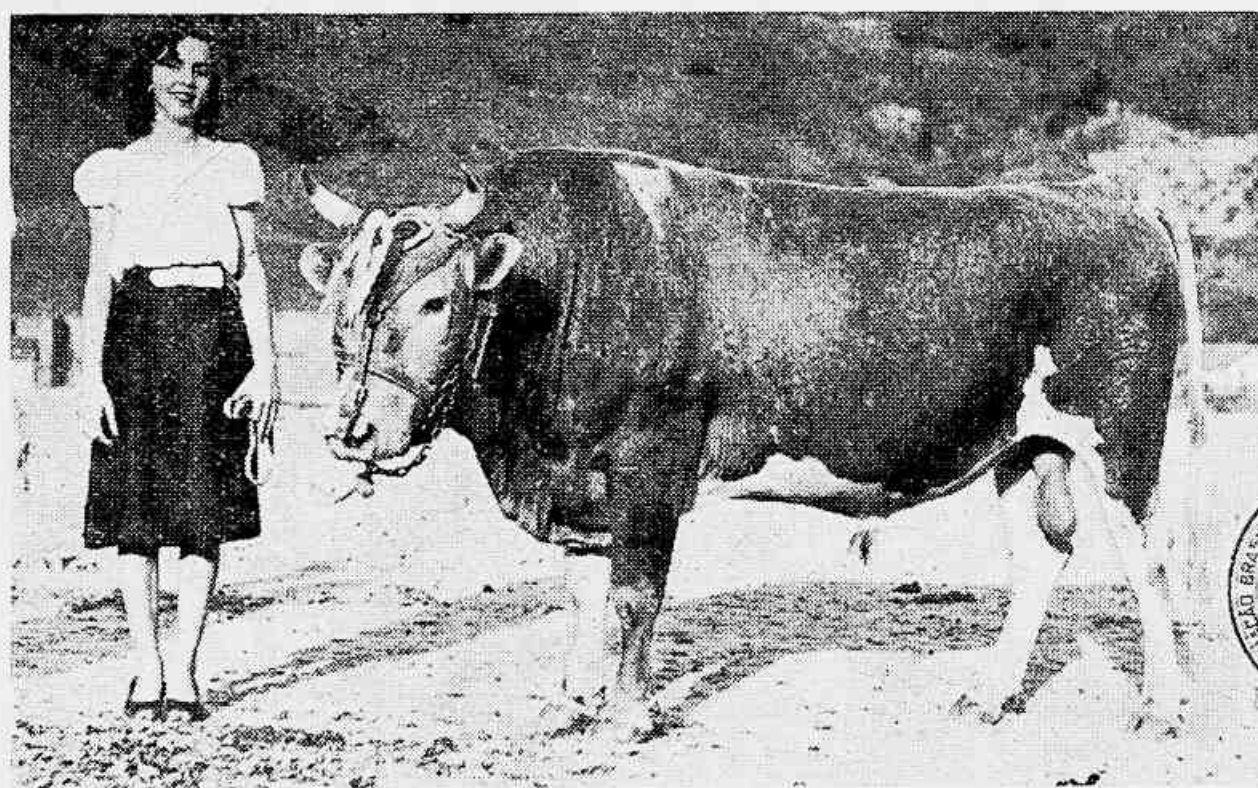
ram eles homenageados pelos seus colegas leopoldinenses com um jantar no Clube Leopoldina, falando, em nome da A.B.C.G.G., o sr. Joaquim Junqueira, realçando a satisfação de contar com todos os criadores do vizinho Estado no seio de uma agremiação única.

O sr. José Esteves, grande criador de Guernsey em Carangola e presidente da Associação Rural desse município, exaltou a união dos criadores do Estado do Rio aos dos demais Estados por meio da A.B.C.G.G., salientando que essa aproximação somente poderá concorrer para o engrandecimento da pecuária de nosso país. Era, assim, um gesto de patriotismo o que acabavam de ter os seus companheiros fluminenses. Com os presentes encontravam-se técnicos do Ministério da Agricultura, falando

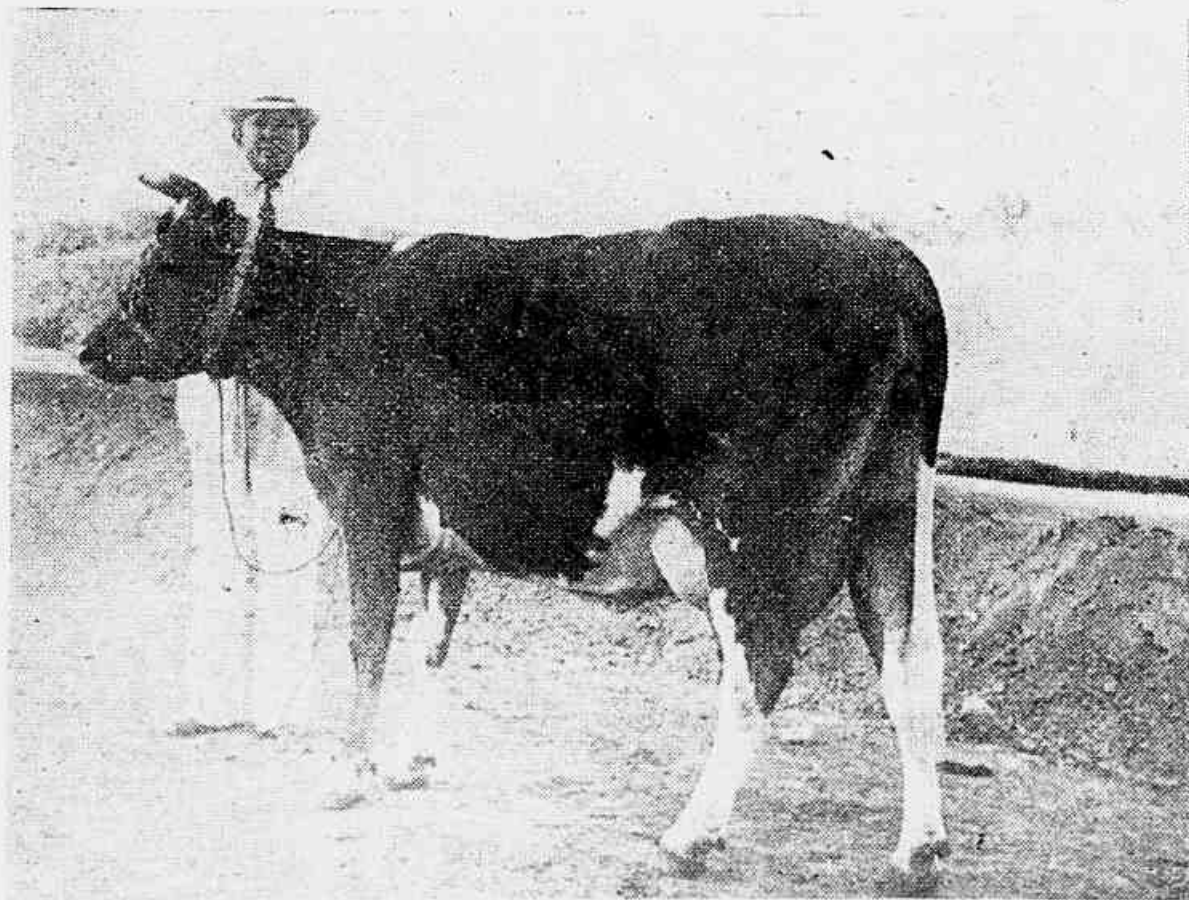
A ESQUERDA — "Lincoln", puro por cruzamento, campeão de 1948 da raça Guernsey na XII Exposição de Leopoldina. Nascido em 11-2-1943. Pai — "Raja of Hazelby". Mãe — "Esterlina". Pertence à Fazenda Bela Vista, do sr. Carlos Kohler, de Nova Friburgo, Estado do Rio



A ESQUERDA — Grupo de família campeão da raça Guernsey na XII Exposição. Pertence à Fazenda Belmonte, de Neder Calil, Vila Abaiba, Minas. A DIREITA — Ao mesmo criador pertence o touro "Limoeiro-Rex", campeão da raça Holandesa Vermelho e Branco na XII Exposição



A ESQUERDA — Seguro pela srta. Cléria Andrade Pimentel, está o touro "Abaiba-Yapu", puro por cruzamento, reservado-campeão da raça Guernsey na XII Exposição. Nascido a 2-3-44. Tat. o. d. ERN-10. Pai — "Godê". Mãe — "Abaiba-Taba" ER-38. Pertence à Fazenda Santo Antônio, de Irmãos Junqueira Botelho, Vila Abaiba, Minas. Da mesma estância é o grupo de animais Guernsey que aparece na gravura à direita, contidos pelo sr. José Benedito Pimentel, todos premiados na XII Exposição. São eles: "Abaiba-Yapu", "Cabedal-Arizona", "Cabedal-Pureza", "Cabedal-Turmalina" e "Cabedal-Rumba"



sr. Thomas Dalton, externando a alegria dos técnicos em face da harmonia reinante entre os criadores de gado Guernsey, o que constituía motivo de júbilo para todos os que trabalham no Ministério. O sr. desembargador Henrique Fialho, criador no Estado do Rio, agradeceu, em nome dos seus colegas fluminenses, entre os quais se achavam o sr. Carlos Kohler, proprietário do campeão Guernsey da Exposição, e o sr. Santos Spinelli, grande criador em Friburgo, dizendo mesmo que estava certo constituir esta união a estaca zero de

um grande surto de desenvolvimento e prosperidade para os criadores de Guernsey no Brasil. Finalmente o sr. Haroldo Junqueira, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey, agradeceu a todos o comparecimento a essa festa de confraternização, notadamente a presença do prefeito de Leopoldina, sr. José Ribeiro dos Reis, grande propulsor da pecuária em Minas, e do sr. Ormeo Junqueira Botelho, presidente da Associação Rural de Leopoldina, bem como a dos técnicos do Ministério, que sempre

A ESQUERDA — "Cabedal-Vita", 15/16 de sangue, da raça Guernsey, campeã do Concurso Leiteiro na categoria de vacas de pequeno porte, com a média diária de 20,946 kgs. de leite. Tat. o. d. HU-4 I.R.P.L. "Cabedal-Vita" é de propriedade da Fazenda Santo Antônio, de Irmãos Junqueira Botelho, Vila Abaiba, Estado de Minas Gerais



INTERMEZZO BUCÓLICO

J. S. MACIEL FILHO

Dês que tanto se fala em produção, tenho a honra de apresentar, ao respeitável público, um lote de tourinhos e bezerros. São democráticos e de pedigree. São panamericanos porque seus pais e suas mães nasceram nos Estados Unidos.

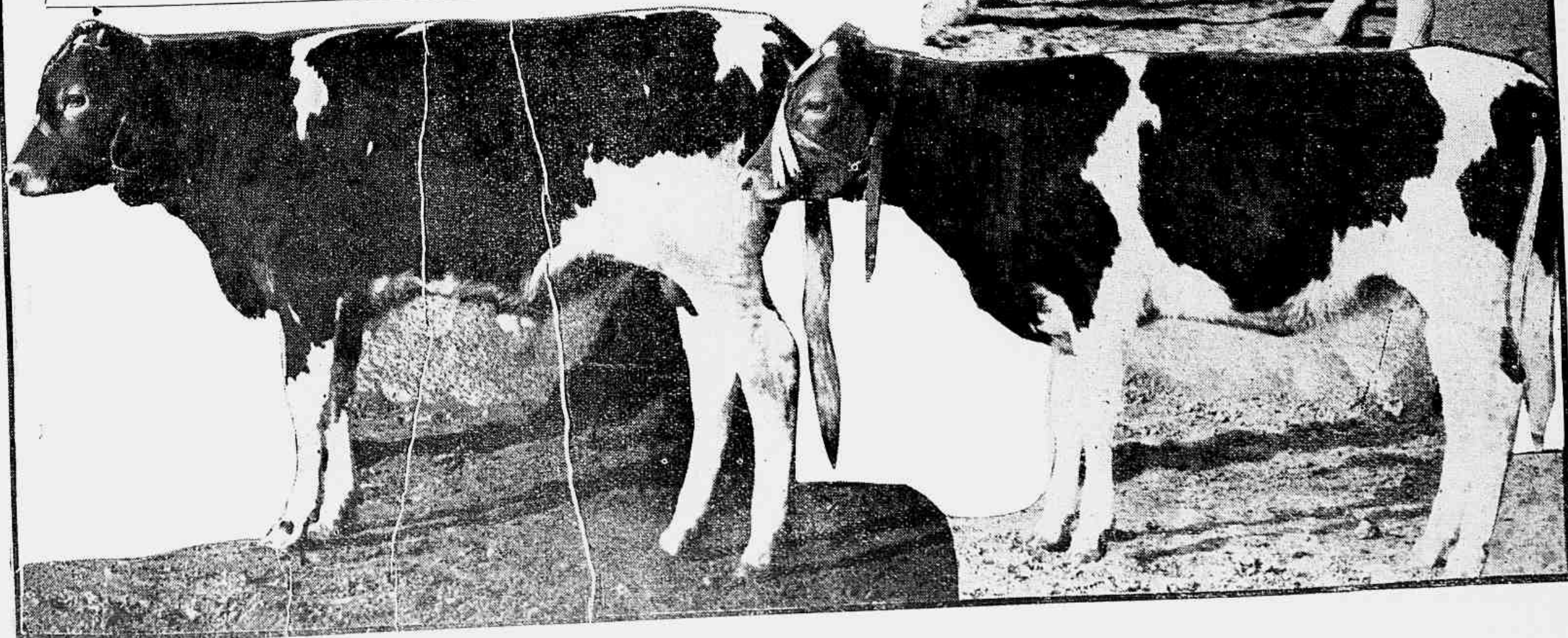
A peste suína impediu-me de apresentar os expoentes máximos de suínos de raça Hampshire, com os quais faço concorrência — excusez du peu — ao eminente Coronel Marcial Terra. Um porco gordo dessa raça pesa 20 arrobas. Os cabeças de plantel têm nomes maravilhosos, como Flower Square, e também vieram dos Estados Unidos. São divos e divas dignos de Hollywood. Coleciono porcos de pedigree, o que é muito mais agradável do que colecionar pedigrees de porcos.

Neste intermezzo bucólico o meu divertimento é comparecer a exposições e obter prêmios. Os "Guernsey" criados por mim já conquistaram 52 prêmios. Como todo o mundo entende roje de agricultura e pecuária, sem ver um alqueire de terra ou distinguir um Guernsey de um Jersey, eu fui alguns anos atrás a Minas buscar na sabedoria dos montanheses as lições para minha experiência. O resultado aí está.

A Leopoldina, berço do meu entusiasmo pela pecuária, a minha profunda homenagem neste intermezzo bucólico. Ao velho amigo Erico Junqueira o testemunho de uma grande admiração pelo que realizou e está realizando.

Não preciso descrever os animais — todos tiraram primeiros prêmios. A vantagem da fotografia é que quem não sabe ver vê figura. Em pecuária o que é belo é bom.

Continuo em meu intermezzo bucólico. O caso de São Paulo também está em foco para mim. A Exposição Nacional é em setembro.



colegas
de Leo
o s
ção de
ho Es
a.
Guern
ociap
ão da
ais Es
do que
ncorre
e nos
ismo
ros Il
vam-se
ando

to, cam
de Leo
azelber
vista, de
do Rio

mesmo

posição.
Minas.
ão eles:

envolvi-
tra os
o Bra-
aroldo
Asso-
res de
a a to-
essa
nota-
refeito
Ribeiro
or da
sr. Or-
siden-
e Leo-
técni-
empre

do Con-
e 20,946
Fazenda
Gerais

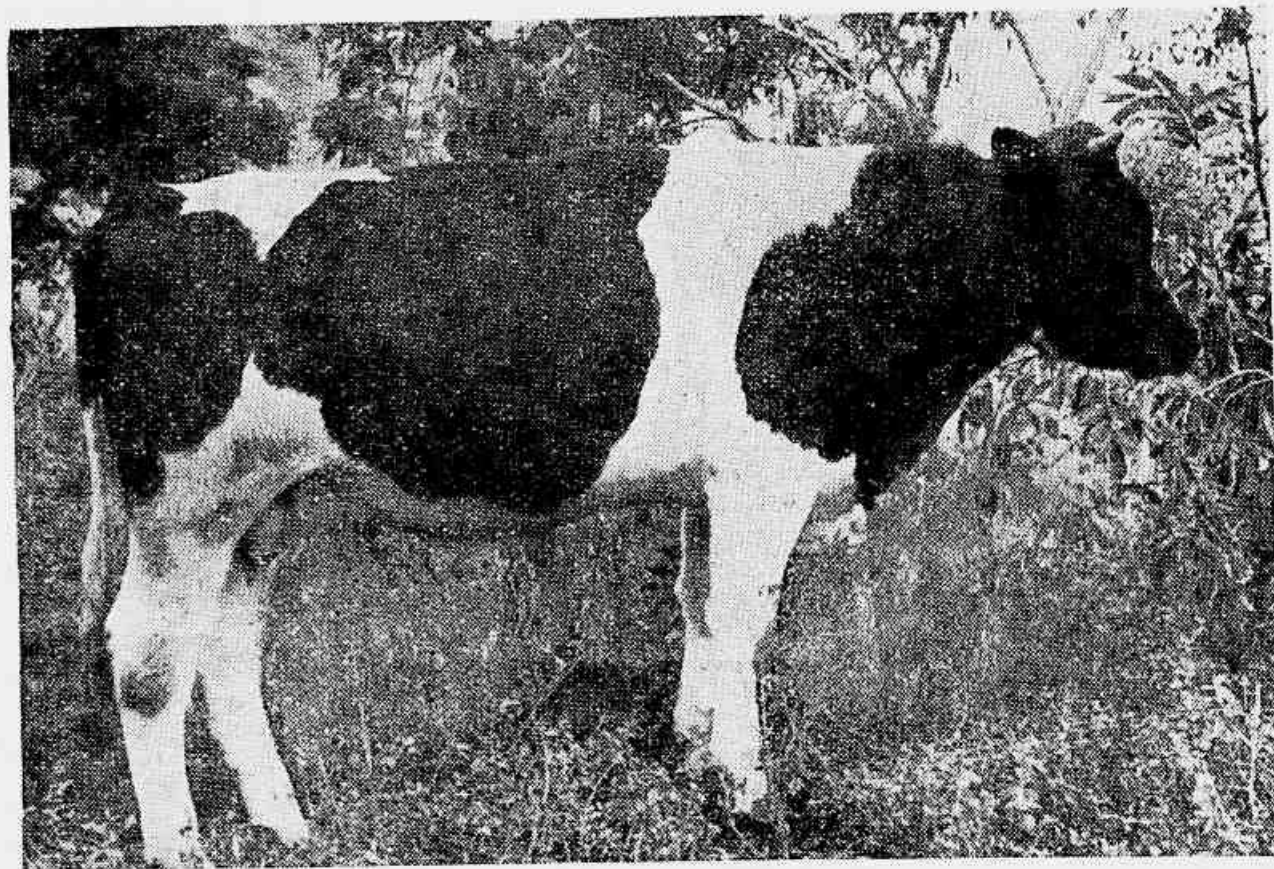


"Onix-Tira Teima", Holandesa Preto e Branco, 3/4 de sangue, 2ª cria, colocada em 2º lugar no Concurso Leiteiro da XII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina. Pertence à Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, de Providência, Minas

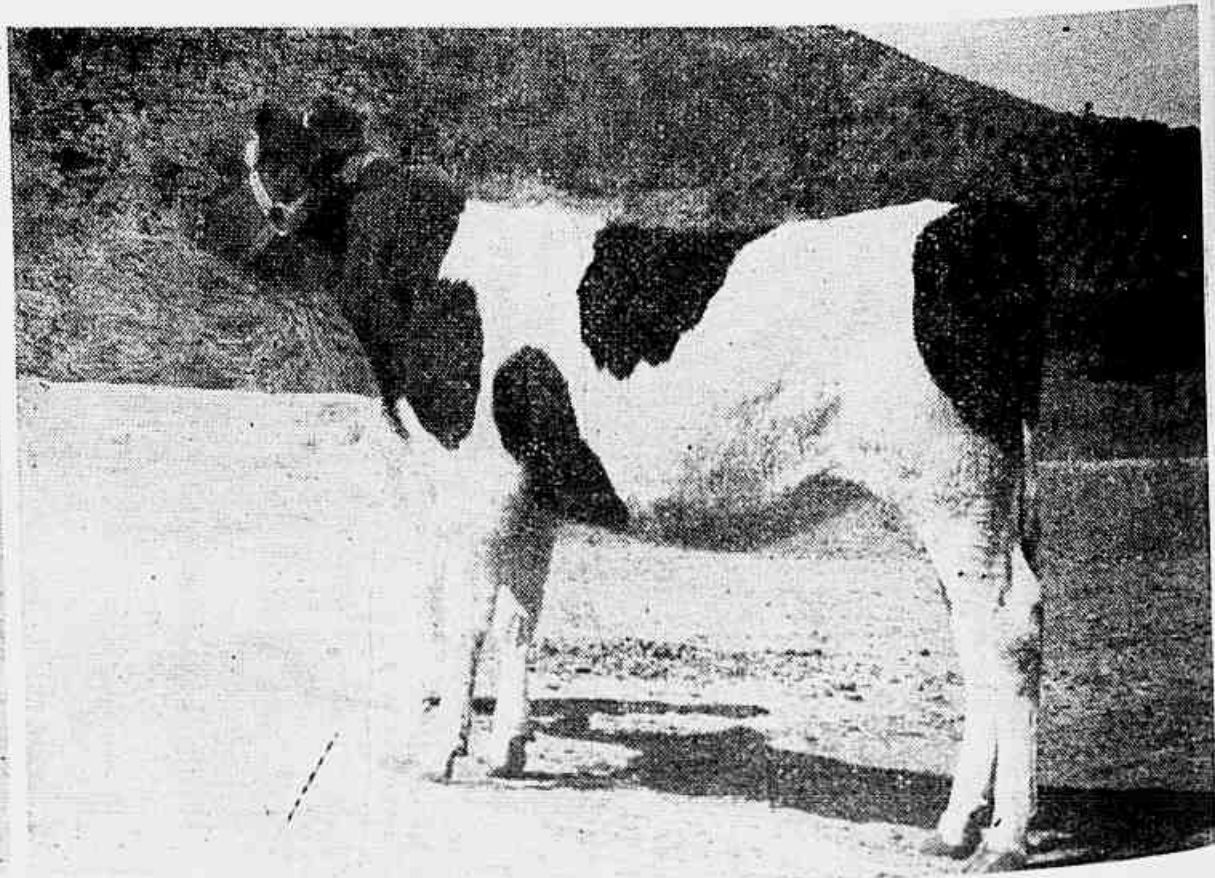
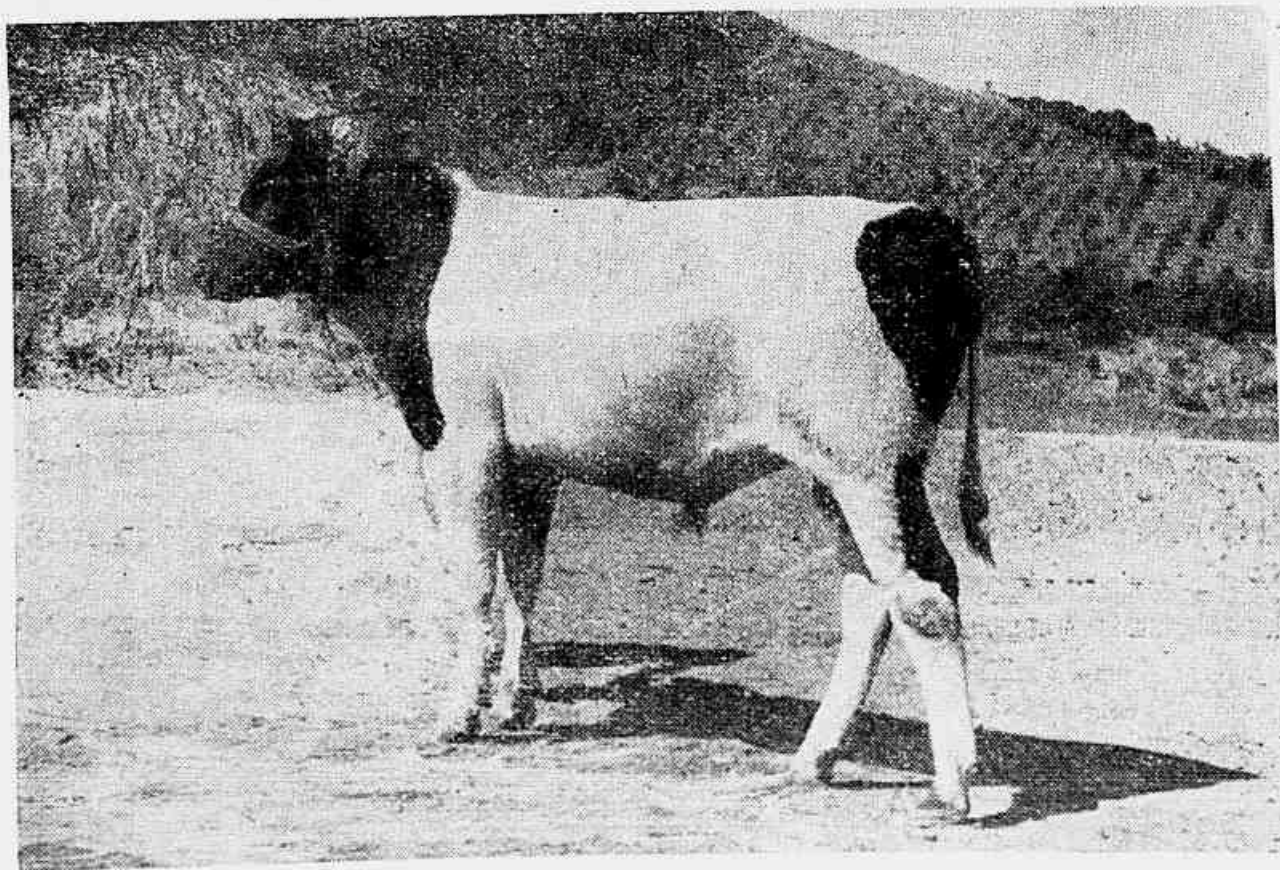
prestigiaram as Exposições, dizendo-se ainda convencido de poder contar com a colaboração direta dos novos associados, pois acabavam de ingressar na entidade a que preside.

★

O setor da pecuária da XII Exposição ofereceu os mais difíceis confrontos entre os numerosos espécimes expostos. A quantidade e a qualidade, principalmente esta, proporcionaram aos julgadores uma árdua tarefa, da qual surgiram os expoentes das diversas raças, por vezes depois de prolongadas análises, pois somente assim era possível retirar o melhor de entre os melhores. Destarte, é de justiça endereçar o louvor não somente aos que receberam principais colocações, mas igualmente a todos os que tão bem souberam apresentar o produto de um trabalho superiormente orientado. Os criadores leopoldinenses e dos demais municípios ali representados, conseguiram, acima dos lauréis individuais, uma estupenda vitória coletiva. Conquistaram campeonatos, primeiros prêmios e outras honrosas classificações, na raça Holandesa Preta e Branco: a Fazenda Soledade, de Quirino Junqueira de Andrade, com o campeão, o touro "Providência-Salalé", a reservada-campeã, vaca "Providência-Rainha", quatro



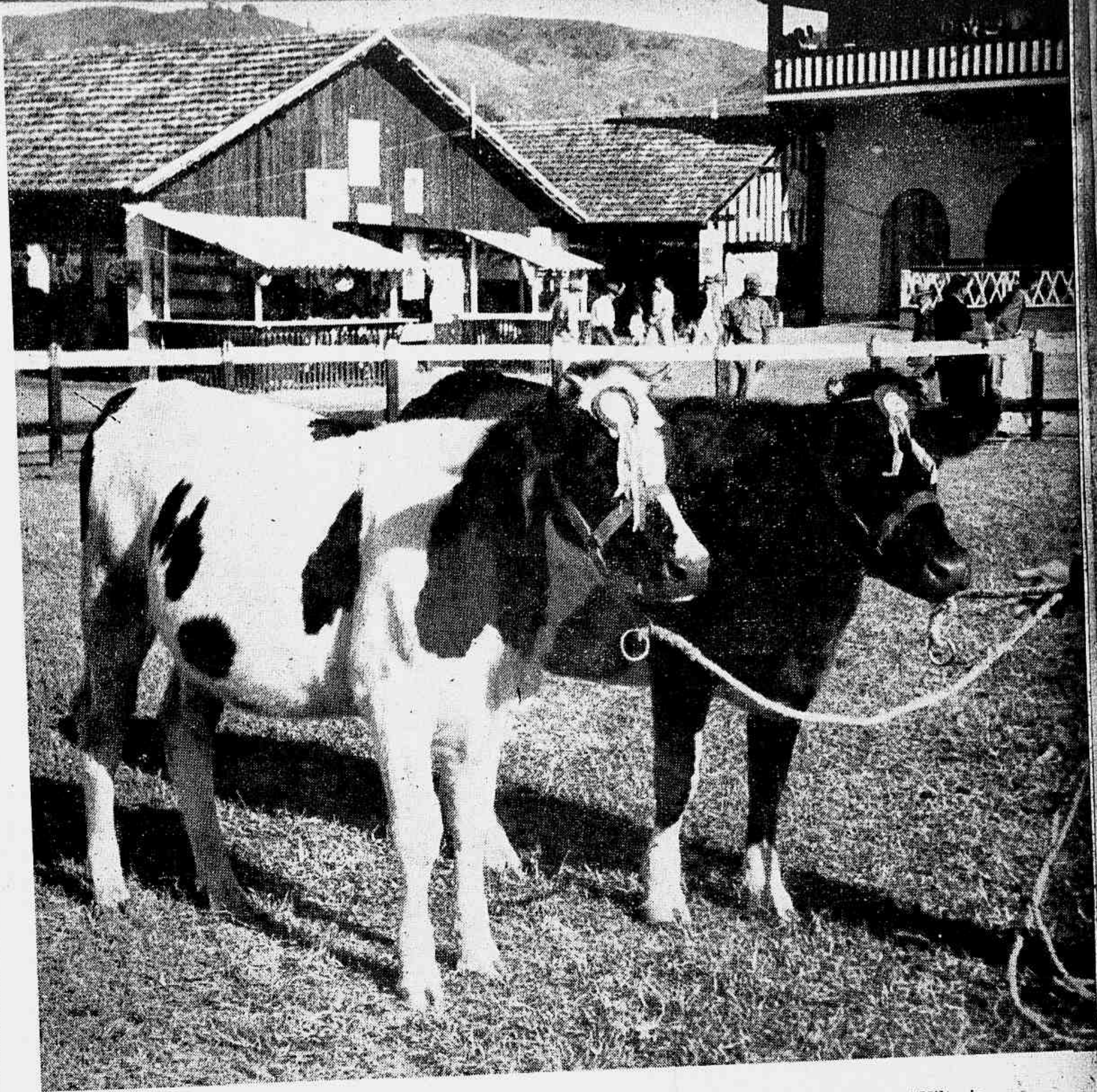
A ESQUERDA — "Onix-Herdeiro", Holandês Preto e Branco, puro de origem, nascido a 18-4-47. Menção Honrosa. Tat. o. d. EDQ-1 I.R.P.L. Pai — "Onix-Churchill". Mãe — "Onix-Herdade". À DIREITA — "Onix-Sururu", da mesma raça, puro por cruzamento, nascido a 24-6-47. Tut. o. d. EDQ-5 I.R.P.L. Pai — "Onix-Churchill". Mãe — "Onix-Cacheada". Animais pertencentes à Fazenda Bom Destino, de Antenor Ribeiro dos Reis, Providência, Minas



A ESQUERDA — "Onix-Dollar", Holandês Preto e Branco, puro de origem, nascido a 11-5-47. 2º Prêmio. Tat. o. d. EOK-5 I.R.P.L. Pai — "Onix-Churchill". Mãe — "Onix-Amizade". À DIREITA — "Onix-Viena", da mesma raça, pura de origem, nascida a 27-4-47. 2º Prêmio. Tat. o. d. EDQ-7 I.R.P.L. Pai — "Onix-Churchill". Mãe — "Onix-Varsóvia". Animais pertencentes à Fazenda Bom Destino, de Antenor Ribeiro dos Reis

Los, um 2º e três 3.ºs prêmios e quatro menções; a Fazenda Dois Irmãos, de João Junqueira de Andrade, com o reservado-campeão, o touro "Dois-Irmãos-Trovador", um 1º e um 2º prêmios; a Fazenda Pedra Branca, de José Newton Reis Junqueira e José Ribeiro dos Reis, com a campeã, a vaca "Dongosa-Bizerta", dois 1.ºs e um 2º prêmios e duas menções; a Fazenda Mato-Dentro, de José Ribeiro dos Reis, com a campeã leiteira, a vaca "Miltonia-Conga", dois 1.ºs, dois 2.ºs e um 3º prêmios, uma menção e o 1º lugar em conjunto de família; a Granja Regina, de Jonas Esteves Marques (Carangola), com três 1.ºs, três 2.ºs e 1 3º prêmios; a Fazenda Bom Destino, de Antenor Ribeiro dos Reis, com a vice-campeã do Concurso Leiteiro, a vaca "Onix-Tira-Teima", quatro 2.ºs e dois 3.ºs prêmios; a Fazenda Laranjeiras, de Orméo Junqueira Botelho, com um 1º prêmio, além de outros expositores menos premiados. Na raça Holandesa Vermelha e Branca; a Fazenda Belmonte, de Neder Calil, com o campeão, touro

EM BAIXO — Três primeiros prêmios conquistados pela Granja Regina, de Carangola, Minas, na XII Exposição de Leopoldina. São elas "Regina-Cristalina" e "Regina-Diela-Buena" (15/16) e "Regina-Dalila" (7/7). Pai: Holandesa Preta e Branca. Filhas do touro "Miltonia-França"



"Regina-Cristalina" (à esquerda), nascida a 8-10-46, 15/16 de sangue. Tat. o. d. KXP-3 I.R.P.L. Pai — "Miltonia-França" (15/16) e "Regina-Diela-Buena", nascida a 4-7-46, mesmo grau de sangue. Tat. o. d. KXP-11 I.R.P.L. Pai — "Zagal". Mãe — "Santa-Teresinha-Leopoldina", 1º e 2º Prêmios na categoria de fêmeas de 18 a 30 meses, na XII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina. Pertencem à Granja Regina, de Jonas E. Marques, Carangola



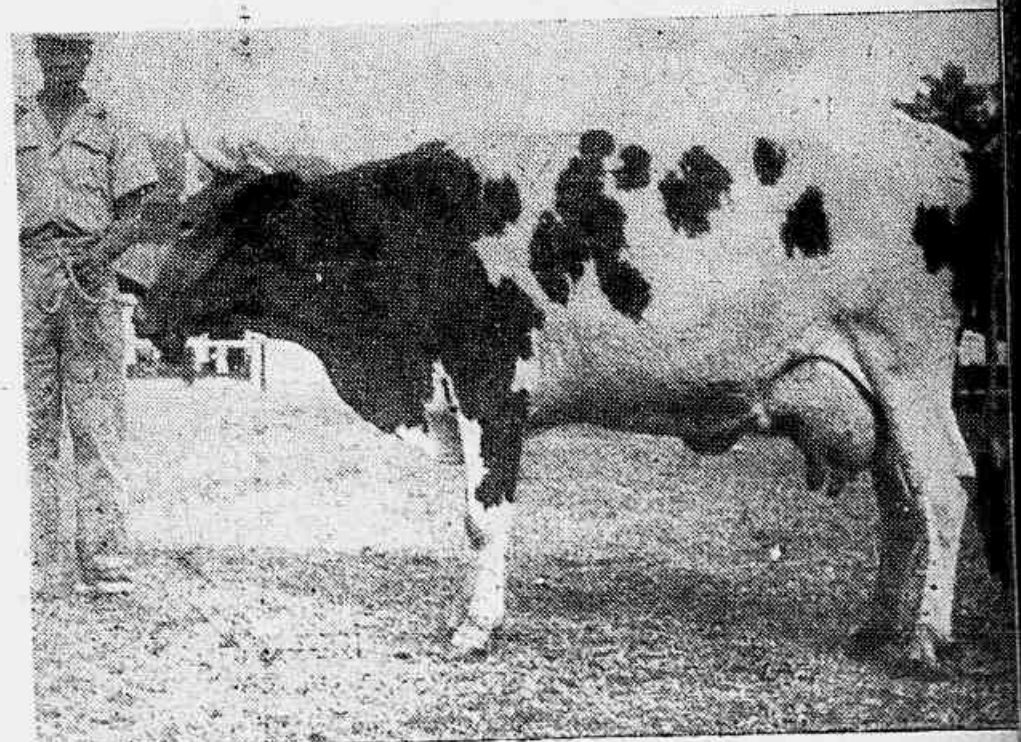
"Cruzalta-Pintura", "Cruzalta-Alverada" e "Cruzalta-Magnética", componentes do grupo campeão em Matéria Gorda na XII Exposição. Pertencem à Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, Providência, Minas

"Limoeiro-Rex" e um 1º prêmio; a Fazenda Mato-Dentro, de José Ribeiro dos Reis, com o reservado-campeão, touro "Miltonia-Tulão", a campeã e a reservada-campeã, vacas "Miltonia-Perdiz" e "Miltonia-Surana", cinco 1.ºs e quatro 2.ºs prêmios e uma menção; a Fazenda Vitória, de Jonathan Ferreira de Toledo, com o primeiro lugar no conjunto de família, quatro 1.ºs, quatro 2.ºs e três 3.ºs prêmios e uma menção; a Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, com o 2º lugar no Concurso Leiteiro, um 1º e um 2º

prêmios (alcançando também o 1º lugar em grupo de matéria gorda), além de outros expositores menos premiados. Na raça Guernsey: a Fazenda Bela Vista, de Carlos Kohler (Nova Friburgo), com o campeão, touro "Lincoln", e um 1º prêmio; a Fazenda Santo Antônio, de Irmãos Junqueira Botelho, com o reservado-campeão, touro "Abaiiba-Yapu", dois 1.ºs, três 2.ºs e dois 3.ºs prêmios, e 1º lugar no Concurso Leiteiro, na categoria de vacas de pequeno porte, com "Cabedal-Vita"; a Fazenda Ilha de José Soares Mansel Filho

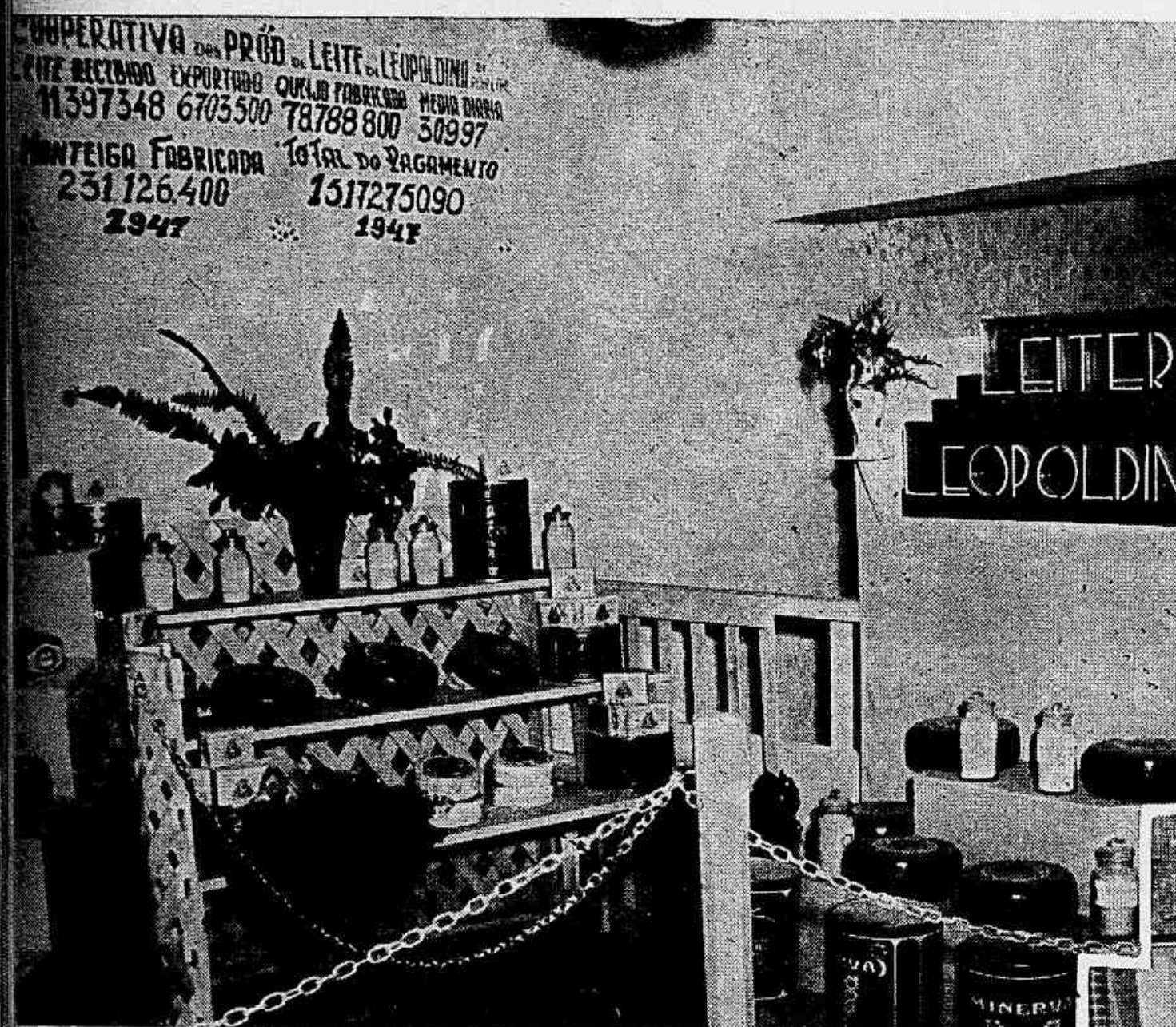
(Paraíba do Sul), com seis 1.ºs, dois 2.ºs e um 3º prêmios e uma menção; a Fazenda Alvorada, de José Larivoir Esteves (Carangola), com dois 1.ºs, um 2º e um 3º prêmios e uma menção, e o 2º lugar em conjunto de família; a Fazenda Abaiba, de Fazenda Abaiba S. A., com a campeã, vaca "Abaiba-Boma", um 1º, dois 2.ºs e um 3º prêmios e uma menção; a Fazenda Belmonte, de Neder Calil, com o 1º lugar em grupo de família, um 3º prêmio e uma menção; a Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, com um 1º e um 3º prêmios, e outros expositores menos premiados. Na raça Schwyz: a Fazenda Bela Aurora, de Antônio Bastos Freire, com o campeão, touro "Fakir", a campeã, vaca "Aurora-Gileto", o 1º lugar em conjunto de família, três 1.ºs e dois 3.ºs prêmios; a Fazenda Santa Rita, de Sabestião Nelson Junqueira, com o reservado-campeão, touro "Fuzil-Brigadeiro", cinco 1.ºs, seis 2.ºs e dois 3.ºs prêmios e uma menção; a Fazenda Itororó, de Bastos e Filhos, com dois 1.ºs e um

EM BAIXO — "Cruzalta-Pintura", 6 anos, 3/4 de sangue, 3º cria, 3º lugar em quantidade de leite. Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros



Mãe — "Onix"
Mãe — "Onix"

A ESQUERDA — "Itororó-Pampulha", 1.º Prêmio da raça Schwyz, 3/4 de sangue, nascida em 12-6-46. Tat. o. d. FEP-1 I.R.P.L. Pai — "Guilherme". Mãe — "Itororó-Araçá".
A DIREITA — "Itororó-Maiavilha", 1.º Prêmio da raça Schwyz, 7/8 de sangue, nascida a 5-6-47. Tat. FEQ-1 I. R. P. L. Pai "Maracanã". Mãe — "Itororó-Francesa". Pertencem à Fazenda Itororó, de Bastos & Filhos, Leopoldina, Minas.



Stand da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina e da Leiteria Leopoldinense, as duas organizações que enriquecem o parque industrial da grande cidade mineira. A DIREITA — Stand da Companhia Fiação e Tecidos Leopoldinense, a maior expressão industrial de Leopoldina, exibindo seus produtos e seus modernos maquinismos

2º prêmios e duas menções; o Sítio Cotegipe, de Dolores Reis de Paula, com um 1º e um 3º prêmios, e outros expositores menos premiados. Na raça Jersey: a Granja Santa Teresinha, de Antônio Reis Junqueira, com o campeão, touro "Nico de Jacarepaguá", a campeã, vaca "Odethe-Comary", quatro 1.ºs, dois segundos e um 3º prêmios; a Fazenda Tabuleiro, de Oswaldo Ch. Vieira, com o reservado-campeão, touro "Favorito-Comary", dois 1.ºs e dois 2.ºs prêmios; a Fazenda Passa Tempo, de Alceu Junqueira Ferraz, com a reservada-campeã, vaca "Carioca de Passa-Tempo", cinco 1.ºs, quatro 2.ºs e três 3.ºs prêmios e três menções; a Fazenda S. José, de João Belo de Oliveira Filho, com um 1º prêmio, e outros expositores menos premiados. Na raça Simental: a Fazenda Niagara, de Fazenda Niagara S. A., com o campeão, touro Niagara-Albatroz", quatro 1.ºs, quatro 2.ºs e dois 3.ºs prêmios, e o grupo de família campeão.

Estas as principais "performances" nas raças leiteiras, mas desejamos mencionar aqui alguns episódios de mais eficiência na

quadro das representações bovinas. O primeiro deles é a significação do prêmio conferido à Fazenda Mato-Dentro, de José Ribeiro dos Reis, pelo Ministério da Agricultura, conquistado com o grupo de família campeão de todas as raças. O valioso prêmio constou de um reprodutor puro de pedigree. Essa estância, famosa pelas suas vitórias sem conta nas exposições leopoldinenses e nacionais, também alcançou, pela quarta vez consecutiva, o campeonato de produção de leite, feito este que a coloca entre as melhores fazendas de gado leiteiro do País.

A participação de criadores dos municípios vizinhos a Leopoldina e do Estado do Rio, merece uma referência, em vista dos resultados pelos mesmos obtidos, com honrosas colocações em competição com a categorizada "élevage" leopoldinense. Nova Friburgo, no Estado do Rio, figurou com o campeão da raça Guernsey, da Fazenda Bela Vista, do sr. Carlos Kohler; Volta Grande forneceu a campeã da raça Holandesa Preta e Branca, da Fazenda Pedra Branca, dos

ra e José Ribeiro dos Reis, e o reservado-campeão da raça Schwyz, da Fazenda Santa Rita, de Sebastião Nelson Junqueira, além de outras boas classificações; Paraíba do Sul (E. do Rio) obteve um total de nove prêmios, sendo seis 1.ºs, conferidos à Fazenda Rio Novo, de José Soares Maciel Filho; e Carangola, o município que já se destaca no campo da pecuária mineira pelo entusiasmo,



pelo esforço e pelos métodos empregados na seleção e aperfeiçoamento das raças leiteiras, conquistou, com as representações da Granja Regina, de Jonas Esteves Marques, da Fazenda Alvorada, de José Larivoir Esteves, e da Fazenda S. José, de João Belo de Oliveira Filho, treze prêmios, sendo seis 1.ºs.

No todo, ou isoladamente em suas diversas seções, a XII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina ficou na história da criação e da agricultura mineiras como mais uma página caprichosamente impressa em primoroso relêvo. Tudo era para admirar — nos pavilhões apinhados de espécimes de alta linhagem; nos mostruários ostentando os grãos e os frutos que a terra benfazeja propicia ao homem; nos "stands" arranjados a gosto, da indústria e do comércio locais, como o da Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense

com as suas bonitas fazendas, o da Cia. Leiteria Leopoldinense com seus afamados queijos e manteigas, o da Serraria S. José com os seus móveis fabricados a capricho; e os de outras regiões, como o da Socil com as suas acreditadas rações, e o da Cia. Fábio Bastos com seus maquinários e materiais agrícolas; na arte pictórica de Consuelo Fabrini com sua encantadora mostra de trabalhos a óleo; na perícia consumada da mulher mineira exibindo, sobre a alvura dos linhos e das sedas, labores manuais de delicada tessitura. E todo aquele borborinho de festa se deslocava, noite após noite, para os elegantes salões do aristocrático Clube Leopoldina, onde se dançava ao som das melodias executadas à perfeição por uma das melhores orquestras que temos ouvido, e onde se era re-

cepcionado pelo encanto pessoal de Guanahyro Motta, seu presidente. E por entre aquele mundo de pedigrees, de máquinas, de pomos, de cifras, o confortador desvelo das senhoras, das moças, das meninas de Leopoldina, ocupadas na humaníssima tarefa de servir nos bares das casas de caridade.

★

Descrevendo o magno certame da Zona da Mata por quatro anos sucessivos, nem assim o hábito nos concede os atributos indispensáveis para fazê-lo em correspondência com a sua grandiosidade. Fica-nos, porém, a certeza de pôr em a nossa narrativa todo o entusiasmo contagiante que domina a quem, como nós, passa em Leopoldina os oito dias da sua festa máxima, da festa que é um quadro vivo de operosidade, cultura e progresso.

Mlle. PERLE

(Cont. da pág. 19)

Chantal continuou: "Agora é preciso escolher uma rainha".

Então fiquei aterrado. Num segundo, mil suposições, mil pensamentos, me atravessaram o espírito. Queriam obrigar-me a designar uma das meninas Chantal? Seria um meio de me obrigar a dizer qual delas preferia? Era um suave, um ligeiro e insensível empurrão dos pais para um casamento possível? A idéia do casamento vagava, sem cessar em todas as casas onde há raparigas crescidas e toma todas as formas, todos os disfarces, servindo-se de todos os meios.

Invadiu-me um medo atroz de me comprometer e também uma extrema timidez perante a atitude tão obstinadamente correta e reservada de Mlle. Louise e Pauline. Eleger uma delas com prejuízo da outra, parecia-me tão difícil como escolher entre duas gotas de água; e depois o medo de me aventurar numa história onde, contra vontade, seria conduzido ao matrimônio, muito docemente, por processos tão discretos, tão despercebidos e tão calmos quanto esta realza insignificante, perturbava-me horivelmente.

Mas, de repente, tive uma inspiração e apresentei a Mlle. Perle a boneca simbólica.

Ficaram todos surpreendidos, primeiro, e depois apreciaram, decerto, a minha delicadeza e a minha discreção, porque me aplaudiram com fúria. Gritava-se: "Viva a rainha! Viva a rainha!". Quanto a ela, a pobre velha solteirona, tinha perdido toda a presença de espírito: tremia, espantada e balbuciava: "Mas... não... não... não... eu não... pego-lhe, pego-lhe...".

Então, pela primeira vez na minha vida, olhei Mlle. Perle e perguntei-me quem ela era.

Estava habituado a vê-la nesta casa como se vêem as velhas cadeiras de tapeçaria, das quais nos sentamos desde a infância sem nunca ter reparado nelas. Num dia, não se sabe por que, porque um raio de sol caiu sobre o assento, dizemos de repente: "olha como é curioso este móvel"; e a sobre-se que a madeira foi trabalhada por um artista e que o estôfo era notável. Nunca tinha reparado em Mlle. Perle.

Ela fazia parte da família de Mme. Chantal, eis tudo; mas como? A que título?

Era uma pessoa alta, magra, que se esforçava por passar despercebida, mas que não era insignificante. Tratavam-na amigavelmente, melhor do que uma criada, menos bem do que uma parenta. Agora, de repente, apanhava uma série de graduações de que não tinha dado conta até aqui. Mme. Chantal dizia "Perle"; as meninas "Mlle. Perle", e Chantal dizia apenas "Mademoiselle", com um ar mais respeitador, talvez.

Pus-me a olhá-la. Que idade teria? Quarenta anos? Sim, quarenta anos. Não era velha, a solteirona, envelhecia-se. E de repente fiz esta observação: ela penteava-se, vestia-se ridiculamente e apesar de tudo não parecia nada ridícula, tal era a graça simples, natural que trazia em si, escondida com cuidado. Que engraçada estrutura, na verdade. Como era possível não a ter nunca observado melhor? Penteava-se de uma maneira grotesca, com pequenos caracóis antiquados, extraordinariamente cômicos; e sob esta cabeleira de vigem conservada, via-se uma grande fronte calma, cortada por duas rugas profundas, duas rugas de longas tristezas, depois dois olhos azuis, rasgados e doces, tão tímidos, tão medrosos, tão humildes, dois belos olhos que ficaram tão ingênuos, cheios de espantos de rapariguinhas, de sensações jovens e também de desgostos que tinham passado lá dentro, tornando-os meigos sem os turvar.

Todo o rosto era fino e discreto, um desses rostos que se extinguíram sem ter

sido usados ou desbotados pelas radigas e grandes emoções da vida.

Que linda boca! e que lindos dentes! Mas dir-se-ia que não ousava sorrir.

E, bruscamente, comparei-a a Mme. Chantal. Decerto que Mlle. Perle era melhor, com vézes melhor, mais fina, mais nobre, mais altiva.

Estava admirado com as minhas observações. Servia-se champagne. Estendi o meu copo à rainha, brindando pela sua saúde, com um cumprimento bem arranjado. Ela teve o desejo, apercebi-me bem disso, de esconder a cara no guardanapo depois, como molhasse os lábios no vinho, claro, todos gritaram: "A rainha bebe! A rainha bebe!". Ela ficou então toda corada e sufocou-se. Riram; mas vi bem que todos na casa a estimavam muito.

III

Logo que o jantar acabou, Chantal agarrou-me pelo braço. Era a hora do seu churuto, hora sagrada. Quando estava só, i fumar para a rua, quando tinha alguém para o jantar, subia até ao bilhar, e jogava enquanto fumava. Nessa noite, por causa dos Reis, tinham mesmo acendido o fogão no bilhar; e o meu velho amigo pegou no seu taco, um taco muito fino que esfregou com giz com grande cuidado depois disse:

— Joga tu, meu rapaz.

Porque ele tratava-me por tu, embora eu tivesse vinte e cinco anos; mas tinha-me conhecido pequenino.

Comecei, pois, a partida; fiz alguma carambolas; falhei outras; mas como pensamento de Mlle. Perle não me saía da cabeça, perguntei de repente:

— Diga lá, Mr. Chantal, Mlle. Perle é sua parenta?

Ele parou de jogar, muito admirado, olhou-me:

— Como, não sabes! Não conheces a história de Mlle. Perle?

— Eu não.

— O teu pai nunca te contou?

— Não, nunca.

— Olha que isso tem graça! Tem mesmo muita graça! Oh! é uma verdadeira aventura, sabes?

Calou-se, depois continuou:

— E se tu soubesses como é esquisito perguntar-me isso hoje, no dia de Reis.

— Por que?

— Ah! Por que. Escuta. Foi há quarenta e um anos, faz quarenta e um anos hoje, exatamente, dia de Epifânia. Hávamos então Rotly-le-Tors, sobre as muralhas; mas é preciso, primeiro, descer-te a casa, para que compreendas bem: Rotly está construída sobre uma encosta ou antes, sobre um cabeço que domia uma grande região de campinas. Tinham lá uma casa, com um belo jardim suspenso sustentado pelos velhos muros de deflexão. A casa estava na cidade, dando para a rua, enquanto o jardim dominava a planície. Havia aí uma porta que dava para o campo, no extremo de uma escadaria de creta, traçada na espessura das paredes como se encontra nos romances. Passava uma estrada diante desta porta que era munida de uma grande campainha, porque os camponeses, para evitar uma grande volta, traziam por ali as suas provisões.

Estás a fazer idéia do sítio, não? Or, nesse ano, nos Reis, nevava havia uma semana. Dir-se-ia o fim do mundo. Quando fomos até as muralhas, contemplar a planície, fazia-nos frio na alma, esta imensa região branca, toda branca, gelada, que luzia como verniz. Parecia que Nosso Senhor tinha embrulhado a Terra para a arrumar nas águas furtadas dos velhos mundos. Podes crer que é muito triste.

Nesse tempo, vivíamos em família e éramos numerosos, muito numerosos: meu pai, minha mãe, meu tio e minha tia, e meus dois irmãos e quatro primas; eram lindas rapariguinhas; casei com a última. De toda esta gente, somos apenas três sobreviventes: a minha mulher, eu e a minha cunhada que vive em Marselha.

Safa! Assim se debulha uma família. Quando penso nisto, até tremo! Eu tinha quinze anos, visto que tenho agora cinquenta e seis.

Famos, portanto, festejar os Reis e estávamos contentes, muito contentes. Todos esperavam o jantar no salão, quando o meu irmão mais velho, Jacques, se pôs a dizer: "Há um cão na planície que uiva há dez minutos; deve ser um pobre animal perdido". Ainda não tinha acabado de falar, quando a campainha do jardim tocou. Tinha um som forte, de

TINGIR CABELOS



AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

OLEO DE PEROBA — a vida nova da mobília antiga, e a vida longa da mobília nova



Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

sino de igreja, que fazia pensar nos mortos. Toda a gente se arrepiou. Meu pai chamou o criado e disse-lhe que fosse ver. Esperou-se em grande silêncio; pensávamos na neve que cobria toda a terra. Quando o homem voltou, afirmou que não tinha visto nada. O cão uivava sempre, sem cessar, e a sua voz não mudava de lugar.

Pusemo-nos à mesa; mas estávamos um

pouco comovidos, sobretudo nós, os novos. Tudo correu bem até ao assado; depois, eis que a campainha se pôs de novo a tocar, três vezes seguidas, três grandes toques, longos, que vibravam até ao extremo dos nossos dedos e que nos cortaram a respiração, redondamente. Ficamos a olhar-nos, o garfo no ar, escutando sempre, tomados de uma espécie de medo sobrenatural.

A minha mãe falou, enfim: "É esquisito que tenham esperado tanto tempo para voltar; não vá só, Batista; um destes senhores vai acompanhá-lo".

O meu tio François levantou-se. Era uma espécie de Hércules, muito orgulhoso da sua força e que não tinha medo de nada no mundo. Meu pai disse-lhe: "Leva uma espingarda. Não se sabe o que po-

derá ser". Mas meu tio pegou apenas numa bengala e saiu logo com o criado.

Nós ficamos, trêmulos de terror e angústia, sem comer, sem falar. Meu pai tentou sossegar-nos: "Ides ver, disse ele, que é algum mendigo, ou algum caminhante perdido na neve. Depois de ter tocado a primeira vez, vendo que não se abria logo, experimentou encontrar o caminho; não o tendo conseguido, voltou à nossa porta".

A ausência de meu tio pareceu-nos durar uma hora. Voltou, enfim, furioso, praguejando: "Nada, com todos os diabos; é algum engraçado! Apenas esse maldito cão que uiva a cem metros das paredes. Se tivesse levado uma espingarda tinha-o matado para o fazer calar".

Continuamos o jantar mas todos tínhamos ficado ansiosos; sentíamos bem que isto não estava acabado, que se ia passar ainda alguma coisa, que, de repente, a campainha tornaria a tocar.

E tocou, justamente no momento em que se cortava o bolo-rei. Todos os homens se levantaram ao mesmo tempo. Meu tio François, que tinha bebido champagne, afirmou que ia chacinar, com tanto furor que a minha mãe e a minha tia se atiraram sobre ele para o impedir. Meu pai, ainda que muito calmo e um pouco trêgico (arrastava a perna desde que a tinha partido numa queda de cavalo), declarou, por sua vez, que queria saber o que era e que também iria. Os meus irmãos, com levante e viúva anos, correram a buscar as espingardas e como não me prestavam muita atenção, apoderei-me de uma carabina de jardim e dispus-me a acompanhar a expedição.

Partiu logo. Meu pai e meu tio caminhavam à frente com Batista, que levava uma lanterna. Seguiam-se os meus irmãos, Jacques e Paul, e eu vinha atrás, apesar das súplicas de minha mãe, que ficara com a irmã e as minhas primas no limiar da porta.

A neve tinha começado a cair há uma hora e as árvores estavam cobertas. Os abetos dobravam sob esta pesada vestimenta lívida, semelhantes a pirâmides brancas, a enormes pães de açúcar; e apenas se avistavam, através da cortina cinzenta dos flocos delgados e apressados, os arbustos mais frágeis desmanchados na sombra. E a neve caía tão espessa que apenas se via até dez passos. Mas a lanterna lançava uma grande claridade à nossa frente.

(Cont. no próximo número)



um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com
Malzbier da Brahma

E que grande valor!... Valor nutritivo redobrado!... Porque Malzbier da Brahma aumenta o poder alimntício de qualquer refeição. E sua presença à mesa torna-se ainda mais indispensável, quando falta um ou outro alimento. Por ser levemente adocorada e de baixo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é a cerveja das famílias, preferida em todos os lares. Acrescente sempre ao seu almoço, lanche ou jantar, um novo valor — o valor nutritivo de Malzbier da Brahma! Prove-a... ah! que sabor!



Ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.

EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS



Record 3214

CLÁSSICOS
As
melhores
gravações

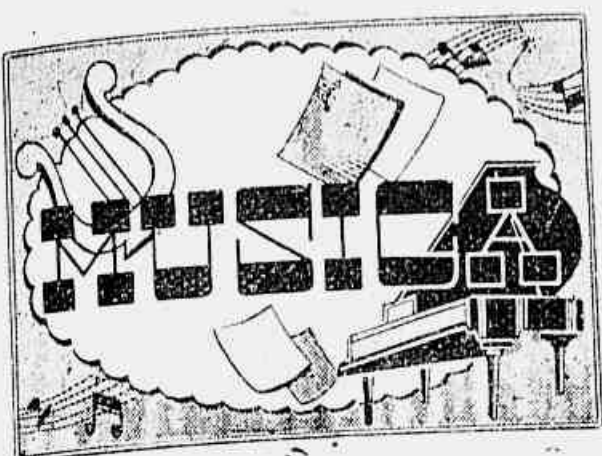
VISITEM
NOSSA
SECÇÃO DE
DISCOS



RUA DO PASSEIO, 48/56

MESBLA

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



Igor Stravinski — Cada gênio com sua mania — O Homem do Século XVIII — Um bom negociante — Mas há, também, saudades...

De ROBERTO LYRA FILHO

[Especial para REVISTA DA SEMANA]
"Pensaram que eu pretendia revincular a música", explica, hoje, Igor Stravinski. "Foi um erro", acrescenta. Era desnecessária a observação. Todos sabem que há muito se "desfaz o grupo heróico" que provou, em Paris, tremendo escândalo, com a estréia de Ritos da Primavera. Atualmente, naturalizado americano, Stravinski mantém o seu talento sob rigorosa disciplina e nos manda, lá da Califórnia, sua produção neo-clássica.

"Quanto mais controlada, limitada, trabalhada, mais livre é a arte", disse, numa conferência. "Os elementos dionisiacos que movimentam a imaginação do artista devem ser devidamente subjugados antes que nos intoxiquem, devem ser submetidos a regra: Apolo o exige."

Entretanto, Ritos da Primavera foi um cataclismo dionisiaco, uma explosão de ritmos bárbaros, desencadeadas as forças primitivas nos contrastes bruscos da orquestração. Por que Stravinski mudou? "Quem sabe o que provoca a mudança?" pergunta o próprio Stravinski, interrompido. "Quando se está na direção, nunca se nota a mudança. Uma curva imperceptível na estrada e quem estava rumando para o norte, passa a seguir para leste."

CADA GÊNIO COM SUA MANIA

A propósito da estréia de um "Capriccio" para piano e orquestra, com que Stravinski reaparecerá no estrado, regendo obra sua, com seu filho, Scullina, como solista, a imprensa americana andou revendo as manias de Stravinski e trouxe à publicidade o que os olhos e os ouvidos curiosos dos repórteres puderam registrar.

Encontraram, no temperamento do compositor, um traço que lembra a sua produção musical mais recente. Stravinski é a tal ponto meticuloso que, se alguém deposita um copo sobre a mesa, sem cuidado, ele, imediatamente, o levanta, e carrega a superfície do móvel, com carinhos paternais para com o verniz. Sobre sua mesa, em disposição regular, que ele não suporta seja perturbada, alinham-se lápis de vários tamanhos e cores, canetas e tintas, borrachas de felício e funções variadas. Dois pianos, na sala onde trabalha, um de frente do outro, alinhados de encontro à parede, completam o quadro e sugerem o ambiente onde são fabricadas as laboriosas e infinitamente trabalhadas construções musicais. Não há um desalinho que sugira o ímpeto, o entusiasmo. O cenário sugere, antes um laboratório, onde se misturam as substâncias químicas, provocando reações rigorosamente predeterminadas, do que o clima onde se desenvolve a criação artística de um ou dos mestres mais representativos da música contemporânea.

UM HOMEM DO SÉCULO XVIII

É tão completo o afastamento de Stravinski das angústias, das incertezas do nosso tempo, que ele, francamente, se diz "mais um homem do século XVII ou XVIII do que um contemporâneo."

Aquela inquietação, que explodiu em páginas patéticas, como Petrouchka, acomodou-se, agora, no passado. Já agora, ele não conceberá histórias como aquela que descreveu nestes termos: "Um boneco, subitamente dotado de vida, exasperando a orquestra com uma cascata de arpejos, enquanto a orquestra replica com os metais ameaçadores. Dessa luta resulta um climax sonoro, de profunda tensão, que termina com a destruição do boneco."

Há, nesta descrição do conteúdo de Petrouchka, uma concepção dramática, um desespero carregado de ironia, que ele soube traduzir na música vigorosa.

Hoje, tudo mudou. Um crítico afirmou que tudo quanto Stravinski tem apresentado, ultimamente, é preciso e perfeito como o mecanismo delicado de um relógio, e, como um relógio, frio e maquinal. Salazar, um musicólogo espanhol, hoje refugiado no México, alude a Stravinski, dizendo que a atmosfera que se respira em sua música torna-se cada vez mais rarefeita.

O caminho da música pura, do despojamento, eliminou a vida.

Disse Stravinski: "É preciso saber eliminar todo o superfluo." Essa preocupação de requintado desligou Stravinski das correntes humanas, das comocões e dos sofrimentos de nosso tempo. Para encontrá-lo, devemos ir buscá-lo no século XVIII, ou XVII, conforme ele próprio declarou.

A vida de John Wesley

(Cont. da pag. 28)

veres — gente humilde, de espírito primitivo e coração faminto.

Wesley decidiu imitar Whitefield. "Procurarei a inspiração divina entre os ventos do campo, em vez de buscá-la no ar abafado das capelas". Tossia o tirocínio ideal para o pregador itinerante. Na Geórgia, gostava de brandir o machado, e ir meditar no jardim enquanto as flores lhe embelezavam os olhos. Era um homem pequeno mas de complexão vivaz. Uma figura pitoresca no meio da multidão de fiéis reunidos sob a abóbada do céu. Cinco pés e quatro polegadas de energia dinâmica. "Na companhia de homens mais altos, parecia um sabre junto de uma espada".

Montou no seu cavalo e foi cumprir a primeira missão entre os mineiros de Kingswood, perto de Bristol. Esses moradores das terras enegrecidas de carvão raramente haviam entrado numa igreja. Nenhum pensara na conveniência de construir uma casa de Deus entre eles. Trabalhavam nas entranhas da terra havia tanto tempo, que tinham esquecido o céu.

Wesley pregou-lhes ao pôr do sol, no momento em que saíam das minas. Escolheu da liturgia o que lhe agradou, e dirigiu-lhes o canto de hinos singelos. E os homens que viviam na escuridão vertiram algumas lágrimas.

Partiu depois à procura de outros aldeões que precisavam dele, galopando com sua mensagem por toda a campanha inglesa. E confortava o povo aonde quer que ia.

E enfurecia os clérigos. Pois invadia as paróquias e esvaziava as igrejas. Que direito assistia a esse ministro, regularmente ordenado, de quebrar os regulamentos da Igreja Anglicana e pregar onde bem entendia? "Considero como minha paróquia o mundo inteiro!". Certamente, essas eram palavras dum louco. Um homem portador dum complexo messiânico, e que destruiria a própria Igreja, se lhe dessem aso.

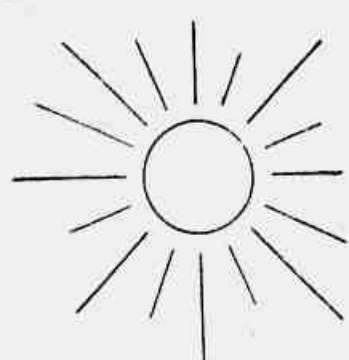
Até a sua maneira de pregar, afirmavam os sacerdotes, era prova de loucura. O auditório chorava, berrava, rolava gemendo pelo chão, ao ouvir-lhe as palavras inflamadas. Em uma de suas "conversões", contava-se, "as pessoas desmaiavam, caíam no chão como mortas... gritavam e tremiam como varas verdes... Uma doméstica permaneceu em estado de transe, como possuída... e não voltou inteiramente a si antes de quatorze horas". Tal era a técnica do pregador que, desprezando todo decore exterior do cerimonial da Igreja, convidava a alma a testemunhar em voz alta o júbilo da conversão à verdade revelada. Tudo isso era muito pouco inglês! "Arvorar-se em portador de revelações extraordinárias é coisa escandalosa, muito escandalosa".

Mas Wesley não se envergonhava de sua obra — embora alguns dos convertidos fossem hipersugestionáveis e se perdessem numa emotividade histérica. A maior parte deles recebia a mensagem onde cumpria — no coração — como um trago de água fresca depois das holorentas discussões teológicas dos sermões dominicais nas igrejas.

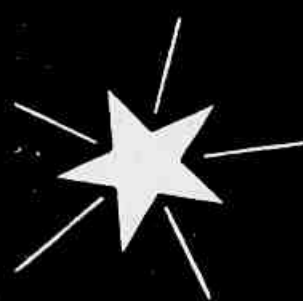
Entretanto, os adversários procuravam envolvê-lo em controvérsias acerca de sua "singular doutrina". Acreditava na salvação pela fé, pela graça através das boas ações, ou pela escolha predeterminada dos Eleitos? Escreviam cartas à imprensa, buscando fazê-lo pronunciar-se e depois acusá-lo com base em suas convicções. Quais eram as suas convicções? não cessavam eles de perguntar. E Wesley finalmente respondeu aos calvinistas e anabatistas e antinomianos e todos os outros doutores das diversas escolas, que escreviam eruditos tratados sobre artigos de fé, "dessejando ter uma religião filosófica mas isso não existe. A religião é a coisa mais simples do mundo. Consiste nisto apenas: Nós O amamos, porque Ele nos amou primeiro".

E passou a organizar os seus milhares de adeptos em clubes de fiéis, conforme o modelo do Grêmio Santo que ele e o irmão haviam fundado em Oxford. Tais sociedades espalhavam-se por toda a Inglaterra, Escócia e País de Gales. Eram compostas de gente simples — pobres rufas humanas, aos quais "ninguém que fosse alguém dava muita importância". Reuniam-se duas vezes por semana, e comunicavam uns aos outros o que lhes ia pela alma, davam-se conselhos mútuos, e repartiam suas bolsas quase vazias com os

ÁGUA DE COLÔNIA



NIGHT and DAY



Camponia

TONIGHT OR TODAY USE THE NIGHT AND DAY



UMA LINHA DE PRODUTOS PARA SUA BELEZA

Água de Colônia.

Talco.

Pó de Arroz.

Baton, etc.



Pedidos aos Fabricantes:

RIBEIRO, LEITE, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Sucessores de La Rocque Perfumes de Luxo Ltda.

RUA CHAVES FARIA, 330 — RIO DE JANEIRO

Aceitamos representantes nas principais cidades do País

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM
CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o
Representante exclusivo
A BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

maus doentes e miseráveis dentre eles. Homens que dantes voltavam frequentemente a casa cambaleando, juravam agora nunca mais tornar a beber; malandros contumazes de súbito se regeneravam ante uma nova luz, e dedicavam-se ao trabalho regular. Em breve se tornou manifesto a todas as pessoas de alguma perspicácia, que os venerados da vida tinham ganho novo "alee". E os motejadores que haviam batizado de Metodistas os membros da nova seita, por causa da seriedade com que tratavam o programa sistemático de conversão espiritual, começaram a perguntar-se no fim de contas não estava em certo método na loucura deles.

A religião fundada por Wesley era democrática. Qualquer pessoa, desde que fosse honesta, podia fazer parte de um dos grêmios wesleyanos da Consciência Elevada. Não importava a seita a que pertencesse, bastando amar a Cristo. Wesley nunca tentou afastar ninguém de sua fé. "A minha própria crença", dizia, "não serve de regra aos outros... Se amas a Deus e a toda a humanidade, não pergunto mais: Dá-me a tua mão".

VI

John Wesley continuou a "viver da pregação". O que significava viver de fadigas e incômodos. Pois o público em geral não via com bons olhos qualquer procedimento que não pudesse entender bem. Aquela "história dos metodistas" desorientava-o. "Os pregadores metodistas andam tramando alguma subversão terrível; senão, por que motivo se insinuam na casa de um homem e lhe induzem a mulher a levantar-se às cinco da madrugada e cantar hinos o dia inteiro?". Boquejava-se que aqueles pregadores tinham organizado uma sociedade secreta com o fim de derrubar a dinastia reinante e pôr no trono o Pretendente. "Não resta nenhuma dúvida disso!". Uma invasão francesa inspirada pelos metodistas, dizia-se, podia ser esperada a qualquer momento.

"E Wesley é o causante de tudo". Aonde quer que fosse pregar, atravam-lhe com lama e o ameaçavam de coisas piores. Mas sempre o encanto da sua personalidade terminava por conquistar os "filhos de Deus" antes que fossem longe de mais nos atos de impiedade. O seguinte parágrafo do diário de Wesley é típico de uma centena de casos: "Como a algazarra aumentasse, entrei no meio da multidão, e trouxe comigo para o púlpito o cabeça dos amotinadores. Recebi apenas uma pancada na cabeça; depois debatemos o caso e ele se foi abrandando; e por fim se encarregou de apaziguar os companheiros". Uma vez um desordeiro ergueu a mão, baixou-a sobre a cabeça do chefe metodista, e de repente susteve o golpe, murmurando: "Que cabelo macio é este!". Sempre que enfrentava resolutamente a turba, "os leões se transformavam em cordeiros".

Era uso, nesses rudes e turbulentos dias da Alegre Inglaterra, agarrar moços na rua para engajá-los na marinha de Sua Majestade. E John Wesley não escapou ao perigo de tal destino às mãos de seus inimigos. Mas os captores tinham percorrido escassamente três quartos de milha com ele, em direção do centro de recrutamento mais próximo, quando o chefe do grupo olhou John Wesley nos olhos e, ato contínuo, decidiu oferecer a própria vida para reconduzir o pregador através da multidão. E Wesley prosseguiu na sua metódica missão de construir um mundo sem ódio.

Por fim, depois de muitas amarguras e reveses, o metodismo se converteu numa organização respeitável. Os anos haviam abrandado o caráter insólito da pregação de Wesley. O exército de metodistas era já bastante grande para infundir respeito. Wesley tinha viajado por toda parte. No entanto, ao contrário dos profetas nômades primitivos, que armavam as tendas ao acaso e depois desapareciam levados pelo vento, este construtor metódico permanecia em cada lugar o tempo suficiente para deixar firmadas suas idéias numa base sólida. Dêsse modo, assegurava o êxito de sua missão.

Observemo-lo agora por um momento em ação, esse portador e edificador da nova profecia trazida à humanidade. Da manhã à noite, galopava nas estradas lamacentas da Inglaterra, pregando em cada localidade do caminho, alimentando os famintos, atendendo os doentes, orando pelos mortos. Além desses deveres todos, fiscalizava pessoalmente a vasta organização das classes

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Horário — De 13 às 18 h. r.
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

metodistas que cobriam o país, dando instruções aos pregadores residentes, enviando cartas aos pastores itinerantes, presidindo as conferências de cem delegados que se reuniam anualmente como corpo diretor. Conhecia intimamente cada um dos pregadores e mestres da organização. Em média, percorria não menos de quatro mil milhas por ano. Fez cinquenta viagens por água, às congregações da Irlanda, e deixou estampadas as marcas dos cascos de seu cavalo em duas mil e vinte mil milhas de solo britânico. Todas as suas leituras, ele as faz escarranchado na sela. Para o citarmos textualmente, "história, filosofia, poesia, tudo eu li a cavalo, tendo outras ocupações em outros momentos". Abre o livro enquanto o cavalo vai "a trote", afrouxa as rédeas, e deixa que o "astuto animal" o conduza "são e salvo" até à próxima cidade conhecida.

Quando ultrapassou os sessenta anos, os amigos o apresentaram com uma cartagem. Immediatamente colocou estantes nas paredes do veículo e encheu-as de livros. E assim, pensando, lendo e planejando ao longo da estrada, conseguiu não só pregar mais de trinta mil sermões, como escrever mais de duzentos livros.

Nada o desviava de seu propósito — nem mesmo a frequente conspiração dos elementos. Se chegava à margem de um rio, e não encontrava balsa, fazia a travessia a nado. "Os ventos e Wesley", diziam os seus inimigos, rindo, "andam de mãos dadas". Foi um barco destinado à Irlanda, se debatia numa borrasca, "podia-se contar como certa a presença de John Wesley a bordo". Diversas vezes, esteve a pique de afogar-se, ou de cair numa precipício com o cavalo, em dias de nevoeiro. Ninguém melhor do que ele conhecia as ciladas da natureza e as fraquezas do homem. Mas nunca se rendia, nem a umas nem a outras. "Certa manhã", conta ele no seu Diário, "o nosso criado veio dizer: Senhor, é impossível viajar hoje; caiu tanta neve de noite que as estradas estão completamente obstruídas. Eu respondi: Ao menos, poderos andar vinte milhas num dia, com os cavalos pela mão. De modo que, em nome de Deus, partimos. O vento noroeste cortava como espada, e tinha acumulado a neve em montões tão irregulares que a estrada principal estava intransitável". Mas alcançaram a próxima cidade.

Aos cinquenta e um anos, quase morrendo de consunção. Chegou a compor o próprio epitáfio. Mas aos setenta e quatro percorria continuamente a campanha. Aos oitenta e três confessou acanhadamente em seu Diário que não podia escrever mais de quinze horas por dia sem cansar os olhos. E aos oitenta e seis anos vinha a galope desempenhar-se de seus compromissos, com os cabelos "levemente encrespados" e faces ainda a arder com o fogo rubro da saúde.

Depois da aventura juvenil na Geórgia, duas vezes enveredou pela senda do amor. No meio do caminho de sua existência enamorou-se da jovem e atraente viúva de um marinheiro escocês. Essa mulher foi uma de suas discípulas mais fervorosas. Quando ele adoeceu, tratava-o até que se restabelecesse.

"Ela... conhece melhor a minha constituição física do que muitos médicos". Mas, esgraçadamente, a viúva ia contra os padrões sociais da época. Pois era mulher de "baixa condição" e, portanto, "indigna de desposar um profeta". O rumor do casamento iminente provocou um escândalo entre os adeptos de Wesley. Formou-se uma conspiração para casar a jovem com um dos subordinados do pregador, um homem "cuja posição não poderia trazer dano à causa". E antes que Wesley desse tino do que se passava, foram-lhe negados os frutos de seu amor.

Por fim logrou encontrar uma esposa, a filha de um comerciante londrino — moça frívola que não lhe compreendia nem o caráter, nem a missão. Trinta anos teve de suportar-lhe a futilidade e o mau gênio. A mulher interceptava a sua correspondência particular, destruía-lhe as cartas, ridicularizava-o diante dos seus inimigos e batia-lhe. Então, depois de ter



Beleza nova PARA SEUS OLHOS



STUDIO ERIC

A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçoís.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION
embeleza e protege os olhos

O Creme americano para fumadoras melhora o brilho das colas dos dentes, continua um brilho colorido, substância de crepe

CREME



VINHO E XAROPÉ



Não de

Co
limp
núm
sável
ção
cia,
neur
apet
cost
no
con
taç
mag
test
mov
reg
tro
com
pro
aco
est
Nã
do
gar
vé
car
às
po
mo
Ca

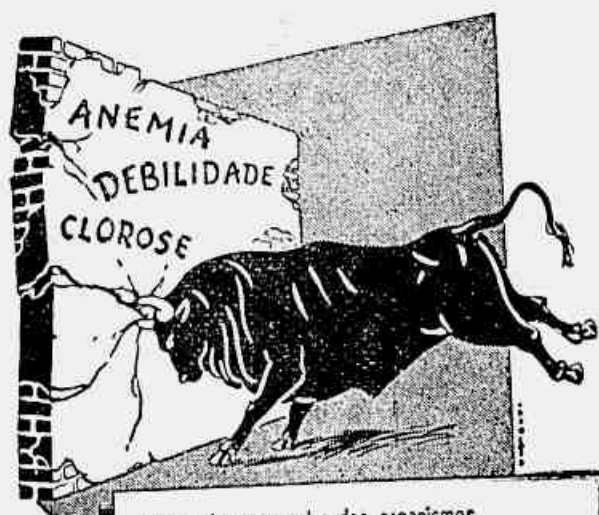


Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas do Nicotinai

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos intervalos dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

Preparado com hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS.

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pílulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pílulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos recam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pílulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



Senhoras! Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

atormentado a si e ao marido até à prostração, adoeceu e morreu. E os amigos de Wesley soltaram um suspiro de alívio. Três vezes ele apostara o coração, e perdera. Mas nunca perdeu a coragem. Seus amigos não tinham por que lastimá-lo. "A única duradoura e absorvente paixão de John Wesley era Deus".

VII

Durante muitos anos o chefe do Metodismo não compreendeu que tinha fundado uma nova igreja. Não lhe ocorria que os seus clubes, congregações e pregadores pudessem um dia julgar necessário desligar-se da Igreja Anglicana, dentro da qual nascera, e a que amava apesar dos seus defeitos. Repugnava-lhe a idéia da separação em qualquer esfera — tanto na espiritual como na política. Teve os últimos dias da existência amargurados com a luta entre a Inglaterra e as colônias da América. Em 1776 Wesley publicou um apelo ao povo da "Nova Grã Bretanha" para que pusesse termo a "isso de homens do mesmo sangue e língua matarem uns aos outros o mais rapidamente possível".

Tinha um interesse mais que secundário nos seus amigos do Novo Mundo. Através das treze colônias, os seus pregadores haviam organizado vastos rebanhos de metodistas. Quando, com grande pesar, viu os americanos separarem-se definitivamente da Igreja Anglicana, ordenou em seu próprio nome um sacerdote para chefiar os metodistas "wesleyanos" no Novo Mundo. E assim John Wesley viveu o bastante para assistir ao nascimento, não só de um governo autônomo na América, mas também de uma igreja à parte.

E viveu o suficiente para enfrentar outra separação muito mais dolorosa. Pois veio o dia em que o seu constante companheiro e colaborador, seu irmão mais moço Charles, deixou o mundo. John Wesley, agora com oitenta e seis anos, sentiu-se muito só. Subiu ao púlpito e dirigiu a interpretação do maior hino do irmão, um dos milhares de cânticos que Charles Wesley havia legado à língua inglesa:

Vem, desconhecido viajor
Que pressinto sem poder ver,
Meus companheiros já se foram
E a sós contigo fiquei.

Por um momento, vergou sob o seu fardo. Parou de cantar e sentou-se abatido ao pé do altar do Senhor. Depois cobrou alento e prosseguiu na jornada.

(Do livro "Vidas de Grandes Capitães da Fé".)

ESTÃO MATANDO O CINEMA FRANCÊS

(Cont. da pág. 27)

mente a necessidade de lutar para salvar o cinema francês. O público parece partilhar da sua fé. Mas, infelizmente, suas idéias não estão partilhadas por aqueles que dependem das soluções. Estes não podem revelar ou abrir o seu jogo, pois, na realidade sua atitude em relação ao cinema está ligado a muitos outros problemas — ao petróleo, às máquinas agrícolas, às geladeiras, ao leite em pó...

Gréillon falou-me rapidamente dos acórdos Blum-Byrnes, ponto de partida da agonia do cinema francês, mas repetiu sua esperança no êxito de uma campanha tão bem começada e na qual se conseguiu uma união tão inesperada entre todos os

interessados no cinema e o próprio público.

Referiu-se aos cine-clubes, sempre mais numerosos, que organizam conferências, debates, mostram fitas antigas e novas e educam de maneira tão racional o público. Insurgiu-se, como todos aqueles com quem falei, contra a "doublage" que tanto mal fez na França.

Enfim, pedi-lhe alguns pormenores e algumas fotografias dos filmes que fez durante estes últimos anos.

— Tenho que confessar que no Brasil chegam muito poucos filmes franceses. Não conhecemos nenhuma das grandes realizações de após-guerra.

Citou-me, então, entre outros, "Remarque", "Lumiére déTé" e "Laciel est à vous" como os seus preferidos.

— Este último é uma espécie de documentário sobre o desembarque de 44 na Normandia, as operações mostradas de maneira esquemática e suas consequências para a Mancha e o Calvados que foram duas das províncias mais ricas da França.

Acredito que algumas das fotografias aqui reproduzidas darão uma idéia das concepções de Gréillon, da sua maestria, da originalidade e beleza das suas imagens.

A recompensa

(Cont. da pág. 21)

Foi andando devagar. Quem me encontrar assim, — pensou — quem me encontrar dirá: lá vai Pedro carregando Luzia. Ela levou um tombo, sujou-se na terra, foi isso.

Os olhos brilhantes e secos vagaram pela campina. Apressou o passo, cambaleando como um bêbado. "E' a febre!... Fica tudo vermelho, mas daqui a pouco eu acordo, acordo..."

Ao chegar, espiou pela janela. Sentados em redor da mesa, os três comiam. Não se falavam. Com as caras muito próximas aos pratos, comiam vorazmente o fubá e a linguça.

Em silêncio, segurando o pequenino corpo de encontro ao peito, Pedro sentou-se no caixote. "Não, não aconteceu nada! Aquela mancha não é de sangue, aquilo ali é terra. Ela estava brincando, depois cansou-se e dormiu".

Fechou os olhos fortemente, apertou-os com a palma da mão gelada, com medo de que se abrissem.

Lá de dentro veio o ruído molhado das bocas mastigando sofregamente. Pedro escondeu o rosto na camisolinha. E ali ficou imóvel, a espera de que eles terminassem.

Iniciou-se na Inglaterra...

(Cont. da pág. 8)

Parece que a velha Inglaterra, pioneira de muitos esportes, terá que defender duramente a sua posição no campo esportivo contra os atletas vindos dos quatro cantos do mundo e especialmente dos países mais jovens. Todavia, tem grandes esperanças entre os representantes mais moços do seu esporte em geral. O treinamento foi iniciado há muito e conduzido com grande intensidade. O "material humano" selecionado tem qualidades extraordinárias e não há dúvida de que muitos troféus não deixarão a Inglaterra com tanta facilidade.

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia ou excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior desvelo, muito mais atenção, deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem escolhas sábias e felizes. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que faz uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça, pois, escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza, mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

Heróis e assuntos de Ballet

(Cont. da pág. 34)

tão diferentes quanto as épocas em que nasceram. O dos "Ballets des Champs-Élysées", estreado no ano passado, não pretende ser o próprio herói de Cervantes: um "Retrato de Dom Quixote", segundo o programa, "um homem que lê as aventuras do engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha. Maravilhado pela pureza do herói de Cervantes, procura assemelhar-se a ele e viver suas aventuras, mas não chega a evitar seus desenlaces ridículos ou trágicos. Assim até o fim suporta seu destino inelutável"... Também

este bailado não ficou alheio à moda cênica da psicanálise: seu assunto é antes um "complexo domquixotesco" do que o próprio romance de Cervantes.

As "Treze Danças", bailado criado pela mesma companhia francesa, inspirara-se não numa volumosa obra literária, mas apenas num verso de Verlaine:

"Votre âme est un paysage choisi
Que vont charmant masques et bergamasques
Jouant du luth et dansant, et quasi
Tristes sous leurs déguisements fantasques..."

Para "Le Jeune Homme et la Mort", Roland Petit, o coreógrafo das "Treze Danças", aproveitou enredo, cenários e indumentária que, como diz o programa, lhe foram contados pelo escritor Jean Cocteau: "Um jovem espera uma moça que não o ama. Ela vem; ele a suplica. Ela o insulta e foge. Ele se enforca. O quarto sai voando. A Morte entra. Tira a sua máscara de morte e coloca-a no rosto do jovem. Ela não é outra senão a moça. Leva-o consigo, caminhando pelos telhados". Esta estranha história expressionista está acompanhada por música de Bach. E é um dos melhores bailados deste após-guerra. Jean Babilée, intérprete do jovem, como também do Homem-que-deseja-ser-Dom-Quixote, atinge nestes dois papéis uma grande intensidade dramática, combinada com uma técnica esmerada que frisa a acrobacia.

Sobre tais temas — literários, cerebrais, históricos, abstratos — os coreógrafos novos vão bordando, na talagarda da música, passos, gestos e atitudes emprestados tanto ao estilo clássico quanto ao chamado "moderno". Ao lado destes, os bailados românticos — "Sílides", "Giséle", "Lago dos Cisnes" — continuam dominando o repertório. Nunca foram tão grandes as responsabilidades dos intérpretes desta arte complexa.

VISITA

(Continuação da pág. 22)

gas na cama. Mostre-lhe o jardim, Jane. — E ele sorriu para Dan. — Ei... um beijo no seu pai, meninos:

— Até amanhã, papai.

— Té amanhã, pai.

E cada um deu uma bicadinha no queixo de Dan. Dan sentia-se idiota, frustrado, ao caminhar pelo jardim ao lado da ex-espósa. A princípio ela o levava à sala de estar, para logo depois, com expressão estranha, sair depressa pela porta lateral.

— As rosas amarelas ficam lindas nesta época do ano, não acha? — disse ela, na mais luz, sacudindo a mão em direção às rosas.

Ele se chegou mais, para vê-las melhor, e ela saiu de perto, os saltinhos estalando com força nas lages do caminho. — Temos também cravos de amor. Ficam lindos em julho e agosto.

— Jane, — interrompeu Dan, — você nunca mais escreveu?

— Não, — foi a resposta. E ele lembrou da velha máquina de escrever que eles partilhavam e da mesinha da máquina. Jane dava pontapés no pé da mesinha a cada trecho excitante, e no dia em que eles venderam a mobília o camarada dissera que a pequenina mesa de mogno só servia mesmo para o fogo e lhes pagara menos de um dólar por ela.

— Estive com Chuck no outro dia, — disse Dan. — Ele e Helen estão separados, sabe? e ele está vivendo não sei aonde com uma polaquinha.

— Oh, — disse Jane.

— Está tudo na mesma, — prosseguiu ele, se encostando na cerca. — A velha turma sempre na mesa da janela... quase todos... mais alguns novatos. Ficamos sentados, discutindo e cantando, a noite inteira... exatamente como nos velhos tempos. Molly está um pouco mais gorda e Joe mudou de jornal. Sal escreveu mais um romance... mas nenhum deles mudou grande coisa. — Dan bateu um cigarro e a olhou com mais atenção. — A vitrola fica berrando no canto e nós todos gritamos uns para os outros por entre a fumaceira. O pessoal toca mais as velhas canções... "Sussurrando"...

— Gosta da casa? — perguntou Jane. — Trabalhávamos um bocadinho para ajeitá-la, sabe? Não passava de uma cabana arruinada, no princípio. Mas nós conservamos tudo e a pintamos. Eu sozinha forrei o nosso quarto.

— Já foi alguma vez a Nova York, Jane? — perguntou Dan, voltando à carga.

— Não. — Ela hesitou. — Não temos muito tempo, você sabe... eu tenho as crianças e a casa para cuidar, e de manhã geralmente culdo do jardim. — Ela olhou em torno. — Nos domingos temos a Igreja, nas

quartas de noite orações. Tudo é distração, você sabe. Os trabalhos da escola continuam e sou tesoureira de uma sociedade beneficente... trabalho de guarda-livros. E temos sempre novidades... talvez não acredite. — Ela deu-lhe as costas. — Amanhã de noite as mãos da primeira série dão uma festa na Igreja Metodista. E na semana que vem a nossa classe da escola dominical dá um baita piquenique no parque de diversões...

De repente Jane parou de falar. Os zumbidos da noite penetravam nos ouvidos de Dan. — Oh, é tão divertido, — disse Jane, e quando ele se virou ela chorava mansamente, debruçada na cerca, o rosto coberto pelas mãos.

— Ei, vocês aí, — gritou Ned do outro lado do jardim, e logo as suas passadas martelaram o caminho ao encontro deles. — Olhe filha, eu me arrumei; só por sua causa. Já não sou mais o fazendeiro imundo. — Agora seus cabelos estavam esticados para trás, o corpo bem à vontade sob o bonito terno azul.

— Vamos lá, — disse ele, procurando a mão de Jane. — vamos dar uma olhadela no potro novo. Ainda vai ser um belo cavalo, algum dia...

★

De manhã Dan saíu com os filhos para um passeio na mata. As coisas agora estavam melhores... ele já lhes dera os presentes, na hora do café, do modo que já havia assunto para as três. Dan sentou-se num cepo e as crianças ficaram escavando o chão em torno dele. Analisou-lhes as feições a maneira como brincavam, esforçando-se por recordar sua própria infância.

— Olha as formigas, Marg... vale a pena pisar nelas?

— Não faz isso, Hug. Senão é chuva na certa.

Depois, quando Margaret levou um tombo entre os pinheiros, se atirou cegamente aos braços do pai, em busca de consolo. Dan ficou sentado por algum tempo naquele cepo, sentindo o calor da filha contra o peito e pensando em muitas coisas.

A caminho de casa Hugh de repente atirou os braços para trás e cuspiu longe, sem o menor motivo.

— Isso não se faz, — disse Dan. Ele também cuspia, é claro, mas achou direito repreender.

— Ned faz, — disse Hugh com firmeza e os três continuaram a caminhar.

Ficou resolvido, depois de um pouco de barulho, que as crianças iriam com eles, quando Ned levasse Dan à estação. Eles ficaram muito contentes e já estavam sentados no banco traseiro, impacientes, enquanto Dan se despedia do Jane.

— Gostei muito que você tenha vindo ver as crianças, — disse ela.

— Eu também, — disse Dan, olhando para Ned. Vagou um pouco. — Não sei quanto tempo ficarei em Nova York, mas quando estiver de volta, ou quando eles estiverem mais crescidos, eu gostaria que fossem me visitar.

— Seria ótimo, — disse Jane, vagamente.

— Então adeus, — ele entrou no carro e acendeu para ela. — Até à vista, — ainda gritou. Ele queria encontrar os olhos dela, para que pudesse ver a verdade. Mas Jane já lhe dera as costas, subindo ligeira a escadinha da frente.

— Há uma coisa que eu quero lhe dizer, — disse Ned, quando já corriam pela estrada principal, o vento invadindo o carro e as crianças brigando no outro banco. — Sabe aquele dinheiro que você sempre mandava todo o mês para os meninos? Bem, há uns dois anos atrás, quando houve um grande excesso de trigo no mercado, eu tirei um pouco emprestado. — E ela parou, esperando.

— Estou contente que lhe tenha sido útil, — afirmou Dan.

— Oh, mas já está tudo pago, hoje, — acrescentou Ned, depressa. — Com juros. E vamos aproveitá-los muito bem quando chegar a época de mandar os dois para a escola.

Dan tirou um cigarro e o acendeu. "Alfafa", pensou: "aposto como é alfafa, naquele campo".

— Jane já lhe contou a nossa novidade? — perguntou Ned, meio sem jeito, quando pouco depois chegaram à estação.

— Não. — Era estranho... ele nem percebia; mas era isso, com certeza.

— Estamos esperando um filho nosso para a primavera, — completou Ned, saltando do carro e cumprimentando contente o punhado de gente na plataforma.

★

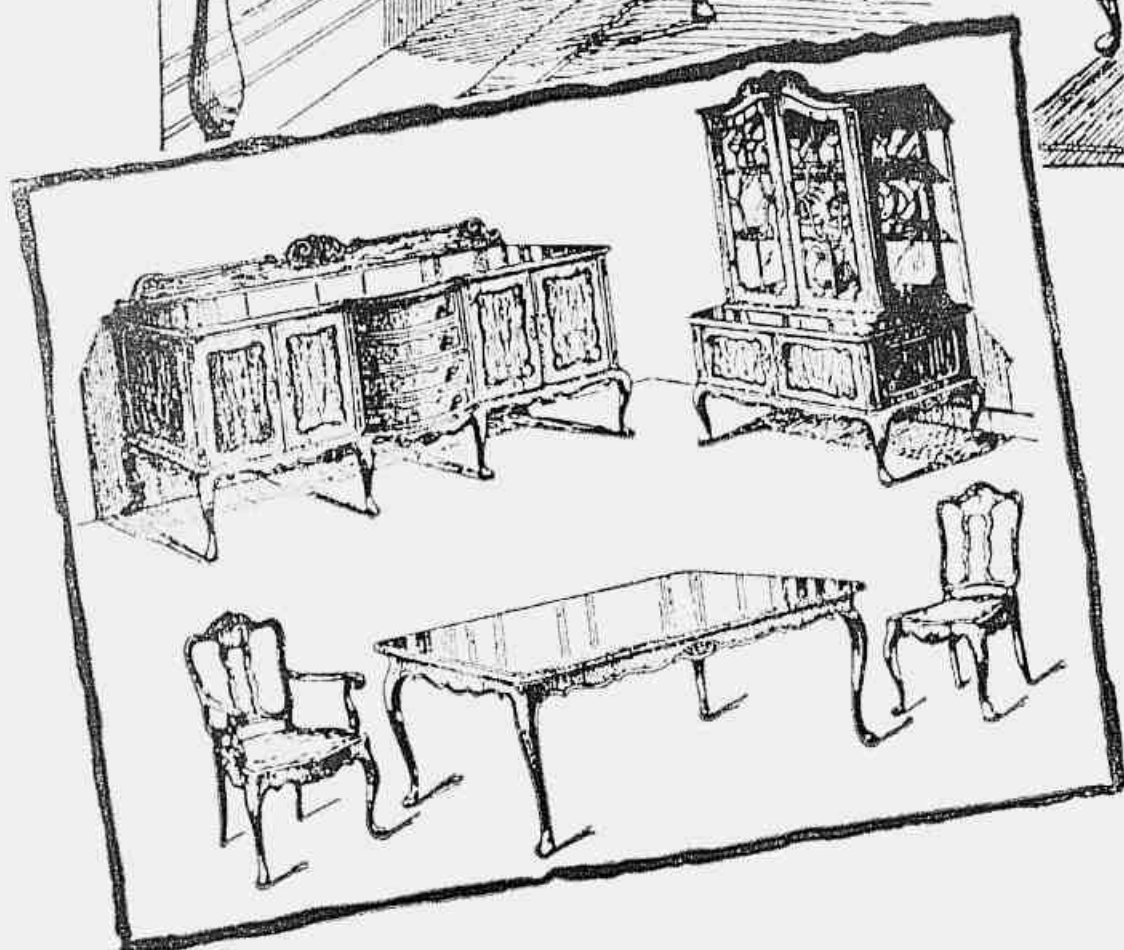
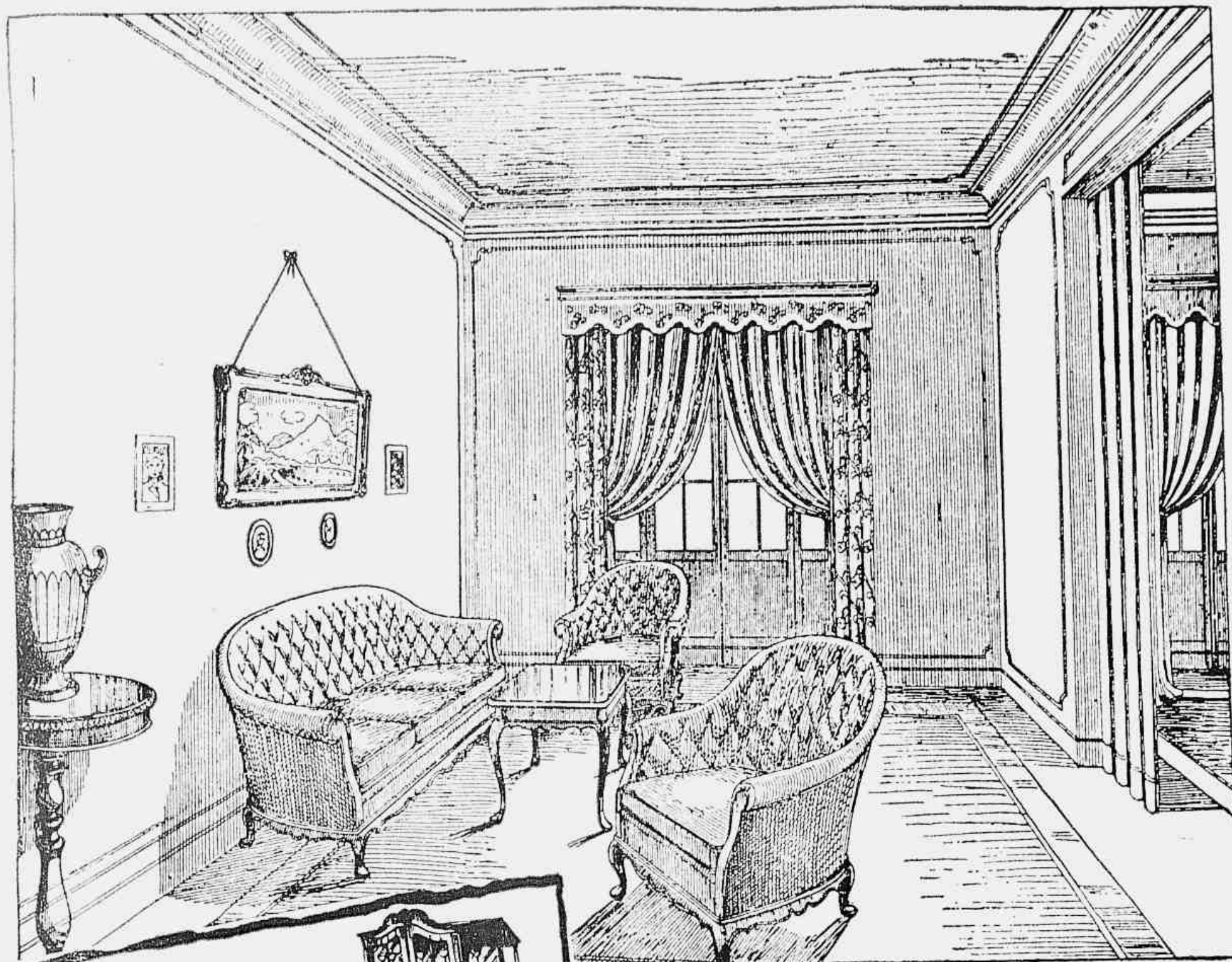
Assim que entrou no vagão Dan ajeitou a mala, de modo a ter tempo bastante para dar adeus aos dois pequenos que olhavam admirados as enormes rodas da fumaça da locomotiva. Mas quando olhou pela janela já os dois se iam com Ned, cada um pendurado numa das suas mãos, a boca de Margaret trabalhando rapidamente. Enquanto Dan olhava, Hugh se destacou do grupo e entrou no automóvel.

Dan recostou-se no banco e correu os olhos pelos outros passageiros. Viu que olhos indiferentes ainda olhavam para as duas crianças e de repente teve vontade de explicar que eram seus filhos. Talvez mais tarde tivesse oportunidade. Enquanto isso, comprou um pacote de pastilhas de hortelã e uma revista e esticou as pernas para a frente, bem à vontade. Quando abriu a revista sobre as pernas ele olhou para o joelho. Vendo a marca de terra que havia deixado um dos pés de Margaret, tirou o lenço do bolso e a limpou cuidadosamente.

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL



"Chippendale" — não é propriamente, um estilo; nem o seu criador, Thomas Chippendale, teve a intenção de criá-lo; limitou-se a combinar, graciosamente e com raro senso de proporção, os antigos **motivos** góticos, chineses, Luís XIV e XV, com algumas **"linhas"** originais, realçando, nos móveis que fabricava, aquela incomparável e sóbria elegância, resistência e solidez, que sempre caracterizaram os móveis ingleses.

Nas gravuras, — um **grupo** de 3 peças estofado de couro, a capitoné, com mesinha de centro, e uma **sala de jantar** de imbúia esculpura, composta de buffet, cristaleira, mesa de extensão; 2 poltronas e 6 cadeiras, com assento de couro.

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

inimitáveis e inconfundíveis

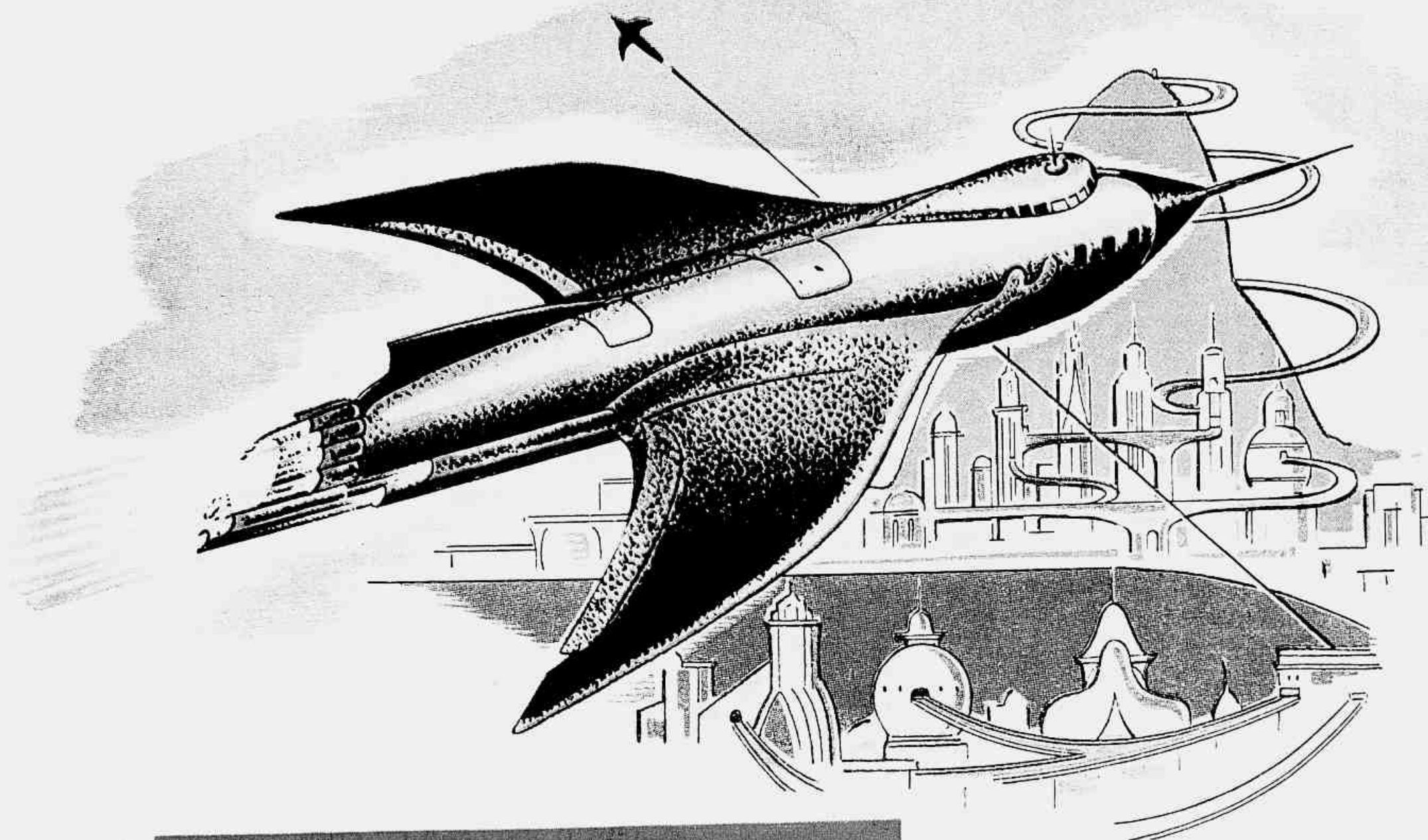
TAPETES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTINAS
EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO ADMITEM CONFRONTO



Fundado em 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

CURIOSIDADES Continental



NO BRASIL, fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma cartela por dia e tivesse de fumar todos esses cigarros, teria que viver até o ano de 2.610!

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



LISO E COM
PONTEIRA

COMPANHIA DE CIGARROS

Souza Cruz